

LÍDIA BAUMGARTEN BRAUN

**TECENDO DESTINOS: a inserção de imigrantes alemães e seus
descendentes na Colônia Riograndense – Maracá/SP - (1950-1990)**

**ASSIS
2010**

LÍDIA BAUMGARTEN BRAUN

TECENDO DESTINOS: a inserção de imigrantes alemães e seus descendentes
na Colônia Riograndense – Maracá/SP - (1950-1990)

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e
Letras de Assis – UNESP – Universidade
Estadual Paulista para a obtenção do título de
Doutora em História (Área de
Conhecimento: História e Sociedade)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zélia Lopes da Silva

ASSIS
2010

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

B834t Braun, Lídia Baumgarten.
Tecendo destinos: a inserção de imigrantes alemães e seus descendentes na Colônia Riograndense – Maracá/SP - (1950-1990) / Lídia Baumgarten Braun. Assis, 2010.
205 p.: il.

Orientador: Zélia Lopes da Silva.
Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2010.
Inclui Bibliografia.

1. História social – Imigrantes Alemães - Teses. 2. Imigrantes Alemães Redes de sociabilidade – Teses. 3. Práticas culturais – Alemães - Teses. 4. Identidade Brasileira – Alemães – Teses. 5. Inserção Alemã – Teses. I. Silva, Zélia Lopes da. II. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. III. Título.

CDU 930.1:325.14(430)

TECENDO DESTINOS: a inserção de imigrantes alemães e seus descendentes
na Colônia Riograndense – Maracá/SP - (1950-1990)

TESE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTORA
COMISSÃO JULGADORA

Presidente e Orientadora: _____
Prof^a. Dr^a. Zélia Lopes da Silva – UNESP

2º Examinador: _____
Dr^a. Janete Leiko Tanno – UNIP

3º Examinador: _____
Dr^a. Flávia Arlanch M. Oliveira – UNESP

4º Examinador: _____
Dr. João Paulo Rodrigues - FAFIP/PIRAJU

5º Examinador: _____
Prof^a. Dr^a. Sandra de Cássia Araújo Pelegrini – UEM

Assis, 25 de fevereiro de 2010

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese a Deus, que em sua infinita bondade e misericórdia me guiou, segurando a minha mão e me capacitando. Creio que, em muitos momentos, também me carregou no colo durante esses quatro anos de pesquisa, os quais eu vivenciei momentos difíceis, de dor, de tristeza, de desespero e de angústia. Mas, como Deus é fiel, me proporcionou o término deste trabalho e, por isso, dedico ao Senhor tudo o que Ele me concedeu!

Com amor,

À minha filha Caroline,
Ao meu esposo José Augusto,
Aos meus pais Plínio e Thusnelda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Zélia Lopes da Silva pela sua orientação, às vezes, com atitudes de firmeza que se fizeram necessárias, mas com muita dedicação e compreensão. Pela sua competência e companheirismo, mesmo quando as adversidades e os problemas emocionais e de saúde foram impondo sua força, me desmotivando e me fazendo acreditar que eu não era capaz. A ela, toda a minha admiração e meu carinho! Muito Obrigada!

Às professoras Janete Leiko Tanno e Flávia Arlanch M. Oliveira pelas orientações e apoio no Exame de Qualificação.

Agradeço a CAPES pela bolsa concedida, o que possibilitou a dedicação necessária a esta pesquisa.

A todos os meus entrevistados, homens e mulheres que se dispuseram a contar a sua história de vida, os quais representam todos os imigrantes e migrantes de descendência alemã que ousaram sair de seu lugar de origem buscando melhores condições de vida aqui no Brasil e que contribuíram para tornar este país ainda melhor.

À minha querida família: minha filha Caroline, meu esposo José Augusto, meus pais Plínio e Thusnelda, meus irmãos Rubens, Luísa e Roberto. A todos os meus sobrinhos. Eu os amo muito e agradeço por estarem sempre ao meu lado e pelo amor que recebo constantemente de todos vocês. Agradeço também por todas as palavras de ânimo recebidas de todos os familiares e parentes. Obrigada a todos.

Agradeço ao meu amigo Dr. Cândido Moreira Rodrigues pela sua amizade e apoio incondicional. Obrigada por poder contar sempre com você. Uma amizade verdadeira como a sua, nem a distância pode destruir. Obrigada por tudo meu grande amigo! Você faz parte desta tese.

À minha amiga Rosana Melo pelo seu carinho e amizade! Obrigada por estar sempre ao meu lado, me apoiando, me incentivando e me lembrando sempre que eu tenho alguém em quem confiar e que Ele nunca vai falhar!

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa, minha profunda gratidão.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA N° 1.....	44
FOTOGRAFIA N° 2.....	45
FOTOGRAFIA N° 3.....	45
FOTOGRAFIA N°4.....	46
FOTOGRAFIA N° 5.....	47
FOTOGRAFIA N° 6.....	48
FOTOGRAFIA N° 7.....	48
FOTOGRAFIA N° 8.....	49
FOTOGRAFIA N° 9.....	50
FOTOGRAFIA N° 10.....	52
FOTOGRAFIA N° 11.....	59
FOTOGRAFIA N° 12.....	60
FOTOGRAFIA N° 13.....	60
FOTOGRAFIA N° 14.....	64
FOTOGRAFIA N° 15.....	72
FOTOGRAFIA N° 16.....	82
FOTOGRAFIA N° 17.....	86
FOTOGRAFIA N° 18.....	110
FOTOGRAFIA N° 19.....	110
FOTOGRAFIA N° 20.....	111
FOTOGRAFIA N° 21.....	112
FOTOGRAFIA N° 22.....	113
FOTOGRAFIA N° 23.....	114
FOTOGRAFIA N° 24.....	114

FOTOGRAFIA N° 25.....	115
FOTOGRAFIA N° 26.....	116
FOTOGRAFIA N° 27.....	118
FOTOGRAFIA N° 28.....	119
FOTOGRAFIA N° 29.....	119
FOTOGRAFIA N° 30.....	120
FOTOGRAFIA N° 31.....	127
FOTOGRAFIA N° 32.....	141
FOTOGRAFIA N° 33.....	142
FOTOGRAFIA N° 34.....	142
FOTOGRAFIA N° 35.....	143
FOTOGRAFIA N° 36.....	144
FOTOGRAFIA N° 37.....	144
FOTOGRAFIA N° 38.....	145
FOTOGRAFIA N° 39.....	147
FOTOGRAFIA N° 40.....	147
FOTOGRAFIA N° 41.....	152
FOTOGRAFIA N° 42.....	153
FOTOGRAFIA N° 43.....	154
FOTOGRAFIA N° 44.....	155
FOTOGRAFIA N° 45.....	156
FOTOGRAFIA N° 46.....	157
FOTOGRAFIA N° 47.....	157
FOTOGRAFIA N° 48.....	160
FOTOGRAFIA N° 49.....	161
FOTOGRAFIA N° 50.....	181

FOTOGRAFIA Nº 51.....	181
FOTOGRAFIA Nº 52.....	184

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO Nº 1.....	79
-------------------	----

LISTA DE MAPAS

MAPA Nº 1.....	34
MAPA Nº 2.....	35

LISTA DE QUADROS

QUADRO Nº 1.....	33
QUADRO Nº 2.....	185

LISTA DE TABELAS

TABELA Nº 1	35
TABELA Nº 2.....	85

RESUMO

A presente pesquisa procura apreender as redes de sociabilidades que os diferentes sujeitos, imigrantes alemães e seus descendentes, moradores da Colônia Riograndense - (Maracá/SP), foram tecendo no interior da comunidade. Analisando alguns aspectos que cercaram o cotidiano das pessoas, nos seus espaços de lazer e de trabalho, foi possível apreender como a comunidade alemã incorporou práticas culturais, ao mesmo tempo, que contribuiu na formação e constituição da Colônia e da região ao inserir seus costumes e conhecimentos, transformando esse processo numa dinâmica de trocas culturais, que colaborou na construção da identidade brasileira. Se, por um lado, os espaços de sociabilidade compartilhados entre as pessoas eram os espaços que os uniam ao emergir o sentimento de pertencimento à comunidade, ao lugar que se estabeleceram, por outro, esses espaços também demarcavam as diferenças sociais que, paulatinamente foram sendo superadas ou resignificadas, na medida em que se inseriam na sociedade brasileira. Portanto, os sentimentos múltiplos que se entrecruzam na memória evidenciam uma Colônia que perdeu sua identidade alemã ao se inserir e se adequar aos costumes brasileiros. Porém, esse processo foi permeado por inúmeras dificuldades, sofrimentos e preconceitos relacionados à sua inserção, às quais foram sendo forjadas pelas múltiplas formas de sociabilidade que, não só viabilizaram essa inserção como ampliaram as redes de relações que possibilitaram às pessoas o sentimento de identificação à nova identidade.

Palavras-chave: Redes de sociabilidade, imigrantes alemães, práticas culturais, inserção, identidade brasileira.

ABSTRACT

The present research has the intention of assimilating the network of sociability woven by the German immigrants and their descendent, dwellers of the Riograndense Colony in the city of Maracaí, state of São Paulo, Brazil. Analyzing some aspects of the daily routine of these people, in their work and leisure issues, made possible to assimilate how the German community incorporated the cultural practices in the meantime that contributed to the formation of the Colony and its region while introducing its habits and knowledge turning this project in to a dynamic of social exchanges that collaborated to the formation of the Brazilian identity. If in one hand the spaces of sociability shared among the people were the same spaces that gathered them in the appearing of this feeling of belonging to a community, to the place they have established, in the other hand these spaces also demarcated the social differences that were overcome and resignified while they inserted themselves into the Brazilian society. Therefore the multiple feelings that intercross in the memory show a colony that lost its German identity while introducing itself to the Brazilian habits. Nevertheless this process was permeated by countless difficulties, suffering and preconception related to its insertion forged by the multiple forms of sociability that besides making possible this insertion also amplified the relationship network that gave the people the feeling of identification to the new identity.

Key words: sociability network; German immigrants; Cultural practices; Insertion; Brazilian identity.

SUMÁRIO

LISTA DE FOTOGRAFIAS.....	IX
LISTA DE GRÁFICOS.....	IX
LISTA DE MAPAS.....	IX
LISTA DE QUADROS.....	IX
LISTA DE TABELAS.....	IX
RESUMO.....	IX
ABSTRACT.....	IX
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – A Colônia Riograndense: trabalho e vida cotidiana entre os anos de 1950 e 1990.....	32
1.1.O tempo de edificar: os desafios.....	33
1.2. As doenças e as estratégias de sobrevivência.....	37
1.3. Rememorando o cotidiano: uma trajetória de escolhas.....	43
CAPÍTULO II - A Cooperativa Riograndense – apelo à memória do pioneirismo.....	74
2.1. A Cooperativa Riograndense: a superação do isolamento.....	75
CAPÍTULO III - A Igreja Luterana e as escolas: desvendando novos caminhos.....	108
3.1. A religião: espaço de crença e de sociabilidade.....	109
3.2. A escola como forma de integração.....	126
CAPÍTULO IV - As práticas culturais e as relações de sociabilidade: espaço de aglutinação e disputas.....	139
4.1. As práticas culturais e de lazer.....	140
4.2. Tradição e reinvenção: o passado e o presente em confronto.....	171
4.3. Os casamentos e os suportes materiais da cultura: a cozinha alemã.....	177
4.3.1. Hábitos alimentares: ressignificando a cultura.....	187
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	194
FONTES.....	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	199

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa procurou apreender as redes de sociabilidades dos moradores que formaram a *Colônia Riograndense*, na região de Macaraí, interior de São Paulo, tecidas entre 1950 a 1990. Esta agregou em torno de si principalmente imigrantes alemães e migrantes de origem alemã vindos do Rio Grande do Sul e de outros estados brasileiros, mas, também grupos de diversas nacionalidades – poloneses, austríacos, húngaros e suíços, estes últimos com menor expressividade. Os diferentes grupos vieram em períodos distintos, a partir da década de 1920. Apesar da diversidade de nacionalidades inseridas nesse processo, o foco da pesquisa são os imigrantes alemães que se instalaram nos bairros chamados Água do Macaco, Água da Estiva e Água da Barra Mansa.

O objetivo central dessa pesquisa é, portanto, discutir a inserção dos imigrantes alemães e seus descendentes na dita Colônia Riograndense a partir das redes de sociabilidade estabelecidas e apreender os sentimentos múltiplos que emergiram no interior do grupo e fora dele. Tais sentimentos se deram por meio das práticas cotidianas e da participação em determinadas instituições como, a Igreja Luterana, a Cooperativa Riograndense, os clubes, as festas e as diversas atividades de lazer que, embora indicassem trajetórias de vida e experiências comuns, evidenciaram olhares distintos sobre essa mesma experiência. (tirei trecho que diz identidade brasileira. Não menciono os católicos aqui, pois achei o lugar inadequado)

Além da importância das Instituições mencionadas, outra, de caráter mais privado também deve ser mencionada – a família¹. Talvez a mais importante por se estabelecer numa esfera mais privada, pela convivência entre iguais, por laços de sangue ou de parentesco; ou ainda, por existir num “universo social separado, empenhado em um trabalho de perpetuação das fronteiras e orientado pela idealização do interior como sagrado. A família é um princípio de construção da realidade social²”.

As famílias que se instalaram na Colônia saíram de um contexto de crise na Europa do pós-guerra, e o Brasil era visto como lugar apropriado para recomeçar uma nova vida. Devemos levar em conta também o período de imigração, portanto, de recomeço e

¹ Conforme afirma Bourdieu, “a família é um conjunto de indivíduos aparentados, ligados entre si por aliança, casamento, filiação, ou excepcionalmente, por adoção (parentesco), vivendo sob um mesmo teto (coabitação)”. BOURDIEU. P. *Razões Práticas*. Sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. Campinas-SP: Papirus, 1996. p.124

² Idem. Ibidem. p.125 e 127.

reelaboração da cultura herdada do lugar de origem. Dito isto, cabe observar como a construção da memória coletiva e individual na Colônia Riograndense permeou o aspecto social através da inserção dos imigrantes alemães e seus descendentes na sociedade brasileira e nesta região, bem como das instituições das quais eles participavam, estabelecendo uma relação entre memória individual - captada através das fontes particulares e orais -, e a memória coletiva.

Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart em *Teorias da Etnicidade* definem o termo *grupo étnico* tomando como base a bibliografia antropológica, conforme Narrol (1964) como sendo,

Uma população que, 1º perpetua-se biologicamente de modo amplo, 2º compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais, 3º constitui um campo de comunicação e de interação, 4º possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo³.

Embora essa definição de *grupo étnico* designe o conceito de raça, de cultura, de linguagem e de sociedade, tal formulação, segundo Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart tem algumas objeções, “pois impede-nos de entender o fenômeno dos grupos étnicos e seu lugar na sociedade e na cultura humana⁴”. A definição dos autores parece-nos mais adequada.

A etnicidade não é um conjunto intemporal, imutável de “traços culturais” (crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, código de polidez, práticas de vestuário ou culinária etc.), transmitidos da mesma forma de geração em geração na história do grupo; ela provoca ações e reações entre este grupo e os outros em uma organização social que não cessa de evoluir⁵.

Enveredando pelas diferentes formas de sociabilidade, possibilitadas pela circulação e ampliação das redes de relações e das mais variadas formas de convívio desse sujeito, se faz necessária a análise de algumas peculiaridades no processo de inserção e de integração dos

³ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. Seguindo de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p.189 e 190.

⁴ Idem. Ibidem. p.190.

⁵ Idem. Ibidem. p.11.

imigrantes alemães e seus descendentes na Colônia Riograndense. Contudo, é fundamental, primeiramente, definir alguns conceitos básicos sobre dois termos aparentemente antagônicos – *sociedade e indivíduos*, que Norbert Elias analisou. Segundo Elias,

A sociedade, como sabemos, somos todos nós; é uma porção de pessoas juntas. Mas uma porção de pessoas juntas na Índia e na China formam um tipo de sociedade diferente da encontrada na América ou na Grã-Bretanha; a sociedade composta por muitas pessoas individuais na Europa do século XII era diferente da encontrada nos séculos XVI ou XX. E, embora todas essas sociedades certamente tenham consistido e consistam em nada além de muitos indivíduos, é claro que a mudança de uma forma de vida em comum para outra não foi planejada por nenhum desses indivíduos (...) Todo *indivíduo* nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer. Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas. (...) Mesmo dentro de um mesmo grupo, as relações conferidas a duas pessoas e suas histórias individuais nunca são exatamente idênticas. Cada pessoa parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até chegar à morte⁶.

Norbert Elias aborda uma questão central que é a existência de uma relação entre a sociedade e o indivíduo, ou seja, a relação entre a pluralidade das pessoas e a pessoa singular e vice-versa. Ao associar os termos sociedade e indivíduo, Elias estabelece uma nova forma de analisar como cada indivíduo se liga à sociedade a qual é constituída por uma pluralidade de indivíduos. A relação entre indivíduo e sociedade é muito complexa, pois não são entidades estanques. Isso nos remete a analisar até que ponto cada pessoa é influenciada pela posição ou lugar social em que ingressa na dinâmica do processo social⁷.

Em a *Economia das trocas simbólicas*, Pierre Bourdieu tem uma postura crítica que consiste em admitir que existem no mundo social estruturas objetivas que podem dirigir e coagir a ação e a representação dos indivíduos, ou seja, dos agentes. No entanto, tais estruturas são construídas socialmente assim como a ação e o pensamento, o que Bourdieu chama de *habitus*⁸. Os agentes incorporam a estrutura social, ao mesmo tempo em que a produzem, legitimam e reproduzem. Segundo Bourdieu,

Nada mais falso do que acreditar que as ações simbólicas nada significam além delas mesmas: na verdade, elas exprimem sempre a posição social, segundo uma lógica que é à maneira da estrutura social, a lógica da

⁶ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p. 13, 26 e 27.

⁷ Idem. *Ibidem*.

⁸ BOURDIEU, P. Op. Cit.

distinção, assim, a linguagem e as roupas, ou melhor, certas maneiras de tratar a linguagem e as roupas, introduzem ou exprimem desvios diferenciais no interior da sociedade, sob forma de signos e insígnias da condição ou da função. Conseqüentemente, com a língua, o vestuário, enquanto sistema simbólico com função expressiva obedece à lógica das oposições significativas⁹

Tomando como base a definição desses conceitos, procuro compreender a rede de relações de sociabilidade que foram sendo construídas no interior da comunidade da Colônia Riograndense entre sociedade e indivíduo, apontando para algumas questões relacionadas à inserção dos alemães e seus descendentes, abarcando aspectos que permearam o cotidiano dessas pessoas, nos seus espaços de lazer, trabalho, religião e as representações simbólicas que cada um construiu do mundo social.

Do ponto de vista histórico, os conceitos de indivíduo e de sociedade expressam as experiências e os significados atribuídos por homens, mulheres e crianças às suas lutas e vivências, ou seja, as diferentes práticas culturais. A cultura deve ser analisada a partir de problemáticas historicamente formuladas em torno de lutas no campo¹⁰ da organização de diferentes grupos sociais e sobre a construção de memórias e representações nas suas múltiplas interferências nas estratégias dos grupos sociais.

Dessa forma, tendo como parâmetro de reflexão a ideologia como representação do real, e partindo do mundo como representação, observa-se a representação do lugar social e qual o significado deste na vida cotidiana dos imigrantes e seus descendentes.

Roger Chartier, em *A História Cultural. Entre práticas e representações*, aborda a questão das representações, do mundo social que, embora indiquem uma universalidade fundada na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso essa investigação sobre representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância para

⁹ Idem. Ibidem. p. 17 e 18.

¹⁰ Segundo Bourdieu “o “campo” é um recurso metodológico que permite ordenar o real e visualizar a estrutura das relações sociais. Refere-se também à dimensão prática da pesquisa, ou seja, de como encaminhar o processo que envolve a construção e a compreensão do objeto de pesquisa. O campo é, por assim dizer, uma forma de pensar o espaço da ação dos agentes em suas relações histórico-sociais sem a pretensão de se apreender a totalidade absoluta do real e, por outro lado, sem cair no particularismo. Os limites do campo são definidos pelos efeitos exercidos pelos agentes. O campo deve, assim, ser pensado como espaço de luta, de transformação e mudança”. BOURDIEU. P. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio¹¹.

E. P. Thompson em *O termo ausente: experiência*¹² diverge das reflexões de Chartier ao analisar o termo experiência social, caracterizando cultura como um todo, não separando o que consideramos as práticas culturais. Para Thompson não há teoria que dê conta do mundo sem que se observe a diversidade da experiência histórica e das relações sociais.

Segundo a concepção de Thompson, existem vários modos de vida e de cultura.

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”), e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.¹³

Confrontando o termo experiência, desenvolvido por Thompson, e o conceito de representação simbólica, assinalado por Chartier, é fundamental mensurar alguns aspectos. Mesmo compreendendo diferenças de concepção entre os dois autores, penso ser possível apropriar-me das discussões levantadas por eles, no tocante ao processo de construção das relações numa determinada sociedade. Portanto, o ponto de partida da análise são as experiências, as relações e a representação que se constituem na construção de novas culturas. Thompson considera a experiência humana fundamental para compreender o diálogo entre o ser social e a consciência social. Já para Chartier, é fundamental identificar a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, se cruzam e se imbricam diferentes formas culturais.

Tais reflexões levantadas por Chartier e por Thompson convergem no sentido compreender as relações sociais e também questionar as delimitações definidas até então como estanques e problemáticas. Dessa forma, as formulações de Chartier contribuíram no sentido de apreender nas pessoas o seu sentimento em relação às representações e as estratégias criadas para enfrentar as imposições e dominações ocorridas no processo de inserção e os pontos de afrontamento entre eles.

¹¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa, Difel, 1990. p.17.

¹² THOMPSON, E. P. O Termo Ausente: experiência. In: *A Miséria da Teoria*, RJ, Zahar, 1981.

¹³ Idem. *Ibidem*. p.182.

As discussões de Thompson, por sua vez, forneceram elementos que possibilitaram enveredar pelos caminhos dos imigrantes e seus descendentes que, vivendo uma experiência comum, construíram e fortaleceram laços na vida cotidiana, nas relações sociais estabelecidas com pessoas pertencentes ao núcleo de imigrantes, e com a comunidade brasileira. Nelas, cada um preservou e cultivou tradições e costumes, ao mesmo tempo em que os recriou, em seu dia-a-dia, nas suas interrelações.

Afinal, essa população que se aproxima, ao se identificar como sendo do mesmo grupo, tem uma história marcada por laços comuns e por muitas divergências culturais, conflitos, tensões e uma multiplicidade de histórias específicas. Em suma, a cultura se expressa como todo um modo de vida, de organização, de percepção e de inserção no espaço e nas relações de sociabilidade. Nesse sentido, partindo de categorias como cultura e experiência social, entendemos lutas sociais como lutas de interesses e de representação.

Focalizando o conceito de cultura e suas interrelações, podemos estabelecer uma relação entre a realidade e a representação que se faz dela, considerando a diversidade cultural por meio das práticas culturais que se expressam em diferentes âmbitos da vida social; as diferentes relações de poder e as formas de subordinação e de exploração; bem como as práticas de resistências e as relações que se estabelecem na teia social entre tempo e espaço, público e privado.

Analisando as narrativas e as fontes das instituições e buscando compreender as relações de sociabilidade e as práticas culturais - o lazer, o trabalho, os casamentos, as festas tradicionais e os grupos de corais - foi possível perceber nas pessoas um sentimento de pertencimento ao lugar, um sentimento de se tornar brasileiro. Ou seja, de manter uma identidade com a cultura brasileira.

Michel de Certeau em *Artes de fazer. A invenção do cotidiano*¹⁴, analisa a criação e a invenção das práticas culturais e fornece elementos significativos para pensar o dia-a-dia da Colônia Riograndense e as interrelações de trabalho e sociabilidade estabelecidas em seu interior, por homens e mulheres, e as estratégias de sobrevivência acionadas por eles nesse processo.

Certeau procura observar como cada sujeito cria suas estratégias no seu cotidiano. Para ele, a cultura popular é algo vivo e nela há relações de poder. Dessa forma, a cultura só existe por meio das relações sociais que se estabelecem entre si.

¹⁴ CERTEAU, Michel de. *Artes de fazer. A invenção do cotidiano*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

O tema tratado tem suporte importante na produção historiográfica. Conforme as leituras realizadas, observa-se que a bibliografia¹⁵ sobre o processo imigratório para o Brasil é extensa e, durante muito tempo, esteve voltada principalmente para a quantificação do volume dos fluxos imigratórios, a classificação de fases e etapas desse processo, e para a identificação das diversas nacionalidades que escolheram o Brasil como país para se iniciar uma nova vida. Estas questões gerais nortearam também os primeiros estudos sobre a imigração alemã no Brasil. Embora essa tendência tenha prevalecido por muito tempo, outras tendências historiográficas também se constituíram através dos tempos, buscando analisar também os aspectos sociais que permearam a formação da identidade brasileira.

Sendo assim, foi possível apreender o modo de vida das famílias alemãs e seus descendentes, observando os diferentes modos de vida construídos, por meio do estudo dos seus relatos, dos acervos pessoais e das fontes das Instituições, entre as quais destaco a Igreja Luterana, a Cooperativa Riograndense e os clubes. Portanto, as análises da historiografia da imigração das diferentes nacionalidades no Brasil são fundamentais para a compreensão do processo de inserção dessa população nas colônias e nas cidades.

Dito isto, cabe ressaltar que a contribuição dessas reflexões reforça a análise sobre a formação da Colônia Riograndense, e auxilia na compreensão do processo de inserção, considerando os aspectos que redefiniram os caminhos e as escolhas feitas pelos imigrantes e seus descendentes e o lugar social que cada um ocupou. O trabalho foi um importante instrumento de inserção, visto que cada pessoa procurou se adequar às novas formas de relações de produção e, conseqüentemente, das relações de sociabilidade estabelecidas a partir de suas atividades nesse campo. Por último, mas não menos importante, foi a contribuição dos imigrantes no desenvolvimento da região e na formação da identidade nacional, seja no processo de integração aos costumes brasileiros, seja ao compartilhar seus costumes e práticas culturais.

Boris Fausto, em seu estudo sobre a *Historiografia da imigração para São Paulo* levanta algumas questões referentes à mobilidade social e a integração sócio-cultural e política dos imigrantes. O autor observa como o processo de imigração foi vivenciado mais intensamente no campo e, mais tarde, foi se voltando para a cidade. Fausto destaca vários

¹⁵ Alguns trabalhos sobre imigração alemã foram citados na Dissertação de Mestrado, já que o tema imigração alemã na Colônia Riograndense continua sendo relevante na presente pesquisa (Tese de Doutorado). FAUSTO, Boris; ROCHE, Jean; SOMMER, Friedrich. Apud BRAUN, Lídia Baumgarten. *Colônia Riograndense – Território de lutas na construção de um sonho: cultura, trabalho e memória (1922-2003)*. PUC-SP. Dissertação de Mestrado em História, 2003.

trabalhos nos quais a abordagem do tema da imigração levantou discussões sobre aspectos positivos e negativos dos caminhos trilhados pelos atores sociais da imigração. Para o historiador, independente do enfoque dado ao tema da imigração, sua importância desvela-se por permitir “compreender melhor os processos sociais e as instituições básicas na formação do Brasil contemporâneo”¹⁶.

Na discussão historiográfica sobre a imigração alemã no Brasil, podemos mencionar alguns trabalhos anteriores que contribuíram para esta pesquisa, destacando a importância dos alemães no Brasil e, conseqüentemente na formação da Colônia Riograndense. A ideia que defende Gilberto Freyre no *Discurso Inaugural do I Colóquio* se aproxima da reflexão de Boris Fausto¹⁷, no âmbito da questão étnica e cultural, e no que diz respeito à compreensão do processo de formação da identidade do Brasil. Freyre defende que

A presença alemã no Brasil viria trazer um aspecto novo à formação brasileira, mas sem fazer violência radical às formas já características dessa formação. Dando novo conteúdo étnico e cultural a essas formas, é certo; mas integrando-se no que nelas era já transregionalmente brasileiro no sentido de serem formas de organização predominantemente familiar e até patriarcal, de sociedade ou de convivência, ao mesmo tempo, que de organização predominantemente rural de economia, adaptáveis à predominâncias étnicas diferentes das ibéricas, a relações de lavradores com as terras diferentes das escravocráticas, a atitudes religiosas diferentes das católicas.¹⁸

Jean Roche¹⁹, em sua abordagem sobre a imigração, destaca os motivos que teriam proporcionado e incentivado os imigrantes a vir para o Brasil. Ele traça um panorama do processo de colonização e descreve sobre a concentração dos núcleos coloniais no Rio Grande do Sul. Esses também foram alguns dos motivos que incentivaram a colonização na Colônia Riograndense.

¹⁶ FAUSTO, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Fapesp, 1991.

¹⁷ Idem. *Ibidem*.

¹⁸ FREYRE, Gilberto. Discurso inaugural. In: *I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*. Porto Alegre: UFRGS, 1963. p. 19.

¹⁹ Roche afirma que a colonização alemã no Brasil foi possível, principalmente pelo interesse de D. Pedro I em introduzir no Brasil colonos brancos, alemães e teria sido sugerida pela Imperatriz D. Leopoldina de Habsburgo. A mão-de-obra branca correspondeu ao desejo de desenvolver uma produção agrícola e abolir progressivamente o tráfico negreiro, ou seja, o imigrante alemão foi importado para branquear a nação brasileira, acrescentando ainda outro fator determinante que foi também o preconceito em relação ao trabalhador negro e pobre. Cf. ROCHE, Jean. *A Colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.

Assim, a primeira parada de muitos imigrantes alemães foi o Rio Grande do Sul. Lá foram criadas várias colônias próximas de centros urbanos, incentivadas pelo governo para povoar as terras e também para produzir gêneros alimentícios voltados principalmente para o abastecimento interno. Esses núcleos coloniais eram vistos como reserva de mão-de-obra assalariada. Os imigrantes preferiram se assalariar aqui na América, pois poderiam com alguma economia, adquirir sua própria propriedade.

Após a permanência nessas colônias, ficava mais fácil ao imigrante, se deslocar para outras regiões onde pudesse melhorar de vida. Foi o que aconteceu na Colônia Riograndense. Muitos descendentes de alemães, já radicados no Rio Grande do Sul, foram incentivados pela propaganda dos colonizadores que destacavam a infra-estrutura que, desde os primeiros anos de colonização havia se constituído na comunidade, através das Instituições, como a Igreja Luterana, a cooperativa, a escola e as diferentes formas de sociabilidade construídas no seio da comunidade.

A análise de Seyferth sobre a colonização no Vale do Itajaí-Mirim, hoje a cidade de Brusque, destaca os motivos que influenciaram os imigrantes alemães a sair da Alemanha, já a partir do século XIX, reforçando a ideia que apontam outros autores sobre as suas condições na Alemanha e o incentivo para emigrar, os quais foram determinantes durante todo o processo da imigração. Essa análise reforça o que Roche assinala sobre a possibilidade dos imigrantes se tornarem proprietários, ou seja, conquistar seu próprio meio de sustento aqui no Brasil. Seyferth afirma que,

Segundo estimativas não muito precisas, cerca de cinco milhões de alemães deixaram sua terra de origem durante o século XIX forçados pela precariedade político-econômica. Alguns autores afirmam que a maior parte dos emigrantes alemães que vieram para o Brasil eram habitantes das cidades (Cf. Willems, 1946, p. 53). Mas a realidade é um pouco menos simples, uma vez que a maioria desses emigrantes eram camponeses que tendo deixado o campo, se dirigiram para as cidades onde foram engrossar o “proletário andrajoso” que a fome, o fracasso das revoluções e as guerras sucessivas acabaram forçando à emigração. (.....) As razões mais importantes que levaram seus pais ou avós a deixarem seu país de origem foram a escassez de terras, a fragmentação das propriedades, o excesso de trabalho nas áreas industrializadas e os baixos salários tanto dos operários como dos trabalhadores rurais. Além disso, havia também a propaganda das companhias de colonização e de agentes de emigração, tanto do Brasil como de outros países. Essa propaganda se fazia em torno da concessão de terras no Novo Mundo com a afirmação de que todos seriam proprietários, sem qualquer referência às dificuldades que os

futuros colonos teriam de enfrentar.²⁰

As reflexões de Seyferth, embora priorizem outro período da imigração, contribuíram no sentido de compreender as novas relações que foram se estabelecendo no âmbito da constituição da Colônia, pois muitos imigrantes não sabiam trabalhar na terra e aqueles que vinham do campo também tiveram que se adequar aos novos meios de produção e de sobrevivência que, aos poucos, foram assimilando e conquistando seu lugar social, mesmo que em meio às dificuldades e tensões.

A comunidade alemã formada na Colônia Riograndense também instigou algumas reflexões e estudos específicos sobre ela. José Luís Félix, em *Colônia Riograndense: Problemas de Aculturação e de Língua*²¹ traz uma abordagem lingüístico-cultural, analisando os problemas de aculturação e as transformações da língua enfrentadas pelos imigrantes durante os primeiros anos de colonização. O alemão foi a língua utilizada pelos colonos durante os primeiros anos, sendo que quase não se falava o português. Porém, com a necessidade de relacionamentos dentro da comunidade local, bem como de inserção dessas pessoas, surge também a necessidade de falar o português, surgindo assim o bilingüismo.

Segundo Félix, o processo de aculturação e assimilação na Colônia trouxe algumas perdas como, o sentimento de resistência, a miscigenação das gerações, a influência dos meios modernos de comunicação, o atual padrão sócio-econômico dos colonos e outros. Todos esses fatores teriam descaracterizado rapidamente a Colônia Riograndense.

Para Félix, a Colônia Riograndense, no início dos anos de 1990, estava perdendo sua característica básica: a língua alemã. As gerações mais novas utilizavam apenas o português, culminando no abandono da língua materna e suas tradições culturais. Esse processo de aculturação, segundo Félix, parece indicar uma assimilação completa.

Dessa forma, podemos observar que houve um processo de integração e inserção dos imigrantes alemães e seus descendentes. Ao estabelecer vínculos de sociabilidade, seja na convivência entre eles ou com os brasileiros, seja através das instituições e das práticas culturais realizadas no dia-a-dia ou em momentos compartilhados socialmente, as pessoas passaram a estabelecer novas práticas sociais e adquirir uma nova identidade. No entanto, o

²⁰ SEYFERTH, Giralda. *A Colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974. p.27 e 28.

²¹ FÉLIX, José Luís. *Colônia Riograndense: Problemas de Aculturação e de Língua*. Assis, Dissertação de Mestrado em Letras, Unesp, 1990. p.09.

termo aculturação parece inadequado quando se trata de apreender os diferentes modos de vida e de cultura de imigrantes e migrantes que passaram a viver experiências, em outros lugares, qual seja, a Colônia Riograndense, indicando a possibilidade de recriação de novas práticas sociais e a inserção desses sujeitos na comunidade local.

A imigração alemã para o Estado de São Paulo também foi discutida pelos seus integrantes. Friedrich Sommer²², em seu manuscrito "Die Deutschen in São Paulo", datado de 1945, traz uma abordagem quantitativa, de distribuição e localização dos principais núcleos de imigrantes alemães nesse Estado. Faz uma comparação quantitativa e cronológica do fluxo migratório entre alemães, italianos e espanhóis. Esta abordagem contribuiu no sentido de tornar conhecido o do número aproximado de alemães que vieram para o Estado de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Segundo Sommer, até 1918 o número de imigrantes alemães que chegaram a São Paulo foi de aproximadamente 24.037 e de austríacos foi de cerca de 17.583, perfazendo um total de 51.620.

A questão da identidade cultural de diferentes etnias e as distintas formas de sua inserção, também foram discutidas em alguns trabalhos. Tal debate contribui para uma melhor compreensão do papel dos diferentes sujeitos no processo de construção da identidade brasileira²³. Ou seja, esclarecem as diferentes formas de inserção e as redes de sociabilidades tecidas no espaço constituído, as novas relações de trabalho, o lugar social e a construção de uma nova identidade.

Destacamos primeiramente o trabalho de Marcelo Ennes²⁴ em *A Construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo*. Em seu trabalho, Ennes ressalta as transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e tecnológicas do século XX, sinalizando para o intenso fluxo migratório, do qual o Brasil foi um terreno fértil e representativo no contexto dessas mudanças. Dessa forma, se deram as grandes levas de alemães, italianos, espanhóis, japoneses, sírio-libaneses e portugueses que chegaram ao Brasil para trabalhar e viver. Ennes analisa ainda as mudanças culturais, de identidade, nos modos de viver, de se relacionar e de ver o mundo, ou seja, a dinâmica das relações de sociabilidade estabelecida entre os imigrantes e a sociedade brasileira. Ennes afirma que, ao seu modo, os

²² SOMMER, Friedrich. *Die Deutschen in São Paulo*. (Os alemães em São Paulo.). Manuscrito. São Paulo, 1945.

²³ Sobre esse assunto Lesser analisa como os imigrantes japoneses e seus descendentes utilizaram várias estratégias, negociando seu papel e identidade brasileira, num processo de inserção na sociedade brasileira que se estendeu por décadas. Cf. LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

²⁴ ENNES, Marcelo Alario. *A Construção de uma Identidade Inacabada: Nipo-Brasileiros no interior de São Paulo*. São Paulo, Editora Unesp, 2001.

imigrantes se tornaram cidadãos brasileiros. Ele afirma que

A comunidade nipo-brasileira, em sua trajetória em Pereira Barreto, incorpora, em suas práticas e representações sociais, elementos originariamente estranhos ao seu *ethos*. Mas esse processo implica que os sujeitos históricos criam e transformam o meio em que vivem, instituindo uma área de interseção entre os grupos, o que nos permite inferir que as relações sociais na cidade de Pereira Barreto não são uma via de mão única. Ao contrário, configuram-se como uma rede de trocas simbólicas, ainda que essas relações sejam representadas e/ou praticadas de modo conflituoso e assimétrico²⁵.

Compartilhando das mesmas reflexões de Ennes, foi possível apreender como a comunidade alemã incorporou práticas culturais e representações, ao mesmo tempo, em que contribuiu na formação e na constituição da Colônia e da região, ao inserir seus costumes e conhecimentos, transformando esse processo numa dinâmica de trocas culturais, que colaborou na construção da identidade brasileira. Da mesma forma, observamos como as pessoas foram transformando o meio em que viveram, e como as redes de relações foram sendo estabelecidas, levando em conta as atividades realizadas, tanto no interior do grupo como fora dele, bem como as intenções e o lugar social que cada um buscou reafirmar, dependendo dos seus interesses e das projeções sociais.

Janete Leiko Tanno, no texto *Formas de sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade paulista* procura compreender melhor esse processo. Tanno, baseando-se nas reflexões de Jeffrey Lesser (2001), defende a ideia de que “os imigrantes japoneses e seus descendentes negociaram, ao longo do processo de inserção na sociedade brasileira, seu lugar na identidade nacional, usando de várias estratégias”. Segundo Tanno, “Ser nipo-brasileiro passou a ter vários significados, dependendo dos interesses econômicos, políticos e sociais de cada um no interior da sociedade majoritária²⁶”.

Tomando como base a reflexão de Tanno, observo como, no âmago das diversidades culturais, os imigrantes alemães e seus descendentes buscaram ocupar seu espaço por meio de alguns elementos culturais como, a Igreja Luterana, os clubes, a cooperativa, as festas, enfim, os lugares de sociabilidade. Se por um lado os espaços de sociabilidade compartilhados entre

²⁵ Idem. *Ibidem*.

²⁶ TANNO, Janete Leiko. *Formas de Sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade paulista. 1930 – 1970*. In: HASHIMOTO, F; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. (Orgs.) *Cem anos de Imigração Japonesa. História Memória e Arte*. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p.63.

as pessoas eram os espaços que os uniam, ao emergir o sentimento de pertencimento à comunidade, ao lugar que se estabeleceram; por outro, esses espaços também demarcavam as diferenças sociais que, paulatinamente, foram sendo superadas ou ressignificadas, na medida em que se inseriam.

Numa mesma perspectiva, o trabalho de Flávia Arlanch Martins de Oliveira sobre os imigrantes italianos na cidade de Jaú, privilegiou o enfoque sobre a ocupação do espaço no meio urbano. Oliveira direcionou suas reflexões para a compreensão do processo de inserção desse imigrante, procurando entender a dinâmica da prática social vivenciada por eles. A análise de Oliveira corrobora na compreensão da presença alemã pensada a partir de suas relações de sociabilidade com os brasileiros que marcaram a história, tanto da Colônia Riograndense quanto da região.

Oliveira afirma que,

Pouca atenção foi dada à inserção do imigrante italiano no meio urbano, tendo em vista entender as práticas sociais que foram postas em ação nos encontros entre eles e a sociedade hospedeira, buscando compreender os caminhos possíveis que esses dois segmentos tentaram estabelecer nos diálogos entre si, por meio de discursos que visavam fixar novas identidades e, conseqüentemente, a reordenação do social²⁷.

Cleivaldo Donzelli, na dissertação de mestrado *Bairros rurais de Penápolis-SP no contexto do processo migratório – 1940 – 1970*, enfatizou a problemática da sociabilidade de imigrantes originários da Itália, Espanha e Portugal e de migrantes de diversas regiões do país e seus descendentes que ocuparam o espaço rural de alguns bairros, que o autor priorizou como objeto de estudo da pesquisa. Donzelli destaca as práticas culturais que os diferentes atores sociais estabeleceram ao interagirem socialmente com as pessoas dos outros bairros, ou seja, a dinâmica social estabelecida entre eles.

Segundo Donzelli, as relações de sociabilidade, inseridas no meio rural de Penápolis foram construídas a partir de aspectos de alteridade entre os diferentes grupos ali constituídos. Contudo, ao mesmo tempo em que emergiram as divergências e o confronto de diferentes culturas, já em outros momentos, alguns traços culturais e também algumas instituições desempenharam o papel de aproximação entre eles. Donzelli afirma que,

²⁷ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. *Impasses no Novo Mundo*. Imigrantes italianos na conquista do espaço social na cidade de Jaú (1870-1914). São Paulo: Editora UNESP, 2008. p.12.

A pesquisa demonstrou que a despeito das personagens serem oriundas de várias partes do mundo, constituíram naqueles bairros rurais várias identidades que permeavam as noções de classe, etnia, raça e nacionalidade numa dinâmica de diferenciação em relação ao outro mas, dialeticamente, numa dinâmica de identificação com o outro no que diz respeito principalmente à questão religiosa e pertença a uma localidade geográfica comum²⁸

Outro trabalho que merece destaque por ter colaborado nas reflexões sobre as práticas culturais e o processo de inserção dos imigrantes alemães em todo o Vale Paranapanema é de Maria Helena de Oliveira Brito²⁹ *Entre o sonho e a realidade: o cotidiano de imigrantes alemães em Goiás (1924-1954)*, que tem por objetivo revelar a história de vida de um grupo urbano de imigrantes alemães, que se fixa em Uvã, no estado de Goiás, no ano de 1924. Brito prioriza a abordagem cultural e dá ênfase à apreensão do cotidiano na pesquisa histórica. O cotidiano é feito pela arte de viver e de conviver no dia-a-dia, pelos pensamentos, ações, palavras, gestos e sentimentos humanos. Brito procurou compreender, na diversidade dos tempos históricos, os significados dos sonhos e das realizações cotidianas, assim como o inevitável choque das duas culturas – urbana e rural - e, os processos de inserção, de transformação e de dispersão na nova realidade cultural da vida cotidiana.

Procurando apreender os diferentes significados que os sujeitos atribuem às suas experiências, o trabalho de pesquisa utilizando a História Oral nos fornece ferramentas para melhor compreender os modos peculiares de ser e de viver, as tensões e conflitos, as resistências e as sujeições. Ou seja, os desafios vividos e narrados pelos próprios atores sociais e as representações que fazem dessa experiência.

Nessa perspectiva, a utilização da metodologia da História Oral não visou preencher lacunas deixadas pela documentação escrita, mas sim, buscar testemunhos e lembranças de modo a atingir os objetivos propostos, pois, como afirma Portelli, “as fontes orais dão-nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é ou falha ou distorcida³⁰”. A opção pelo trabalho com fontes orais é fundamental por expressar aquilo que ainda está vivo ou é capaz de reviver na memória dos imigrantes e seus descendentes.

²⁸ DONZELLI, Cleivaldo A. *Bairros rurais de Penápolis-SP no contexto do processo migratório – 1940 - 1970*. Assis-SP: Dissertação de Mestrado em História, UNESP, 2006. p.147-148.

²⁹ BRITO, Maria Helena de Oliveira. *Entre o Sonho e a Realidade: O Cotidiano de Imigrantes Alemães em Goiás (1924-1954)*. Assis-SP, Tese de Doutorado em História, Unesp, 1999.

³⁰ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, Educ, 1997. p.33.

Portelli define alguns aspectos importantes que caracterizam a utilização da fonte oral no decorrer de uma pesquisa. Segundo ele, a “importância do testemunho oral não pode se situar em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir”. Por isso, não há “falsas fontes orais. (...), afirmativas ‘erradas’ são ainda assim psicologicamente corretas”. Outra questão importante apontada pelo autor é não considerar a memória “apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações³¹”. Estas foram questões que auxiliaram as reflexões sobre o processo de construção da memória, a partir dos relatos dos entrevistados.

Numa mesma abordagem, Alistair Thomson em *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*, afirma que,

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, o que pensamos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos deste passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais³².

Contemplando as mesmas questões, Philippe Joutard³³ aborda os desafios da utilização da História Oral no século XXI e, enfatiza que há uma seleção prévia entre entrevistador e entrevistado e também que há uma relação entre a escrita e a História Oral. Destaca que a problemática da utilização dessa metodologia sempre foi a questão dos excluídos, ou seja, *dar voz* aos derrotados e marginalizados.

Procurando, a partir dessa perspectiva, apreender o imigrante alemão e seus descendentes não como aquele que espera ser ouvido, ou seja, a saga do desbravador afligido por todo tipo de sorte, mas sim, de apreendê-lo como partícipe desse momento histórico e ator social ativo que interage socialmente. Joutard afirma que o desafio mais delicado é a estreita relação entre História Oral e identidade, especialmente pela militância de alguns pesquisadores.

A pesquisa também se baseou na análise de imagens fotográficas, tanto as de domínio privado, que foram cedidas pelos entrevistados, parentes e amigos, quanto aquelas

³¹ PORTELLI, A. Op. Cit. p. 32 e 33.

³² THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. Projeto História*. São Paulo, PUC-SP, Educ, 1997. p.57.

³³ JOUTARD, Philippe. Desafios da história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta.; FERNANDES, Tânia Maria e ALBERTI, Verena. (Orgs) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

pertencentes às instituições, guardadas em seus arquivos. As fotografias³⁴ fazem parte de um complexo e rico material iconográfico que retrata aspectos da vida cotidiana, enfocando seus espaços de trabalho, de lazer, e as redes de sociabilidade estabelecidas, bem como as novas relações de produção, tanto no âmbito da comunidade, quanto no das instituições formais, ou seja, os papéis sociais que elas representam. Sendo assim, “para o historiador os sinais de vida latente congelados numa fotografia são índices do mundo do passado que se busca compreender e podem se transformar em testemunho e representação de uma realidade a ser reconstruída.³⁵”

De acordo com Martine Joly, a imagem está vinculada às tradições e à nossa cultura, por isso, “interessar-se pela imagem é também interessar-se por toda a nossa história, tanto pelas nossas mitologias quanto pelos nossos diversos tipos de representações³⁶”.

A seleção de depoentes privilegiou membros de diferentes famílias de imigrantes alemães e seus descendentes, com idade entre 48 e 97 anos. Ou seja, homens e mulheres de primeira, de segunda e de terceira geração, que têm em comum um passado com histórias de vidas significativas e parecidas, pois havia um sentimento de pertencimento ao mesmo grupo, através das práticas culturais e das interrelações entre eles. Porém, cada qual com suas particularidades, peculiaridades e diferenciadas formas de inserção na comunidade. No total temos treze entrevistados.

Alguns critérios foram utilizados na escolha dos depoentes. Em primeiro lugar, o fato de a maioria ter exercido algum cargo ou liderança nas instituições analisadas – Igreja Luterana, Cooperativa Riograndense e clubes - e, também nos grupos de corais e grupos folclóricos, direta ou indiretamente. Outro critério utilizado foi privilegiar, ainda, imigrantes alemães de primeira geração, e descendentes que vieram do Rio Grande do Sul, e, também, as gerações intermediárias e mais jovens. Dessa forma, menciono outro critério que foi o de selecionar alemães e gaúchos de descendência alemã, que moravam em diferentes bairros, e

³⁴ De acordo com Dubois “a foto não é apenas uma imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer, uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), é também, em primeiro lugar, um verdadeiro ato icônico, uma imagem, se quisermos, mas em trabalho, algo que não se pode conceber fora de suas circunstâncias, fora do jogo que a anima sem comprová-la literalmente: algo que é, portanto, ao mesmo tempo e consubstancialmente, uma imagem-ato, estando compreendido que esse “ato” não se limita trivialmente apenas ao gesto da produção propriamente dita da imagem (o gesto da “tomada”), mas inclui também o ato de sua recepção e de sua contemplação”. Cf. DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1994. p. 15.

³⁵ LEITE, Miriam M. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Edusp, 1993. p. 11.

³⁶ JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1996. p. 136.

falavam diferentes dialetos e também o alemão culto. Isso possibilitou tecer a rede de sociabilidade vivida entre eles.

Tanto a seleção das fontes imagéticas como da fonte oral seguiram um critério que fosse favorável ao tema pesquisado e o desenvolvimento dos diversos assuntos analisados na tese. Dessa forma, as fontes selecionadas foram necessariamente as que pudessem contribuir na reflexão do papel social das Instituições trabalhadas na pesquisa, tanto as formais quanto as informais. Ou seja, contribuir para evidenciar e analisar as práticas culturais que esse grupo cultivou e outras que incorporou no decorrer desse processo.

Com o mesmo afincio, elas também se direcionaram com intuito de promover uma interlocução entre fonte oral, imagética, arquivos da Cooperativa Riograndense, arquivos dos clubes, arquivos da Igreja Luterana, documentos das escolas e os arquivos pessoais utilizados na pesquisa. Em resumo, as fontes primaram principalmente pelos temas trabalhados no decorrer da pesquisa e, com isso contribuíram para a análise da inserção dos imigrantes alemães e seus descendentes nessa região e, conseqüentemente, na sociedade brasileira.

As famílias dos entrevistados se fixaram nos três principais bairros formados na Colônia Riograndense, os quais foram também os principais núcleos da dinâmica social estabelecida ao longo dos anos. Podemos considerar o bairro da Água da Barra Mansa e da Água do Macaco como centros aglutinadores dos alemães que vieram diretamente da Europa e o bairro da Água da Estiva, que integrou os gaúchos de descendência alemã. Fica claro que isso não era uma regra, pois havia pessoas que, por questões financeiras, ou então porque não conseguiram comprar um lote de terras próximo aos seus amigos ou parentes que já haviam se instalado nos diferentes bairros, acabavam tendo que procurar outro bairro próximo para residir.

A inserção desses grupos na sociedade local deu-se de maneira, ritmo e forma diferente, visto que os gaúchos já conheciam melhor os costumes e a cultura brasileira, pois nasceram no Brasil e, muitos na própria Colônia Riograndense. Outro aspecto importante é em relação ao período de chegada ao Brasil. Os alemães e os gaúchos, de descendência alemã, chegaram em períodos diferentes e de distintos lugares. A partir de 1950, quando a imigração/migração declinava, havia muitos grupos e famílias cuja inserção já tinha ocorrido, e outros que tinham acabado de chegar da Europa ou do sul do país. O processo não acontece de forma contínua, linear e igual para todos. Para tanto, foi necessário traçar a trajetória de vida dos entrevistados, procurando demonstrar como formaram uma rede de sociabilidade ao

longo de sua vivência na Colônia, para indicar o quanto isso facilitou a inserção de cada um na sociedade brasileira.

Os entrevistados selecionados formaram grupos que se constituíram nos bairros da Água da Barra Mansa e da Água do Macaco (alemães) e da Água da Estiva (gaúchos). Os procedimentos na coleta da fonte oral lançaram alguns desafios ao longo da pesquisa. Um deles foi a necessidade de afastamento da historiadora ao pesquisar o tema. Isso se deve especialmente pelo fato de fazer parte desta comunidade e, de certa forma conhecer os entrevistados, bem como os problemas vivenciados ao longo dos anos, os anseios, os sonhos, não apenas da comunidade como um todo, mas também de pessoas mais próximas, como a família, amigos e demais conhecidos.

As entrevistas não seguiram um roteiro fechado, mas já havia preparado um questionário que pudesse auxiliar na interlocução. Elas foram realizadas nas suas próprias casas realizando apenas um encontro, salvo dois dos depoentes que entrevistei duas vezes.

Dos entrevistados, os mais jovens e aqueles das gerações intermediárias não tiveram contato com a escola em língua alemã. Os entrevistados mais velhos por outro lado, tiveram pouca instrução. Geralmente não passaram da 4ª Série do Ensino Fundamental e todos eles estudaram algum período de tempo em escola de língua alemã instalada na Colônia Riograndense. Em relação aos seus filhos, a maioria deles conseguiu terminar o ensino médio e até se especializar em uma determinada área em cursos de nível superior.

A opção metodológica que se esboça, acompanha a produção de depoimentos abertos, relatos sobre a história de vida de alemães e seus descendentes, suas experiências cotidianas, a vida na Colônia Riograndense, as dificuldades, os anseios e a inserção na comunidade, em seus diversos segmentos; bem como as fontes institucionais, como, por exemplo, documentos localizados na Igreja Luterana, nos clubes, na Cooperativa Riograndense, nos grupos de corais, de teatros, nas cerimônias de casamentos, nas festas tradicionais. Enfim, uma investigação sobre as famílias de descendência alemã e sua cultura que passava pelas instituições formais³⁷, inseridos nessa comunidade e nesta região.

Cada grupo constrói sua memória e passa pelo processo de perda de um passado comum. Quando algo compartilhado por um grupo perde o sentido, surge o apelo para preservação da memória. Tanto a memória coletiva quanto a memória individual passam pelo

³⁷ O trabalho de Jeffrey Needell com as Instituições formais da elite carioca, no período da Belle Époque, contribui para a compreensão da dinâmica social, inserida no âmbito das Instituições. Cf: NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

aspecto social. Enveredando por esse caminho, as reflexões realizadas aqui sinalizam para uma comunidade que, a partir de 1950, passou por profundas transformações e, à medida que as pessoas vão se inserindo na sociedade brasileira, especialmente na região do Vale do Paranapanema, se expressa toda a dinâmica cultural que permeou, ao longo das décadas, o processo de integração dos alemães e de seus descendentes.

As reflexões foram apresentadas em quatro capítulos. Com isso se visa facilitar a exposição dos resultados da pesquisa, em seus diferenciados aspectos. No primeiro capítulo, intitulado *A Colônia Riograndense: trabalho e vida cotidiana entre os anos de 1950 e 1990* é discutido o processo de transformação, consequência de uma transformação mais ampla que se deu no âmbito das relações de sociabilidade e nas relações de trabalho, a partir da introdução gradativa da mecanização. Mudanças nos hábitos, nos modos de viver, nas estratégias de sobrevivência, nos relacionamentos e na forma com que as pessoas foram ressignificando a sua cultura culminou na total inserção dos imigrantes e de seus descendentes na região.

A discussão prossegue no capítulo 2 com o título *A Cooperativa Riograndense: apelo à memória do pioneirismo*, no qual foi possível evidenciar como a Cooperativa Riograndense, ao apelar para a memória do pioneirismo, se expande e passa a ganhar maior visibilidade e prestígio na região. Além disso, ao apelar também para a identidade alemã, passa a dar um novo significado a cultura por meio das festas, como a Oktoberfest, atribuindo à ela outros significados. Neste capítulo também foi possível desvelar as transformações nos modos de produção e de comercialização da produção que, foi, aos poucos, sendo substituída por outros produtos.

O terceiro capítulo, *A Igreja Luterana e as escolas: desvendando novos caminhos*, tem como objetivo observar como a Igreja Luterana auxiliou na sobrevivência e na sustentação dos imigrantes e seus descendentes, tanto no aspecto religioso quanto no que diz respeito ao lazer e a integração entre eles, bem como de apreender elementos da cultura alemã que foram sendo transformados com o passar dos anos. A escola, ao integrar descendentes de origem alemã e brasileiros, permitiu intensas trocas culturais, sendo que, ambas foram essenciais no processo de inserção dos imigrantes alemães e de seus descendentes na sociedade brasileira.

No quarto capítulo, intitulado *As práticas culturais e as relações de sociabilidade: espaço de aglutinação e disputas* foi possível evidenciar como o lazer, os clubes, as festas, os casamentos, os grupos de coral de vozes e de instrumentos, e os grupos folclóricos formaram

um elemento de coesão, essencial na convivência e integração entre membros do mesmo grupo com os brasileiros. As lideranças da Cooperativa Riograndense, ao apoiar as festas e os grupos folclóricos, buscaram, no apelo à memória do pioneirismo e da identidade alemã, se projetar socialmente na região. Neste capítulo, observo também como alemães e gaúchos, por meio das diferenças culturais foram disputando lugares, compartilhando experiências, interagindo uns com os outros, numa dinâmica que culminou na inserção dessa população à sociedade brasileira.

No decorrer dos capítulos, procurei analisar as relações que imigrantes alemães e seus descendentes estabeleceram entre si, através da convivência no âmbito das Instituições, das quais, eles mesmos foram os fundadores; e o sustentáculo delas ao longo dos anos e vice-versa. Nesse sentido, é possível apreender uma rede de relações que se imbrica nesse processo, resultado de uma integração entre eles, mesmo que permeada por tensões e por divergências culturais.

**CAPÍTULO I – A “COLÔNIA RIOGRANDENSE”: TRABALHO E VIDA
COTIDIANA ENTRE OS ANOS DE 1950 E 1990**

1.1. O tempo de edificar: os desafios

A vinda de alemães para o Brasil remonta ao século XIX, o que é possível visualizar no quadro abaixo, que dá a dimensão desses deslocamentos, de 1824 a 1969.

Quadro 1 - Imigração alemã para o Brasil - 1824 - 1969

Décadas	Imigração Alemã											
	1824-1847	1848-1872	1872-1879	1880-1889	1890-1899	1900-1909	1910-1919	1920-1929	1930-1939	1940-1949	1950-1959	1960-1969
Imigrantes	8.176	19.523	14.325	18.901	17.084	13.848	25.902	75.801	27.497	6.807	16.643	5.659

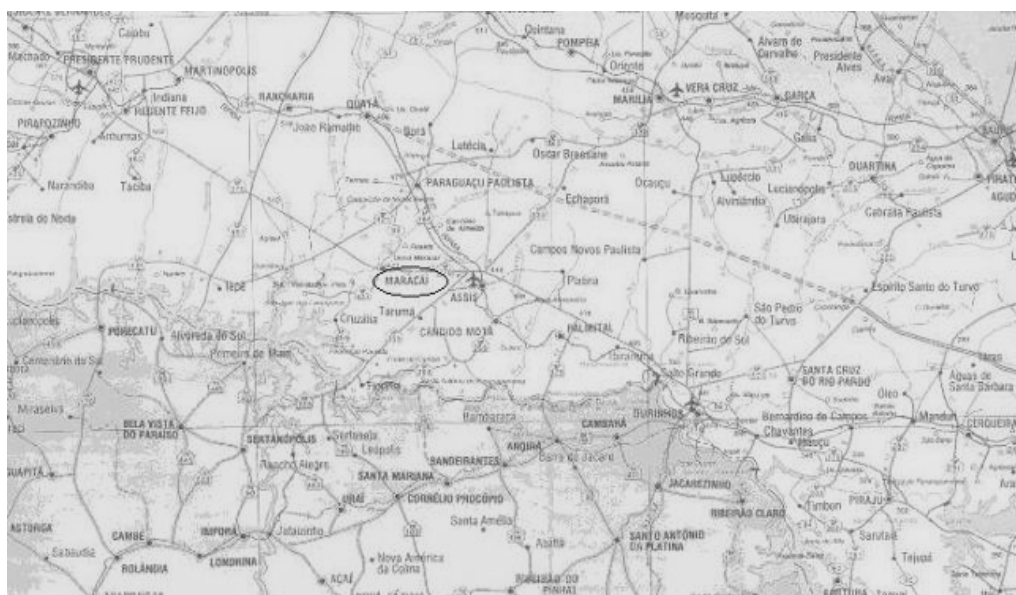
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Os dados sinalizam a constância desse deslocamento ao longo dos anos e, também, que o maior afluxo ocorreu nas décadas de 1920 e 1930, que foram aquelas em que mais pessoas chegaram ao Brasil. Essas informações são relevantes pelo fato de ser nesse período que esses imigrantes e seus descendentes se fixam na região sudoeste do Estado de São Paulo, a partir da iniciativa de particulares, formando um núcleo de colonização específico, cujo perfil será discutido subsequentemente.

Originários inicialmente do Rio Grande do Sul, os alemães e seus descendentes fundaram a Colônia Riograndense³⁸ que se situa no município de Maracá, (Mapa 1) no sudoeste do Estado de São Paulo, a cerca de 500 km de distância da capital e se constituiu a partir de 1922, por iniciativa de Michel Lamb³⁹, um gaúcho de origem alemã que adquiriu uma propriedade na *Fazenda Capivara*, atual Colônia Riograndense. Dessa forma, a colonização não teve participação do Estado - como aconteceu em diversas regiões do Estado de São Paulo e em outras regiões do país - que recebeu um grande fluxo de imigrantes para trabalhar em regime de parceria ou de trabalho assalariado, constituindo-se em grandes centros coloniais de imigração.

³⁸ Para definir melhor o conceito de *colônia* faremos uso da utilização do *dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, Editora Nova Fronteira, no qual, define-a como um “conjunto de indivíduos da mesma nacionalidade que se estabelecem em um país estrangeiro” e para *colono*, a definição é “membro de uma colônia; cultivador de terra pertencente a outrem”. Contudo, a Colônia Riograndense foi constituída por alemães e seus descendentes, os quais adquiriram o seu pedaço de terra, passando a morar e explorar a terra que colonizou e cultivou, criando condições que proporcionaram ao colono ser o proprietário da terra.

³⁹ Michel Lamb nasceu em São Sebastião do Caí – RS, em 21 de novembro de 1879, e se instalou na Colônia Riograndense, em agosto de 1922, em companhia da esposa, dez filhos e dois irmãos. É considerado pela memória coletiva o precursor da colonização nessa região.

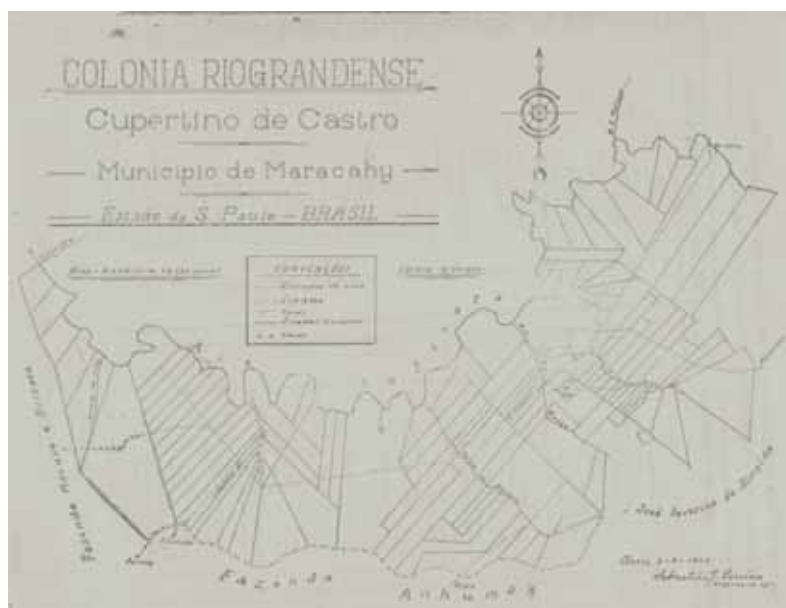


Mapa n° 1 - Estado de São Paulo (parcial) – localização do município de Maracá

Essa região ofereceu aos imigrantes boas condições climáticas, de solo, localização e de negociar a compra das terras. A área total da Fazenda Capivara comportava 8.206 hectares que foram divididos em lotes e, colocados à venda por iniciativa dos sócios Cupertino de Castro e Otto Isernhagem, da Companhia de loteamento⁴⁰.

Como Michel Lamb, um gaúcho foi o pioneiro na colonização, o nome Colônia Riograndense, conseqüentemente, surge desse fato (Ver mapa 2). Michel Lamb adquiriu sua propriedade na Água do Macaco, núcleo central da Colônia Riograndense. Em fins de 1929, Michel Lamb comprou outra área de terras na Colônia Riograndense, a Fazenda Anhumas, no Bairro Água da Estiva, com o propósito de loteá-las e colocá-las à venda. A iniciativa de Lamb influenciou muitos parentes, amigos e compatriotas, bem como os imigrantes alemães. Para a Colônia imigraram grupos de diferentes nacionalidades. Além dos alemães, também vieram poloneses, austríacos, russos, suíços, húngaros e migraram descendentes de alemães já radicados no Brasil de vários estados brasileiros, com predomínio de gaúchos, mas também de pessoas vindas do Espírito Santo, Santa Catarina, Minas Gerais e de outras regiões do Estado de São Paulo.

⁴⁰ Cupertino de Castro era sobrinho de Alfredo Antunes de Oliveira, proprietário da Fazenda Capivara. Otto Isernhagen era de origem alemã. Da associação entre os dois surgiu a Empresa Cupertino de Castro e Cia, fundada no dia 20 de Junho de 1919.



Mapa nº 2 - Município de Maracá/SP – Colônia Riograndense – 1931
Arquivo pessoal de Heinrich F. Theodor Hoffman

A tabela 1 apresenta o contingente de habitantes da Colônia Riograndense na trajetória de sua constituição e crescimento, cujo perfil diversificado de sua população se fez presente desde a sua fundação, evidenciando a diversidade cultural de seus integrantes, por serem originários de várias nacionalidades, tendo em comum, em alguns casos, a língua alemã.

Habitantes da Colônia Riograndense – 1922- 1990

Ano	Número de famílias (aproximado)	Número de habitantes (aproximado)	Nacionalidade
1922 - 1925	50 famílias	250 habitantes	Alemanha/Áustria/Suíça e migrantes do Rio Grande do Sul e do Espírito Santo
1922 - 1950	300 famílias	2.000 habitantes	Alemanha/Áustria/Suíça/Polônia/Hungria e migrantes do Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Minas Gerais, Santa Catarina e os nascidos na própria Colônia Riograndense
1950 - 1990	350 famílias	3.000 habitantes	Alemanha/Áustria/Suíça/Polônia/Hungria e migrantes do Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Minas Gerais, Santa Catarina e os nascidos na própria Colônia Riograndense

Tabela nº 1 - Fonte: Dados retirados dos Relatórios Anuais da Escola de Língua Alemã, das Atas da Cooperativa Riograndense e das Atas da Igreja Luterana.

Nos primeiros anos de formação, os problemas enfrentados foram muitos e em todos os aspectos da vida. Problemas relacionados à distância que tinham de percorrer à pé até chegar ao local onde iriam morar, atravessando a mata virgem e abrindo caminhos com foice e facões eram comuns. Outro problema enfrentado era em relação à moradia, pois tinham que construir um rancho provisório para morar. Menciono ainda outro agravante que surgiu com as doenças. Estas mataram boa parte da população, que não tinha recursos suficientes para buscar a cura em outras cidades. As dificuldades se agravaram quando o assunto era a obtenção de gêneros alimentícios, o consumo de água limpa para beber, preparar os alimentos e fazer a higiene pessoal.

Para que as primeiras plantações pudessem ser cultivadas, os colonos tinham de trabalhar muito para deixar a terra apropriada para o seu cultivo. Plantava-se primeiramente mandioca, milho, feijão e diferentes hortaliças. O trabalho era realizado diretamente pelo proprietário das terras e sua família, especialmente para o consumo próprio. Geralmente, iniciavam a plantação com lotes pequenos, pois iam devastando a mata aos poucos. De início, também criavam algumas galinhas que rendiam alguns ovos para o consumo; porcos e, usualmente algumas cabeças de gado, que serviam tanto para o abate quanto para a produção de leite.

As características desse processo, desde o início, tiveram como base a produção camponesa⁴¹, ou seja, a pequena propriedade agrícola, na qual, todos os membros da família trabalhavam.

Essas famílias dedicaram-se às atividades agrícolas para garantir sua subsistência e também começaram a produzir para o mercado, com destaque para a produção de alfafa. Porém, os percalços foram muitos, em decorrência das condições precárias das instalações iniciais das famílias, que envolveram a superação de doenças e adversidades de natureza distintas.

⁴¹ Seyferth utiliza a definição de Shanin para apreender o conceito da propriedade camponesa que também faremos uso neste trabalho. “*Para ele, (Shanin) o campesinato consiste de produtores agrícolas de pequena escala que, com a ajuda de equipamento simples e do trabalho de suas famílias, produzem o suficiente para seu próprio consumo e para o preenchimento de obrigações com os detentores do poder político e econômico. Uma tal definição implica numa relação específica com a terra, a fazenda familiar camponesa e a aldeia camponesa como as unidades básicas de interação social, uma estrutura ocupacional específica e influências particulares do passado juntamente com padrões específicos de desenvolvimento*” Cf: SEYFERTH, Giralda. *A Colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974. p.12.

1.2. As doenças e as estratégias de sobrevivência

Os acidentes de trabalho e muitas fatalidades que acometiam os colonos foram frequentes na época, pois a forma precária em relação ao trabalho e às atividades em geral dificultaram a vida cotidiana na Colônia. Geralmente, isso acontecia no período de plantio e, devido à falta de assistência médica adequada, ao desconhecimento de muitas doenças, à falta de remédios específicos para combatê-las, e a inexistência de transportes foram entraves que dificultaram mais ainda o modo de sobrevivência na Colônia. As famílias tinham de percorrer uma longa distância até chegar aos hospitais onde haviam profissionais especializados de saúde. O que ajudava as famílias eram as pequenas farmácias instaladas nas proximidades.

A precariedade nesse período se tornou um agravante, considerando que, as pessoas que escolheram o Brasil para morar, estavam recomeçando sua vida em terras distantes, procurando se adequar aos costumes e aos hábitos brasileiros.

Com o passar dos anos e com a vinda dos primeiros caminhões, os problemas foram se amenizando. Quem não tinha uma condução própria pedia a um vizinho ou amigo que levasse os doentes para receber assistência médica nas cidades da região, especialmente Maracá e Assis. Além disso, a partir de 1970, as famílias foram adquirindo, gradativamente seu próprio carro, o que lhes permitiu maior comodidade. Isso facilitou as condições não só de assistência médica, como também de melhorias em todos os aspectos da vida, permitindo a permanência e o entrosamento, culminando na inserção dos imigrantes alemães e seus descendentes na região.

Os meus entrevistados vinculam a precariedade em relação à assistência médica com a falta de conhecimento sobre as doenças próprias da nova terra, e as dificuldades para tratá-las foram desafiando os colonos e suas famílias a criarem e recriarem estratégias de sobrevivência a partir da convivência com as pessoas que moravam na região, especialmente com os brasileiros e aquelas que assimilaram os costumes adquiridos dos brasileiros em relação às curas com ervas e plantas medicinais.

Os depoimentos da Sra. Grete Bonkowski Wrede e sua irmã, a Sra. Emmi Bonkowski Marth, esclarecem vários aspectos dessa experiência. Elas vieram ainda pequenas da Alemanha, acompanhadas dos pais, em 1925. Os pais tinham planos de ir para a Colônia nesse período, porém, sem maiores explicações, foram levados para uma Fazenda de café em Minas Gerais. Depois de trabalhar na fazenda, a família se mudou para Guaxupé, bem como para

outras cidades vizinhas. Passados alguns anos, ficaram sabendo que a Colônia havia atingido certo grau de desenvolvimento, surgindo então, a oportunidade de adquirirem suas próprias terras.

De Minas Gerais foram para a Colônia em 1932, todos em um caminhão que haviam adquirido com o trabalho assalariado. As terras, que ficam no bairro da Água da Barra Mansa também foram compradas com as economias que juntaram durante o período que ficaram em Minas Gerais. A Sra. Emmi mora atualmente nos EUA e a Sra. Grete continua morando na Colônia.

A Sra. Grete é viúva de um dos fundadores da Cooperativa Riograndense, e seu sogro foi o primeiro pastor da Igreja Luterana da Colônia Riograndense. Ela teve três filhas e sempre se dedicou a elas e à casa. Uma das filhas mora com ela e a outra mora com o marido que é descendente de alemães no mesmo sítio da família. A terceira filha mora no exterior. A Sra. Grete é tia de Heinrich Hoffmann e Johanna Ziegler, outros dois dos meus entrevistados. Ela participou ativamente das atividades realizadas especialmente pela Igreja Luterana, nas comemorações de datas importantes e nas festas tradicionais. A Sra. Grete também participou da OASE.

As lembranças das doenças estão muito presentes na memória das pessoas. Os colonos não estavam acostumados com os insetos presentes na Colônia. A mosca varejeira ou *beronha*, como também é conhecida, por exemplo, botava seus ovos na ferida das pessoas, causando graves problemas, muitas vezes até a morte.

A Sra. Grete sofreu muito com esse problema.

Eu tinha vareja na cabeça, mais como dói! Eu chorei a noite inteira de dor na cabeça. Pensamos que era feridinha, quando eu tinha essas tranças, minha mãe que penteava, e de repente ela levantou um punhado de cabelo assim, as vareja, mais como dói. Aí meu irmão veio e foi tirando uma por uma com creolina.⁴²

A Sra. Grete faz referência aos problemas de saúde mais rotineiros, embora houvessem problemas bem mais sérios e que não se resolviam sem procurar um profissional da área da saúde das cidades mais próximas e com mais recursos.

O desconhecimento em relação às doenças, aos insetos, à precariedade no trabalho, a dificuldade em relação à água e a falta de assistência médica e de remédios se tornaram

⁴² Entrevista com Grete Wrede em 19/07/02.

elementos compositivos de uma realidade vivida, num contexto que assinalou grandes transformações no cotidiano das pessoas as quais buscaram essencialmente anular os entraves e as discrepâncias existentes entre as convicções que outrora sonharam e o que efetivamente viveram.

Sem assistência médica adequada e com falta de transportes, as pessoas apelaram para as estratégias de sobrevivências elaboradas pelos próprios moradores da Colônia e região, especialmente dos costumes dos brasileiros. Muitos homens fizeram papel de farmacêutico, aplicando injeções ou fazendo tratamentos com ervas medicinais. Os próprios produtos utilizados em tratamento com animais, como a creolina, já mencionada acima, acabavam sendo usados também para cuidar das pessoas.

Nascido na Colônia Riograndense, Sr. Gustavo Reinecke outro entrevistado, contou vários aspectos dessa experiência. Os pais vieram da Alemanha para a Colônia na década de 1920 e, em 1939, venderam o sítio que haviam adquirido e voltaram para Alemanha onde passaram o período da guerra. Retornou com os pais definitivamente para a Colônia em 1949. O Sr. Gustavo mora na Água da Barra Mansa, bairro que recebeu mais famílias vindas diretamente da Europa. Casou-se com uma jovem de origem alemã e teve apenas um filho e, depois três netos. Seu filho casou-se com uma brasileira. Ambos, pai e filho, trabalham na lavoura, plantando soja, milho e trigo.

Sr. Gustavo sempre foi muito ativo na comunidade, participando de corais - especialmente do Coral de Trombones - e dos trabalhos realizados na Igreja Luterana, bem como exercendo papel de liderança na trajetória da Cooperativa Riograndense, empenhando-se em manter as Instituições mencionadas como espaço aglutinador e como elemento que possibilitasse externar o sentimento de pertencimento ao mesmo grupo. O Sr. Gustavo é tio de Arnold Assmann, outro entrevistado da pesquisa.

O Sr. Gustavo recorda desses momentos difíceis, cujas lembranças vêm carregadas de críticas frente às novas situações, própria de quem sentiu na pele essa realidade.

Antigamente qualquer um, olha quanta gente não deu a injeção na veia, que hoje é impedido isso daí. O Hans Mayer, o pai da Heike Müller, eles davam injeção de veia nos anos de 40, 50. Eles aprenderam porque que jeito você ia pra Assis, que jeito? 4, 5 horas pra Assis. (...) A maioria das crianças nascido com uma parteira e esse tipo de gente sempre existia aqui.⁴³

⁴³ Entrevista com Gustavo Reinecke em 27/07/02.

Para o Sr. Gustavo, o fato de hoje em dia haver *impedimento* das pessoas sem preparo aplicar injeções ou mesmo, quando ele relembra que era comum, as crianças nascerem em casa com a ajuda de uma parteira, sua crítica está profundamente ligada à sua vivência e às suas próprias experiências, especialmente se considerarmos que, naquela época, essas alternativas e estratégias de sobrevivência acumularam saberes e, que, em muitos casos, eram tão importantes quanto o saber do médico ou de qualquer pessoa especializada em questões de saúde na atualidade. Essas pessoas, numa atitude ativa de atores sociais, de produtores da sua própria existência, foram fazendo frente e produzindo seus próprios meios de sobrevivência, procurando se adequar e se inserir no novo lugar que escolheram para viver.

Mary Del Priore, em seus estudos sobre as doenças das mulheres e suas alternativas de cura no período colonial, destaca que desde aquela época,

As mulheres e suas doenças moviam-se num território de saberes, transmitidos oralmente, e o mundo vegetal estava cheio de signos das práticas que os ligavam ao quintal, à horta, às plantas. Sem os recursos da medicina para combater suas doenças cotidianas, as mulheres buscavam as curas informais⁴⁴.

Outro aspecto importante evidenciado nas lembranças de Sr. Gustavo é o fato de se gastar até cinco horas para chegar à Assis, cidade cujas condições eram bem melhores, pois havia uma infra-estrutura que comportava e recebia as pessoas de toda a região, principalmente no que dizia respeito à saúde.

Doenças como o tifo - esta com menor incidência neste período -, a malária, a doença de chagas, a desnutrição, os problemas de verminoses e também com a tosse comprida, entre outras, foram frequentes e, pelo que foi possível observar, houve muitas vítimas fatais. Essas doenças se agravaram, tanto pela transmissão dos insetos e parasitas quanto pela falta de uma alimentação saudável, tão necessária ao desenvolvimento e ao equilíbrio do corpo. A maioria das famílias sobreviveu por muito tempo apenas de mandioca, fubá de milho, arroz e pão branco.

A quantidade de nutrientes ingerida pelas pessoas era desproporcional, pois alguns nutrientes abundavam e outros faltavam. Isso colaborou para que as doenças se propagassem mais rapidamente. Outro agravante a ser levado em consideração foi a questão das condições

⁴⁴ DEL PRIORE, M. Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino. In: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1997, p. 88, 89 e 94.

de higiene no que tange à falta de água tratada para beber e tomar banhos, e as instalações sanitárias que serviram por muito tempo de banheiro e foram determinantes para a propagação das doenças.

Alternativas com ervas medicinais foram constantes. Esses costumes foram incorporados e utilizados pelas pessoas buscando salvar vidas. Algumas dessas práticas foram transmitidas por brasileiros que moravam nas redondezas, outras compartilhadas entre os próprios colonos que traziam o conhecimento e aqui passavam a fazer novo uso em seu cotidiano. Ervas como a *língua de boi*, por exemplo, eram usadas para curar feridas. A babosa era utilizada, tanto para curar enfermidades das pessoas quanto dos animais. Havia também folhas de árvores que eram usadas seja para curar a malária seja contra o veneno de cobras.

Também era usado o chá de marcela e a folha de goiaba para curar a diarreia e a creolina que, além das suas várias funções - como curar feridas - serviu também para combater a dor de dente. Colocava-se um pouco de creolina em um pedaço de algodão em cima do dente. A Sra. Herta me contou que o pai, o Sr. Gustavo Lamb, trouxe do Rio Grande do Sul, remédio para febre, além do Bálamo Alemão que era utilizado para curar várias doenças e também a oline para as doenças e males do estômago. Esses produtos foram utilizados ao longo dos anos, repassando os ensinamentos para as outras gerações. Enfrentando as dificuldades cotidianas, as pessoas foram criando e recriando novas práticas, valores e significados⁴⁵.

Benedita Celeste Moraes Pinto, em *“Parteiras” e “poções” vindas das matas e “ribanceiras” dos rios*, analisou a prática das parteiras e poções feitas de ervas, raízes e cascas de paus vindas das matas e das ribanceiras dos rios da região de Umarizal, no Pará. Ela defende a idéia de que,

No alvorecer do terceiro milênio, as mulheres rurais do povoado de Umarizal, compactuando com as demais, que vivenciam e testemunham o isolamento, o abandono e a pobreza de lugares longínquos do imenso território brasileiro, ainda continuam criando e recriando alternativas próprias, tecendo teias de resistência para sobreviver.⁴⁶

⁴⁵ Raymond Williams traz uma reflexão significativa sobre criação e recriação de tradições e costumes. Cf. WILLIAMS, Raymond. Conceitos Básicos. In: *Marxismo e Literatura*. RJ, Zahar, 1979.

⁴⁶ Moraes Pinto, Benedita C. de. *“Parteiras e “poções” vindas das matas e “ribanceiras” dos rios*. In: Projeto História, PUC – SP, nº 23, 2001.

Até aproximadamente a década de 1970, a maioria das crianças ainda nascia na Colônia Riograndense com a ajuda de parteiras⁴⁷. Deslocavam-se até a cidade de Assis somente quando havia alguma complicação, e o meio de transporte utilizados eram os caminhões da época. Somente mais tarde, com a melhoria das estradas e de transporte, é que os bebês passaram a nascer nos hospitais das cidades da região.

O Sr. Gustavo relembra também a necessidade de procurar auxílio com curandeiros e benzedoras, os quais utilizavam ervas medicinais e, sabiam conviver com a natureza, como estratégias na luta pela sobrevivência.

*Você vê, tinha mesmo gente com força, não era milagre assim não, ela tinha um remédio lá que, não sei de onde ela tinha, coisa natural, servia, não era bruxaria. Existia mesmo gente com ervas naturais e que foi passado, às vezes dos índios, uma parte junto com a roça e assim um ou outro salvou. Desse jeito a gente vivia aqui.*⁴⁸

Refletindo sobre as lembranças do Sr. Gustavo quando ele relembra que no passado buscaram diferentes alternativas para cura das doenças e diferentes males que afligiam as pessoas, fica evidente a necessidade de entrosamento entre eles, bem como de conviver intensamente uns com os outros, trocando experiências, incorporando hábitos e procurando se inserir de forma efetiva na sociedade brasileira.

As estratégias de sobrevivências e as alternativas criadas pelos próprios sujeitos⁴⁹ faziam parte daquele cotidiano, e essa cultura foi sendo introduzida e criada ali pelos imigrantes alemães e seus descendentes, às vezes improvisando, outras vezes aprendendo com os brasileiros que moravam na região, num processo de integração. Essas foram práticas importantes no processo de inserção dos imigrantes alemães na região do Vale do Paranapanema.

⁴⁷ Minha bisavó Sabina Rosenacker foi uma parteira que ajudou muitas crianças a virem ao mundo.

⁴⁸ Entrevista com Gustavo Reinecke em 27/07/02.

⁴⁹ “Abordando a história como um processo construído pelos próprios homens, de maneira compartilhada, complexa, ambígua e contraditória, o sujeito histórico não é pensado como uma abstração, ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente, num processo em que as dimensões individual e social são e estão intrinsecamente imbricadas”. Cf. KHOURY, Yara Aun. Narrativas Oraís na Investigação da História Social. In: *Revista Projeto História*, nº10, São Paulo, Educ, 1993.

1.3. Rememorando o cotidiano: uma trajetória de escolhas

A partir da década de 1950, inicia-se na Colônia Riograndense um processo de profundas transformações sociais, o que sinalizava para grandes mudanças no cotidiano das famílias dos colonos, conseqüentemente, também na mentalidade das pessoas. Esse foi um processo que rompeu com algumas das formas tradicionais, tanto no que dizia respeito aos hábitos e visão de mundo, quanto nas formas mais tradicionais das relações de trabalho, pois se criaram novos hábitos e costumes; novas formas de relacionamentos se estabeleceram, houve uma diminuição do esforço físico nas questões que envolviam o trabalho de forma geral, porém, aumentou a responsabilidade das pessoas em administrar suas finanças; a organização em torno dos gastos do trabalho e da casa.

Nesse período de grandes transformações, em seus diferentes âmbitos, a Colônia tinha aproximadamente 3.000 (três) mil habitantes, originários de diferentes procedências e de imigração de períodos distintos que se iniciou na década de 1920, conforme é possível visualizar na tabela 1.

Esse processo também rompeu com a simples produção de subsistência passando a uma produção de grande escala, na qual se passou a produzir grãos, comercializá-los e até exportá-los. Dessa forma, novas relações de trabalho de mão-de-obra também se modificaram, pois ao produzir em grande escala os agricultores precisaram aumentar sua força de trabalho, contratando assim, mão-de-obra assalariada, deixando para trás as formas tradicionais de auxílio mútuo e de troca de serviços.

No setor da economia, a alfafa domina o cultivo até a década de 1950, caracterizando-se como um período de grandes melhorias para os colonos, pois esse plantio trouxe desenvolvimento para a região, embora não tenha atingido todas as famílias. É também nesse momento em que surgem os primeiros tratores e caminhões, facilitando o manejo com o plantio da alfafa até a mudança de cultivo para o milho e, mais tarde, para a soja e o trigo.

A introdução gradativa dos meios de produção mecanizados proporciona aos imigrantes alemães as condições necessárias para o plantio e a comercialização da produção, ao mesmo tempo em que reforça as relações de sociabilidade nesse espaço. Os primeiros tratores, os pequenos caminhões e caminhonetas, além dos cavalos e charretes, serviram durante muito tempo, tanto para o trabalho, quanto para realizar as atividades de lazer, se locomovendo de um bairro para o outro.

As fotos 1 a 9 evidenciam as atividades em relação ao trabalho e à introdução dos primeiros tratores e dos pequenos caminhões que serviam, tanto para trabalhar como para passear. As fotos enfatizam a noção de progresso inserida na Colônia Riograndense. Com a mecanização houve diminuição do esforço físico, além do encurtamento de distâncias. Porém, o uso dos tratores e dos pequenos caminhões para realizar as atividades do trabalho aconteceu de forma gradativa, mas motivou as famílias a trabalharem na lavoura, pois o trabalho passava a ser, aos poucos, menos cansativo do que quando era realizado manualmente.

Pode-se afirmar que as pessoas que podiam comprar um trator ou um caminhão da época já tinham adquirido certa estabilidade financeira, sinalizando para uma experiência de imigração que deu certo, pois buscaram melhorar de vida.



Foto nº 1 – Meio de trabalho e de transporte na Colônia Riograndense – pastor e membros da comunidade – Década de 1950 (Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Na foto 1, é possível evidenciar aspectos da vida cotidiana. Os cavalos com suas charretes foram cedendo lugar aos primeiros tratores e caminhões que foram gradativamente sendo introduzidos. O mesmo meio de transporte que utilizavam para a realização das atividades do trabalho, também era usado para o lazer e para se locomover de um lado para o outro. Na foto, vemos o Pastor Knoch, possivelmente com moradores e membros da Igreja Luterana, se dirigindo para lá para a realização de alguma atividade religiosa, festiva ou cultural.



Foto nº 2 – Família trabalhando na lavoura – introdução dos primeiros tratores – Década de 1950
(Álbum de fotografias de Cristina Ziegler)⁵⁰

Na foto 2, temos a família reunida em torno do trator, com destaque para a mulher – uma jovem que parece dirigi-lo, o que não era improvável considerando-se que muitas mulheres, nesta época, tiveram de aprender a dirigir para auxiliar os maridos nas tarefas diárias. Ao fundo aparece uma construção - provavelmente um barracão - e a mata virgem.

Na foto fica evidente que as pessoas não estavam trabalhando com o trator no ato fotográfico, pois não havia nenhum tipo de implemento agrícola engatado a ele, e estavam no meio da plantação de alfafa. Isso nos leva a crer que a família se reuniu para tirar a foto, exibindo com orgulho o novo maquinário que parecia ter sido adquirido recentemente e representava grandes melhorias no setor econômico familiar, e certo status diante da comunidade.

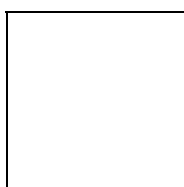


Foto nº 3 - Família trabalhando na lavoura – introdução dos primeiros caminhões - Década de 1950
(Álbum de fotografias de Cristina Ziegler)

Nas fotos 2 e 3, os fotografados se posicionam de maneira diferenciada. O ângulo que o fotógrafo buscou também interfere na apreensão da realidade. Na foto 3, as pessoas estão ao redor do caminhão com seus instrumentos de trabalho se posicionando para a foto, e há também um menino encostado e uma adolescente escorada na porta. Uma das mulheres está

⁵⁰ As fotos 2, 3, 4, 5 e 13 destacam a família dos descendentes de Michel Lamb.

sentada em cima da alfafa, bem no alto. Geralmente as mulheres e as crianças realizavam a tarefa, de tentar abaixar a alfafa, socando-a. As roupas que as mulheres vestiam eram as mesmas que usavam no dia-a-dia para realizar as tarefas domésticas. Eram vestidos ou saias e blusas. Ao fundo vemos também a mata virgem.

Note-se que as mulheres e as crianças também trabalhavam na lavoura, neste caso com a colheita de alfafa. Algo significativo foi a introdução dos pequenos caminhões na realização do trabalho. No período anterior, todo esse processo era feito com os cavalos e as carroças. Isso, além de exigir muito empenho físico das pessoas, também requeria muito mais tempo para a realização das tarefas diárias.

É interessante notar que nas fotos 3 e 4, apesar do trabalho árduo carregando a alfafa, as pessoas parecem estar bem à vontade, provavelmente incentivados pelo ato fotográfico.

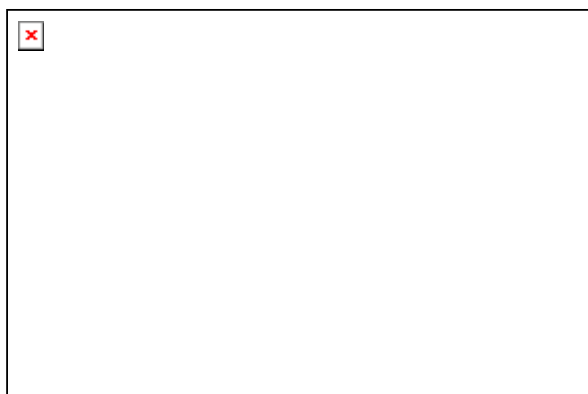


Foto nº 4 - Família trabalhando na plantação de alfafa - Década de 1950
(Álbum de fotografias de Cristina Ziegler)

Na foto 4, o fotógrafo se preocupou em aproximá-la mais. Todos ao redor ou em cima do caminhão. Nessa foto, o fotógrafo priorizou na imagem três elementos, como se o restante da paisagem não tivesse importância, visto que estavam na lavoura. Focalizou as pessoas, o caminhão e, por último a produção de alfafa. Aqui, provavelmente o caminhão tivesse sido o motivo mais importante para registrar o momento, já que ele representava o ideal da conquista de um sonho: o de melhorar de vida, além de ser visto com respeito pela comunidade em geral, apesar da experiência de imigração não ter sido nada fácil. Foi com ele também que minimizaram os esforços, agilizaram o trabalho e continuaram lutando por vida digna e financeiramente melhor.

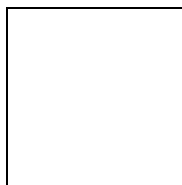


Foto nº 5 – Família a passeio – posando para foto em frente ao caminhão – Década de 1950
(Álbum de fotografias de Cristina Ziegler)

As fotos 5 e 6 trazem aspectos muito parecidos. Ambas têm como fotografadas pessoas da mesma família que se posicionaram em cima e ao lado dos pequenos caminhões da época. Estas, por sua vez, foram colocadas em frente às suas casas. Certamente, elas posaram com o objetivo de deixar registrada para a posteridade essa data. As caminhonetes das duas fotos, provavelmente são da mesma marca e, são exibidos como dois troféus. Na foto 5, as pessoas parecem prontas para passear, pois estão bem arrumadas, as senhoras estão levando casaco e bolsa⁵¹.

Diferente das fotos 2, 3 e 4, em que a mesma família posou para as fotos, privilegiando aspectos da vida cotidiana em relação ao trabalho, nesta foto as pessoas estão prontas para o lazer. Ou seja, a quebra da rotina, especialmente do trabalho. Aqui fica evidente o contexto de desenvolvimento econômico e de bem-estar social que o veículo proporcionou.

⁵¹ Miriam Leite afirma que “*as relações de posição, centralidade e planos em que são colocadas as personagens na fotografia refletem condições sociais da vida do grupo e as forças que presidem a organização das formas*”. Cf. LEITE, Miriam M. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Edusp, 1993. p. 109.

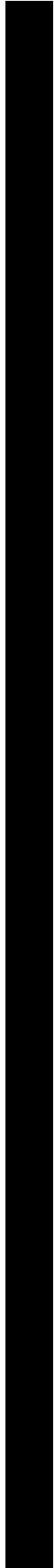


Foto nº 6 – Família reunida posando para foto em cima do caminhão – Década de 1960
(Álbum de fotografias de Regina Boech)

Observando a foto 6, evidenciamos uma paisagem mais humilde. As pessoas também estão vestidas de forma mais simples como se elas fossem permanecer em casa, mas aproveitaram a ocasião para registrar o momento. Isso nos dá a dimensão das diferenças sociais entre as famílias que habitavam a Colônia Riograndense. No entanto, outro aspecto a ser ressaltado é que ambas as famílias já tinham adquirido certa estabilidade financeira, o que aponta para a apreensão de uma experiência de imigração/migração dos fotografados ou dos seus antepassados que deu certo, ou seja, a concretização de um sonho de melhorar de vida.

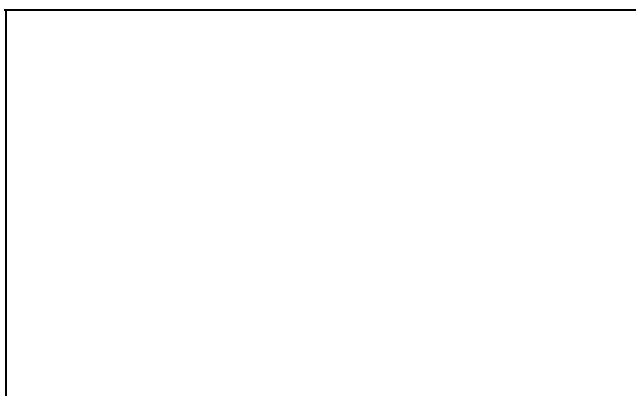


Foto nº 7 – Cavalos, charretes e tratores – meios de trabalho e de lazer – década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch)

Na foto 7 é interessante notar que há uma seqüência de pessoas que seguem, primeiro com o trator, depois com a charrete, e, por último, uma pessoa montada à cavalo. No alto, vemos a torre do novo templo da Igreja Luterana e ao redor ainda vemos uma paisagem de mata virgem que, aos poucos parece desaparecer. Podemos observar, também nessa foto, como, gradativamente, acontece a introdução dos primeiros tratores no cotidiano das famílias. Para que isso acontecesse precisavam de certa estabilidade financeira, o que não ocorreu para todos, e nem nos mesmos momentos.



Foto nº 8 - Família utilizando trator para passear – década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch)

Na foto acima o fotógrafo faz questão de posicionar o trator para que ele ficasse completamente visível. A marca Valmet do trator também aparece na foto, bem como a posição que cada membro da família ocupa em cima dele.

Outro aspecto é o pano de fundo. A foto do trator é tirada em frente a uma casa que pode não ser a dos fotografados. Como a estrada passava bem em frente a essa casa, é possível que os fotografados tivessem parado propositadamente para posar para a foto, exibindo o seu Valmet com uma vista harmoniosa de pano de fundo.



Foto nº 9 – Descendente de imigrantes alemães trabalhando com trator – Década de 1970
(Álbum de fotografias de Cristina Ziegler)

Na foto 9, o homem que está preparando a terra é neto de Michel Lamb e esposo de Johanna Ziegler, uma das minhas entrevistadas, como veremos mais adiante. O fotógrafo procurou focalizá-lo de lado, uma forma de deixar transparecer na foto o modelo do trator e o homem que passa a dominar a nova máquina introduzida na lavoura. Isso não só facilitou o seu trabalho como lhe deu visibilidade diante da comunidade. No fundo da foto, aparece uma área de terra com plantio, provavelmente de milho e, bem ao fundo, aparece ainda a mata virgem.

Essa trajetória ganha, porém, outro matiz na fala dos sujeitos inseridos nesse processo que demarcam as adversidades que foram superadas pelo esforço coletivo e, também, no âmbito das famílias. As experiências⁵² vividas na Colônia, narradas por diferentes atores sociais são marcadas por muitas dificuldades pelas quais os imigrantes alemães e seus descendentes passaram e que, atualmente, as pessoas desconhecem.

Nas memórias lembradas sobre a Colônia, convivem heroísmos, dificuldades e decepções. Para muitos, o impacto com o novo lugar desmistificou todo aquele colorido pintado pelos interessados em colonizar essa região, mesmo para aqueles que vieram de regiões mais pobres.

Tal situação aconteceu com a família da Sra. Hilda Völk, minha entrevistada. Ela nasceu na Alemanha e veio para o Brasil com seus pais e avós. Chegaram ao Brasil no dia 01 de janeiro de 1924. Trabalhando como dona de casa a Sra. Hilda viveu durante quase toda a sua vida na Colônia, no bairro da Água da Barra Mansa, apenas alguns anos antes de falecer foi morar com um dos filhos, a nora e uma neta em Assis. Ela teve dois filhos, um do primeiro casamento e o outro do segundo. Ambos os maridos eram de origem alemã. Seus filhos também se casaram com descendentes de alemães. Os netos e os bisnetos se dividem entre os casamentos entre iguais e os mistos. A Sra. Hilda era avó de Arnold Assmann.

Um dos aspectos importantes de sua vida foi o trabalho realizado dentro da OASE - Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas – que é um órgão dentro da Igreja Luterana, do qual participam apenas senhoras e desenvolvem diversas atividades voluntárias dentro e fora da própria instituição.

⁵² Thompson parte da perspectiva da experiência humana para apreender a vida social nas mais complexas relações. Cf. THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. Estudos sobre a Cultura tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

A nova realidade foi narrada pela Sra. Hilda. Ela conta o que a família achava do Brasil antes de conhecê-lo.

*Eles acharam que o Brasil era tudo, então eles acharam que eles casado de novo e vamos pra lá. Foi bastante gente pra lá, minha tia também, minha avó. E assim eles vieram, quando eles vieram aqui eles viram como é que era. Aí não tinha mais jeito de voltar. Minha mãe muitas vezes falava: Se eu podia voltar com a lua eu ia voltar. Não podia mais voltar, não tinha mais dinheiro pra voltar.*⁵³

A expectativa que a maioria dos imigrantes tinha em relação ao Brasil era a de encontrar um lugar onde pudessem buscar melhores condições de vida e, reconstruir suas vidas. As lembranças da Sra. Hilda indicam que a vinda para o Brasil consistiu em confrontar-se com diferentes culturas e, por isso mesmo, para muitas pessoas, foi difícil recomeçar. De todo modo, muitos imigrantes foram, aos poucos, se inserindo na sociedade brasileira. Outros tiveram maior dificuldade em se integrar e adaptar-se à nova vida e, dessa forma, emergiu o sentimento de frustração diante da nova realidade.

Esse estranhamento e desconforto frente à nova realidade não é específico desse grupo. Tais sentimentos também emergem entre os imigrantes italianos analisados por Flávia A. Oliveira que demarcou as transformações históricas e o confronto entre as culturas que os imigrantes italianos tiveram de enfrentar ao se confrontar com o novo continente, aliás muito diverso do europeu. Diz a autora:

Em determinados contextos históricos, essas transformações aceleram-se, pondo em curso mudanças profundas, pois o “outro”, que é o parâmetro do “eu”, é um outro que também está passando por um processo de mudança (...) Com efeito, a dor ou a alegria, as seguranças ou incertezas que envolviam os imigrantes no momento da partida, situavam-nos ante um desenrolar de situações de enfrentamento do novo que culminava com sua chegada à América⁵⁴.

Para muitos imigrantes, o desejo de retornar ao país de origem permeou toda a vida. Outros, que se inseriram com mais facilidade ou que já vieram com a intenção de permanecer, não cogitaram a idéia de retornar. A lembrança da Sra. Hilda reforça o fato de que sua mãe não teve uma vida fácil na Colônia Riograndense, portanto, tenta reafirmar o contexto de dificuldade que ela viveu.

⁵³ Entrevista com Hilda Völk em 24/04/03. Ela faleceu em 2007.

⁵⁴ OLIVEIRA. Op. Cit. p. 43.



Foto nº 10 - Vista da Igreja Luterana em meio à mata virgem – Década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Os últimos imigrantes chegaram até a década de 1950/60. Neste momento, os primeiros imigrantes já haviam se inserido na Colônia. Nesse período, com as transformações gradativas que ocorreram, os integrantes dessas últimas levadas encontravam uma Colônia parcialmente transformada, tanto no que dizia respeito ao aspecto cultural quanto à transformação da paisagem do campo (Foto 10), pois, aos poucos, foram derrubando a mata virgem, reconstruindo suas vidas e se integrando à sociedade brasileira.

Os relatos das experiências de vida dos imigrantes e migrantes expressam o verdadeiro sentido da construção da imagem sobre a exploração da terra. O tempo difícil na Europa, as privações causadas pela guerra, a luta pelo pão, levou as pessoas a buscar meios para construir uma nova vida, para serem livres na própria terra, vislumbrada na Colônia Riograndense como a *Terra da Promissão*.

Ao sair de sua terra natal, essas pessoas buscaram mudar de vida, e a Colônia foi o território escolhido para idealizar as suas conquistas. Explorar a terra significou, acima de tudo, o *meio de sobrevivência*, ao mesmo tempo em que possibilitou a muitos colonos a realização da conquista de seus sonhos, bem como, um meio de obter melhor qualidade de vida. Contudo, essa experiência, impregnada de percalços e contradições, significou, para muitas pessoas, frustrações e decepções.

Tanno, ao analisar as formas de inserção de imigrantes japoneses, reconstrói também a trajetória de inserção da sua família, que foi lembrada pela sua mãe, como tempos vividos com muita dificuldade e a necessidade de adaptação aos costumes brasileiros.

O dia-a-dia era de muito trabalho, a família sempre acordando às quatro da manhã para ir ao campo, além de as mulheres terem de ajudar nos afazeres de domésticos realizados por minha avó, que ficava encarregada da casa. Afora algumas particularidades, parece-me que a história de vida de minha família encontra paralelo com a de milhares de outros japoneses que vieram para cá na esperança de enriquecer rapidamente e voltar para o país de origem⁵⁵.

Foi possível apreender as diferenças culturais entre os próprios moradores na vida cotidiana da Colônia. Essas diferenças se concretizavam nas questões relacionadas à língua, pois os alemães e as pessoas de outras nacionalidades que vieram diretamente da Europa falavam o alemão culto, *Hochdeutsch*, ou então outro tipo de dialeto; e os gaúchos usavam o dialeto *Hunsrückisch*. Os hábitos alimentares, e o modo de se vestir de cada um se tornaram um diferencial cultural relevante no processo de integração entre eles.

Oliveira enfatiza o estranhamento com o “outro” já no momento da partida dos imigrantes italianos para o Brasil.

Certamente, o encontro de imigrantes no porto de embarque foi um dos momentos marcantes de suas vidas. Era naquele espaço que pessoas oriundas de diferentes regiões italianas começavam a mostrar umas às outras o que as aproximava e as distanciava. A percepção das diferenças podia se dar por meio dos sentidos da visão, audição e olfato. O primeiro possibilitava distinguir no outro seu modo de vestir, de alimentar-se, de gesticular, de portar-se, enfim, suas formas de comportamentos. Pela audição, percebia-se a sonoridade dos diferentes dialetos, além do som das canções cantadas ou tocadas, principalmente dos napolitanos. Pelo olfato, eram os cheiros do outro impregnado nas roupas e no corpo pelo uso de condimentos alimentares diferentes, pelos odores provenientes do próprio meio onde viviam ou mesmo pela ausência de higiene⁵⁶.

Outro aspecto, não menos importante, era a diferença em relação às profissões dos imigrantes. Muitos não sabiam trabalhar com a terra e tiveram de aprender com os vizinhos, parentes ou amigos, pois na Alemanha trabalhavam nas cidades. Outros, já trabalhavam com a

⁵⁵ TANNO, Janete Leiko. Formas de Sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade paulista. 1930 – 1970. In: HASHIMOTO, F; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. (Orgs.). Op. Cit. p.67.

⁵⁶ OLIVEIRA. Op. Cit. p.46.

terra lá e, por isso, tinham mais facilidade; e buscaram então aprimorar seus conhecimentos de forma a enfrentar as dificuldades e a precariedade desse período. Cada um tinha sua maneira de viver, seus hábitos e costumes, procurando conviver e compartilhar as experiências, numa dinâmica de inserção na comunidade.

No entanto, nesse processo de adaptação e ressignificação dos costumes, a convivência entre iguais foi fundamental para amenizar os sofrimentos, as angústias vivenciadas nos primeiros anos e, de certa forma, recriar alguns elementos da tradição alemã, procurando preservar a sua identidade.

Entrevistada que fez parte da trajetória da Colônia Riograndense é a Sra. Wilhelmina M. Edeltraud Knoch, esposa do Pastor Johannes Knoch. Nascida na Alemanha, ela veio para o Brasil em 1953 com 21 anos de idade. Lá, ela se especializou no cuidado com bebês e aqui auxiliou o marido a ministrar cursos aos jovens da Colônia Riograndense. O namorado, na época o jovem pastor, já havia vindo para o Brasil em 1952 para trabalhar na Comunidade Luterana da Colônia Riograndense. Quando ela chegou ao Brasil, um ano depois do namorado, casaram-se e passaram a viver na Colônia por muitos anos. Eles tiveram seis filhos. Desses, a maioria dos quatro filhos homens se casou com brasileiras. Das duas filhas mulheres, uma se casou com um membro da família Lamb, mas ficou viúva ainda recém-casada.

O pastor Johannes e a Sra. Wilhelmina trabalharam na Paróquia Luterana até 1975, quando se mudaram da Colônia, assumindo outras Paróquias luteranas em outras regiões do Brasil. Porém retornaram em 1993 para morar na propriedade que adquiriram na Colônia Riograndense. Como esposa do pastor da Igreja Luterana, a Sra. Wilhelminna conhecia e convivia diretamente com as pessoas, pois frequentava as casas das famílias, conhecia seus problemas, dificuldades, anseios e a maneira de viver de cada um. Tanto ela quanto seu esposo participavam de atividades ligadas diretamente à Igreja Luterana, à Cooperativa Riograndense, à escola, aos clubes; frequentavam as festas tradicionais, apoiavam os corais, enfim, tinham uma rede de sociabilidade bem dinâmica na comunidade.

A Sra. Knoch compartilhou intensamente essa experiência.

Eles (imigrantes) tinham trazido seus costumes e sua cultura da Alemanha, entrou muito a preservação, mas também há muitas diferenças, tinha estas características próprias e custou pra se igualar. Tinha pessoas que nem eram agricultores, eram da cidade e trouxeram seus costumes. Olha tinha

*muitas profissões, mas o sonho deles era a terra própria, a profissão só ficou defendido nas horas vagas, nas construções ou em troca com outros.*⁵⁷

Nas lembranças da Sra. Knoch, fica evidente alguns aspectos referentes à inserção dos imigrantes na Colônia. Se, de um lado houve interesse em preservar alguns elementos da cultura alemã, de outro, a diversidade dos modos de vida dentro do próprio grupo e a necessidade de integração na sociedade brasileira, impulsionou-os a se adequar aos costumes brasileiros, mesmo que para isso tivessem de deixar suas próprias raízes e procurar se adequar ao novo ambiente.

As profissões eram exercidas paralelamente ao trabalho com a terra. Trocar serviços com os outros foi muito comum na Colônia. Como havia muitas profissões diferentes, cada um fazia o que sabia, e assim ajudavam-se mutuamente. É evidente que, a partir de 1950 o trabalho sofre influências das transformações ocorridas em âmbito mais geral, pois as pessoas passaram a contratar serviços de terceiros, ou então, tornaram-se parceiros uns dos outros.

Para a Colônia vieram diversos tipos de trabalhadores: marceneiros, ferreiros, açougueiros, pedreiros, carpinteiros, ferroviários, jardineiros, trabalhadores de minas de carvão, bem como trabalhadores que já lidavam com a terra seja na Alemanha seja em alguns estados brasileiros. No entanto, as profissões mais diversificadas vieram da Europa. Quem veio do Rio G. do Sul e do Espírito Santo eram aqueles que já sabiam trabalhar melhor com a terra e conheciam alguns cultivos, como o da mandioca e também do milho. Dentre as profissões citadas acima, alguns trabalhadores acabaram montando seu próprio negócio na Colônia, paralelamente ao trabalho na lavoura.

Sabemos da instalação de um ferreiro que construía carroças, cabrestos, ferraduras, entre outros equipamentos do ramo. Um curtume também foi instalado nas proximidades da Colônia, sendo que este fabricava utensílios de couro como, cintos, uma espécie de sacola para pendurar no cavalo, arreios, selas e outros. Havia também um moinho para triturar o trigo que os agricultores produziam para o seu próprio consumo.

A partir da década de 1950, com o surgimento da bomba d'água à gasolina e, mais tarde, as bombas d'água elétricas, com o advento da eletricidade em fins da década de 1960, a vida das famílias dos imigrantes transformou-se rapidamente, visto que tudo isso possibilitou novas formas de relações de sociabilidade e de trabalho. A eletricidade foi um benefício que viabilizou melhorias a todas as famílias que, paulatinamente foram se adequando a esse

⁵⁷ Entrevista com Wilhelmina M. E. Knoch realizada em 26/07/02.

processo de transformação, caracterizando este período como uma etapa diferente da vivida até então.

A memória da Sra. Grete traz a tona lembranças que se alternam entre momentos bons e momentos difíceis, em especial no que se refere a manter a sobrevivência. Ela relata que

Porque também a falta de dinheiro naquela época, no tempo da alfafa aí tudo aflorou, mas antes da alfafa que era só criação de porcos, mas não é uma criação como hoje. (...) No tempo da alfafa sim, porque de 6 em 6 semanas podia cortar a alfafa, sempre entrava um dinheirinho, mas tinha tempos que vou ti contar. (...) Deu pra viver, né? Bom, a ilusão não deve ser lá muito alta, mas o que a gente precisava a gente graças a Deus sempre teve, sempre nós tivemos, nunca faltou nada.⁵⁸

A Sra. Grete lembra-se das dificuldades encontradas para sobreviver, mas embora consciente da dura realidade enfrentada, expressa com veemência a possibilidade de viver com algum conforto na Colônia, ao mesmo tempo em que suas lembranças se entrecruzam e se confundem, ora com os momentos mais difíceis, ora com os menos sofridos. Quando a Sra. Grete se refere às dificuldades financeiras é possível apreender o sentimento que ela tem sobre o passado em relação ao presente, ficando evidente que a família superou parte das dificuldades enfrentadas ao longo dos anos e que, apesar de afirmar que nunca lhes faltou nada, certamente houve momentos em que a família e ela foram privadas de muitas coisas.

Os problemas em relação às dificuldades financeiras e à organização do dinheiro em torno dos gastos, foram lembrados pela Sra. Emmi como parte fundamental das estratégias pela sobrevivência. Tinham que administrar o pouco dinheiro que trouxeram, pois tudo que adquiriam tinham de pagar à vista, como ela relembra.

E a gente precisava de um pouquinho pra comprar uma vaca, um porco, um cavalo, não podia gastar tudo na terra só, porque não dava nada a prestação, era tudo à vista. (...) Nós plantamos arroz no brejo (...) e isso foi a nossa primeira plantação, no meio dos toco assim joga milho, e depois quando colhia o arroz vendia lá pra Maracáí.(.....) Outras coisa pra comer a gente plantava, um pouco de batata doce, mandioca⁵⁹

A memória da Sra. Emmi parte do olhar que ela tem sobre o que viveu no passado. Mesmo considerando que, naquela época, não se consumia tanto, pois o aumento em relação

⁵⁸ Entrevista com Grete Wrede em 01/05/03.

⁵⁹ Entrevista com Emmi Bonkowski em 19/07/02.

aos gastos e consumo ocorreu gradativamente. Assim, é necessário levar em consideração as transformações econômicas, políticas e culturais, ou seja, as consequências das transformações mais amplas nas relações de consumo que culminaram em mudanças. Fica claro que havia uma grande preocupação em reservar certa quantia de dinheiro para qualquer eventualidade.

Se, por um lado, os imigrantes necessitavam comprar os animais para uso e consumo doméstico e havia a preocupação em ter uma reserva financeira para os gastos mais urgentes - prática adquirida supostamente das experiências de dificuldades que tiveram de enfrentar no país de origem -, por outro as lembranças da Sra. Emmi não evidenciam um aspecto tão importante nesse período, que foi o auxílio entre as pessoas, no qual, um ajudava o outro emprestando uma galinha ou um galo, um leitão para engordar, uma vaca para tirar leite e assim por diante. Mais tarde, quando seus animais já estivessem criados devolviam o favor a quem lhes ajudou.

No diálogo que estabeleci com meus entrevistados, foi possível apreender os sentimentos e as expectativas que cada uma dessas pessoas vivenciou no seu dia-a-dia. Buscando melhorias na qualidade de vida, por meio do trabalho com a terra, as pessoas foram se enraizando, construindo a nova morada através dos seus conhecimentos, seus costumes, sua maneira de viver, constituindo uma nova identidade, interagindo com as pessoas que moravam na região.

Donzelli, analisando o processo migratório em Penápolis/SP procurou ressaltar as práticas culturais difundidas historicamente pelos imigrantes e seus descendentes e constata que,

As várias formas de sociabilidade estão permeadas por elementos inerentes às especificidades de cada uma dessas práticas, servindo de sentimento de pertença a uma comunidade e também de sentimento de desligamento da nação de origem, para um processo de integração aos hábitos de uma comunidade que se configurava⁶⁰

Trabalhar coletivamente era uma questão de sobrevivência, pois a maioria dos imigrantes contava somente com a família e com os vizinhos. Toda a família participava do trabalho. Homens, mulheres, crianças, todos tinham de se unir e trabalhar. Seyferth, em seu

⁶⁰ DONZELLI, Cleivaldo A. Penápolis/SP no contexto migratório: os seus registros e significados (1940-1970). Revista Eletrônica do CEDAP. *Patrimônio e Memória*. UNESP – FCLAs. v.5, n.1, out. 2009. p.5.

livro *A Colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim*, também destaca a necessidade de organização em torno do trabalho, realizado por toda a família.

O trabalho na propriedade agrícola do colono alemão era exercido apenas pelos componentes da família: todos os seus membros, com exceção das crianças muito pequenas ou das pessoas muito idosas tinham sua parcela de trabalho, agrícola ou não. O maior ou menor desenvolvimento da produção agrícola numa propriedade dependia diretamente do tamanho e composição da família⁶¹.

Tanto os filhos mais jovens quanto os mais velhos auxiliavam no que fosse necessário. Começavam aos poucos, em cima da carroça, organizando a alfafa para que coubesse mais e logo já estavam arando a terra, primeiramente com os bois e, mais tarde, com os tratores, pois nem todos os colonos acompanharam o desenvolvimento e, muitos deles, adquiriram seus tratores anos depois de sua introdução na Colônia Riograndense.

A memória dos colonos trouxe à tona recordações de uma infância muito difícil na qual o trabalho competiu fortemente com os momentos de brincadeiras e de lazer. As crianças eram acostumadas ao trabalho e, geralmente associavam o trabalho a um caráter positivo. Essa concepção está profundamente enraizada na cultura do europeu.

O fato de ter de trabalhar desde criança era uma *questão de sobrevivência*. Em contrapartida, alguns jovens buscaram novas escolhas, diferentes das que os pais fizeram em outros tempos. Outros permaneceram enraizados no campo seguindo o exemplo dos pais, talvez por falta de opção ou mesmo pela própria escolha.

⁶¹SEYFERTH, Giralda. Op. Cit. p.75.



Foto nº 11 – Criação de porcos – Década de 1950 (Álbum de fotografias de Regina Boech)

A foto 11 revela alguns aspectos do dia-a-dia de uma família que, além de trabalhar na lavoura, tinha uma criação de porcos. Este é o momento em que um dos fotografados está tratando dos animais. Foi comum nessa época as famílias, além da produção de alfafa, criarem porcos para o consumo e também para a comercialização através da Cooperativa que encaminhava as negociações e transportava os porcos até o local de venda.

É interessante notar na foto que, os homens se direcionam para quem está fotografando, mas a mulher sai e, nem sequer espera pela foto. O cercado é de madeira e precário, diferente do que se construiu mais tarde, com piso, telhado e tijolos. Todas as construções ao redor, inclusive a casa - que está bem no centro da foto - são de madeira, comum nesse período da colonização.



Foto nº 12 - Família cuidando dos animais – Década de 1960
(Álbum de fotografias de Cristina Ziegler)

Na foto 12, as pessoas que estão sendo focalizadas retratam o cotidiano dos afazeres domésticos que envolviam o cuidado com os animais. Entretanto, parecem um tanto arrumadas para estar realizando essa tarefa. Provavelmente aproveitaram a presença do fotógrafo para tirar a foto e, assim registrar momentos de seu cotidiano. Nesta foto, as pessoas parecem estar mais interessadas em evidenciar práticas do dia-a-dia, como as atividades realizadas no trato com os animais, e focar a infraestrutura para a realização do trabalho. Aqui, provavelmente tenham jogado um pouco de comida para fazer com que os animais se aproximassem e pudessem posar para a foto.



Foto nº 13 – Cotidiano das famílias – foto tirada da entrada da casa – Década de 1960
(Álbum de fotografias de Regina Boech)

A foto 13 evidencia uma maneira simples de viver na Colônia Riograndense. A casa de madeira, mas com alguns cuidados que enfeitavam a casa e davam vida ao lugar. As cortinas nas janelas, as flores plantadas no chão e na parede, se parecem, mesmo que de forma singela com as casas na Alemanha. Apesar da simplicidade, as casas tinham um toque de delicadeza e muitas foram enfeitadas com cortinas nas janelas, flores, trabalhos manuais em tecido bordado, tanto para pendurar na parede quanto para colocar em cima dos móveis, entre outras. Como veremos mais adiante, essa forma de organizar a casa foi um dos motivos das divergências entre as mulheres gaúchas e alemãs, pois as que vieram diretamente da Europa e eram de uma classe social mais elevada conheciam melhor certos refinamentos que as outras mulheres, que eram de uma classe social menos privilegiada, desconheciam e nem podiam ter acesso a eles.

A escada, que leva à entrada da casa permite-nos observar que, como a maioria das residências, essa também foi construída um pouco alta do chão, pois temiam os perigos com os animais selvagens que habitavam a mata virgem. O destaque é para a mulher e a criança da entrada da casa. Mas havia ainda, além do homem e do menino numa das janelas, outra pessoa na outra janela, provavelmente outra criança.

Ecléa Bosi em *Memória do Trabalho*⁶² traz reflexões importantes sobre as lembranças que alguns dos seus entrevistados construíram a respeito do trabalho, pois a memória vem sempre acompanhada de uma valorização do trabalho realizado por eles.

Bosi discute também outro aspecto, pois ao recordar e ao narrar, os mais velhos transmitem o conhecimento adquirido aos mais novos, como uma forma de ensino, de conselho e de sabedoria - a arte da narrativa tão bem interpretada por Walter Benjamin que Ecléa resgata. Dessa forma, observei que as pessoas mais velhas buscaram transmitir aos mais novos as suas experiências, como tentativa de manter alguns elementos da sua cultura. Contudo, esse processo configurou-se numa relação permeada de conflitos e de tensões.

Para as gerações mais velhas, o trabalho exigiu um esforço físico muito grande, como já mencionei, pois todo o trabalho era realizado manualmente, com auxílio apenas dos bois e dos implementos que eles puxavam. Todavia, com a introdução das máquinas agrícolas, o trabalho tornou-se menos cansativo e mais rápido, entretanto, a responsabilidade aumentou. A memória dos mais velhos vem sempre acompanhada de uma valorização do trabalho realizado por eles e também de uma crítica, ou seja, *uma estranheza frente aos costumes atuais*⁶³. As lembranças do passado expressaram as ambiguidades que existiram, alternando-se entre perdas e ganhos.

Os meus entrevistados relembram das experiências do trabalho revelando com que intensidade as gerações mais velhas viveram formas de trabalho, acentuadas pela grande quantidade de tarefas desenvolvidas por eles no cotidiano. Mesmo que as gerações mais velhas se esforcem em ver que as coisas mudaram, que não são mais como eram na sua época, a tendência é ainda depositar as mesmas expectativas em relação ao trabalho das gerações mais novas.

As diferenças na maneira de pensar, na maneira de agir, nos hábitos, no trabalho, são evidenciadas pelos mais jovens através das perspectivas do presente e do futuro. Acostumados a seguir os ensinamentos dos pais nas questões ligadas ao trabalho e na maneira de viver em

⁶² BOSI, Ecléa. *Memória do Trabalho*. In: *Memória e Sociedade - Lembranças dos Velhos*. SP, Edusp, 1987.

⁶³ Idem. *Ibidem*.

geral, aos poucos, os jovens, homens e mulheres, foram se tornando adultos, passando a opinar e a seguir os novos caminhos escolhidos por eles próprios.

Às mulheres cabiam todos os tipos de trabalho. Cuidavam da casa e dos filhos, cozinhavam, lavavam, passavam, costuravam as próprias roupas e as roupas de cama. Cuidavam dos animais que produziam ovos, leite, penas para fazer travesseiros, até o ponto de consumir a sua carne. Trabalhavam no plantio da terra, ajudando de várias formas, pois realizavam o mesmo trabalho de um homem. Derrubavam o mato, preparavam a terra, auxiliavam o marido desde o cultivo até a colheita dos produtos.

Como não tinham com quem deixar as crianças, os mais velhos auxiliavam no trabalho e os mais novos ficavam brincando numa espécie de “chiqueirinho” construído de madeira pelos próprios pais. Os brinquedos daquela época eram oriundos da natureza. As espigas de milho, quando estavam no ponto de cozinhar, se tornavam as bonecas para as meninas. Tinham *cabelos* e as roupas eram da própria palha de milho. Para os meninos, os pais furavam as laranjas e tangerinas com pequenos galhos que se tornavam, na imaginação da criança, as vacas e os bois para brincar, pois já estavam acostumados à essa rotina.

A diminuição do trabalho das mulheres na lavoura aconteceu com a mecanização e com as melhorias que se foram adquirindo gradativamente.

Durante muitos anos, as famílias tiveram de tirar água do poço manualmente, lavar roupas nos rios, esquentar a água que tomavam banho ou então tomavam banho frio, até que passaram a desfrutar de alguns benefícios advindos da introdução gradativa dos recursos tecnológicos.

A maioria das senhoras costurava as próprias roupas da família. Elas utilizavam, além dos tecidos que podiam adquirir nos armazéns, também os sacos de tecido de algodão cru que vinham embalando as sementes de algodão e de trigo, tanto para a confecção de roupas para as pessoas quanto das roupas de cama. Os travesseiros e as cobertas eram confeccionados manualmente com penas de galinha, de ganso e de pato. Era um trabalho bastante minucioso, pois as penas tinham de ser levemente manuseadas para dentro das capas que as senhoras mesmo costuravam. Tinham de fazer isso num quarto fechado para evitar que as penas esparramassem por toda a casa.

Esgoto e água encanada vieram muito mais tarde. Enquanto isso, as canecas, baldes e bacias auxiliavam na utilização da água e as *privadas*⁶⁴ funcionaram por muito tempo como vaso sanitário.

A comida era cozida em fogões à lenha e os pães eram assados neles. Para passar roupa, era necessário utilizar a brasa do carvão para esquentar o ferro. As roupas eram lavadas na beira do rio, em cima de tábuas que eram utilizadas para bater a roupa. E, em seguida, enxaguadas diretamente no rio. As mulheres ficavam praticamente até com os joelhos dentro da água para realizar essa tarefa. Essa prática foi adquirida ao longo dos anos, através da convivência com famílias de brasileiros que também moravam na região.

O costume de lavar roupas nos rios adquirido na Colônia é lembrado pela Sra. Grete.

*No rio quando nós lavávamos roupa, mesmo aqui também, era tábua de bater roupa, como os brasileiros tudo né? Tinha aquela tábua, daí a gente batia as calças até elas ficarem limpas. Mas era duro!*⁶⁵

A dinâmica de inserção na comunidade da Colônia Riograndense e na região é relembrada pela Sra. Grete quando ela menciona o costume de lavar roupas, adquirido dos brasileiros, da mesma forma em que podemos apreender o sentimento de pertencimento ao lugar e ao mesmo grupo. Mesmo sem ter que lavar mais a roupa no rio, pois, mais tarde, com a água encanada, as mulheres passaram a lavar a roupa em casa, muitas delas ainda utilizavam a tábua de bater a roupa. Embora a Sra. Grete soubesse que havia diferenças entre eles, essas diferenças eram amenizadas, a partir do momento em que interagiam por meio das trocas de experiências.

⁶⁴ Privadas são pequenas casinhas construídas em cima de uma fossa que servia de vaso sanitário. Era menor que o tamanho de um banheiro comum.

⁶⁵ Entrevista com Grete Wrede em 19/07/02.



Foto nº 14 – Mulher à beira do rio – Década de 1970
(Álbum de fotografias de Regina Boech)

A foto 14 evidencia os modos de viver de muitas famílias que se instalaram próximas aos rios. Como havia dificuldade em relação à água, tinham de buscar um lugar onde pudessem usufruir da água mais facilmente até que, mais tarde cavassem um poço de água. A água do rio era utilizada, nos primeiros tempos, para os animais, para lavar roupa, para tomar banho e, inclusive para beber e cozinhar. Mesmo com os poços de água, as famílias permaneceram lavando as roupas nos rios e alimentando os animais durante muito tempo.

Mesmo que as pessoas viessem do lugar de origem com uma bagagem cultural diferenciada e mais aprimorada, tiveram de se adaptar às novas necessidades de sobrevivência e passaram a ressignificar práticas culturais, introduzindo novos elementos a ela.

O fotógrafo privilegiou a mulher pescando como principal objeto, mas focalizou também um ângulo, no qual foi possível ver, além da casa, que mais parece uma casa de campo atual, com suas escadas e uma área com vista para o rio, um carro da época estacionado em frente e pessoas correndo e brincando no rio.

As percepções da Sra. Olga Henschel trazem novos elementos sobre essa experiência. Ela nasceu na Alemanha e veio para o Brasil em 3 de dezembro de 1935, com os pais, para trabalhar em projetos de imigração nas fazendas de café do Estado de São Paulo. Instalaram-se num bairro chamado Castelo Branco, próximo ao bairro da Água da Estiva. Atualmente esse bairro pertence ao município de Cruzália/SP. A Sra. Olga era casada com um alemão e

teve três filhos. Seus dois filhos se casaram com esposas brasileiras e sua filha se casou com descendente de alemães.

Como membros e moradores da comunidade local, a família da Sra. Olga se integrou à Colônia Riograndense, tanto na Igreja Luterana quanto nas diversas festividades e atividades de lazer organizadas constantemente. Ela sempre trabalhou em casa. A Sra. Olga colaborou ativamente no trabalho realizado pela OASE. Cozinhou por muitos anos a galinhada oferecida nas festas tradicionais realizadas pela Igreja Luterana.

Dialogando com a Sra. Olga, foi possível apreender o olhar que ela tem hoje sobre o passado construído pela memória. Essa construção da memória revela as ambigüidades desse processo.

*Agora é tudo fácil, nossa é tão fácil, pras mulher é uma outra coisa.....*⁶⁶

As críticas da Sra. Olga em relação ao que ela viveu, em comparação com o que as mulheres vivem atualmente, tem fundamento se levarmos em conta a precariedade da vida e a falta de conforto daquela época, na qual ainda não se tinha alguns elementos básicos da vida moderna como energia elétrica, água encanada, telefone, dentre outros. Através dos tempos, as mulheres e as pessoas em geral sofreram profundas transformações em suas vidas, algumas como aquelas que provêm dos avanços tecnológicos que nos proporcionaram estarmos conectados com o mundo inteiro e viver numa realidade muito diferente daquela vivida por elas outrora. Contudo, as perdas também devem ser mencionadas.

A Sra. Olga não está levando em conta o “corre-corre” e as dificuldades enfrentadas pela mulher moderna. Se a situação das mulheres da sua época era difícil, do ponto de vista, nesse caso, doméstico, a realidade das mulheres mais jovens não é nada fácil também, pois se viram desempenhando várias funções ao mesmo tempo.

Sobre a construção do discurso dos atores sociais, como é o caso da Sra. Olga, Chartier afirma que,

Deve-se constatar que toda construção de interesses pelos discursos é ela própria socialmente determinada, limitada pelos recursos desiguais (de linguagem, conceituais, materiais etc.) de que dispõem os que a produzem. Essa construção discursiva remete, portanto necessariamente às posições e às propriedades sociais objetivas, exteriores ao discurso, que caracterizam

⁶⁶ Entrevista com Olga Henschel em 07/05/02. A Sra. Olga faleceu no mês de dezembro de 2009.

os diferentes grupos, comunidades ou classes que constituem o mundo social⁶⁷.

As mulheres com quem dialoguei me revelaram que durante o período de gravidez desempenhavam as funções de sempre. O fato de estar grávida não interferia no ritmo de trabalho cotidiano. Quase todas elas me disseram que trabalharam até o momento de parir, em casa, com o auxílio de uma parteira.

É o caso da Sra. Herta Weissheimer, minha entrevistada. Ela veio ainda bebê do Rio Grande do Sul para a Colônia Riograndense com seus pais. Era uma das sobrinhas de Michel Lamb e, filha de Gustavo Lamb, o primeiro presidente da Cooperativa Riograndense. Seus pais e seu tio se instalaram na Água do Macaco, considerado o núcleo central da Colônia Riograndense. Seu marido era de origem alemã e ela teve cinco filhos, se dedicando sempre aos cuidados da casa e da família. A Sra. Herta tem três filhos morando na Alemanha e os outros dois moram aqui no Brasil.

Na família dos pais, cresceu convivendo com o trabalho do pai e do tio na liderança da Cooperativa Riograndense, e na do esposo, anos mais tarde. Trabalharam voluntariamente na Igreja Luterana, participando das diversas atividades. A Sra. Herta também foi muito ativa na participação da OASE. Procurei por ela, especialmente por ser da família Lamb, e por acreditar que ela poderia me dar pistas sobre como foi o modo de viver das famílias pioneiras. A Sra. Herta Weissheimer era prima do Sr. Alvino. Ambos eram da família Lamb e já faleceram. A Sra. Herta em 2007 e o Sr. Alvino em 2009.

Um exemplo disso é lembrado pela Sra. Herta.

Quando nasceu o quarto filho, isso.....ele nasceu num sábado. Na sexta-feira nós tava roçando de foice um pedaço pra plantar feijão, aí nós falamos: a semana já vai terminar e vamos ver se vamos terminar, mas não conseguimos, porque de tarde tinha que tratar porco, tirar leite, porque tinha que tirar duas vezes no dia, porque pras criança ter leite fresco. E daí, vamos, vamos, não deu, não deu pra terminar. Então vamos sábado cedo, até dez horas vamos terminar. (.....) Eu sei que naquele sábado em vez de roça tinha nascido o nenê, nasceu naquela noite.⁶⁸

A realidade vivida pela Sra. Herta foi a mesma vivida pela maioria das mulheres que escolheram a Colônia Riograndense para recomeçar ou então, dar continuidade às experiências dos seus descendentes.

⁶⁷ CHARTIER. Roger. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*. vol. 7, n.13. Rio de Janeiro, 1994. p.106.

⁶⁸ Entrevista com Herta Weissheimer em 24/04/03. Herta Weissheimer faleceu em 2007.

A Sra. Herta lembrou da correria entre os vários afazeres domésticos, quando tinham de se organizar em torno do trabalho e do nascimento dos filhos, numa dinâmica que intensificou o processo de inserção na comunidade e estabeleceu uma rede de relações de sociabilidade entre eles, pois a partir dessa dinâmica passaram a conviver intensamente com os brasileiros que moravam na Colônia, ou nos arredores. Estes, geralmente eram empregados dos colonos mais abastados e também uma população de migrantes que veio da região do Norte do Brasil para trabalhar na colheita de algodão, especialmente entre as décadas de 1960 a 1970.

O processo de integração e inserção de descendentes de alemães com os brasileiros ocorreu de forma desigual e não-linear. Era na convivência e no relacionamento do trabalho e na vida cotidiana que isso acontecia. Como todos os membros da família iam até o local onde trabalhavam na lavoura, havia uma possibilidade maior de se encontrar, seja nos espaços de trabalho, seja na volta para casa, ou então, nos espaços de lazer e nas festas, nas rodas de chimarrão. Ou ainda nas festas improvisadas nas próprias casas das famílias, com danças, músicas e diversão, reunindo os parentes e amigos. De qualquer forma, as pessoas acabavam se encontrando e conversando, numa dinâmica que proporcionou uma integração e intensificou a rede de sociabilidade entre eles.

Do mesmo modo, isso ocorria quando as crianças nasciam, pois, como as mulheres pariam em casa, com a ajuda da parteira, os vizinhos que, muitas vezes eram brasileiros, passavam em suas casas para ajudar em algo ou mesmo para auxiliar no parto.

Na memória de quem conviveu intensamente com essa difícil realidade surgem lembranças de um período que está distante e, ao mesmo tempo, muito presente na memória, como é o caso da Sra. Herta.

Com quatro filhos, só na base da manivela, poço de 18 metros de profundidade e pra não só pra casa, pra roupa, pra animal, pra tudo. Era isso, não tinha conforto, nem força (energia), nada disso.⁶⁹

A Sra. Herta lembrou como foi difícil a realidade vivida por ela e sua família. Com vários filhos, ela expressa o que a grande maioria das famílias viveu ao se confrontarem com uma Colônia ainda muito precária. Vivendo sem conforto, ainda sem energia elétrica, foram aos poucos rompendo os obstáculos que encontravam.

⁶⁹ Entrevista com Herta Weissheimer em 24/04/03.

A Sra. Herta parece lembrar apenas dos momentos mais difíceis, uma espécie de elo eterno com o passado. Certamente, ela tem muitas boas experiências em suas lembranças, considerando que a Sra Herta era gaúcha e sua forma de inserção deve ter sido bem menos penosa que para muitas pessoas.

Gaúcho de Alto Feliz, região de São Sebastião do Caí no Rio G. do Sul, o Sr. Alvino H. Mielke é um dos entrevistados que possibilitou descortinar alguns aspectos das redes de relacionamentos entretecidas entre alemães e gaúchos. Ele veio para a Colônia em 1933 à serviço do seu tio Michel Lamb, que precisava de pessoas na lavoura de alfafa. No Rio G. do Sul já trabalhava na lavoura. Após seis anos de trabalho assalariado com o tio foi possível adquirir sua propriedade no bairro dos gaúchos. Casado com esposa de descendência alemã teve dois filhos.

A filha do Sr. Alvino se casou com um dos irmãos do Sr. Gustavo Reinecke. O seu filho, por sua vez, se casou com uma das sobrinhas da Sra. Olga Henschel. Exemplos de casamentos entre pessoas que se conheciam ou entre vizinhos, ou então que já tinham algum parentesco distante, se tornaram frequentes. Dessa forma, é possível perceber como as famílias foram entretecendo a rede de sociabilidade, que possibilitou às pessoas se apegar a um sentimento de pertencimento ao grupo, ao mesmo tempo em que permitiu a sua inserção na sociedade brasileira.

O Sr. Alvino foi um dos fundadores do clube que mais tarde passou a se chamar Clube da Curva, ficando sob os cuidados da Cooperativa Riograndense, pois, aos poucos, os associados não tinham mais como manter o clube funcionando. Nesse período, o clube era de madeira com uma pista de bocha e boliche. Ele também foi associado da Cooperativa Riograndense.

Nesse mesmo local, o Sr. Alvino construiu também um armazém de secos e molhados e havia também um posto de gasolina. Além do espaço de lazer, as pessoas adquiriam gêneros alimentícios de primeira necessidade e utensílios domésticos. Certamente, esse espaço físico tornou-se também um espaço de intensas trocas culturais e, especialmente um lugar social que possibilitou a formação de uma rede de sociabilidade entre a população.

Em relação ao trabalho, o Sr. Alvino lembrou as palavras ditas pela esposa, e como todos da família tinham de se dividir entre os afazeres da lavoura.

Eu não casei pra ficar em casa, eu casei pra ajudar o meu marido a trabalhar. Ela rastelou, eu fiz o monte, depois a Iria fez o monte já foi até

*junto na roça, depois o Haroldo começou, era pequeno e ficou em cima da carroça pra pular e abaixar a alfafa.*⁷⁰

O Sr. Alvino Mielke relembrou saudosamente os momentos vividos com a esposa que já faleceu. Suas lembranças em relação ao trabalho da família na plantação, em especial da esposa, reforçam o sentimento de que valeu a pena lutar, bem como é possível apreender o sentimento de valorização da família que permaneceu unida, principalmente no que diz respeito ao trabalho coletivo familiar⁷¹, como única forma de sobrevivência.

As redes de relacionamentos de sociabilidade foram sendo construídas ao longo dos anos. Alguns aspectos, como o acolhimento e as trocas de experiências, marcaram os relacionamentos entre iguais, e também com a sociedade brasileira, em que um ajudava o outro, pois necessitavam dessa integração. Desde a chegada, as famílias dos imigrantes alemães e seus descendentes contavam com o auxílio dos vizinhos ou dos amigos que já haviam se instalado na região. Esse costume surge com a religião que foi fundamental para as famílias sobreviverem e manter o ideal da conquista dos seus sonhos ao longo dos anos.

Portanto, a partir das redes de relacionamentos que as pessoas foram estabelecendo, emerge o “instinto de sobrevivência física, psicológica e cultural⁷²”. Manter a porta sempre aberta aos vizinhos e amigos permitiu a construção de relações de sociabilidade entre as famílias. Contudo, essa prática foi se transformando no decorrer dos tempos, consequência das transformações histórico-culturais ocorridas na própria Colônia que tornaram as pessoas mais distantes umas das outras, buscando realizar principalmente seus próprios interesses.

A Sra. Emmi relembra do passado e relata que,

*Foi muito difícil, todos, não só para o pai, mas para os filhos todos também, por isso que nós sabemos dar valor no que a gente tem. Porque nós aprendemos, a gente sabe como é duro, é difícil conseguir isso tudo, como hoje a juventude já não sabe mais, isso tudo vem fácil, tudo vem fácil e também sai fácil e, nós ainda temos aquela economia, isto, aquilo assim.*⁷³

As lembranças de um tempo difícil em que toda a família sofreu, servem para justificar o sentimento de valor dado às coisas que obtiveram. Assim, a Sra. Emmi comparou a

⁷⁰ Entrevista com Alvino A. Mielke em 30/07/02. Alvino A. Mielke faleceu em 2009.

⁷¹ SEYFERTH, Giralda. Op. Cit.

⁷² TANNO, Janete Leiko. Formas de Sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade paulista. 1930 – 1970. In: HASHIMOTO, F; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (Orgs). Cem anos da imigração japonesa. Op. Cit. p.65.

⁷³ Entrevista com Emmi Bonkowski Marth em 19/07/02.

dificuldade do passado atribuindo um significado positivo, ao mesmo tempo em que associa a “facilidade” dos dias atuais a um significado negativo.

A Sra. Emmi reforça o significado que teve, não só para ela, como para muitos imigrantes, o valor atribuído às suas experiências, as quais foram passando da geração dos pais para os filhos. Um significado que faz aflorar sentimentos múltiplos, que por vezes se entrecruzam na memória de quem participou desse processo. É compreensível que a Sra. Emmi, em suas lembranças, critique as gerações mais jovens por não valorizar da mesma forma que ela as conquistas obtidas num outro contexto.

A crítica vem carregada de historicidade, pois, se por um lado, a Sra. Emmi teve de batalhar pelas suas conquistas - por isso também que atribui valor positivo diante das adversidades enfrentadas -, por outro, é possível apreender como as transformações ocorridas, em especial no cotidiano das pessoas influenciou diretamente na forma com que cada um passou a viver e, dessa forma, adquirir outros hábitos, outras formas de pensar, diferente da época vivida pela Sra. Emmi. No entanto, isso não significa que as gerações mais jovens não tenham de lutar para conquistar sua profissão, seus bens materiais, enfim, seu espaço. Da mesma forma, é inoportuno julgar qual o significado que essas gerações atribuem às suas vivências e experiências.

A memória dos meus entrevistados evidenciou a presença de um espírito de solidariedade e de entrosamento entre as famílias, no qual, um ajudava o outro como podia. Mesmo insistindo na valorização que as pessoas atribuíram a essa dinâmica de trocas e de auxílio, certamente houve momentos que emergiram também outros sentimentos que se expressaram em tensões e descontentamentos.

Com o decorrer dos anos, as famílias passaram a usufruir de confortos proporcionados pelo seu próprio trabalho e de vários recursos que facilitaram o seu cotidiano. Também em relação à água encanada, telefone, energia elétrica, estradas, transportes, etc., foram melhorias significativas para o bem estar das famílias. O esforço físico, tão necessário naquela época, cedeu lugar para as máquinas e computadores que passaram a realizar o trabalho de muitas pessoas. Para os homens, o manejo com os tratores e com as máquinas para o cultivo tornou o trabalho menos árduo. Para as mulheres, o ferro de passar roupa, a geladeira, a máquina de lavar roupas, e outros recursos, foram se tornando parte do dia-a-dia delas e, conseqüentemente, facilitando seu trabalho, sinalizando que a experiência de imigração, para muitos deles, proporcionou bem-estar, um sentimento de pertencimento ao lugar e a criação de uma nova identidade.

Mas a modernidade e seus avanços causaram problemas de relacionamentos e distanciamentos entre as pessoas. A aceleração do mundo contemporâneo trouxe como consequência o “corre-corre” em busca de um lugar de destaque. A mídia que informa simultaneamente assuntos de toda natureza e expressa diferentes estímulos, tornou distantes os seres humanos. Muitas são as queixas dos meus entrevistados em relação à falta de solidariedade e do individualismo dos tempos atuais, muito diferente daquela época em que se trabalhava muito, mas se convivia intensamente.

Esse espírito de coletividade foi cedendo lugar a outras práticas que, ao longo dos anos, foram se transformando. A partir da introdução gradativa da mecanização da lavoura, da energia elétrica, da água encanada e tantos outros recursos que, não só passaram a facilitar a vida cotidiana das pessoas, mas também implicaram em mudanças estruturais e na mentalidade das pessoas, transformando as concepções que antes eram fundamentais em suas vidas e, que mais tarde expressaram um significado diferente, ou seja, algo que não fazia mais sentido na vivência com outros e que transformou os modos de se relacionar, reflexos de mudanças estruturais e muito mais complexas que ocorreram nos aspectos sócio-culturais e políticos.

Dessa forma, é possível relacionar essas transformações com as ocorridas na Colônia Riograndense, especialmente a partir da década de 1950, quando a tecnologia, mesmo que de forma ainda precária e parcial, passa a ser incorporada na comunidade.



Foto nº 15 – Vista da Colônia Riograndense – período pós-colônia - Ano de 2002
(Arquivo pessoal - Lídia B. Braun)

Nessa perspectiva, a Colônia Riograndense vai se caracterizando, no período analisado, numa pós-colônia, (Foto 15) sinalizando que essa Colônia não existe mais; passou por profundas transformações, pois não possui mais a mesma unidade. Ou seja, a língua, os costumes e as formas de relacionamento passaram por um processo de ressignificação e inserção na sociedade brasileira. Desse modo, se fez necessário desvelar os modos de viver do campo, ou seja, da Colônia Riograndense, incluindo espaços e temporalidades, de trabalho e de lazer, percebendo as singularidades culturais da vida no campo, em épocas distintas, as lutas, os conflitos e as composições existentes entre hábitos, valores, crenças, maneiras de morar, transitar e conceber o seu espaço.

A Colônia Riograndense, desde sua constituição, foi essencialmente agrícola. Construiu-se um forte elo entre o homem e a terra. Explorar a terra, lançar a semente e esperar os frutos, caracterizou-se na essência da formação e constituição dessa Colônia, ao mesmo tempo em que se pode observar como a terra se torna um referencial para as pessoas que lá viveram.

Foi nesse espírito de coletividade e de auxílio mútuo, tão fundamental para a vivência na Colônia Riograndense, que surge também nos primeiros anos de sua formação, a necessidade de se associarem em cooperativa, para facilitar a comercialização de sua produção. A memória coletiva atribui a Michel Lamb a iniciativa de criar uma cooperativa que pudesse proporcionar aos colonos várias facilidades para o cultivo de suas terras e comercialização de sua produção. Assim, em 1929 foi criada a Cooperativa Riograndense que surgiu a partir dos problemas enfrentados pelos colonizadores, principalmente em comercializar a alfafa produzida e vendida para São Paulo. A partir de 1950, ela passa por um período de transição, resultado das transformações ocorridas na própria Colônia Riograndense, que se insere no contexto de transformações gerais do Brasil e do mundo.

Nessa perspectiva, Milton Santos analisa que,

O espaço construído, o tempo histórico que se transforma em paisagem, incorporado ao espaço. As rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão do trabalho internacional manifestado localmente por combinações particulares do capital, das técnicas de trabalho utilizadas. Assim, o espaço, espaço-paisagem é o testemunho de um modo de produção nestas suas manifestações concretas, o testemunho de um momento do mundo⁷⁴.

⁷⁴ SANTOS, M. *Por uma geografia nova*. Da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1978. p.138.

Até a década de 1950, a Cooperativa ainda mantém elementos que se aproximam de um sistema de auxílio mútuo, marcante nos primeiros anos de colonização, pois ainda se trabalhava buscando o bem-estar coletivo da população; diferente do período posterior, quando ela se transforma numa grande empresa capitalista. Outra questão importante nesse processo, é que por volta da década de 1970 a Cooperativa Riograndense comprou um trator e alguns implementos para o uso coletivo dos associados, mas nem sempre foi possível atender a todos. Por meio da análise das fontes foi possível observar que esse sistema expressou diferentes opiniões, emergindo tensões e conflitos.

Dos anos de 1980 em diante, emergem novas relações de poder entre as pessoas. Novas formas produtivas são introduzidas na região e, conseqüentemente, na Cooperativa, transformando-a numa empresa capitalista que se expande em todos os setores, se iniciando uma nova etapa, tanto nas questões econômicas quanto nas relações de sociabilidade.

Rute Garcia Abib assinala que,

Acompanhar o desenvolvimento da Colônia Riograndense é reconhecer as perspectivas teóricas da penetração do modo capitalista de produção no campo, não apenas como processo exclusivo de expropriação e proletarianização do trabalhador rural, mas como um processo de subordinação crescente de seus agricultores ao capital, na medida em que ela se moderniza⁷⁵.

Essa experiência será discutida em seus pormenores no próximo capítulo.

⁷⁵ ABIB. R. G. Op.Cit. p.8.

CAPÍTULO II - A COOPERATIVA RIOGRANDENSE – APELO À MEMÓRIA DO PIONEIRISMO

2. 1. A Cooperativa Riograndense: a superação do isolamento

A Cooperativa Riograndense foi formalizada em 1929 e legalizada somente em 1939, servindo principalmente para auxiliar na comercialização da produção, afastando a atuação dos atravessadores e especuladores. No livro de Atas da Assembléia de instalação da Cooperativa de 06 de janeiro de 1931, é relatado o objetivo da fundação, no qual os agricultores não deveriam mais agir individualmente, mas sim, num espírito mútuo de cooperação e de união. “Ninguém poderá trabalhar mais em vosso proveito, a não ser a vossa Cooperativa⁷⁶”. Provavelmente, isso facilitou a fixação das famílias na região.

⁷⁶ Registrado em Ata no Primeiro Relatório da Cooperativa dos Agricultores Teuto-Brasileiros S/A, em 06 de

A Cooperativa teve “por objeto unir agricultores, lavradores e demais pessoas diretamente interessadas na exploração agrícola⁷⁷”. A idéia de fundar uma cooperativa surgiu do problema enfrentado pelos primeiros colonos para comercializar sua produção. Como a produção de alfafa se destacou no Estado de São Paulo, muitos produtores passaram a ter maior rentabilidade, podendo se beneficiar desse desenvolvimento.

O sistema cooperativo surgiu como forma de organização e defesa dos interesses dos produtores rurais da comunidade recém fundada. Conforme ela se organizou no decorrer dos anos, passou a atender os problemas de plantio, de transporte e de comercialização dos produtos, estendendo também as suas atividades no âmbito mais geral da comunidade, como no atendimento à saúde, na promoção de reuniões, festas e atividades esportivas.

Os maiores problemas enfrentados pelos colonos eram a falta de transporte e de comercialização, a dificuldade em adquirir sementes e insumos em geral, as pragas nas lavouras que prejudicavam a produção, e os baixos preços. A implantação das linhas de ferro da Sorocabana, passando pela cidade de Assis foi fundamental para que os agricultores enfrentassem alguns dos problemas, especialmente aqueles ligados ao escoamento da produção agrícola e, assim, contribuindo nos aspectos econômicos, sociais e culturais da região. De acordo com Tanno, “a instalação das linhas ferroviárias na cidade, vital para o escoamento da maioria da produção (...) simbolizando assim o não isolamento do interior, a comunicação, a integração com todo o estado de São Paulo, não só no sentido econômico, mas também social, político e cultural⁷⁸”.

Funcionando como um centro aglutinador na Colônia, nela se expressavam propostas de encaminhamento da vida cotidiana, impregnadas dos modos de viver e de pensar dos grupos que a construíram, nem sempre de maneira harmoniosa.

O cultivo predominante e que teve grande importância até 1950-1960 foi a alfafa, como já mencionamos, visto que Michel Lamb já produzia alfafa no Rio Grande do Sul e, conseqüentemente trouxe essa experiência para a Colônia. Dessa forma, ali os imigrantes encontraram boas condições climáticas e de solo para o plantio de alfafa. Lamb já conhecia todas as técnicas desse cultivo, como preparar o solo, como plantar e colher e também já tinha

janeiro de 1931. A primeira denominação da Cooperativa foi Cooperativa Agrícola Teuto-Brasileira que permaneceu com sede em São Paulo até 1939, quando foi legalizada e sua sede passou a ser em Assis. Em março de 1942, ela passou a chamar-se Cooperativa Agrícola Mista de Assis. Na década de 1950 contava com aproximadamente 350 famílias comercializando suínos e alfafa. Somente em 1964, a Cooperativa passou a denominar-se Cooperativa Agrícola Mista da Colônia Riograndense, com sua sede na Colônia.

⁷⁷ Idem, capítulo III do Estatuto da Cooperativa.

⁷⁸ TANNO, Janete Leiko. *Dimensões da sociabilidade e da cultura*: espaços urbanos, formas de convívio e lazer na cidade de Assis. Op. Cit. p. 54.

conhecimento sobre implementos utilizados, todos de uso manual com cavalos ou bois. Esse produto foi sendo gradativamente substituído por milho, trigo e soja, a partir da década de 1960.

O Sr. Gustavo conta que,

Entrou a fase da alfafa, deu muito bem, porque aí pelo menos a cada seis semanas, sete semanas entrava dinheiro vivo, né? Isso uma coisa boa, seja que também precisava trabalhar, isso não caiu do céu também, né?...⁷⁹

Para o Sr. Gustavo, o fato de entrar “dinheiro vivo” com a alfafa era importante, em comparação com o que aconteceu mais tarde, com o plantio de soja e de trigo, quando o dinheiro passou a entrar semestralmente. Mais uma vez é possível apreender nas lembranças a importância atribuída à necessidade de se ter uma reserva em dinheiro para eventuais contratemplos. O Sr. Gustavo também se refere ao momento em que a alfafa permitiu aos colonos melhorias nas condições de vida, no entanto, ele não deixa de mencionar a importância do trabalho efetivo ao beneficiar-se das conquistas e das melhorias.

Um aspecto importante a ser ressaltado é a contradição que o Sr. Gustavo não menciona, pois apesar de obter dinheiro mais rapidamente, o trabalho com o plantio de alfafa era muito maior do que se passou a ter depois da introdução de outros plantios, como o milho, trigo e soja, especialmente pela transição dos meios de produção. Além disso, o esforço físico cedeu lugar para o stress mental, aumentando, assim, as responsabilidades do agricultor, tendo ele mesmo que administrar e organizar a vida cotidiana e suas finanças.

O auge do cultivo de alfafa ocorreu entre as décadas de 1940 e 1950, quando atingiu uma produção considerável que era toda produzida visando à comercialização para a cavalaria do Exército e para a Prefeitura de São Paulo, que utilizavam os cavalos para coletar o seu lixo.

A partir dessa época, os colonos passaram a desenvolver outras atividades como a criação de suínos, o cultivo de algodão, de milho e outros produtos, todos em pequena escala. Porém, nenhum desses cultivos teve um rendimento como o da alfafa e nem como o do trigo e da soja, anos mais tarde.

Considerando a importância do plantio da alfafa na vida econômica e social dos colonos, e na conjuntura da própria Colônia Riograndense, cabe mencionar que, apesar do aspecto positivo atribuído a esse período, a produção da alfafa requeria muito trabalho e

⁷⁹ Entrevista com Gustavo Reinecke em 27/07/02.

tempo. Ressalto ainda que a partir de 1950, período proposto na pesquisa, a produção de alfafa já declinava e, gradativamente foi sendo substituída por outros produtos, como já vimos. Portanto, o período compreendido entre 1950 e 1960 pode ser considerado como transitório, e como um reflexo das transformações ocorridas num contexto mais amplo.

Com a mecanização da lavoura, o plantio de alfafa tornou-se inviável. Para o seu cultivo era necessário muito empenho por parte dos colonos, visto que ele era praticamente manual e o processo desde o cultivo até a colheita era bastante complexo.

Karl H. Oberacker realizou em 1941 um estudo sobre a Colônia Riograndense, no qual definiu as condições financeiras dos colonos. Oberacker afirma que,

No ano de 1941, quando visitada e estudada pelo autor (Colônia Riograndense), constituía uma das mais bem sucedidas e abastadas Colônias agrícolas fundadas por alemães e seus descendentes no Brasil. Contava com 213 famílias e uns 1170 habitantes. A cultura predominante e que dera origem ao seu bem-estar era a alfafa, vendida na capital do Estado. A sua riqueza era, porém, relativa; isto é, enquanto um colono em outra Colônia de alemães no mesmo Estado tinha uma receita de 4 contos, ou um colono no Espírito Santo de 2,3 ou até só de 1,8 contos por ano, a do colono em Riograndense era de cerca de 8 contos mais ou menos. É, todavia, precisamente essa a importância que o autor considera receita mínima para um colono que deseja manter um nível de vida europeu. O colono em Riograndense estava, pois (em 1941) ainda nessa situação enquanto que a grande maioria dos colonos alemães e seus descendentes eram condenados a sensível manifesta queda do seu standard de vida social e cultural em comparação com o nível de vida na Europa.⁸⁰

Com os primeiros tratores, movidos à gasolina, surge uma nova composição estrutural e social na Colônia, ou seja, a construção de uma nova imagem dela. Com os pequenos tratores, foi possível cultivar os produtos com menos esforço físico. Nesse período, a cavalaria do Exército, para quem a alfafa era vendida, já estava enfraquecendo, e o produto perdeu o seu valor comercial, afetando sobremaneira a produção na Colônia. As prefeituras, especialmente a da capital paulista, comprou grande parte da produção de alfafa para alimentar a cavalaria, a qual realizava a coleta do lixo. Com a mecanização do trabalho, a alfafa perde seu espaço também nesse setor.

A partir da década de 1960, a Colônia passou a produzir milho, trigo e soja de forma gradativa, estimulada pela tendência de mecanização e de inovações tecnológicas no campo,

⁸⁰ OBERACKER, Karl H. Die Kolonie Riograndense (im State São Paulo) und ihre Nachbarkolonien im Jahre 1941. *A Colônia Riograndense no Estado de São Paulo e suas Colônias vizinhas no ano de 1941*. In: *Jahrbuch für Geschichte*, Böhlau Verlag Köln Graz, 1965, p 397.

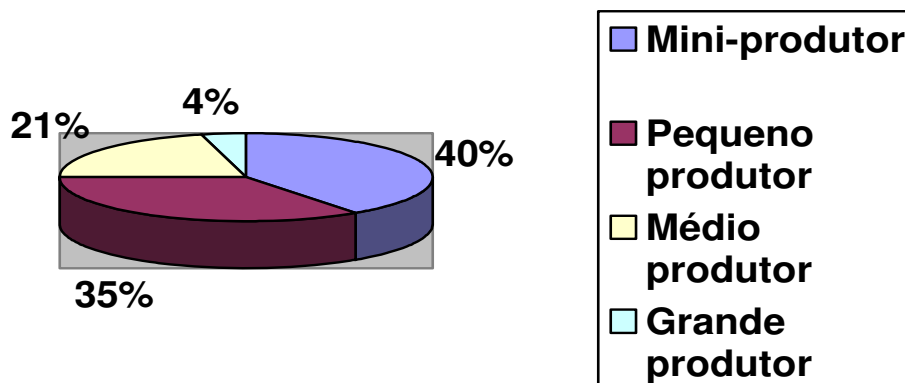
de forma mais intensa, a partir de 1970 e 1980. Os jornais da região destacavam o grande fluxo da produção.

Dentro de cinco anos, o Vale do Paranapanema produzirá 3 milhões de toneladas de soja e trigo e não haverá condições técnicas de transporte do produto in natura ou industrializado por rodovia. Para escoar essa mercadoria seriam necessárias 300 mil viagens no ano ou cerca de 800 caminhões por dia, o que é considerando inviável economicamente para os técnicos da Cooperativa Central de Cooperativas com sede em Assis⁸¹.

Em 1990 a composição fundiária da Colônia Riograndense se classificava em mini, pequeno, médio e grande produtores. Isso confirma a análise de que a pequena propriedade permaneceu ao longo dos anos, apesar de ter passado por um processo de transformações tecnológicas que intensificou a estratificação da população fundiária, se constituindo numa pós-colônia, grande produtora e exportadora de grãos, especialmente de soja.

O gráfico abaixo demonstra a composição fundiária na Colônia Riograndense nesse período.

⁸¹ *Jornal Voz da Terra*. Assis, 08 de maio de 1975. p. 01



0 – 10 Ha – Mini-Produtor

10 – 50 Ha – Pequeno Produtor

50 – 100 Ha – Médio Produtor

Acima de 100 Ha – Grande Produtor

Gráfico n° 1

Fonte: Relatório da Cooperativa Agrícola Mista da Colônia Riograndense - 1990

Por meio da análise dos estatutos da Cooperativa Riograndense, podemos observar que a preocupação da Cooperativa e de seus dirigentes sinalizava para os princípios de solidariedade, visando os interesses sócio-econômicos dos associados. Esses princípios permearam a vida das famílias desde o início da colonização, até aproximadamente a década de 1980, quando o espírito de auxílio mútuo acabou sendo deixado de lado para ceder espaço às transformações, tanto no âmbito econômico quanto no aspecto histórico e cultural.

Luís de Castro Campos⁸² defende a ideia de que as Cooperativas, no final do século XIX e começo do século XX, eram experiências que tentaram ser uma alternativa ao capitalismo. Entretanto, algumas Cooperativas diferem muito pouco de uma empresa capitalista, como foi o caso da Riograndense que, a partir da década de 1980, se expandiu muito, tornando-se uma grande empresa capitalista.

⁸² CAMPOS. JR. L. C. Op. Cit.

No Estatuto da Cooperativa registrado em Ata no ano de 1942 é possível apreender o objetivo da sociedade e suas operações.

Art. 12º - A Cooperativa Agrícola Mista de Assis, tem por objeto principal, unindo os agricultores que possuem propriedade rural ou exploração agrícola no território de operações da sociedade, promover a venda em comum de sua produção e a defesa de seus interesses econômicos.⁸³

Analisando a estrutura e o conteúdo das Atas, foi possível notar que tinham sempre uma mesma ordem, ou seja, iniciava-se com o cabeçalho de Atas, em seguida, a cotação do preço da alfafa e dos suínos, o pedido de admissão ou de demissão da sociedade denominada Cooperativa Riograndense. Por vezes, alguns associados eram convidados a se demitir, quando não cumpriam seus compromissos junto à Cooperativa. Esses compromissos estavam diretamente ligados à total lealdade dos associados em relação à venda e compra de produtos, pautados nos princípios de solidariedade e visando os interesses econômicos da Cooperativa e de seus associados.

Por último, discutia-se o item *Diversos*, no qual tratavam de assuntos relacionados, geralmente, à compra e venda de algo que fosse para melhoria da Cooperativa, bem como de assuntos polêmicos em geral, como por exemplo, quando algum associado comercializava sua produção com outras firmas. Nota-se que os dirigentes e associados eram bastante exigentes em relação às normas da Associação. Mencionavam, de forma bem rápida e sem especificações, que tratavam também de “questões sociais de menor importância⁸⁴”.

É importante ressaltar que, ao plantar alfafa, surgiu um novo aliado dos colonos: o dinheiro. O produto passou a ter valor comercial, diferente do período em que produziam apenas para sua subsistência.

Por volta de 1950, o número de famílias moradoras da Colônia Riograndense já era grande: aproximadamente 300 famílias, como já vimos anteriormente. Com isso, aumentava também a produção de alfafa e a criação de suínos. Nessa época, os colonos também plantavam milho, mandioca, arroz e feijão para a sua subsistência. Contudo, com a produção de alfafa e a criação de suínos visavam à comercialização e o aumento dos recursos financeiros.

⁸³ Registrado em Ata das Assembléias Gerais da Cooperativa Agrícola Mista de Assis em 01/03/42.

⁸⁴ Idem.

Enveredando pelas lembranças dos entrevistados, homens e mulheres, imigrantes e seus descendentes, foi possível evidenciar uma convivência na Colônia, permeada por princípios de solidariedades e de ajuda mútua no passado. Mas é importante ressaltar também que, desde os primeiros anos do cooperativismo na Colônia Riograndense, já havia a expectativa de atingir maior desenvolvimento entre os colonos e associados. Não havia a preocupação de abolir lucros e sim, de atender aos interesses que pudessem fazer com que os associados conquistassem melhores condições de vida.

Portanto, mesmo que a Cooperativa direcionasse suas prioridades, visando o seu crescimento e o dos associados, havia uma preocupação dos dirigentes da Cooperativa em não perder o controle da situação e, principalmente, eram rigorosos em relação às exigências e às normas estabelecidas pela Cooperativa, as quais, os associados deveriam cumprir.

Dessa forma, a Cooperativa surgiu como única possibilidade de sobrevivência das famílias de imigrantes. Unidos teriam mais chances de enfrentar e resolver os problemas ali vividos. Contudo, a trajetória da Cooperativa passou por profundas transformações históricas, caracterizando-se em agente transformador das condições sócio-culturais dessa região.

O período que se inicia por volta de 1950 e que vai até a década de 1990, é marcado por significativa complexidade. Analisando a trajetória da Cooperativa Riograndense foi possível apreender diversos aspectos de divergências que se expressaram em âmbito político, privado, nas diferentes opiniões sobre as novas relações de trabalho com incremento da tecnologia, e também nos distintos olhares sobre a forma de gerir a Cooperativa, bem como os diferentes significados atribuídos à sua expansão e crescimento.

Todas essas tensões foram evidenciadas na memória dos entrevistados e na análise das diversas fontes. Porém, ao analisar a trajetória, observo como emergiu também um sentimento de pertencimento ao grupo, tomando como base a identidade alemã que buscou se apoiar na memória do pioneirismo e na própria identidade alemã para usufruir de certos privilégios e de se projetar socialmente. Nessa perspectiva, o termo etnicidade é adequado “para designar não a pertença étnica, mas os sentimentos que lhes são associados: o sentimento de formar um povo⁸⁵”.

Na experiência desses imigrantes e migrantes que foram construindo a Colônia Riograndense, a Cooperativa exerceu um papel significativo, tanto na organização do trabalho e da produção, quanto na vida social. Nela também emergiram ou se centralizaram as disputas. Por seu intermédio, estimulou-se a plantação, o comércio e as ligações da Colônia com outras

⁸⁵ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Op. Cit. p.24.

cidades e regiões; alimentando-se tradições, e recriando outras, forjando-se novas maneiras de organizar a sobrevivência.

A partir das décadas de 1960 e 1970, com a introdução do processo de modernização na agricultura assim como com o incentivo do governo federal para se cultivar trigo e soja, houve desenvolvimento em vários aspectos da vida cotidiana e de trabalho. A partir daí, começa o processo de expansão da Cooperativa, surgindo novas filiais em toda a região.



Foto nº 16 - Vista aérea da Cooperativa Riograndense da Colônia – Dezembro de 1989 - Arquivo pessoal de Lídia B. Braun - Revista do Cinquentenário de fundação da Cooperativa Agrícola Mista da Colônia Riograndense.

A imagem 16, fotografada especialmente para a revista que comemorou o cinquentenário da Cooperativa Riograndense, destaca a sua infraestrutura. O fotógrafo buscou um ângulo que favoreceu a visualização de todas as construções que a compõe. A vista do alto reforça o aspecto positivo que a foto procura reafirmar, o de desenvolvimento e de poder econômico.

Nos anos iniciais, não houve a necessidade de se contratar muitos funcionários, visto que, a demanda era menor e os próprios associados realizavam grande parte do trabalho administrativo, delegando a poucos funcionários os trabalhos restantes. Do mesmo modo, a diretoria era composta por seus associados, todos de origem alemã, e não havia remuneração para exercer os cargos de liderança. Somente anos mais tarde à sua fundação é que os funcionários da diretoria e do conselho fiscal passaram a receber um salário para exercer suas funções.

Com o crescimento rápido e amplo a manutenção das atividades realizadas e a própria infraestrutura da Cooperativa Riograndense se tornaram muito dispendiosas, necessitando

também a contratação de profissionais qualificados para assumir cargos de responsabilidade e para compor o corpo administrativo da empresa, e uma grande quantidade de funcionários para atender a demanda em todos os setores, tanto de mão-de-obra não-qualificada quanto de mão-de-obra especializada. Esses funcionários vinham de cidades vizinhas: Cruzália, Maracaí e, especialmente de Assis. Era o ônibus da própria Cooperativa que os transportava.

Ao expandir-se, a Cooperativa procurou aumentar e qualificar o seu quadro de funcionários junto aos departamentos administrativos e burocráticos, e também contratou outros profissionais para atender as pessoas junto às questões sociais, tais como: assistente social, nutricionista, psicólogos, dentistas e médicos.

Às pessoas que moravam na própria Colônia restavam os cargos mais baixos que não necessitavam de maiores qualificações. É evidente que muitos filhos de agricultores buscaram se especializar em diversas áreas, mas foram poucos os que conseguiram trabalho na Cooperativa Riograndense, especialmente, ocupando cargos de destaque. As novas gerações buscaram alternativas de estudos, principalmente a partir dos anos de 1990, desvinculadas do trabalho na agricultura. Nesse sentido Chartier afirma que,

A realidade de uma posição social não é mais do que aquilo que a opinião social considera que ela é (...) a construção da identidade de cada indivíduo situa-se sempre no cruzamento da representação que ele dá de si mesmo e da credibilidade atribuída ou recusada pelos outros a essa representação⁸⁶.

Neto de alemães, Arnold Assmann nasceu na Colônia Riograndense. Morou na Água da Barra Mansa até recentemente, quando se mudou para a cidade de Maracaí. Foi criado em meio ao trabalho na lavoura, mas sempre trabalhou fora. Manteve um cargo na Cooperativa Riograndense durante doze anos e, atualmente trabalha em Maracaí, Mas nunca cursou nível superior. É casado com a neta da Sra. Hilda e tem dois filhos. A filha mais velha trabalha fora e compreende razoavelmente a língua alemã, mas não a pratica. Ela namora um jovem brasileiro. Sua esposa cultiva ainda a língua alemã num círculo mais privado e familiar.

Ele sempre participou das instituições, quais sejam de caráter religioso, de lazer, das festas tradicionais e de datas comemorativas. Fazia parte do grupo de jovens da Igreja Luterana e também do grupo de teatro que encenava peças no Clube da Barra Mansa. O interesse em entrevistá-lo se deve principalmente por ele ter sido um dos poucos moradores da Colônia, descendente de alemães, que trabalhou na Cooperativa.

⁸⁶ CHARTIER, Roger. Op. Cit. p.112.

Como ex-funcionário Arnold afirma que evitavam contratar pessoas da Colônia Riograndense com pouco estudo. Apesar de ter trabalhado lá, o número de funcionários vindos de fora foi sempre maior. Ele esclarece esse fato:

A maioria. Eles alegavam que nós não tínhamos estudo. Nós não éramos qualificados pra exercer cargos mais altos. Nós éramos assim a ralé, a mão-de-obra barata. Agora se precisava de um gerente, de um técnico, pessoal vinha de fora. Eu fiquei 12 anos lá dentro pra chegar num cargo de assessor. (risos)⁸⁷

Quando Arnold se refere àqueles que trabalharam na Cooperativa Riograndense, é possível perceber em sua fala ressentimento em relação à falta de qualificação ali presente. Isso se deve ao fato de a grande maioria dos filhos e dos netos dos imigrantes não terem mesmo algum tipo mais específico de qualificação. Geralmente eles terminavam o ensino médio ou então abandonavam os estudos antes mesmo de concluí-los, pois desde crianças tinham de trabalhar com os pais na lavoura, visto que a mão-de-obra era familiar. Apenas alguns deles buscavam especializar-se em áreas que poderiam atuar profissionalmente, tanto na própria Cooperativa Riograndense quanto em outras empresas da região. Restava aos filhos de imigrantes os cargos mais baixos, e a mão-de-obra mais qualificada vinha das cidades da região. Sendo assim, se constituiu, nesse momento, as novas relações de trabalho e as relações de poder que emergiram nesse processo de inserção.

Em relatório apresentado em 1989 pela diretoria da Cooperativa, consta o total de 270 funcionários trabalhando na matriz e nas quatro filiais, sendo que, a maioria era de cidades da região. Tanto associados quanto funcionários se encontravam nas festividades em comemoração ao aniversário da Cooperativa e nos eventos organizados pelo Clube da Curva, tais como *Festa da Imigração Alemã*, *Réveillon*, *Bailes Gaúchos*, *Festa do Chope e Oktoberfest*, dentre outros. Organizava-se também festas de confraternização de finais de ano entre os funcionários, incluindo a diretoria e os funcionários em geral, integrando-os e proporcionando uma maior aproximação entre todos os funcionários, tanto da matriz como das filiais.

⁸⁷ Entrevista com Arnold Assmann em 30/04/03.

Na tabela abaixo, pode-se observar que o número de associados cresceu significativamente entre as décadas de 1980 e 1990.

Associados da Cooperativa Riograndense – 1980-1990

<i>Ano</i>	Número de associados
<i>1980</i>	1.351
<i>1981</i>	1.495
<i>1982</i>	1.831
<i>1983</i>	1.516
<i>1984</i>	1.181
<i>1985</i>	1.763
<i>1986</i>	1.859
<i>1987</i>	1.841
<i>1988</i>	1.935
<i>1989</i>	2.084
<i>1990</i>	2.259

Tabela nº 2

Fonte: Relatório da Cooperativa Agrícola Mista da Colônia Riograndense. (1980 – 1990)

A trajetória da Cooperativa Riograndense exerceu grande influência na vida diária dos moradores e seus associados, bem como, no cenário econômico da região. Ao se expandir e tornar-se uma grande empresa capitalista, a Riograndense proporcionou à região um grande desenvolvimento, tornando-se importante componente da economia do Vale Paranapanema, especialmente com a produção de trigo e de soja.

Campos, em seu estudo sobre o cooperativismo na região do Vale Paranapanema, traz a seguinte reflexão.

O trabalho árduo iniciado com grandes dificuldades pelos imigrantes alemães, resultou na criação de uma cooperativa que proporcionou algumas melhorias aos produtores. De forma gradativa a pequena cooperativa foi apresentando um crescimento gradativo, se transformando numa grande empresa e se aparelhando para o beneficiamento de seus produtos através de uma racionalização de toda sua produção.⁸⁸

É importante ressaltar que a Cooperativa atingiu um nível considerável de desenvolvimento e que contribuiu para o desenvolvimento econômico da região. Consequentemente, permitiu melhores condições de vida para os seus associados. No entanto, nem todos conseguiram acompanhar esses avanços e nem mesmo desfrutaram das mesmas

⁸⁸ CAMPOS JR. Luís de Castro. Op. Cit. p. 113.

vantagens e oportunidades oferecidas a outros associados. Como veremos, houve momentos em que os dirigentes da cooperativa privilegiaram alguns e marginalizaram outros associados, numa dinâmica que representou a disputa pelo lugar social.

Outra questão importante é que o fato da Cooperativa Riograndense transformar-se numa *grande empresa capitalista* não significou necessariamente que ela se mantivesse equilibrada financeiramente, mantendo o controle da situação. O seu desenvolvimento permitiu o fluxo de um gigantesco capital de giro que, conseqüentemente, possibilitou o crescimento amplo da Cooperativa em todos os setores e projetou socialmente uma parte dos associados, viabilizada pelo apego a identidade alemã, especialmente a partir da década de 1980.



Foto nº 17 - Cursos realizados na Cooperativa Riograndense para cooperados – Década de 1980
(Álbum de fotografias de Regina Boech)

Cabe ressaltar também que a partir dos anos de 1970 e 1980 houve a necessidade dos agricultores se atualizarem em termos da utilização de recursos mais modernos na lavoura por meio de cursos oferecidos pela própria Cooperativa (Foto 17 - Nela vemos Dagobert Rieger, quase ao centro, na primeira fileira, outro entrevistado que apresentarei mais adiante). Quem não buscasse atualizar-se, perderia espaço diante da concorrência que ia se impondo também no campo. Além disso, a produção crescia, e a Cooperativa tinha de aumentar sua capacidade de armazenagem e oferecer qualidade aos seus associados, pois a competitividade do mundo capitalista proporcionou a outras firmas ocupar o lugar da Cooperativa em determinadas situações e momentos.

Isso acarretou uma nova relação entre os associados e entre os funcionários. Talvez isso tenha contribuído para que fossem perdendo o controle da situação e, ao mesmo tempo, colaborando para que as falcatruas, corrupção e a má administração fossem se tornando parte da rotina da Cooperativa.

Conversando com o Sr. Gustavo sobre a trajetória dos presidentes da Cooperativa, ele revela a visão que tem dos primeiros presidentes.

E sempre foi escolhido também gente que tinha pelo menos um pouco curso, estudo em administração, em agrícola. Mais financeiras, isso sempre foi pego gerentes e aí tinha também já anos atrás gerentes ruins que organizavam pro bolso deles, isso aí não é novidade até nos últimos gerentes aqui que faliu em resto. O principal é não fazer passos maior e os primeiros presidentes, isso ninguém pode negar sempre era cuidadoso.⁸⁹

Alguns aspectos devem ser observados. Havia a preocupação dos associados em escolher os dirigentes mais aptos e com conhecimento em administração, para assumir o cargo da presidência e outros de maior responsabilidade na Cooperativa Riograndense. Outro aspecto que deve ser assinalado é que, se por um lado havia a preocupação em escolher bem os presidentes e, isso é reforçado pelas lembranças do Sr. Gustavo quando menciona que as gestões administrativas eram mais cautelosas em relação às finanças; por outro, Sr. Gustavo expressa que havia interesses pessoais envolvidos nas gestões anteriores.

É importante ressaltar que, o fato dos dirigentes terem conhecimento sobre finanças e administração não os impedia de cometer erros e fazer uso indevido do dinheiro da Cooperativa para satisfazer seus próprios interesses. Isso nos leva a verificar como as tensões vão aparecendo nas lembranças de quem viveu intensamente esse processo.

Por volta do final da década de 1960, os produtores rurais passaram a plantar outros produtos, como foi o caso do algodão. Em função das baixas dos preços dos produtos e das pragas que invadiram as plantações, os agricultores buscaram desenvolver novas atividades. O cultivo do algodão também trouxe problemas desse tipo.

Após esse período, passaram então, a produzir milho, trigo e soja. Num breve histórico sobre a Cooperativa realizado em função das comemorações de seus 50 anos, constam algumas explicações sobre essas mudanças, como podemos observar.

⁸⁹ Entrevista com Gustavo Reinecke em 29/04/03.

Como não compensava mais trabalhar com os produtos até então cultivados em virtude dos baixos preços e também das doenças, os agricultores começaram com o cultivo de algodão, isto em 1968 e 1969, quando também começaram com outras atividades, pois já naquele tempo, sofriam com os baixos preços, aí passaram a cultivar soja, trigo e milho, e até hoje a Cooperativa Riograndense vive em função destes três produtos.⁹⁰

O jornal Voz da Terra destaca os fatores que incentivaram os agricultores a plantar soja e trigo.

Segundo o Dr. Plácido Buchianeri Filho, houve fatores essenciais que levaram muitos agricultores a pensar no plantio do trigo e da soja em 1975, como possível solução para seus problemas de aplicação e probabilidade de lucro. Estes fatores podem ser esquematizados da seguinte forma: a) preço compensador estabelecido pelo governo de aproximadamente 100 cruzeiros por saca; b) fracasso da lavoura de algodão devido aos preços baixos da última safra; c) grande sucesso das duas safras anteriores de trigo⁹¹.

O campo já vinha passando por transformações⁹², especialmente pela mecanização e modernização na agricultura nas décadas de 1960 e 1970, quando a Cooperativa e os agricultores alcançaram um desenvolvimento considerável. Abib traça um panorama histórico da fundação dessa comunidade, enfocando o avanço econômico como responsável pelo desenvolvimento da Colônia através da Cooperativa, pois como a autora afirma, “neste momento em que a Cooperativa Agrícola Riograndense se moderniza, ela deixa de ser uma Cooperativa de reprodução simples e reveste-se de um novo status: Cooperativa do tipo empresarial.⁹³”

Com a introdução e o plantio de novos produtos, especialmente o trigo e a soja, entre as décadas de 1960 e 1970, a Colônia, por meio das lideranças da Cooperativa, assiste as novas mudanças. A partir daí, a Colônia passou a se destacar no cenário da economia regional, aumentando o poder aquisitivo dos agricultores alemães, bem como se beneficiando de melhorias nas condições de vida, diferente da etapa inicial do cooperativismo na região. Vale

⁹⁰ Histórico da Cooperativa Riograndense – 1989, em comemoração aos seus 50 anos de trajetória.

⁹¹ *Jornal Voz da Terra*. Assis, 03 de maio de 1975. p.4.

⁹² Acompanhando a reflexão de FENELON sobre a interlocução entre passado e presente e, a partir disso a compreensão das transformações, ela afirma que: “*a História faz sentido como fonte de inspiração e de compreensão, não apenas porque pode fornecer os meios de inter-relação com o passado, mas também porque nos permite elaborar o ponto de vista crítico através do qual se pode ver o presente*”. Cf. FENELON, Déa R. O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo. In: *História & Perspectivas*. Uberlândia, 1992, p. 9.

⁹³ ABIB, Ruth. G. O. Op. Cit. p. 190.

reforçar que após a década de 1980, surgem novas filiais em toda região, em Assis, Maracá, Cruzália e Tarumã.

O Sr. Gustavo relembrou os primeiros passos dados em relação à expansão da Cooperativa, dos quais ele teria participado. A memória vem carregada de críticas que buscam justificar os fatos.

Não. Eu justamente, quando ela começou de crescer, 78, 79, eu era conselho fiscal da Riograndense, aí a diretoria queria já fazer aquela época em Cruzália a filial, eu tava contra. Como conselho fiscal eu pessoalmente estava contra por certos motivos. Porque quando se faz mais um pátio você precisa mais gente e gente bom pra administrar. E isso aquela época eles não tinham. Aí eles ainda se calmaram um dois anos, quando eu não estava mais na diretoria, no conselho fiscal, aí eles conseguiram fazer a cabeça de mais gente pra fazer a filial em Cruzália. (.....) Uma Cooperativa quando ela quer se expandir, ela tem que saber como e que que ela vai fazer. (.....) Isso tem que ser muito bem administrado, muito bem calculado, quantos grãos têm nessa região, se é possível, sim ou não.⁹⁴

Heinrich F. Theodor Hoffman sempre morou na Colônia Riograndense. Foi funcionário da Cooperativa Riograndense durante doze anos e, além disso, foi também associado. Sua mãe nasceu no Espírito Santo, porém, foi para a Alemanha ainda criança e voltou de lá já uma adulta. O pai veio da Alemanha para o Brasil com 12 anos, mas nem a mãe nem o pai foram diretamente para a Colônia. Seu pai trabalhou em uma fazenda em Rio Claro e mais tarde na Fazenda Bráulio Barbosa em Cambará, no Paraná. A mãe trabalhou como governanta na mesma fazenda. Lá os dois se conheceram, se casaram e mais tarde foram para a Colônia. Ele mora com sua esposa, que é de origem alemã, na Água da Barra Mansa. O filho casou-se recentemente com uma brasileira. Sua irmã Johanna Ziegler também é uma das minhas entrevistadas.

É uma pessoa considerada e respeitada por todos. Tem um nível de conhecimentos e de instrução elevados, apesar de não ter tido a oportunidade de cursar uma faculdade. Lê todo o tipo de literatura. Em relação ao alemão, lê, escreve e traduz textos muito bem. Tem conhecimentos sobre a formação e constituição da Colônia Riograndense que contribuíram para esta pesquisa.

Escolhi o Sr. Heins, especialmente por ser uma pessoa respeitada pelos seus conhecimentos e pelas redes de sociabilidade que construiu na comunidade, na participação efetiva nas atividades que eram realizadas na Igreja Luterana, na Cooperativa Riograndense,

⁹⁴ Entrevista com Gustavo Reinecke em 29/04/03.

nos clubes, nos corais, nas festas e pelo bom relacionamento que manteve com os vizinhos e com a comunidade em geral. Sr. Heins tocava no conjunto musical organizado pelo próprio Clube da Barra Mansa que se localizava no bairro onde ele sempre morou. De certa forma, por meio do seu depoimento, foi possível evidenciar a trama das relações de sociabilidade vivenciadas entre alemães e gaúchos que foram se entrecendo.

O Sr. Heins compartilha a visão do Sr. Gustavo no que se refere à expansão da Cooperativa. Uma visão que procura justificar a falência da Cooperativa partindo do olhar de hoje, como ele diz,

A meu ver a Cooperativa, a área de ação vamos falar área de ação, devia ser limitada. (.....) Aí, então tinha que ser...aí queria construir um silo, além dos outros já feitos aqui, Iepê, Paraguaçu, fizeram em Cruzália, tudo bem, fizeram Tarumã, pra quê? Só cana lá. Em Assis, tudo bem, lá era o terminal ferroviário. (.....) Mas eu acho, sempre achei errado querer expandir demais, eles perdem o controle.⁹⁵

Tanto o Sr. Gustavo quanto o Sr. Heins expressam com veemência que eram contrários à expansão da Cooperativa Riograndense. Segundo eles, a ampliação da Cooperativa em âmbito regional necessitava de capital financeiro e mão-de-obra qualificada. Ambos reforçam que era necessário planejar e administrar corretamente para evitar o descontrole da situação econômica. Lembranças que procuram realimentar os momentos vividos, permitindo conviver de forma satisfatória com o passado.

Contudo, as lembranças vêm carregadas de ressentimento, o que se justifica pela falência da Cooperativa Riograndense. Foi após o período de expansão e de crescimento que ela se torna uma grande empresa, nos moldes capitalistas. Isso aconteceu com a maioria das cooperativas instaladas no Brasil. O processo de desenvolvimento e expansionismo das cooperativas ocorreu de forma gradativa, forçando-as a se adequarem ao novo sistema que emergia, pois a cooperativa que não se modernizasse perderia espaço no mercado econômico.

Com o objetivo de tentar compreender um pouco mais as redes de relacionamentos que foram sendo entrecidas no âmbito da Cooperativa, procurei Adêmio Fetter para entrevistar. Ele nasceu na Colônia, na Água da Barra Mansa. É descendente de gaúchos de origem alemã. Casou-se com uma brasileira e tem três filhos. O filho mais velho se casou com a neta do Sr. Alvino H. Mielke que, domina bem a língua alemã. Adêmio tem parentesco com a família

⁹⁵ Entrevista com Heinrich Hoffmann em 30/04/03.

Lamb, pois sua bisavó era irmã de Michel Lamb. Em 1956 mudou-se para Porecatu, no Estado do Paraná, onde mais tarde ele cursou a faculdade de Administração.

Voltou para Colônia em 1975, especialmente para trabalhar na Cooperativa Riograndense. Naquela época, a Cooperativa ainda não tinha muitos funcionários e, segundo ele, foi o sétimo funcionário contratado. Ex-presidente da Cooperativa e ex-prefeito de Maracaí, Adêmio é figura polêmica entre a comunidade. As opiniões se alternam, às vezes referindo-se a ele como herói, outras vezes como vilão. Ao entrevistá-lo, foi possível evidenciar como a Cooperativa Riograndense e a sua diretoria, da qual, ele também fazia parte, a partir dos anos de 1980, se apegaram à identidade alemã, buscando uma projeção social na região.

Em conversa com o ex-presidente da Cooperativa Adêmio Fetter, ele relembra das vantagens que os associados obtiveram em relação aos convênios médicos.

Todo mundo achava, só porque era associado da Riograndense, tinha dinheiro, tinha que tomar o dinheiro do cara. (...) Aí teve três médico corajoso, que se chamam: Arílton José de Oliveira Lima, Gilberto de Almeida Jr., e Ézio Spera. (...) De repente, nós estávamos com 252 médico no convênio. (...) Se o associado tinha ou não tinha dinheiro, ele era tratado. Se ele só podia pagar na safra, ele só pagava na safra. (...) Tem que ter a idéia e a coragem de fazer. (...) Aí entramos em laboratórios, entramos em farmácias. (...) Aí de repente, os dentistas entraram no convênio também.⁹⁶

Analisando alguns aspectos da narrativa de Adêmio, é possível apreender, em primeiro lugar, que o associado da Riograndense mantinha *status* na região, pois se apegou a identidade alemã e à memória do mito fundador, criando uma imagem de homem de negócios privilegiado financeiramente. Mesmo que a realidade não fosse assim para todos, o fato de ser associado lhe dava uma imagem de respeito, ao mesmo tempo em que isso causava algum tipo de exploração. Ao conseguir os convênios, a Cooperativa passou a oferecer vantagens aos associados.

Nesse caso, a Cooperativa passava a assumir antecipadamente a dívida e o associado poderia quitá-la quando pudesse. Dessa forma, podemos considerar que, a partir daí, a Cooperativa passou a trabalhar com um capital bastante elevado, pois os gastos para manter toda essa infraestrutura e os benefícios assegurados por ela geravam altos custos.

⁹⁶ Entrevista com Adêmio Fetter em 18/01/03.

Através dos relatos dos entrevistados e da análise das fontes, foi possível evidenciar uma idéia de progresso, inserida tanto na experiência da Cooperativa quanto na própria Colônia. Os meus entrevistados acabaram reforçando essa noção de progresso tão destacada pela memória coletiva construída ao longo dos anos pela própria direção da Cooperativa e por seus associados, e que se apoiou na memória do mito fundador.

Contudo, foi possível apreender que o relacionamento da comunidade com a Cooperativa ia além de só receber benefícios e vantagens, pois se apropriaram da condição de descendentes da cultura alemã e foram utilizando sua identidade conforme a necessidade os direcionava. Tal perspectiva se aproxima do conceito de Lesser, que analisa o processo de inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade brasileira como forma de *negociação*, pois segundo ele ser *nipo-brasileiro* passou a depender de interesses sociais, políticos e econômicos⁹⁷

O momento de expansão e de crescimento da Cooperativa é também o momento em que ela vai aprofundando a estratificação através dos privilégios concedidos a alguns associados, aumentando, assim, os seus gastos. À medida que ela se desenvolve, ela também passa a estabelecer novas relações de produção e de sociabilidade. Portanto, passam de uma experiência de solidariedade e de auxílio mútuo para outra, na qual, as disputas por lugares sociais passam a ser mais significativas, em virtude de um processo amplo e complexo que ocorreu numa dimensão econômica e tecnológica que também afetou o campo e a cidade, tanto no Brasil quanto no mundo. Muitos se sentiram marginalizados nesse processo.

No diálogo com o Sr. Gustavo, procurei investigar se havia alguma forma de marginalização no tratamento da Cooperativa com os associados, e, se houve, quais seriam essas formas e se ele próprio teria sido marginalizado. Questionando se todos recebiam o mesmo tratamento, ele conta que,

Não todos. Por exemplo. Isso lá foi feito esse erro da diretoria, isso aí eu tenho que colocar já que nós chegamos nesse ponto. Quando a Fazenda Santa Maria aqui em frente a nossa porta foi aberto, eu era jovem, meu vizinho também era mais jovem, nós queríamos só 20 alqueires de terra aqui, porque estava na frente a nosso nariz, mas eles não deram pra nós. Esses aí, eles ganhavam dinheiro, 5 milhões aquela época cruzeiros, o Banco Econômico em Maracá pra abrir essa Fazenda, e só certas pessoas ganharam esse dinheiro pra fazer esse serviço. Mas isso foi dado pra Cooperativa pra ela dá pra certas pessoas, sim, foi dado pra certas pessoas. Mais devia ser um pouco mais dividido. (.....) O Banco tinha um dinheiro pra

⁹⁷ LESSER. J. Op. Cit.

vamos dizer, pra a Cooperativa expandir mais as áreas, pra produzir, pra expandir. (...) Eu não quero cita nomes, mas hoje essas famílias tão desaparecidas e estava sempre sentada na porta e sabia quando tem dinheiro dos fundos perdidos do nosso regime, do governo federal. A Cooperativa de vez em quando pegava umas coisas dessas aí e tinha gente que sabia e ganhava e tinha gente que sabia e não ganhava. .⁹⁸

O Sr. Gustavo se refere aqui a empréstimos que a Cooperativa podia fornecer através do Banco Econômico, mas que acabava privilegiando somente aqueles mais engajados e mais próximos dos dirigentes da Cooperativa. O que o Sr. Gustavo talvez tenha dificuldade em aceitar é que, em se tratando de uma empresa desse porte, os arranjos políticos e as negociações são inevitáveis. Isso aconteceu também em relação a lotes formados para a venda. Geralmente, o que acontecia é que os grandes produtores sempre eram beneficiados entrando em lotes que ofereciam melhores preços. Os pequenos acabavam entrando em lotes com preços mais baixos.

Arnold foi funcionário da Cooperativa por doze anos e lembra como isso acontecia.

Você entrava naqueles lotinhos que ninguém....Agora o grandão chegava, fechava um lote, tipo assim, eles ligavam pras pessoa, óh tem lote, tal....(.....) O grande, ele já tem o nome lá fora. E outra, os grandes nem traziam o produto pra nós mesmo, né? Já ia direto, venda direta. Eles tinham mais direito a entrar em grandes lotes, preços melhores e como eles compravam insumos em grandes quantidades, preços melhores novamente. Foi a época que cara grande ficaram rico. Ela beneficiava nesse sentido.⁹⁹

Arnold reforça o que o Sr. Gustavo já relatou em relação aos privilégios. O poder exercido por um grande proprietário era indiscutível. Ele foi o mais beneficiado em todos os aspectos, pois, na maioria das vezes, o grande proprietário usufruiu mais das vantagens do que colaborou, ao deixar de vender seu produto através da Cooperativa e, quando vendia, conseguia os melhores preços. O mesmo acontecia em relação à compra de insumos agrícolas. Por comprar em grandes quantidades, conseguia sempre os preços mais baixos.

Analisando sobre as múltiplas funções que permeiam o imaginário da vida coletiva, Bronistaw Baczko defende que “as ciências humanas punham em destaque o fato de qualquer

⁹⁸ Entrevista com Gustavo Reinecke em 29/04/03.

⁹⁹ Entrevista com Arnold Assmann em 30/04/03.

poder, designadamente o poder político, se rodear de representações coletivas. Para tal poder, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico¹⁰⁰,

Os meus entrevistados têm quase sempre a mesma postura em relação à opinião deles sobre a importância da Cooperativa em suas vidas. A memória traz uma valorização em torno da trajetória da Cooperativa, mas fica evidente que a maioria dos associados não acompanhava de perto as questões econômicas e administrativas dela, nem mesmo tinha acesso às informações mais exatas sobre procedimentos e valores reais gastos pela Cooperativa em todos os setores.

É provável que houve um misto de comodismo e de falta de informação, ou então uma demasiada confiança nos dirigentes, os quais eles mesmos tinham confiado à tarefa de conduzir todas as atividades e os negócios da Cooperativa Riograndense. Também no aspecto dos privilégios de poucos associados que construíram, em alguns casos, grandes fortunas. Isso fica muito claro quando a Colônia e todos os seus moradores ficam perplexos no momento em que surge a notícia da falência, como veremos mais adiante através da narrativa dos próprios entrevistados.

As percepções desse processo também foram apreendidas de pessoas mais jovens, como Dagobert Guilherme Rieger. Ele nasceu e sempre morou na Colônia, apesar de manter uma casa em Maracá para suas duas filhas e a esposa que trabalham fora. Dagobert é casado com uma descendente de alemães, apenas por parte de pai. Foi associado da Riograndense. Como pequeno agricultor ele cultivava soja, milho e trigo, apesar de já ter trabalhado com outras atividades, como por exemplo: criação de peixes, mel de abelha, plantação de uvas. Dagobert e Arnold são os entrevistados mais jovens, um com quarenta e oito e o outro com cinquenta anos, respectivamente.

Como Arnold, Dagobert também participou das principais instituições formalizadas na comunidade, especialmente das atividades religiosas e das festas tradicionais organizadas pela Igreja Luterana, dos eventos e da liderança da Cooperativa Riograndense, pois durante alguns anos Dagobert foi membro do Conselho fiscal da diretoria. Participavam das festividades, dos clubes, dos bailes, dos grupos de jovens e dos grupos teatrais. Amigos desde a infância, ambos falam bem a língua alemã, mas seus filhos não falam mais. Suas filhas têm namorados brasileiros.

¹⁰⁰ BACZKO, B. Imaginação social. *Enciclopédia Einaudi. Anthropos-Homem*. Vol.5. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985. p.297.

Dagobert Rieger lembra e hoje ousa revelar através da sua narrativa como aconteciam certas irregularidades e os “arranjos” dentro da Cooperativa, como ele mesmo diz.

Isso não tem nem o que perguntar, né? Teve gente que foi muito mais beneficiado e infelizmente foi uma das razões que deixou ela nessa situação. Isso não tem como negar não. Até na hora de pagar as dívidas tinha gente que tinha que pagar mais juro, outros às vezes a dívida desaparecia. São tudo coisa que a gente não pode provar, mas que é uma verdade que aconteceu, não tem como negar.¹⁰¹

Tanto o Sr. Gustavo, como Arnold e Dagobert fizeram parte do grupo menos favorecido da Cooperativa. Isso se deve, principalmente, por serem considerados pequenos agricultores, sem grande influência, embora os três tenham participado ativamente da sua trajetória: o Sr. Gustavo e Dagobert, como associados e membros da diretoria, em diferentes momentos e Arnold como associado e funcionário.

As diferentes formas de privilégios e beneficiamento de recursos que deveriam ser repartidos em comum entre os associados, vão, aos poucos, sendo evidenciadas através da memória de pessoas que foram ficando de certa forma a margem da Cooperativa, mas que por outro lado, e de outras maneiras, buscaram integrar-se à comunidade que em alguns momentos os deixou de fora.

Arnold conta como eram feitos os cálculos dos juros de dívidas dos associados. Muitos desses cálculos eram feitos por ele mesmo, e revela como era o procedimento quando lhe perguntei se havia a mesma conduta em relação a pequenos e grandes produtores, como ele diz,

Não. (risos) Pelo amor de Deus, eu vi a coisa ali dentro que era coisa terrível. Tinha o Banco Nacional de Crédito ao Cooperativismo, era uma dívida que era uma bola de neve, crescia, crescia. E era terrível fazer os cálculos, porque era todo dia. Aí quando chegavam os queridinhos, simplesmente fazia qualquer cálculo, eles pagavam qualquer coisa, mas quando chegavam os pequenos tinha que ser ali no pedido. Tinha um senhor daqui que eu lembro até hoje, ele teria que pagar 108 mil cruzeiros na época, né? E ele não pago um décimo. (...) Alguns se beneficiavam ao máximo. Os parentes dos funcionários mais graduados, tanto é que depois quando a Cooperativa fechou, não pagaram um centavo. E outros tiveram que pagar até o último centavo. Eu acho assim, a Cooperativa até um ponto

¹⁰¹ Entrevista com Dagobert Rieger em 02/05/03.

*ela trabalhou honestamente, mais depois...Aí não era mais uma Cooperativa, era uma máquina de fazer dinheiro.*¹⁰²

Nas lembranças de Arnold vêm à tona as discrepâncias que existiram na convivência entre pessoas do mesmo grupo e também com os de fora. Aqui estão imbricadas as contradições que foram surgindo entre eles. Outra questão é o fato de se estabelecer um círculo de tensões quando emergiram os interesses pessoais que, por sua vez entreteceram relações de poder e de interesses pessoais de um grupo mais fechado, dos quais, muitos foram favorecidos e outros marginalizados. Mesmo assim, os imigrantes e seus descendentes associados da Cooperativa Riograndense procuraram gradativamente, adequar-se a essas novas relações de produção e de sociabilidade, até porque de vários fatos eles só tiveram conhecimento e foram considerados relevantes depois da falência da Cooperativa.

Os princípios de cooperação e auxílio mútuo que deveriam permear os valores de uma Cooperativa são muito pouco evidenciados na Riograndense, principalmente após a sua expansão, visto que esse processo culminou na passagem de princípios de auxílio mútuo para diretrizes de uma grande empresa capitalista, considerando que, todas as cooperativas passaram a se posicionar dessa maneira.

Supõe-se também que, a partir dos princípios básicos de uma Cooperativa, as suas preocupações deveriam estar voltadas especialmente para pequenos agricultores, pois são eles que têm menos condições de manter seus meios de produção e são na realidade aqueles que têm menos espaço dentro da agricultura moderna. No entanto, essa não é uma postura de uma empresa capitalista que tem como meta a obtenção de lucros e está menos preocupada em auxiliar pessoas, visando sempre os lucros e a garantia de maior rentabilidade.

Pelo que pude observar, houve a partir da década de 1970 uma preocupação da Cooperativa em beneficiar aqueles agricultores que ainda não tinham conquistado certa autonomia com seus próprios meios de produção. Entre 1969 a 1975, foram comprados uma colheitadeira, um trator e um subsolador para que os associados pudessem utilizá-los no preparo do solo e na colheita dos produtos. Mas em função de um número já bastante elevado de associados e considerando que a partir daí os “arranjos” e os privilégios já começavam a surgir dentro da Cooperativa, o sistema de rodízio entre os associados não funcionou como deveria. Muitos associados tiveram acesso a esse tipo de prestação de serviços. Entretanto, na

¹⁰² Entrevista com Arnold Assmann em 30/04/03.

prática, muitos não tiveram oportunidade de usufruir desse tipo de benefício, pois os critérios utilizados nem sempre permitiram um sistema de rodízio justo.

Em relação aos serviços prestados aos associados, Sr. Heins tem as mesmas lembranças que o Sr. Gustavo, Arnold e Dagobert.

Não facilitou nada pros pequenos. A idéia era, né? Inclusive foi comprado na época quando eu entrei como funcionário (1973), parece que o número de cooperado era em torno de 200. (...) Logo no início, até inclusive eu não trabalhava lá ainda, parece que em 71, 72 por aí, ela adquiriu um trator que era um Massey Ferguson 95, um subsolador e uma colhedeira importada.(....) O objetivo era pra ajudar os cooperados e efetivamente os pequenos. Só que isso aí não funcionava muito bem não. É pouca máquina pra o número de cooperado já muito grande. (....) A verdade é que alguns fizeram uso disso, mas houve aquela coisa denão deu pra atender todo mundo. Na época teria que ter tido já pelo menos 3 tratores e 3 colhedeiças. Eu acho que não facilitou nada não. Porque na verdade facilitou assim, ele (pequeno agricultor) tinha onde entregar, era perto, não precisava de intermediário, nesse sentido facilitou, mas não que ele tinha alguma vantagem melhor, acima dos grandes, não. Tinha uns pequenos que estavam quebrando, podia ter ajudado.¹⁰³

Para o Sr. Heins, suprir as necessidades de todos os agricultores requereria maiores recursos e mais tratores e maquinários para que pudessem atender a todos, pois a demanda era grande, especialmente de pessoas com menos recursos materiais. Além disso, podiam tê-los ajudado mais, pois eram os que realmente necessitavam de maior apoio. Contudo, a Cooperativa não conseguiu atender a todos da mesma forma e ao mesmo tempo.

O que se deve levar em conta nesse momento é que esse sistema, no qual, teoricamente todos os associados teriam direito de utilizar, poderia dar certo em anos anteriores, quando o número de associados e área a ser cultivada era menor. Nesse período, já estavam vivendo a transição na lavoura, com a introdução de máquinas agrícolas mais modernas que, embora fizessem o trabalho mais rapidamente, não davam conta da demanda e do cultivo de novos produtos, notadamente a soja.

Relembrando questões pertinentes a esse assunto, Dagobert relata que

Uma das grandes vantagens que na época, nessa época a gente não tinha o trator ainda, tinha um trator pequeno, mais não era o suficiente pra tocar, quando nós começamos lá no Macaco. Aí a Cooperativa teve o trator, tinha

¹⁰³ Entrevista com Heinrich Hoffmann em 30/04/03.

colhedeira que fazia o serviço pros pequeno né? Só que muitas vezes naquela época já tinha que algum já era mais beneficiado que o outro, então nem sempre dava tão certo como devia ter dado, mais mesmo assim eu acho que.....mesmo que tivesse que esperar na fila.¹⁰⁴

Dagobert relembra que havia privilégios na utilização dos implementos oferecidos pela Cooperativa, mas lembra que isso ajudou o pai e ele que, naquela época, era ainda um garoto. Dagobert que já viveu momentos difíceis como pequeno agricultor, relembra da importância do apoio dado pela Cooperativa Riograndense aos pequenos agricultores.

A mesma idéia expressou Arnold em relação às discrepâncias que havia entre os associados.

Então eles compraram uma colhedeira, mas esse não deu certo. Olha, aí começou. Quando começou a fazer isso, o grande começou tomar conta, aí quando o pequeno precisava da colhedeira não tinha. (...) Não funcionou, mais enquanto era alfafa, suíno, ovo, manteiga, então nesse ponto ela ajudava mesmo.¹⁰⁵

Todos os entrevistados defendem o ponto de vista de que a Cooperativa auxiliou muito os associados no passado e, só mais tarde, as diferenças surgiram, em decorrência das transformações ocorridas na conjuntura e no contexto sócio-cultural da Colônia, as quais culminaram em mudanças nas relações de sociabilidade e de produção.

Em 1964, a sede da Cooperativa passou a ser na Colônia Riograndense. A partir daí, iniciaram-se algumas reformas. Construíram um pequeno supermercado e também um posto de combustíveis para atender a população, na medida do possível. Com a expansão da Cooperativa, ampliou-se o supermercado e abriram-se outros nas cidades vizinhas, como em Cruzália, Assis e Maracaí, visando facilitar a vida cotidiana dos associados e atender a demanda nas cidades que tinham filiais da Riograndense.

Nesse período de expansão ampliou-se o posto de combustíveis. A Cooperativa modernizou o sistema da produção, desde o fornecimento da semente até a sua comercialização. Ela também passou a fornecer atendimento técnico de agrônomos e veterinários que se deslocavam por toda a região para atender aos associados; disponibilizou um restaurante para funcionários, caminhoneiros e associados; instalou uma agência do Banco

¹⁰⁴ Entrevista com Dagobert Rieger em 02/05/03.

¹⁰⁵ Entrevista com Arnold Assmann em 30/04/03.

do Brasil; construiu um laboratório de sementes; casas de moradia na Colônia e transporte gratuito para funcionários.

Com a criação de supermercados, posto de combustíveis, assistência médica, odontológica e ambulatorial, enfim, todos os recursos proporcionados pela Cooperativa, a vida na Colônia tornou-se mais fácil. Com isso, as pessoas não necessitavam se deslocar da Colônia com tanta frequência. É claro que não encontravam tudo o que necessitavam na Cooperativa e o deslocamento até outras cidades era indispensável. Contudo, ela proporcionou uma organização em torno da vida cotidiana e das necessidades mais gerais. Além disso, cabe ressaltar que os preços oferecidos pela Riograndense eram bastante acessíveis à comunidade local.

Sonia Maria L. Bibe, analisando a colonização holandesa no Paraná, procurou demonstrar os benefícios que a Cooperativa Batavo e a CCCP (Cooperativa Central de Laticínios do Paraná) proporcionaram aos seus associados em todos os aspectos da vida social e de trabalho.

Os benefícios (...) implicam uma forma de coordenação da vida social de seus habitantes que, conjuntamente às atividades da Igreja, formam um quadro associativo envolvente em suas programações, a ponto de marginalizar os que não estiverem ligados a uma ou a outra. As Cooperativas fazem parte da vida dos colonos em várias áreas de atuação, que vão desde a assistência técnica e comercial – ensinando-os a utilizar adubos, fazer financiamentos e promover a comercialização dos produtos – à assistência médica e social eficiente, até nas horas de lazer. a manutenção dos clubes de campo, clubes sociais, times esportivos faz com que as atividades recreativas se operem dentro da própria Colônia, sendo esta prestação de serviços comum a todas, tanto às colônias protestantes como católicas¹⁰⁶

Dessa forma, a Cooperativa passa a aglutinar não só associados e funcionários, mas também os moradores da região através dos seus serviços, construindo uma dinâmica de integração não somente entre membros do mesmo grupo com a sociedade brasileira, mas agora, em outra relação que inseriu os imigrantes alemães, seus descendentes, bem como brasileiros de diferentes culturas na Cooperativa Riograndense, contribuindo no desenvolvimento da região através do plantio de grãos e das trocas culturais entre ambas as partes.

¹⁰⁶ BIBE, Sonia Maria L. *Comunicação e Aculturação*: a colonização holandesa no Paraná. São Paulo: Edições Loyola, 1981. p.45.

É importante ressaltar que, apesar de oferecer esse tipo de assistência e prestação de serviços, nem sempre a Cooperativa atendeu de forma homogênea o cotidiano dos associados, ora se aproximando, ora se afastando.

Sobre a prestação de serviços da Cooperativa, Sr. Heins relembrou que,

*Foi uma boa coisa, foi excelente isso, né? Só que esse aparato todo se tornava muito caro, muito pesado pra Cooperativa, mas que era boa coisa era.*¹⁰⁷

É interessante salientar que se, por um lado, todos lembram que houve momentos em que as tensões foram aparecendo, à medida que se sentiram marginalizados em relação aos benefícios que ela oferecia; por outro, é possível evidenciar que mesmo se referindo a eles como algo positivo nos leva a considerar que isso não teria sido tão bom assim.

Quando os colonos passaram a cultivar o trigo, os problemas com a secagem eram muito grandes. Esse é um cultivo que necessita de cuidados quanto à secagem. Os problemas tornaram-se mais sérios porque não havia secadores na Cooperativa. O que acontecia constantemente é que para comercializar o trigo, os produtores tinham de esperar que estivesse bem seco para colhê-lo ou tentar secá-lo manualmente.

Diante disso, os diretores da Cooperativa, com o apoio de lideranças religiosas da Colônia, o pastor da Igreja Luterana e o padre da Igreja católica (Foto 25), desenvolveram um projeto, em 1970, visando obter empréstimo junto à Organização Mundial denominada *Pão Para o Mundo* para construir um silo, um secador de grãos e adquirir alguns maquinários. Essa Organização auxiliava especialmente países do terceiro mundo.

O Sr. Gustavo atribui às lideranças religiosas o fato de terem conseguido auxílio financeiro, pois havia um grande interesse em manter e proporcionar espaço e condições de trabalho para os colonos na região.

*Os padres, os religiosos foram bem o princípio deles era seguinte: pra segurar pessoas que estavam aqui. Isso era o princípio deles. (...) O padre Schtifler e o pastor Knoch, esses dois líder, a gente pode falar isso, eles foram lá, e se encontrar em São Paulo com certas autoridades, aí já existe o “Pão do Mundo”, aí através disso aí nós ganhamos o dinheiro.*¹⁰⁸

¹⁰⁷ Entrevista com Heinrich Hoffmann em 30/04/03.

¹⁰⁸ Entrevista com Gustavo Reinecke em 25/01/03.

Em Ata registrada no ano de 1970 são evidenciados os motivos pelos quais buscaram esse auxílio.

A extrema necessidade de melhorar os métodos de trabalho e produção de cada cooperado, evitando desta maneira exploração por parte de comerciantes ou terceiros. A finalidade de nosso projeto, (.....) é única e exclusivamente de caráter beneficente, pondo à disposição de cada associado as instalações e máquinas que seriam adquiridos por intermédio da organização “Pão do Mundo”, obtendo assim cada lavrador um preço mais justo por seus produtos já preparados para o mercado.¹⁰⁹

Um ano depois de anunciar o pedido para obter o empréstimo do projeto *Pão para o Mundo*, os diretores anunciam em Assembléia que o pedido de empréstimo havia sido aceito, especificando o valor adquirido.

O projeto elaborado para aquisição de máquinas agrícolas, construção de um silo e secador, encaminhado no ano passado ao “serviço de Projetos de desenvolvimento da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil)” em Porto Alegre (R.G.S.), tinha sido aprovado pela organização “Pão para o Mundo”, com sede em Stuttgart, na Alemanha e que destinou para o projeto uma verba no valor de DM 310.000, em forma de empréstimo.¹¹⁰

O passo dado pelos associados para a construção do primeiro armazém da Cooperativa na Colônia - que contou com a ajuda da *Organização Pão para o Mundo* da Igreja Evangélica Luterana da Alemanha - foi fundamental para a permanência de muitos colonos e, mais tarde, para o crescimento da produção de soja, milho e trigo. Com o armazém na própria Colônia, ficava mais fácil para os produtores aumentar sua área de produção, pois podiam armazenar o produto sem ter que percorrer longos trechos até a cidade de Assis e Paraguaçu Paulista.

É importante salientar que o Vale do Paranapanema, região na qual está inserida a Colônia Riograndense, tornou-se um dos maiores produtores de trigo em nível nacional.

Dagobert tem uma explicação que parte de evidências históricas, procurando dar sentido às transformações ocorridas quando a Colônia cresceu.

¹⁰⁹ Ata da Assembléia da Cooperativa Riograndense de 30 de Agosto de 1970.

¹¹⁰ Idem.

Olha não diria que era a Cooperativa tanto em si. É que a gente saiu de um sistema de agricultura que era mais milho e talvez porcos e passou pra cereais que na época era começou, então eu lembro a gente plantou aqui, acho que 1 ou 2 alqueire de trigo se eu não me engano. Nossa! Era um dinheiro que a gente nunca tinha visto. Logo no primeiro ano compramos um tratorzinho que na época era pequeno. (.....) As terra também não era muito pra aquela época, até hoje não é, mais só que com 1 ou 2 ano você já comprava um trator novo e a Cooperativa era quem comprava esses produto, porque tinha pra onde levar. Então eu acho que naquela época todo mundo cresceu junto, tanto a gente como a própria Cooperativa, em cima dessa mudança de cultura.¹¹¹

Os elementos da tradição alemã, bem como os clubes, também passaram a integrar a Cooperativa a partir dos anos de 1980, articulados a uma prática de turismo cultural.

O movimento *pró-cultura*, a partir da década de 1980, apoiou a fundação de grupos de danças folclóricas, promovendo e incrementando festas tradicionais como a da imigração alemã, comemorada na Colônia desde longa data, e o surgimento de outras como a Festa do Chope e a Oktoberfest, em 1989 que se transformaram em grandes eventos e que serviram de instrumento de projeção social, por meio do apelo à cultura alemã. Esses eventos culturais eram realizados no Clube da Curva que foi reformado e ampliado em 1984. Com a reforma, além do novo salão de festas, construiu-se também uma quadra de esportes, ampla churrasqueira, cozinha para os grandes eventos, banheiros, uma moderna e sofisticada estrutura para jogar boliche, um espaço para jogar sinuca, tênis de mesa, baralho e também um parquinho de diversão para as crianças, enfim, houve reforma geral nas dependências do Clube da Curva.

O surgimento dessas comemorações expressa uma mudança na cultura, na qual, as práticas culturais, como a celebração do Natal, as encenações teatrais, os cantos, etc., passam a ser ressignificadas através de outras, como a Oktoberfest. A exploração de tradições culturais e a construção de uma memória funcionaram, nesse momento, como um recurso adotado pela Cooperativa Riograndense que se apegou à identidade germânica e à memória do mito fundador, no sentido de procurar manter vivos alguns traços da cultura alemã que já haviam perdido sua essência inicial. Assim, aproveitaram para ganhar mais visibilidade na comunidade e na região.

¹¹¹ Entrevista com Dagobert Rieger em 02/05/03.

Adêmio Fetter conta em um longo trecho de sua fala, como o Clube da Curva foi reformado. Em sua narrativa, podemos considerar vários aspectos, que envolvem a trajetória da Colônia Riograndense e da Cooperativa.

Nós atuávamos em 23 municípios, então eu tive a idéia de nós unirmos a juventude pra eles ter um ponto de encontro. E nós tínhamos o Clube da Curva que tava caindo aos pedaços, então levei a proposta pra uma Assembléia, e eles acataram pra nós assumirmos o Clube. (...) No dia 22 de Abril de 1984 inauguramos o Clube, três vezes maior do que era, com canchas de bôitcha, cancha de bolão, de boliche, tudo automatizado, quadra coberta, com uma churrasqueira de 252 metros quadrados, que não existe nenhuma na região. (...) Eu determinei que se descontasse 4 sacos de soja de cada associado, independente se ele mora em Cândido Mota ou em Tarumã ou em Iepê, pra construir o Clube. E ninguém veio reclamar, óh, está faltando 200 kg de soja aqui, ninguém veio reclamar. Se não fizesse assim, não construía, porque aquele que, de uma outra religião falava, minha religião não permite dança, eu não quero, jamais vou dar os quatro sacos de soja. Mas, como nós éramos em três mil e tantos associados, pá, pu, pumba, tava pronto a obra. Além de contribuições que nós tivemos de empresas, que eram fornecedoras nossa. Chegava oh, precisava de uma mão, que nós precisamos forrar por causa do calor, precisamos botar exaustor, precisamos mobiliar. Nunca faltou apoio, certo? Todo mundo ajudou, inclusive a própria churrasqueira, uma empresa sozinha fez a doação. Então, porque nós tínhamos credibilidade. Então, isso se chama associativismo. Agora sem ter a idéia, e tem que ter o arrojo, a coragem de ir lá fazer, peitar a coisa. Depois disso, criamos quantos grupos folclóricos, quem incentivou? Em primeiro plano, comprou-se os uniformes da Alemanha, Cooperativa Riograndense. Quem era o presidente? Adêmio Fetter.¹¹²

O Clube passou a ser propriedade da Cooperativa Riograndense, pois seus sócios já não tinham mais condições de mantê-lo. É interessante observar vários aspectos. O Clube que estava bastante deteriorado, segundo Adêmio, já não satisfazia os anseios da população, ou de parte dela. O que se deve levar em consideração é que se realmente as pessoas viam a necessidade de se investir tanto no clube que, durante muito tempo, serviu como espaço de lazer e de cultura para toda a população.

Para Arnold Assmann, a construção e a manutenção do Clube da Curva teria sido apenas um meio de algumas pessoas levarem vantagens e se beneficiarem com esse projeto.

Eles precisavam manter aquele elefante branco, o Clube da Curva. Que aquilo foi uma obra fantástica que levaram dinheiro até dizer chega, eles

¹¹² Entrevista com Adêmio Fetter em 18/01/03.

*tinham que manter. Então era tudo assim, se hoje a gente pára pra pensar tudo foi manipulado pra alguém ganhar dinheiro e nós tontinho ficava naquele....mais que foi bom na época, foi pode fala.*¹¹³

Arnold Assmann acredita que houve manipulação e que, muitas vezes, algumas pessoas foram usadas. Porém, houve também momentos em que as pessoas tiraram algum proveito dessa situação. Ou seja, se apoiaram na identidade alemã, aproveitando o espaço para se projetar socialmente através das festas, das comemorações de datas importantes, e das divulgações da Oktoberfest em toda a região.

Conhecida no passado como a *Cooperativa dos alemães*, pois a maioria dos associados era de origem alemã, com o passar dos anos, com a abertura das estradas que interligavam a região a outros municípios, com o convívio mais intenso entre alemães e brasileiros, a Cooperativa não permaneceu fechada, como algumas cooperativas permaneceram. Isso aconteceu também com as pessoas que construíram a Colônia Riograndense. Foram organizando suas vidas, compartilhando as mesmas experiências e as relações de sociabilidade através das festas, dos casamentos, da mesma crença, entre outros espaços de integração.

A Cooperativa vendeu antecipadamente milhares de sacas de grãos, contando com a produção que ainda viria. Também venderam a produção que os agricultores armazenavam, sem nenhuma autorização deles. É muito provável que os dirigentes da Cooperativa já fizessem isso há algum tempo, mas o problema se agravou quando, em 1994, no final de junho, uma fortíssima geada na região acabou com quase todas as plantações.

No jornal que a própria Riograndense editava, a notícia da geada ocupou destaque na edição de junho, que diz que

As geadas das madrugadas dos dias 26, 27 e 28 de junho destruíram quase que totalmente as lavouras de milho e trigo da região, causando um prejuízo avaliado inicialmente em mais de US\$ 50 milhões. As perdas estão estimadas em 80% para a cultura de milho e 60% para as lavouras de trigo, principais prejudicadas com o fenômeno. A diretoria da Riograndense, juntamente com as diretorias das demais Cooperativas, através do CDV, está avaliando os efeitos das geadas para formalizar documentos que serão entregues às autoridades federais em Brasília, solicitando recursos em caráter de emergência, para socorrer os produtores cujas lavouras foram danificadas e assegurar a compra de insumos para a próxima safra de verão.¹¹⁴

¹¹³ Entrevista com Arnold Assmann em 30/04/03.

¹¹⁴ *Vida Nova - Riograndense Jornal* era elaborado pela própria liderança da Cooperativa destinado à circular entre os seus associados e seus funcionários - Junho de 1994.

A perda da safrinha em 1994 causou impacto em âmbito nacional. A geada prejudicou e frustrou a colheita em vários Estados atingidos. Na região do Vale Paranapanema, a situação causou grandes prejuízos e assim, influenciou toda a economia regional. No caso dos produtores da Colônia, os prejuízos atingiram uma dimensão gigantesca. Com a frustração dessa safra não foi mais possível controlar a situação, que já era grave.

Como já haviam vendido antecipadamente a produção, e a safrinha teria uma produção baixíssima de grãos, foi então que o problema veio à tona. Oficialmente não encontramos dados que possam esclarecer o número exato de produção vendida sem autorização dos produtores e qual o real valor dos prejuízos. Somente sabemos que muitos produtores perderam grandes quantias em produção e em dinheiro.

Com a falência da Cooperativa em 1994, a assistência técnica, os benefícios sociais e o investimento na cultura alemã, dos quais os moradores, os associados e os funcionários desfrutavam, foram sendo, gradativamente expropriados da vida cotidiana dessas pessoas. É evidente que, nem todos, participavam dos eventos culturais. Havia aqueles que não se envolviam, manifestando já naquela época resistência¹¹⁵. Uns por divergências políticas, tanto no âmbito da Cooperativa quanto no próprio município, pois alguns dirigentes da Cooperativa se integraram na política local do município, como por exemplo, Ademio Fetter que ganhou maior visibilidade ainda ao se apegar a identidade alemã. Outros, por sua vez, não concordavam com a forma com que eles utilizavam as práticas culturais para se projetar socialmente em toda a região.

Em se tratando da falência da Cooperativa Riograndense, as pessoas evidenciam um sentimento de perda, não só porque era um espaço onde tratavam das questões referentes à produção e comercialização, mas também um espaço de sociabilidade.

As pessoas têm necessidade de procurar os culpados e apontar os erros. Parecem buscar nas explicações e justificativas um significado para o que aconteceu, uma espécie de consolo, revelando o verdadeiro sentido que teve a Cooperativa em suas vidas.

As publicações de revistas, de históricos, de jornais produzidos pela Cooperativa Riograndense e as comemorações de cada aniversário, as festas da imigração alemã, ao apelar para a identidade alemã, como estratégias de manter vivo o sonho dos primeiros colonos,

¹¹⁵ THOMSPON, E. P. em *Costumes em Comum* analisa a cultura popular da Inglaterra no século XVIII, desvendou a existência de um jogo de conflitos e uma rede de resistência à imposição de novos valores, ao mesmo tempo em que utilizavam valores e costumes antigos como forma de protesto contra a opressão. Cf. THOMSPON, E. P. *Costumes em Comum. Estudos sobre a Cultura tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

reforçaram a memória dos pioneiros, ofuscando e/ou silenciando outras versões e participantes dessa experiência e da representação do lugar social que cada um deles ocupou.

A Cooperativa criou e fortaleceu elos entre seus associados. A religião, o uso da mesma língua, a participação nos clubes e nas festas serviram como elemento aglutinador para as pessoas. Os elementos da cultura alemã também serviram para projetar socialmente os associados. Cada qual tinha seus costumes, suas tradições, seus valores, porém, por meio da Cooperativa, fortaleceram laços de amizade, solidariedade e trocas de experiências. Contudo, as novas relações de sociabilidade entre alemães e seus descendentes com os brasileiros, contribuíram para sua inserção, permitindo a eles adequar-se aos costumes deste país.

Diante disso, se desvelam as grandes transformações ocorridas na Colônia Riograndense, especialmente no período compreendido entre os anos de 1950 a 1990. Isso reforça a ideia que vem sendo analisada no decorrer da tese de que as transformações acarretaram a perda da identidade alemã, e suas implicações, quais sejam, a ausência da língua materna nas gerações mais novas, a perda dos seus costumes da tradição alemã, embora alguns traços da cultura fossem preservados e, outros, ressignificados no cotidiano. Além disso, a desintegração de algumas das suas instituições formais, que no passado sustentaram as famílias que permaneceram na Colônia Riograndense, como a Cooperativa que, paulatinamente cederam espaço às novas formas de convivência e de sociabilidade, em consequência da adaptação e da inserção da população na sociedade brasileira.

Além das transformações nas questões voltadas ao plantio e ao trabalho, ocorrem outras na vida cotidiana, com a vinda do Pastor Knoch da Alemanha, que intensifica a vida religiosa, que, ao longo da formação e trajetória da Colônia Riograndense serviu de base para a inserção dos colonos na região.

Na vida social, a fundação dos clubes e dos grupos de corais foi importante instrumento de sociabilidade e integração entre os moradores da Colônia. Entretanto, isso não se deu sem conflitos. O fechamento oficial da escola de língua alemã no período após a Segunda Guerra Mundial direcionou os descendentes de alemães a se relacionarem mais intensamente com os brasileiros que moravam nos arredores da Colônia. As festas tradicionais ligadas à igreja e à cultura alemã, os casamentos entre os descendentes de alemães eram constantes na época. Já os mistos se intensificaram a partir de 1960.

A Igreja Luterana sempre exerceu papel importante desde os primeiros anos da Colônia, oferecendo cursos, organizando a vida das famílias e, sobretudo, ao oferecer suporte espiritual. De certa forma, isso amenizava os problemas, as dificuldades e os sofrimentos

enfrentados pelos imigrantes e seus familiares. Da mesma forma, os elementos da cultura alemã, que se tornaram centros aglutinadores, como os clubes e a escola, o uso da mesma língua, também desempenharam papel significativo na Colônia, aspectos que serão discutidos nos próximos capítulos.

**CAPÍTULO III – A IGREJA LUTERANA E AS ESCOLAS: DESVENDANDO NOVOS
CAMINHOS**

Procuro neste capítulo apresentar quais eram as formas de relacionamento entre as famílias, se compartilhavam os mesmos sentimentos e anseios e, apreender também as divergências e as dificuldades que permeavam suas vidas. Estas, eram norteadas pela religiosidade e pela cultura alemã por meio da escola.

3.1. A religião: espaço de crença e de sociabilidade

A religião, desde os anos da fundação da Colônia, foi uma forte referência para as pessoas. Além do exercício de crença e de representar alento nos momentos difíceis experimentados ao longo dos anos, a Igreja Luterana serviu como um espaço de sociabilidade e de trocas de experiências. Tal espaço reforçava os hábitos e as tradições por meio das festas e do lazer. Além disso, os encontros nos finais dos cultos proporcionavam formas de inserção na comunidade.

Na Igreja Luterana e no Clube da Barra Mansa foram frequentes as sessões de cinema. As pessoas assistiam a vários tipos de filmes, mas os preferidos eram os de comédia. A influência do cinema americano se deu com o filme *O gordo e o magro*. Assistiam também a documentários referentes à cultura alemã, seus costumes e seus modos de viver - todos em língua alemã - como forma de manter viva a tradição e preservar a identidade germânica. Geralmente os filmes vinham de São Paulo, cedidos pelo Instituto Martius Hans Stadens. Gradativamente, foram passando a oferecer atividades também em língua portuguesa.

As fotos que vão do número 18 até 26 fazem referência à Igreja Luterana, uma das instituições que considero mais importantes no processo de fixação, de adequação e de inserção do imigrante alemão e de seus descendentes. Nelas, são evidenciados alguns aspectos da vida cotidiana, tais como: os lugares sociais disputados e seus espaços físicos; a integração entre as pessoas e as lideranças religiosas; os modos de se vestir; os meios de transporte; as diferenças na maneira como cada pessoa apreende a realidade como representação simbólica ou então, ressignifica seus hábitos e seus costumes.

Se nos basearmos em Martine Joly, quando afirma que a “imagem está vinculada às tradições e à nossa cultura¹¹⁶”, as imagens fotográficas analisadas aqui são fundamentais para tentar compreender a importância e o que representou a experiência comunitária e religiosa para o grupo de imigrantes e seus descendentes.

¹¹⁶ JOLY, Martine. Op. Cit.



Foto nº 18 – Inauguração do novo templo da Igreja Luterana – Ano – 1959
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).



Foto nº 19 – Inauguração do novo templo da Igreja Luterana – Ano 1959
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

No âmbito da comunidade luterana, é importante mencionar também a inauguração do novo templo (Fotos 18 e 19), a organização de sessões de cinema, de teatro de fantoches e apresentações de peças teatrais, inicialmente em língua alemã e, mais tarde, também em língua portuguesa. Nos cultos, se apresentavam vários corais, tanto de vozes quanto o de instrumentos de sopro.



Foto nº 20 – Comemoração do Dia da Reforma da Igreja Luterana – Década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

As formas de sociabilidade se davam por meio da integração entre as pessoas nos finais dos cultos e nas diversas atividades de lazer e práticas culturais realizadas na comunidade. Entre elas, destaco as festas tradicionais, como a comemoração do Dia dos Pais e das Mães, o Dia da Reforma Protestante (Foto 20), os casamentos e batizados, festas de confraternização da comunidade luterana e as festas natalinas.

Alguns aspectos da cultura alemã são evidenciados na foto 20. Trata-se de um culto festivo em comemoração à Reforma Luterana, e os jovens que estão no altar, realizando uma homenagem para essa data, têm nas mãos pequenos cartazes com alguns escritos em língua alemã com os dizeres *Comemoração do Dia da Reforma*.



Foto nº 21– Comunidade Luterana e Coral de Trombones posicionado no alto da foto (ala superior da igreja) – década de 1960 (Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Na foto 21, o Coral de Trombones aparece na parte superior da Igreja, ao fundo. O fotógrafo escolheu um ângulo privilegiado, no qual procurou passar ao leitor alguns aspectos culturais inseridos naquela comunidade. Aqui, dois aspectos importantes devem ser ressaltados. O primeiro diz respeito ao hábito que existia entre homens e mulheres de se sentarem em lados opostos, sinalizando para a existência de uma comunidade ainda com características machistas. O outro aspecto relevante é o aparecimento do Coral de Trombones, no alto da foto, como elemento característico da cultura alemã, sendo que este participava ativamente das atividades religiosas, festivas e culturais.

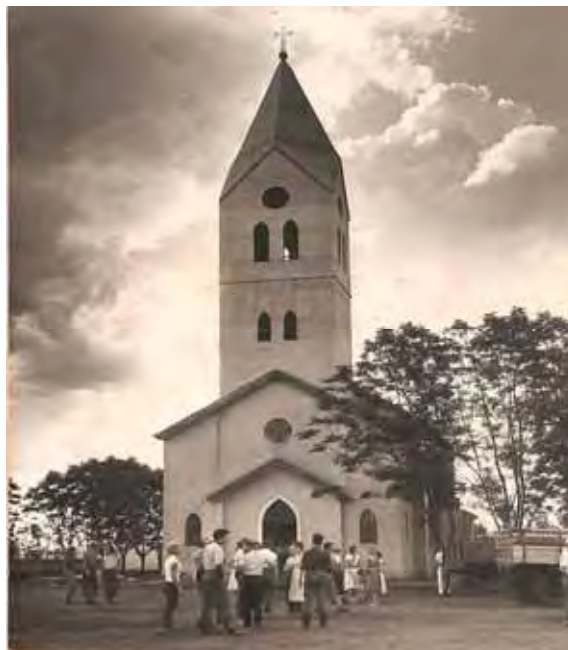


Foto nº 22 – Igreja Luterana – pessoas conversando em frente à igreja – década de 1970
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

A Igreja Luterana era um dos pontos de encontro entre jovens e familiares, proporcionando um elo entre as famílias que, mesmo com as suas divergências culturais, permaneciam vinculadas entre si, por meio da convivência. A foto 22 evidencia essa integração. Após os cultos, as pessoas permaneciam em frente à Igreja, conversando, trocando experiências, falando dos seus problemas do dia-a-dia. Até mesmo quando permaneciam nas festas promovidas pela Igreja, elas aproveitavam para “colocar a conversa em dia” já na saída do culto, continuando, pois, a integrar durante o dia todo com diversas pessoas que aproveitavam para rever.



Foto nº 23 – Festa na Igreja Luterana – Década de 1970
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Na foto 23, temos vários elementos a serem considerados. Homens e mulheres caminham no sentido do salão da Igreja Luterana, provavelmente para a comemoração de alguma festa ou então, para outro tipo de evento ou atividade. Geralmente, havia o culto pela manhã e, em seguida, a festa, com direito a almoço e café da tarde. Assim, passavam o dia confraternizando-se. Vemos na foto, além das pessoas, também os caminhões e tratores – os meios de transporte da época -, uma parte da estrutura da Igreja e do cemitério, e algumas construções de madeira. Ao fundo, vemos ainda a vegetação de mata virgem.



Foto nº 24 – Culto religioso na Igreja Luterana – Década de 1970
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).



Foto nº 25 – Pastor da Igreja Luterana e padre da Igreja Católica – Década de 1970
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Em relação às lideranças no interior da comunidade da Igreja Luterana, é importante ressaltar o trabalho realizado pelo presbitério, que sempre administrou as diferentes atividades e o patrimônio da mesma; e o trabalho da OASE – Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas - que, como já mencionei anteriormente, é um órgão da Igreja Luterana composto só por mulheres que, desde os primeiros anos de formação da instituição até os dias de hoje, trabalham em vários setores e atividades da comunidade, especialmente nas festas. Ambos os departamentos de liderança desempenharam, ao longo dos anos, trabalho voluntário dentro da Igreja Luterana.

Outro aspecto relevante a ser mencionado é que desde o início da colonização havia integração entre luteranos e católicos. Os católicos se instalaram num bairro que se transformou numa pequena vila chamada São José das Laranjeiras, a partir de 1924. Nas primeiras configurações geográficas da Colônia Riograndense o vilarejo também fazia parte dela. Com o decorrer dos anos, São José das Laranjeiras se desvinculou dessa configuração, embora não exista distinção entre o espaço geográfico de ambas. Esta agregou imigrantes vindos da Prússia Oriental e também migrantes do Estado do Espírito Santo (prussianos capixabas).

O relacionamento entre católicos e luteranos se deve principalmente pela proximidade dos bairros e pela questão da origem alemã. O relacionamento entre ambos se estendia também ao convívio diário, interagindo nas práticas culturais manifestadas entre eles, nos diferentes âmbitos da vida social, seja no lazer, na religiosidade, no trabalho, nas festas e nas comemorações de datas comuns que os dois grupos compartilhavam.



Foto nº 26 – Senhoras da OASE trabalhando nas festas da Igreja Luterana – década de 1960 (Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

A foto 26 evidencia a organização do trabalho das mulheres que fazem parte da OASE. O grupo tem por objetivo trabalhar voluntariamente nas festas, eventos e atividades gerais dentro da comunidade e também fora dela. Em destaque, bem ao centro, segurando a caixa com o dinheiro está a Sra. Hilda Völk. A primeira da direita para esquerda é a Sra. Erna Reinecke, esposa do Sr. Gustavo Reinecke. As outras senhoras são esposas de outros membros da Igreja e também participavam ativamente das atividades realizadas na Igreja e na comunidade. Na foto, aparecem vários elementos da cultura alemã. Cada uma das senhoras está segurando algo: Bule de café, guardanapo, caixa com dinheiro e com as fichas, e bolo.

Os bolos que estão em cima da mesa são variados, com recheio de vários sabores e as tradicionais *cucas*. Elas posaram para o fotógrafo dentro do espaço que elas mesmas ocupavam e, onde elas haviam organizado os bolos e o café com leite. Nota-se que há uma mesa comprida que separa as fotografadas do restante das pessoas que estão atrás delas. Fica claro que elas sentem necessidade de registrar o momento e enfatizar que havia muitas tortas alemãs, as *cucas* e diversos bolos recheados com o intuito de evidenciar aspectos da cultura alemã. Uma forma de manter o vínculo com a tradição alemã e com sua identidade.

O fato de elas fazerem questão de destacar a caixa com o dinheiro indica que elas vendiam os bolos para a comunidade participante, uma forma de arrecadar fundos para eventuais gastos no trabalho beneficente.

A valorização de uma imagem positiva a respeito da época de juventude é lembrada pelo Sr. Gustavo. Ele conta que aos domingos iam ao culto na Igreja Luterana e, em seguida organizavam o encontro de lazer para a tarde. Ele narra que:

Domingo em geral a gente ia na Igreja, no culto, né? E lá era o encontro, e aí voltava e aí sempre já tinha um campinho de futebol, jogava bola e isso aí tava em todos esses bairros..., encontro com música, de cantar, sempre em grupo, não era muito distante, porque era a pé, então o encontro sempre tinha.¹¹⁷

Para os meus entrevistados, a Igreja teve papel fundamental ao proporcionar um elo entre eles. A população se integrava através dos encontros após os cultos, momento em que organizavam outras atividades de lazer e de cultura. Todos trazem boas recordações sobre essa época. Esse relacionamento vivido, em especial nos encontros dos jovens e das famílias da Igreja Luterana, realizado aos domingos, assinala uma época em que se convivia intensamente. No entanto, é importante salientar que, em determinados momentos, a Igreja era a única opção de integração e de espaço para estabelecer as relações de sociabilidade.

Donzelli, analisando a alteridade nos bairros rurais de Penápolis, no interior de São Paulo, destaca a importância da presença da Igreja Católica e da escola como formas de integrar as localidades rurais com o restante da região:

O fato de existir uma capelinha, simbolizando a necessidade espiritual e de congregação das pessoas, já demonstra o papel da Igreja Católica na percepção de pertença ao bairro rural, mas também indica que o bairro pertence a algo mais amplo do que o município – a uma região. A religião católica, no caso dos bairros em estudo, reforçou a solidariedade interna do bairro e serviu para ligá-los com uma sociedade mais vasta que os engloba. Além disto, a presença da escola indica uma estrutura voltada às normas gerais existentes na sociedade global; organizada fora do bairro, mas imposta de maneira monolítica, exerce, com relação às crianças, uma função homogeneizadora, aproximando-as culturalmente das crianças do Estado e do país, mesmo com pouca permanência delas na escola rural¹¹⁸

Entre 1950 e 1990 as formas de convivência e os modos de viver foram se transformando e criando novas situações, a partir da ampliação das opções de relacionamento

¹¹⁷ Entrevista com Gustavo Reinecke em 27/07/02.

¹¹⁸ DONZELLI, Cleivaldo A. Penápolis/SP no contexto migratório: os seus registros e significados (1940-1970). Op. Cit. p.5-6.

e das práticas culturais, consequência das transformações políticas e sócio-culturais ocorridas no Brasil.

O fortalecimento da comunidade da Colônia Riograndense se deve principalmente aos cuidados das lideranças religiosas. O fato de terem construído a Igreja - primeiramente de madeira, e depois, em 1959, de alvenaria - e lhe terem, assim, instituído a comunidade luterana, possibilitou e facilitou a permanência de muitas famílias na região.

Nas fotos 27, 28, 29 e 30, é possível destacar períodos distintos vivenciados pela comunidade luterana com o templo antigo de madeira; com a construção do templo novo de alvenaria, com o espaço da comunidade mais atual, dotado de grande infraestrutura e, por último, a vista do cemitério ao lado da Igreja.



Foto nº 27 – Igreja Luterana – Templo de madeira e alvenaria – década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Na foto 27, o fotógrafo procurou um ângulo que pudesse focalizar os dois templos – o antigo e o novo. Isto se deu, certamente, com o objetivo de deixar para posteridade uma foto em que as pessoas pudessem apreender aspectos da realidade vivida. Ou seja, evidenciar a transformação do espaço físico no decorrer dos anos, e possibilitar que as gerações mais novas pudessem conhecer um pouco do que foi a história daqueles que viveram nos primeiros anos de colonização e o seu significado. Isso também está associado às melhorias de vida ocorridas na vida das pessoas e na comunidade.



Foto nº 28 - Igreja Luterana – Templo novo – década de 1970
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Na foto 28, o fotógrafo focaliza apenas o templo novo, deixando aparecer apenas um pequeno fragmento do antigo templo. Não é possível visualizar com precisão, mas há pessoas sentadas debaixo das árvores. Esse era um espaço oferecido para que os membros pudessem permanecer ali, aguardando o horário do culto, ou então conversando entre eles, na sombra das árvores. Nesse período, não só a infraestrutura da Igreja Luterana já está transformada, como toda a Colônia vive novos tempos.



Foto nº 29 - Vista da Comunidade Evangélica Luterana da Colônia Riograndense – 1990
(Arquivo pessoal de Lídia B. Braun)

A foto 29 destaca a grande infraestrutura da comunidade luterana. A foto foi tirada a pedido do presbitério para a comemoração de alguma data especial. Certamente, o objetivo era que essa foto ficasse, não apenas arquivada, mas de posse de todos os membros da

comunidade, constituindo-se numa espécie de tentativa de perpetuar a Igreja Luterana, seus membros e suas atividades, tanto religiosas quanto festivas. Ou seja, o objetivo era desvelar o processo de transformação vivido na Colônia Riograndense.



Foto nº 30 - Vista do alto da torre da Igreja Luterana – cemitério ao lado do templo – Atualidade
(Arquivo pessoal de Andréa Pichler)

A foto 30, que retrata o cemitério, é atual e o fotógrafo procurou um ângulo privilegiado para tirá-la. De cima da torre da Igreja vemos um cemitério muito bem cuidado, bem arborizado e florido. Ao redor, a plantação de soja. Nesse cemitério, estão enterrados vários membros de famílias pioneiras.

Mesmo que as divergências ocorressem dentro da comunidade, - e elas tinham de ser superadas -, a Igreja Luterana serviu de sustentação para que muitos de seus membros lá permanecessem e assim pudessem compartilhar os problemas e buscar as soluções para os mesmos, sempre amparados pela fé e pelas diversas formas de integração entre os membros da comunidade.

As informações obtidas durante minha pesquisa de campo sinalizam para uma dupla função pastoral. O pastor não se ocupava apenas de suas funções pastorais, ou seja, das questões da religiosidade das famílias, mas ele também auxiliava nas questões referentes ao cotidiano familiar. Procurava investigar quais eram os problemas e as dificuldades enfrentadas por eles, colaborando na organização da vida cotidiana da comunidade.

A preocupação da Igreja Luterana era a de agregar todas as famílias em torno de um bem-estar comum. Contudo, as diferenças surgiram e se concretizaram em tensões e conflitos que as pessoas procuraram esquecer ao longo dos anos, ou seja, as formas de relacionamento, por vezes, conflituosas, que eram em outros momentos superadas pela integração e agregação entre eles.

As tensões aconteciam tanto em âmbito privado quanto nas relações estabelecidas na comunidade. Questões referentes à culinária, à língua culta e aos dialetos, os modos de se vestir, os insultos em relação à própria cultura foram muito frequentes. Até mesmo as brigas nos bailes, as discussões aconteciam por questões de caráter sócio-cultural. Às vezes, o fato de um olhar mal interpretado era encarado como insulto. Eram as ações simbólicas, de representação que expressavam a posição social de cada indivíduo¹¹⁹.

Os pastores que eram enviados para comunidades em formação, preparavam-se também, através do aprendizado de alguns assuntos básicos, uma espécie de “primeiros socorros”. Geralmente vinham da Alemanha e traziam alguns medicamentos para febre e dores em geral, disponíveis somente lá naquela época. Esses medicamentos foram fundamentais para essa população.

Para exercer a função de pastor da comunidade luterana e se deslocar de um lado para o outro, o pastor utilizava o cavalo e a charrete como meio de transporte, até que chegaram os primeiros tratores e caminhões.

Em 1959, o templo da Igreja Luterana que era de madeira cedeu lugar a um novo templo feito de alvenaria, como já vimos nas imagens. Houve divergências entre as famílias dos imigrantes quanto à construção do novo templo. Isso se deu porque alguns membros da comunidade queriam que ele fosse construído ao lado da casa paroquial que ficava a mais ou menos um quilômetro de distância do antigo templo. Outros, queriam que o templo fosse construído no mesmo lugar onde estava, um local mais plano e mais alto em relação ao outro desejado.

Pelo que pude analisar, através dos diálogos, é que essas diferenças de opiniões foram aos poucos sendo superadas especialmente através da vinda do Pastor Johannes Knoch a essa comunidade. O Pastor Knoch usou de diplomacia, conversou com um e com outro e assim acabaram entrando em acordo, sendo que, o novo templo foi construído ao lado do antigo templo. Para quem chega à Colônia, a Igreja Luterana é vista de longe e o mesmo acontece para quem está no local. É um lugar privilegiado, pois de lá é possível enxergar uma bela paisagem.

A Sra. Grete lembrou as divergências sobre o local onde seria construído o templo:

¹¹⁹ A História Cultural, esclarece Chartier, *é importante para identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler*. Portanto, ao voltar-se para a vida social, esse campo pode tomar por objeto as formas e os motivos das suas representações e pensá-las como análise do trabalho de representação das classificações e das exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais de um tempo ou de um espaço. CHARTIER. Op. Cit. p.17.

Por exemplo, tinha aqui a Igreja, uns queria a Igreja aqui embaixo perto da casa paroquial, outros queriam ela lá em cima, onde ela está, mas é.....foram falando, falando, um fala aqui, outro fala ali.¹²⁰

Chama atenção o fato de haver divergências em relação à construção do novo templo, mas é compreensível que isso acontecesse. É importante ressaltar que havia na Colônia pessoas muito diferentes entre si. Essa divergência se expressava na maneira de se vestir, na forma de pensar, nos hábitos e costumes, na língua, pois elas falavam vários dialetos e também o alemão culto. Além disso, as pessoas que vieram da Europa eram muito diferentes daquelas que vieram da região do Sul, por exemplo. Portanto, as divergências imbricadas nesse processo acentuaram a disputa de um lugar social entre eles.

Os conflitos e as divergências entre os imigrantes que vieram da Alemanha e dos migrantes gaúchos de descendência alemã eram os mais comuns, como veremos adiante. Essas divergências faziam parte do cotidiano, pois cada pessoa buscou ocupar seu espaço, ter uma boa posição social dentro do grupo, seja nas relações de sociabilidade, seja através das práticas culturais ou, ainda, nas relações de produção que se expressavam nas relações de poder e lutas de representação.

Nessa perspectiva, é salutar utilizar as idéias de Thompson sobre as relações sociais e a concepção de cultura que perpassa a noção de experiência de homens e mulheres.

As relações entre o ser social e a consciência social seguem agora: em qualquer sociedade cujas relações sociais foram delineadas em termos classistas, há uma organização cognitiva da vida correspondente ao modo de produção e às formações de classe historicamente transcorridas. Esse é o senso comum do poder (...). Contudo, há um sem número de contextos em que homens e mulheres, ao se confrontarem com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos ao seu modo de vida. Nesses contextos, não se pode conceber o ser social à parte da consciência social e das normas. Não há sentido algum em atribuir o prevailecimento de um sobre outro¹²¹

Nesse jogo de forças que permeou o cotidiano das pessoas, foi possível evidenciar o confronto das diferenças, a saber, seus valores e seus costumes, suas diferenças de classes sociais, ao mesmo tempo em que, criava-se um espaço para intensas trocas culturais, por meio do convívio diário. À medida que as diferenças culturais se expressaram em relações de poder

¹²⁰ Entrevista com Grete Wrede em 01/05/03.

¹²¹ THOMPSON. Edward P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001. p.261.

e emergiram no âmbito das relações de sociabilidade, as pessoas passaram a exporem-se entre si, ganhando maior visibilidade no processo de inserção na região.

Quando o pastor Knoch veio para trabalhar na comunidade luterana em 1952, era ainda muito jovem. Contudo, isso não dificultou o trabalho dele e de Frau Knoch, sua esposa que veio para a Colônia um ano depois dele. Eles organizaram, com o apoio de alguns membros do presbitério e da comunidade, vários cursos para jovens, homens e mulheres, como meio de aprendizado para as diversas atividades realizadas e para as quais ainda não tinham conhecimento.

Os cursos eram separados para as moças e para os rapazes. Aprendiam noções básicas de matemática para auxiliá-los nas contas, e de língua portuguesa, especialmente como preparação de sobrevivência na Colônia Riograndense em condições ainda muito precárias. Além disso, para as moças, eram oferecidos cursos de culinária, noções de costura, especialmente para costurar roupas de trabalho e também como lidar com os bebês. Os rapazes também recebiam orientações a respeito de adubação nas lavouras e a reposição dos nutrientes. Segundo a Sra. Knoch, esse papel exercido pela Igreja Luterana auxiliou muito nas questões referentes à sobrevivência diária na Colônia, pois muitos colonos e suas famílias não tinham conhecimentos sobre assuntos ligados ao seu cotidiano e, foram, paulatinamente, se integrando nesse processo.

A Sra. Knoch lembrou a responsabilidade do marido em relação aos jovens da colônia, ou seja, proporcionar um ambiente agradável e ser um líder entre os colonos. Ela conta que,

Olha, muitas vezes nós relemos o contrato de instalação do meu marido, então se diz dar atenção especial ao jovem, né? Num contrato de pastor que veio aquela época, e ele solteiro e todo mundo colaboraram, ajuntaram os jovens (...) brincaram, meu marido também era assim e fizeram a programação. Domingo à tarde, encheu de jovens e fizeram depois excursões, fizeram também muita coisa em outro lugar (...) onde tinha pasto limpo assim, um fresco, uma coisa, tomar banho nos rios, primeiro uma meditação e muito canto, brincadeiras. Isso é divertimento.¹²²

Analisando as lembranças da Sra. Knoch é possível enveredar por caminhos que nos levam a várias reflexões. Uma delas diz respeito à importância da religião na vida das famílias, especialmente dos jovens. Outra enfatiza a convivência e o jeito simples de viver

¹²² Entrevista com Wilhelmina M. E. Knoch em 26/07/02.

entre as pessoas que, embora culturalmente diferentes, conviviam intensamente através das relações de sociabilidade estabelecidas diariamente. Em determinados momentos, essas relações configuraram-se em tensões e disputas do espaço social que cada qual almejava. Por último, a relação estabelecida entre religião e lazer, alternativas buscadas pelas pessoas que naquela época contavam com poucas opções de lazer e de práticas culturais.

Na Igreja Luterana foi cultivada a prática de promover festas que se tornaram tradicionais ao longo dos anos. Destaco a comemoração do Dia das Mães e Dia dos Pais, o Dia da Reforma Luterana, Dia da Imigração Alemã, o Natal entre outras. Esses festejos integravam todos os membros da comunidade, inclusive os católicos, bem como recebiam pessoas de toda a região. As festas, geralmente iniciavam com um culto festivo, logo após havia almoço com churrasco, lingüiça, maionese, galinhada e para a sobremesa bolos típicos alemães e bolos comuns.

Tão importante quanto vivenciar a fé foi também a comemoração de datas especiais, como o Natal. A tradição de celebrá-lo foi preservada na Colônia Riograndense, através da religião. Celebrar a véspera de Natal com um culto religioso, com uma enorme árvore, muitos hinos, entrega de *pacotinhos*¹²³ às crianças, recheados com maçãs, chocolates e bolachas, especialmente as caseiras, é um costume que os evangélicos luteranos preservaram ao longo dos anos, como uma forma de recriar práticas e costumes.

Comemorar esta data envolvia uma série de funções desempenhadas especialmente pelas mulheres. Na semana do Natal, as mulheres cuidavam da arrumação da casa. Deixavam tudo organizado e bem limpo para esta data. A confecção de bolachas artesanais e a montagem da árvore, geralmente feita com galhos de pinheiros naturais, faziam parte dos preparativos.

A Sra. Grete relembra que a época do Natal tinha de ser recebida com muitas arrumações na casa:

Muito, muito importante. Une a família, une os vizinhos. Muito importante. Já dias, a dias lavar a parede, lavar a casa. Naquele tempo tinha os panos de parede, tirava tudo e lavava e deixava a casa brilhando, podia ser ranchinho, podia ser o que for! pra comemorar o dia.¹²⁴

¹²³ *Pacotinhos* eram presentes embalados em saquinho plástico que continham chocolates, balas, bolachas caseiras, maçãs e doces em geral e eram organizados pelas senhoras da OASE – Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas, as quais pertenciam à Igreja Luterana.

¹²⁴ Entrevista com Grete Wrede em 01/05/03.

Vimos que, por um lado a Sra. Grete ressalta a importância de comemorar essa data, pois como ela mesma relembra, havia um sentimento de união entre a família, os vizinhos e as pessoas em geral que moravam nas proximidades e conviviam entre si. Por outro, ela reforça que era fundamental o cuidado com a casa e os preparativos, considerados dois elementos essenciais da cultura alemã, e que foram preservados e repassados para as gerações mais jovens por um longo tempo.

Note-se que a Sra. Grete, apesar de lembrar os aspectos da cultura e dos costumes, não faz menção aos aspectos religiosos que envolvem os preparativos natalinos. Na convivência entre eles, nos casamentos mistos, sofrendo a influência das transformações sócio-culturais ocorridas ao longo das décadas, esses costumes foram cedendo lugar a outros valores que o tempo transformou e que foram, gradativamente, perdendo sua força inicial.

Com o passar dos anos, foram introduzindo nos festejos os leilões de gado que, se tornaram tradicionais e que atraíram grande número de pessoas às festas. O objetivo era comemorar as datas festivas, especialmente visando à integração de todos, não só dos membros do mesmo grupo da comunidade luterana como também a comunidade de católicos que, desde longa data, frequentaram as festas, e pessoas de toda a região.

O apoio da religião, fornecendo suporte espiritual e a Igreja como espaço de trocas culturais foi fundamental para as famílias que ousaram trocar sua terra por outra em busca de novos ideais e de melhores condições de vida. Não menos importante foi o apoio mútuo entre as famílias dos imigrantes alemães e seus descendentes, tanto quanto o apoio oferecido pela Igreja. Unidos, fortaleceram laços que se formaram entre eles, na convivência, nos relacionamentos, seja no trabalho ou no lazer, numa dinâmica que facilitou o processo de inserção do imigrante e seus descendentes mais rapidamente.

Outra Instituição que marcou profundamente a história de vida dos imigrantes e seus descendentes foi a escola, pois além do caráter educativo, proporcionou também a permanência dos traços culturais alemães e, mais tarde, a integração com os brasileiros. Mesmo com todos os percalços, ela serviu de apoio, integrando imigrantes, filhos e netos, na língua materna ou, mais tarde, na língua portuguesa, como veremos a seguir.

3.2. A escola como forma de integração

A instituição escolar de língua alemã contou com uma Associação Escolar desde 1925. Segundo o relatório do professor João Troucort, em 1937 a Associação contava com 40 sócios. Dela não participavam necessariamente pessoas que tivessem filhos em idade escolar. A Associação integrava também famílias que tinham em comum a vontade de preservar alguns traços da cultura alemã, especialmente a língua. Como afirma Abib, “preocupados com a educação de seus filhos, os colonos imigrantes da Riograndense fundaram a Associação de Colonos (Kolonisteverein) em 1925. Liderados pelo pastor Heinrich Wrede, em regime de mutirão, construíram em madeira, a primeira escola¹²⁵”.

Bruno Soares, analisando o germanismo e o nazismo na Colônia alemã de Presidente Venceslau afirma que,

A criação de instituições e de lugares privilegiados para a manutenção e reconstrução da germanidade por parte dos colonos alemães foi uma constante em todos os núcleos coloniais criados no Brasil, tanto no âmbito rural como no urbano. Dentre as inúmeras associações levadas a cabo pelo projeto germanista para a concretização desse fim, nenhuma logrou tamanho êxito como a *Deustch Schule* (Escola Alemã)¹²⁶.

O primeiro local onde funcionou a escola de língua alemã na Colônia Riograndense, foi na própria Igreja Luterana, mais precisamente no templo antigo. Mais tarde, com a construção da casa pastoral, as aulas passaram a ser ministradas nela (Foto 31). Um dos professores lembrados foi João Troucort. Ele permaneceu lecionando em língua alemã na Colônia por alguns anos. A partir da mudança da escola para a língua portuguesa, as lembranças se direcionaram à Sra. Maria Ribeiro de Castro, esposa do Sr. Cupertino de Castro que, segundo relatos, se dedicou muito às crianças - filhos de imigrantes alemães e seus descendentes e também de brasileiros, alfabetizando-os e ensinando-os a língua portuguesa.

Sonia Nobre, analisando a importância atribuída à escola alemã e à Igreja Luterana constata que,

¹²⁵ ABIB, R. G. Op. Cit. p. 118.

¹²⁶ SOARES, Bruno P. *Germanismo e nazismo na colônia alemã de Presidente Venceslau (1923 – 1945)*. Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP, 2009. p. 60.

A escola, ao lado da igreja, lutava para manter viva a tradição alemã. Para isso, foram criados meios de comunicação como jornais, revistas, calendários, etc, que circulavam diariamente não apenas no ambiente escolar, mas também em toda a comunidade. Todo esse material de leitura tinha a intenção de informar e, principalmente, de formar o espírito alemão¹²⁷.



Foto nº 31 - Casa pastoral – Sede da escola de língua alemã na Água da Barra Mansa – Década de 1940/50 (aprox.) (Arquivo pessoal de Lídia B. Braun)

A escola primária em língua alemã se manteve de forma mais estruturada nos primeiros anos da colonização. Já a partir da década de 1930, a comunidade da Colônia Riograndense passa a ser pressionada por órgãos governamentais, bem como todas as colônias alemãs do Brasil, que extinguisse de vez a língua materna, exigindo o domínio da língua portuguesa, já que esses imigrantes haviam optado pela cidadania brasileira, “pois os pré-requisitos para a cidadania plena passavam pelo domínio da língua portuguesa¹²⁸”. Nessa perspectiva, a escola seria o agente formador desses cidadãos, bem como de sua nova identidade cultural. Ednéia Regina Rossi ao analisar *a escola primária e a forma de socialização escolar em São Paulo*, entre 1912 e 1920, afirma que,

¹²⁷ NOBRE, Sonia AP. dos Santos. *Associação dos professores teuto-brasileiros do Estado de São Paulo*: uma reconstrução histórica da trajetória de um órgão associativo voltado à educação étnica no período de 1916 a 1938. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas, 2004, p. 69.

¹²⁸ SILVA, Zélia Lopes. Imigração e cidadania: Os impasses e disputas nos caminhos da brasilidade. In: HASHIMOTO, F; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (Orgs) *Cem anos da imigração japonesa*. História, memória e arte. Op. Cit. p. 57.

A escola primária assume a tarefa de nacionalizar o caboclo e o estrangeiro. Na prática, os agentes do ensino vincularam às disciplinas de história e geografia do país e instrução moral e cívica o ideal de desenvolvimento do sentimento nacional e de amor à pátria, e ao ensino da língua, a coesão da raça¹²⁹.

No período da Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra, se intensificou a exigência do domínio da língua portuguesa e a proibição das escolas de língua alemã nas colônias que ainda não seguiam as leis impostas pelos órgãos do governo brasileiro, pois “a pretensão era resolver também a pendência em relação aos grupos estrangeiros, que viviam no estado e que burlavam as leis brasileiras em suas escolas, estruturadas com base na língua, história e costumes do país de origem.”¹³⁰

Nessa perspectiva, as escolas de língua portuguesa foram sendo integradas à comunidade local e instaladas em alguns bairros onde pudessem dar conta da demanda da população de crianças e jovens em idade escolar. As principais escolas se constituíram, a partir de 1950, no bairro da Água da Barra Mansa, próximo ao local onde funcionava a escola de língua alemã, outra na Água do Macaco, onde se situava o clube e o armazém do Sr. Alvino e, outra ainda na Água da Estiva.

Dois aspectos devem ser considerados no que tange à proibição do idioma alemão na escola fundada pelos próprios imigrantes. Se por um lado, se viram forçados a cortar certos vínculos com a língua materna, por outro, os filhos dos imigrantes alemães e seus descendentes ao se verem obrigados a frequentar a escola de língua portuguesa passaram a conviver mais diretamente com os filhos de brasileiros que viviam na região. Vivendo essa experiência, foram incorporando outros hábitos e também adotando a língua portuguesa, distanciando-se da língua alemã, que já vinha perdendo sua força inicial. Essas redes de relações estabelecidas entre os imigrantes alemães e seus descendentes com o restante da comunidade de brasileiros da região, impulsionaram para maior entrosamento entre eles e a inserção definitiva dos mesmos na sociedade brasileira.

Esse não foi um processo muito fácil. Muitos descendentes de alemães que passaram a frequentar a escola de língua portuguesa, de início, sofreram alguns constrangimentos, pois ainda não dominavam a língua portuguesa. Plínio Baumgarten me relatou que, ao frequentar a escola de língua portuguesa, os irmãos e ele sofreram insultos por parte dos brasileiros que os

¹²⁹ ROSSI, Ednéia Regina. *Insuladas Tribos*. A escola primária e a forma de socialização escolar. São Paulo (1912-1920). Assis-SP. Tese de Doutorado em História, UNESP, 2003. p.163.

¹³⁰ SILVA, Zélia Lopes. Imigração e cidadania: Os impasses e disputas nos caminhos da brasilidade. In: HASHIMOTO, F; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (Orgs) *Cem anos da imigração japonesa*. Op. Cit. p.59.

chamavam de “*alemão batata*”. Isso fez com que, inicialmente eles se isolassem do restante da turma na hora do recreio. Se houve no início da convivência preconceito por parte dos alemães em relação aos brasileiros, isso também aconteceu em relação aos alemães. Certamente, isso foi sendo superado, aos poucos, à medida que passaram a conviver mais intensamente, integrando-se aos costumes brasileiros.

Entre os anos de 1950 a 1960, a escolaridade dos jovens chegava até o quarto ano do primeiro grau. Nos anos subsequentes, com a melhoria de transportes e das questões referentes ao trabalho e à vida cotidiana em geral, as gerações mais jovens passaram a aumentar o seu nível de escolaridade.

Algumas pessoas me contaram também que não foram poucas as vezes em que levaram umas “*reguadas*” da professora, ou então, os frequentes castigos como o de ajoelhar em cima de grãos de milho, por não saberem falar a língua portuguesa. De maneira descontraída e achando muita graça, relembram esses fatos que, no passado, causaram medo e insegurança. Isso indica a superação de alguns dos traumas que marcaram a infância de muitos alemães e seus descendentes vivendo no Brasil nesse período.

A distância a percorrer para chegar à escola era grande. Em dias de chuva os caminhos se tornavam intransitáveis, prejudicando a frequência dos alunos às aulas. Como a maioria das famílias trabalhava coletivamente na plantação e na colheita, era comum que os filhos mais velhos dos colonos, em idade escolar, faltassem às aulas para auxiliarem no trabalho.

Para os alemães instalados no Brasil, a guerra representou constrangimentos em relação ao costume e ao modo de vida realimentado na Colônia Riograndense. As relações do Brasil com os Aliados, contra os países do Eixo trouxeram às famílias muitos transtornos e proibições em relação à língua alemã. Alguns dos meus entrevistados me contaram que, quando eram crianças, não sabiam falar português. Quando chegava alguém em suas casas, a recomendação dos pais era para que não *abrissem a boca*, pois poderia trazer alguma complicação a eles. Todos os objetos que propagassem a língua alemã tinham de ser escondidos ou então, enterrados no fundo do quintal, entre as frutas e as verduras. Eram livros, jornais, revistas, fitas, entre outros. Várias pessoas me disseram que até a Bíblia tiveram de enterrar para evitar problemas mais sérios.

A partir daí os cultos na Igreja Luterana passaram a ser realizados em língua portuguesa, pois temiam que alguém pudesse denunciá-los, mesmo porque eram constantemente vigiados. Certamente, nos primeiros cultos nem todos entendiam e, às vezes,

conseguiam burlar a vigilância realizando os cultos em língua alemã mas, aos poucos, foram aprendendo e se alternando entre a língua materna e a língua portuguesa. Essas questões também remetem a anos anteriores, desde o começo do século XX, quando havia a preocupação do governo em construir uma identidade nacional, proibindo a língua estrangeira em todas as colônias constituídas no Brasil e também após a Primeira Guerra Mundial.

Tais considerações contemplam as reflexões de Rossi para a década de 10 do século passado ao afirmar que,

A cultura diversificada do imigrante desafia o projeto homogeneizador da escola pública e as investidas para se instituir uma cultura capaz de legitimar a identidade nacional a partir da noção republicana. Por outro lado as escolas particulares e estrangeiras desafiavam também a construção da identidade da escola pública primária como o principal agente de formação¹³¹.

Apesar dessa situação, essa população, criou no dia-a-dia, estratégias de manter vivos alguns elementos culturais, como a língua, especialmente através da convivência entre iguais, na Igreja Luterana, na escola, nas festas e no lazer. Sem dúvida houve forte vigilância na Colônia, especialmente em festas, bailes e nos cultos, temendo que os alemães se tornassem uma ameaça. Entretanto, houve maneiras de burlar o esquema de vigilância e fazer uso de alguns elementos da cultura alemã.

Uma dessas ocasiões é narrada pela Sra. Herta.

Um dia tinha uma festa de escola em Laranjeiras e de noite era pra fazer baile lá no Luís Völk. Aí nós fomos. Foi o Plínio, meu irmão Herbert, Egon e o Heins Stellbrik. Ele era muito amigo do meu irmão, ele também estava sempre junto com nós. E nós fomos nesse baile. Aí o Luís Völk tinha que chamar a polícia de Maracaí. Ah! Tinha que ter um policial, senão, tinha muito alemão, só falava em alemão. Aí o Heins era sacana, ele enchia o soldado de bebida e ele falava bem português, ele veio de São Paulo. (...)No fim, o Heins deu tanta bebida pro soldado que ficou bêbado, só dava risada. No fim, nós pegamos ele pra dançar, com a polícia. E o Heins tocou o hino “Alemanha por toda parte” e ele nem sabia o que era aquilo. (risos)¹³²

Nessa situação de vigilância vivida, as coisas se tornavam mais difíceis. As pessoas mantinham o hábito de falar em alemão em casa, com seus vizinhos e amigos da mesma origem, pois mesmo que houvesse a proibição do governo brasileiro incentivando a criação da

¹³¹ ROSSI, Ednéia Regina. Op. Cit. p. 170.

¹³² Entrevista com Herta Weissheimer em 24/04/03.

identidade brasileira, elas eram obrigadas a adequar-se aos costumes do Brasil. Gradativamente, imigrantes alemães e seus descendentes vão se inserindo na comunidade e construindo novas relações de sociabilidade.

Desde 1933 já havia na Colônia Riograndense um grupo de apoio ao NSDAP¹³³ – Partido Nacional Socialista Alemão dos trabalhadores de Adolf Hittler, com um bloco constituído na cidade de Assis. João Troucort foi professor de alemão por alguns anos, enquanto funcionou a escola em língua alemã. Segundo Soares, “as escolas ganharam ainda uma atenção especial frente à política ideológica do Partido e a partir de 1933 muitas começaram a receber professores que eram membros do NSDAP¹³⁴”. Troucort escreveu no diário da escola¹³⁵ um relatório em que menciona a construção da escola em 1936, com o apoio financeiro do partido nazista.

O apoio dado pelo partido nazista parece ter sido uma constante nas colônias alemãs constituídas no Brasil e uma preocupação “que determinasse nos anos vindouros o crescimento material e cultural da colônia, amparada agora pelo apoio nazista. Isso num contexto em que houve maior atenção da Alemanha às colônias brasileiras, como atesta a historiografia nacional¹³⁶”.

Troucort relata também sobre as atividades realizadas na escola, bem como sobre dados da formação da Colônia Riograndense e da Cooperativa Teuto-Brasileira. Segundo o relatório, em 1937 havia 37 crianças estudando na escola. Havia também 160 famílias morando na Colônia, sendo que 90 eram alemãs do Reich, 45 teuto-brasileiros, 20 alemães russos e 5 brasileiros. Analisando o relatório, fica evidente que João Troucort era partidário ao nazismo e que havia a influência do NSDAP entre os alemães, tanto financeira quanto ideológica¹³⁷. Outro aspecto importante que foi possível evidenciar, era a relação existente entre o Partido Nazista e a escola, mas também entre ambos e a Igreja Luterana, visto que, os mesmos integrantes da Associação Escolar eram também membros da Igreja Luterana e, pelo que pude perceber, muitos deles eram adeptos ao nazismo. Além das relações comuns estabelecidas entre eles, havia um forte elo que os identificava, à medida que sentiam necessidade de preservar a identidade e a cultura alemã no seio da comunidade.

¹³³ NSDAP – sigla do nazista de Adolf Hittler – Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei.

¹³⁴ SOARES, Bruno P. Op. Cit. p. 73.

¹³⁵ A escola de língua alemã se localizava no bairro da Barra Mansa, na Colônia Riograndense.

¹³⁶ SOARES, Bruno P. Op. Cit. p. 49 e 50.

¹³⁷ TROUCORT, João. Relatório da escola alemã. Colônia Riograndense, fevereiro de 1937. Apud ABIB, R. G. Op. Cit. p. 120-123.

Pelo que se sabe o partido nazista se fez presente por vários anos na Colônia e “a ideologia propalada pelos ideólogos de Adolf Hitler apenas se apropriou de um grande aparato identitário forjado pelos próprios colonos e seus descendentes ao longo do processo de fixação em território brasileiro¹³⁸”

Segundo pesquisas, Soares afirma que entre 1934 a 1936 registraram-se 26 filiados de colonos ao partido nazista em Presidente Venceslau. Já no Estado de São Paulo o número de filiados contou com 366 membros¹³⁹.

Entrevistando a Sra. Olga, ela me revelou aspectos marcantes da memória que tem em relação ao partido nazista, mais especificamente sobre Hitler.

*No tempo de Hitler tava bom!*¹⁴⁰

Certamente, a Sra. Olga relembra do partido nazista e de Hitler, a partir da construção de uma memória coletiva sobre ambos. Pensar historicamente que Hitler foi capaz de massacrar seis milhões de judeus não faz parte da memória seletiva da Sra. Olga. Para ela, o que importa é que Hitler oferecia alguns alimentos, uma espécie de cesta básica para sua família nos momentos de crise que ela viveu na Alemanha, como ela me relatou.

Essa forma de pensar deve ter permeado muitas vidas na Colônia Riograndense. Talvez por haver ligação entre o partido nazista e alguns membros da comunidade luterana, pois como vimos no relatório do professor de língua alemã, a escola que foi organizada pelos próprios imigrantes alemães foi construída com o dinheiro do partido nazista e, mais tarde, o prédio passou a ser propriedade da Igreja Luterana, a casa pastoral. Isso indica que nos primeiros anos de colonização até a década de 1940, a presença do partido nazista ainda foi muito significativa nesse período, influenciando também a maneira de pensar, agir e viver das pessoas.

O processo de inserção e integração entre alemães e brasileiros através das relações de convivência se deu gradativamente, apesar dos entraves e percalços que foram surgindo ao longo dos anos. Dessa forma, a convivência entre iguais foi tão importante quanto as relações estabelecidas com as instituições que deram sustentação nessa caminhada de intensos desafios.

Sobre esse assunto, Janete Leiko Tanno afirma que,

¹³⁸ SOARES, Bruno P. Op. Cit. p.28.

¹³⁹ Idem. Ibidem. p.69.

¹⁴⁰ Entrevista com Olga Henschel em 07/05/02.

Nesse processo de adaptação à nova realidade, a convivência com os iguais era uma forma de manter a identidade e com certeza suavizar, ainda que minimamente, a saudade da terra natal, as dificuldades, os sofrimentos e as angústias que sentiam trabalhando e vivendo numa terra estranha.¹⁴¹

Entre as pessoas de mesma origem, a língua alemã se constituiu num elemento de coesão, mas representou também, um motivo de tensão, pois imigrantes e migrantes alemães tiveram dificuldades de assimilar a língua portuguesa. Mas, com o passar dos anos, foram aprendendo através da convivência. Bourdieu assinala que a língua falada por um determinado grupo social expressa as formas de representação de sua cultura.

Eram as diferenças dialetais expressando as diversidades culturais que os distanciavam, uma vez que a língua, o dialeto ou o sotaque são objetos de representações mentais, quer dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos¹⁴²

A Sra. Grete relembrou esses momentos com muitos risos.

*Saía cada português engraçado*¹⁴³

Certamente, a Sra. Grete considera essa experiência engraçada após ter assimilado bem a língua portuguesa. Se considerarmos o que Bourdieu assinala acima, quando afirma que a língua e os dialetos representam as diversidades culturais, devemos reconhecer que esse processo foi complexo e não foi nada fácil para quem viveu essa experiência.

Na Colônia, sempre houve uma alternância entre a língua alemã e os diferentes dialetos. Entretanto, havia uma predominância tanto do alemão culto, *Hochdeutsch* quanto do *Hunsrückisch* – o dialeto usado pelos gaúchos, entre outros dialetos. O alemão culto e o dialeto dos gaúchos eram usados freqüentemente, em diferentes situações e circunstâncias. O *Hunsrückisch* é um dialeto falado na região de *Hunsrück* que fica no sestado da *Renânia-Palatinado (Rheinland-Pfalz)*, situado no sudoeste da Alemanha. Muitas pessoas emigraram da região do *Hunsrück* para o Brasil.

¹⁴¹ TANNO, J. L. Formas de Sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade paulista. 1930 – 1970. In: HASHIMOTO, F; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (Orgs). *Cem anos da imigração japonesa*. Op. Cit. p.66.

¹⁴² BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. p.112.

¹⁴³ Entrevista feita com Grete Wrede em 19/07/02.

O principal motivo da vinda para o Brasil foi a questão da realidade econômica, pois era uma região muito pobre da Alemanha. Não só a Alemanha, mas toda a Europa respirava aliviada com o fim do flagelo napoleônico, em 1815. Embora a guerra tivesse acabado com a derrota de Napoleão na batalha de Waterloo, no entanto, em nada mudou as péssimas condições que a Alemanha passava tanto nas cidades quanto no campo. No campo imperava o minifúndio. Pela contínua exploração das terras, elas tornaram-se pouco produtivas. Mas de nada revolveu o abandono do campo pelos camponeses, pois estes não encontravam emprego nas cidades.

A indústria manufatureira havia criado novas profissões, para as quais os camponeses não tinham qualificação, pois eram na maioria ex-servos. Essa situação perdurou na Alemanha e, em especial na região do Hunsrück até o final do século XIX e, dessa forma, muitas pessoas resolveram emigrar para o Brasil. Aqueles que vieram da região do Hunsrück foram primeiramente para a região sul do Brasil, especialmente para o Rio Grande do Sul, a partir de 1824. A possibilidade de obter uma pequena propriedade no campo e de sobreviver nele, tanto o indivíduo quanto sua família, estava muito presente entre aqueles que foram para o sul do Brasil.

Nas conversas entre as pessoas que moravam na Colônia Riograndense foi possível observar alguns aspectos interessantes em relação ao uso da língua, entre alemães e gaúchos, utilizando o alemão culto e o dialeto, ou então ambas as formas de linguagem.

Aquelas pessoas cuja língua se baseava no *Hunsrückisch*, que eram os alemães-gaúchos, vindos diretamente do Rio Grande do Sul, frequentemente usavam também termos do *Hochdeutsch*. O contrário era mais difícil acontecer, mas as pessoas conviviam utilizando as duas formas da língua alemã ou utilizando-as simultaneamente, dependendo dos momentos e relações vividas. Como exemplo, podemos citar uma frase utilizando o dialeto, mas com traços do alemão culto: *Mia sin dot runna guelaf*. Utilizando somente o alemão culto a frase ficaria assim: *Wir sind da runter gelaufen*. Traduzindo: Nós descemos correndo.

Ao mesmo tempo em que as pessoas utilizaram, tanto o alemão culto quanto os dialetos, dependendo do momento do diálogo, era muito comum introduzir palavras da língua portuguesa em longas conversas realizadas tanto no dialeto como no alemão culto. Por exemplo: “Ach! Ich kann awa net ohne mein *chimarrão* bleibe, dann krin ich sogá *saudades*”. Traduzindo: “Ah! Mais eu não posso ficar sem o meu chimarrão, pois então eu fico até com *saudades*”. Por último, e não menos frequente, ocorreu a formação ou a associação de palavras

da língua portuguesa com o alemão ou ainda a assimilação de termos do português para o alemão. Alguns exemplos: *Mexiere*, quer dizer mexer, *balanciere*, quer dizer balançar, *acostumiere* é acostumar, *Moskit* é mosquito, *Lat* é lata, *Pat* é pato, *Mandiók* é mandioca e assim por diante.¹⁴⁴

É interessante notar que, em relação à questão da língua, as pessoas sempre se lembram achando engraçado os momentos em que eles desconheciam a língua portuguesa. Apesar da discriminação que os alemães sofreram em relação a essa questão, especialmente no período da guerra, com a perseguição em relação à língua alemã, fica evidente que havia sempre uma maneira de contestar e resistir, mesmo que discretamente, mantendo o uso da língua materna. O contrário também aconteceu constantemente, pois os alemães tiveram atitudes de preconceito em relação aos brasileiros, discriminando-os, procurando no início manter pouco contato com eles, evitando também os casamentos dos seus filhos e filhas com brasileiros.

Essa forma de enxergar o brasileiro, como sendo de um nível cultural mais baixo é compreensível, se considerarmos o contexto histórico de ambas as culturas que já vinham impregnadas de preconceitos em relação a todo um modo de viver e de trabalhar. A integração e o convívio diário permitiram que as pessoas se conhecessem melhor e que, aos poucos, fossem deixando o preconceito para trás. O resultado dessa integração foi a inserção da população imigrante à sociedade brasileira e uma experiência de intensas trocas culturais entre ambas as partes.

Em relação à preservação da tradição cultural na Colônia, geralmente as pessoas revelam certa tristeza por algo que consideram ter perdido. A convivência na escola, na Igreja Luterana, na Cooperativa Riograndense, nas festas, nos clubes foi mais intensa no passado e vivida de forma diferente das relações estabelecidas em períodos mais contemporâneos, pois as famílias se reuniam até mesmo nos barracões, utilizados outrora como armazém de alfafa, para apresentar peças teatrais, assistir a filmes e documentários que reforçavam aspectos da cultura alemã e os modos de viver na própria Alemanha; cantavam nas festas e falavam a língua alemã em casa e, naturalmente, no dia-a-dia.

¹⁴⁴ Esses exemplos foram retirados da Dissertação de Mestrado de Any Lamb Fenner que nasceu na Colônia Riograndense. Esses exemplos foram citados por ela em sua dissertação como sendo situações de diálogos vivenciados entre a população que era culturalmente diversificada. Cf. FENNER, Any Lamb. *Línguas em Contato - Alemão e Português numa comunidade urbana - Cascavel - PR*. Dissertação de Mestrado em Mestrado em Letras. Cascavel, Unioeste, 2001.

Considerando esses espaços como formas de preservar alguns traços da cultura alemã, a análise de Soares sobre a importância da escola alemã e da Igreja Luterana como espaço de sociabilidade e da preservação de alguns elementos da tradição alemã é fundamental já que reforça os vínculos com a Pátria de origem. Soares afirma que,

Com a criação da escola alemã e da Igreja Luterana, alguns espaços de sociabilidade foram sendo criados e a comunidade teuta de Aymoré pode reconstruir, mesmo que de forma peculiar, uma vida associativa nos moldes deixados na Alemanha. A identidade do imigrante é forjada na rememoração desses traços culturais diários, nas canções, no uso da língua, na escola, nos cultos (...)¹⁴⁵.

Quando pergunto sobre esses costumes, Sr. Heinrich relembra que,

*Não tem mais. Geralmente as apresentações nas festas, de teatro era em alemão, os jovens já.....quando o Alfredo, o Dago, o Arnoldo e outros assumiram, esses um ainda falaram alemão, ainda falam o alemão, mas era só, os outros já não....então, fazer uma apresentação em alemão não tinha mais jeito, e hoje então nem se fala. (...) Pois é, eu não sei, tem jovem que não quer saber da origem dele”.*¹⁴⁶

É compreensível que o Sr. Heins critique as gerações mais jovens que, segundo ele, perderam o interesse por qualquer tipo de contato ou ligação com as suas origens, expressando o sentimento de ser uma geração diferente da geração dos mais velhos. Ele se refere a algumas pessoas que fazem parte de uma geração mais jovem que ainda preservaram durante algum tempo certos costumes em festas e no dia-a-dia, ou então, passaram a resignificá-las. Tratava-se de uma preservação das tradições que acontecia em meio ao cotidiano ou então de maneira comunitária, mas diferentes das gerações mais jovens que sofreram profundas influências das transformações histórico-culturais ocorridas nas últimas décadas do século XX e que não tem o mesmo contato que os mais velhos tiveram com a cultura alemã.

A tradição da língua alemã herdada dos imigrantes passou a não fazer mais sentido nas vidas das pessoas. Tanto as gerações mais jovens quanto as mais velhas não sentiram necessidade de preservá-la. Eles viveram outros tempos, frequentaram outras escolas, enfrentaram novas condições de trabalho, conviveram com pessoas de diferentes culturas e modos de viver e, portanto, preservar as tradições e costumes herdados dos mais velhos

¹⁴⁵ SOARES, Bruno P. Op. Cit. p.42.

¹⁴⁶ Entrevista com Heinrich F. T. Hoffmann em 19/07/02.

passou a não ter mais a importância que tinha no passado. Ou seja, foram se estabelecendo novas relações de sociabilidade numa colônia que já não existe mais e se transformou com o passar dos anos, com a aceleração do mundo contemporâneo¹⁴⁷, em todos os segmentos da comunidade.

Entretanto, foi possível apreender no dia-a-dia das famílias algumas formas de preservação de alguns traços da cultura alemã, fragmentos de uma tradição que foi herdada e que, em certos momentos, foi e ainda é reelaborada. Esses traços estão impregnados nos hábitos alimentares, nos modos de se vestir, na forma de se expressar, seja através da língua ou dos gestos, na personalidade, às vezes mais retraída e fechada, nas reuniões de família ou com os amigos, na memória, nas festas, no trabalho e em tantos outros momentos e lugares.

Dirigente do Grupo Folclórico “Goldener Sonnenschein”, que foi fundado em 1984, apoiado e patrocinado pela Cooperativa Riograndense na gestão de Adêmio Fetter, Johanna Ziegler esteve à frente do grupo aproximadamente por sete anos. Nasceu e cresceu na Colônia Riograndense, onde mantém sua propriedade de terras e uma bela casa em que passa os finais de semana, mas desde longa data mora em Assis com a filha, o genro e o neto. Johanna cursou a faculdade de Educação Física, mas não exerceu a profissão e sempre se dedicou à família. A filha fala fluentemente a língua alemã e, sempre que possível mãe e filha reúnem um grupo de amigos, do qual eu também faço parte para ensaiar danças típicas alemãs, por ocasião de algum evento como a *Festa do Joelho de Porco (Eisbein)*, ou ainda para ensaiar peças teatrais e apresentá-las em noites natalinas. O neto de Johanna fala bem o alemão e entende perfeitamente, pois a avó conversa com ele somente em língua alemã. É evidente que o contato com os amigos brasileiros leva ao distanciamento da cultura alemã.

O seu genro é brasileiro, mas é adepto da cultura alemã e faz questão de demonstrar isso. Apesar de não ter o domínio da língua, procura manter, mesmo que de forma reelaborada, alguns dos costumes da cultura alemã. Johanna e Heinrich, são netos do primeiro pastor luterano da Colônia Riograndense e são sobrinhos da Sra. Grete Wrede. Johanna também é viúva do neto de Michel Lamb.

Dialogando com a Sra. Johanna, que foi dirigente do grupo folclórico alemão *Goldener Sonnenschein* durante anos, foi possível apreender o significado que as pessoas mais velhas atribuem ao fato de não haver a preservação da língua alemã. Como ela diz,

A língua já está quase acabada na Colônia, quase. Tem mais alguém que fala alemão das crianças? As mães novas igual a você, elas têm um pouco de

¹⁴⁷ WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*. Op. Cit.

vergonha de falar e daí não conversam porque acham que falam errado, mas esquecem que não têm importância, melhor falar errado do que não falar. (.....) Essa parte é uma pena que acabou.¹⁴⁸

O que Johanna tem dificuldade em aceitar é que as pessoas foram se inserindo na sociedade brasileira e que, para elas, preservar alguns elementos da tradição alemã, como por exemplo, a língua, envolve aspectos que fazem parte de uma nova identidade, mesmo que em determinados momentos elas se apropriem da cultura alemã para obter alguma vantagem, ou então, ressignifiquem a cultura herdada dos antepassados no seu cotidiano, como por exemplo, na culinária. Isso diverge da época de juventude de Johanna quando se convivia intensamente com a cultura alemã.

Sentimentos múltiplos que emergiram das pessoas indicam que houve mudanças nos modos de viver das pessoas. Muitos descendentes dos imigrantes alemães sentiram profundamente que a tradição tenha acabado. Mas eles têm consciência das mudanças estruturais ocorridas na Colônia Riograndense. Festas tradicionais e grupos folclóricos podem até retomar algumas dimensões da cultura, mas as vivem de outra maneira, recriando-as constantemente. Entre algumas pessoas houve um desejo de preservar a tradição, retomando alguns elementos da cultura, enquanto para outros, essas práticas não passaram de momentos de lazer e de sociabilidade, mas em ambos os casos a tradição herdada foi sendo recriada, ao mesmo tempo em que construíram uma nova identidade.

¹⁴⁸ Entrevista com Johanna Ziegler em 25/04/03.

**CAPÍTULO IV – AS PRÁTICAS CULTURAIS E AS RELAÇÕES DE
SOCIABILIDADE: ESPAÇO DE AGLUTINAÇÃO E DISPUTAS**

4.1. As práticas culturais e de lazer

Os momentos de lazer na Colônia Riograndense são lembrados pelas pessoas com grande nostalgia. A juventude, segundo os meus entrevistados, reunia-se para jogar bola, fazer piqueniques, realizar encontros de jovens (Fotos 32, 33, 34, 35, 36 e 37), tomar banho no rio, pescar, realizar bailes e outras formas de lazer “que lhes permita uma determinada identidade¹⁴⁹”.

As práticas culturais e de lazer eram simples, e proporcionavam integração entre as pessoas. Certamente, as opções de lazer de um jovem que viveu nessa época não eram muito diversificadas, mas mesmo assim, tinham um significado positivo. Se o Sr. Gabriel, quando era jovem, tinha menos opções de lazer e de práticas culturais, em contrapartida, os jovens das últimas gerações passaram a ter muito mais oportunidades de estreitar suas relações de amizade e de ampliar suas atividades culturais, mas nem por isso as opções de lazer da época do Sr. Gabriel eram menos prazerosas.

Entre os mais velhos, muitos lamentam o desaparecimento de práticas da cultura alemã que há anos atrás faziam parte do cotidiano das pessoas. Os moradores se reuniam nos finais de semana para as apresentações de teatro em língua alemã, apresentação de corais, sessões de cinema; e para a realização de bailes, nos clubes que usavam, especialmente, para a prática das tradições culturais.

Sr. Heins lembrou dos bailes que eram realizados frequentemente no Clube da Barra Mansa e lança um olhar crítico frente às transformações ocorridas em relação à postura dos jovens que buscam diversão fora da Colônia.

Hoje o jovem tem um baile lá não sei aonde, ele pega o carro e vai. Na época não, muita gente, o baile era aqui embaixo, no salão dos Pichol, só dessa água aqui da Barra Mansa, enchia o salão.¹⁵⁰

É importante salientar que havia naquela época mais gente morando na Colônia que nos anos subsequentes. Se para as gerações mais jovens é necessário se deslocar para outras cidades da região em busca de diversão, já para as gerações mais velhas isso não ocorreu, pois, além de haver muita gente morando na Colônia Riograndense não havia transporte, nem mesmo condições financeiras para isso. Os jovens encontravam-se constantemente para as

¹⁴⁹ DONZELLI, Cleivaldo A. Op. Cit. p. 128.

¹⁵⁰ Entrevista com Heinrich Hoffmann em 19/07/02.

mais variadas atividades de lazer - as quais já foram mencionadas - pois conviveram intensamente uns com os outros, numa dinâmica de relacionamentos que foi se transformando com o passar dos anos.

As fotos analisadas nesta pesquisa evidenciam aspectos de uma realidade vivida no passado, lembrada pelos meus entrevistados e congelada no tempo. As fotos 32 a 37 registram os encontros dos jovens, os quais eram realizados nas dependências da própria Igreja Luterana ou então, em outros lugares combinados nas redondezas, mas sempre procurando explorar o ar livre, a natureza e o relacionamento intenso entre eles.



Foto nº 32 - Moças e rapazes nos encontros da juventude na Igreja Luterana – Década de 1960
(Arquivo pessoal de Lídia B. Braun)

Observando as fotos 32 e 33 podemos notar que as mulheres estão jogando bola separadamente dos homens. Eles as observavam com olhar atento e, certamente, torciam pelos diferentes grupos que se formavam, especialmente quando estavam flertando com alguma das moças. O mesmo olhar atento das mulheres acontecia quando os homens jogavam bola ou realizavam qualquer tipo de dinâmica.



Foto nº 33 - Moças e rapazes nos encontros da juventude na Igreja Luterana – Década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Pode-se notar que as fotos que retratam o lazer evidenciam a forma diferenciada de se vestir. Ou seja, as pessoas vestem seus trajes de domingo, quebrando a rotina do dia-a-dia em que se vestem de maneira mais simples para o trabalho, como vimos nas fotos anteriores.



Foto nº 34 – A Juventude da Colônia se reunindo aos domingos à tarde na Igreja Luterana – Década de 1960 (Arquivo pessoal de Lídia B. Braun)

Observa-se nas fotos 32, 33, 34 e 37 que o fotógrafo procura um ângulo que mostre a presença maciça dos jovens de ambos os sexos e a integração entre eles. Na foto 34 é possível

evidenciar novamente que algumas dinâmicas eram separadas entre os homens e as mulheres. Talvez isso se explique porque poderia haver maior contato físico, trombadas, contatos inesperados que poderiam causar alguns constrangimentos entre eles. Certamente, os flertes, as paqueras e o desejo de rever aquela pessoa especial incentivavam muitos jovens a se reencontrar nas atividades de lazer, e também as de caráter espiritual organizadas pela Igreja Luterana. Aqui os homens também aparecem com suas roupas de passeio.



Foto nº 35 - Moças nos encontros da juventude na Igreja Luterana – Década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Podemos observar na foto 35 que as mulheres estão atentas, e parecem estar se divertindo e torcendo muito para os homens que estão realizando a dinâmica, provavelmente jogando bola. Nem a presença do fotógrafo tira a atenção delas. Notamos também, entre as moças que estão à frente assentadas, algumas estão usando calças compridas, sinalizando que o modismo da época começa a influenciar a forma de se vestir das moças da Colônia Riograndense.

A presença do violão com uma das moças indica que as atividades de lazer se estendem também às práticas culturais, nesse caso, provavelmente cantos em língua alemã.



Foto nº 36 - Rapazes nos encontros da juventude na Igreja Luterana – Década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

O mesmo olhar atento e com muitos risos evidencia-se na foto 36. Os homens observam eufóricos as mulheres que estão realizando uma dinâmica. Todas as fotos mencionadas (Fotos 32 a 37) têm uma intenção do fotógrafo em registrar o momento das atividades e, certamente todos os fotografados sentem-se importantes, embora estejam muito à vontade com câmara fotográfica, que é ainda uma novidade na época.



Foto nº 37 - Moças e rapazes nos encontros da juventude na Igreja Luterana – Década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Algumas dinâmicas, como vemos na foto 37, integravam homens e mulheres, mesmo que algumas pessoas ficassem de fora. Talvez fizesse parte da dinâmica. Nela, vemos uma dinâmica que parece um caracol. São homens e mulheres de mãos dadas que circulam entre si. Aqui, eles não parecem preocupados com os contatos físicos e as possíveis trombadas, provavelmente devido à forma que realizavam a dinâmica.

Alguns lugares foram se tornando ponto de referência na Colônia Riograndense, como o *Clube da Curva*, construído por volta de 1952-1953, por iniciativa de dois sócios gaúchos que já tinham uma venda¹⁵¹ de secos e molhados no mesmo local (Foto 38).

Um dos sócios do armazém era o Sr. Alvino Mielke, meu entrevistado, e o outro era o Sr. Herbert Lamb. O Clube da Curva foi construído próximo ao núcleo onde os gaúchos se instalaram, mas também, próximo ao que podemos chamar de núcleo central da Colônia.



Foto nº 38 - Venda de secos e molhados do Sr. Alvino Mielke (Clube da Curva) – Década de 1960
(Arquivo pessoal de Lídia B. Braun)

Na foto 38, pode-se notar as redes de relacionamento estabelecidas entre a população que se integrava nesse espaço de comércio, que servia também de local de encontro e de sociabilidade. O fotógrafo focalizou um ângulo que, além das pessoas, permite visualizar os meios de transportes de particulares, as caminhonetes da época e também uma jardineira, que fazia o trajeto da Colônia Riograndense até Assis. Vemos as pessoas acomodadas dentro da jardineira e outras em posição de entrada.

¹⁵¹ A *Venda* era uma espécie de Secos e Molhados. Nela as pessoas faziam as compras de gêneros alimentícios e também outros tipos de utensílios domésticos. Funcionava também como um lugar de encontro entre as pessoas.

O Clube funcionava no sistema de sócios, no qual cada um contribuía com uma quantia em dinheiro, para a manutenção do mesmo. Realizavam-se bailes e, além disso, ali foi construída uma cancha de boliche e, mais tarde, cancha de bocha¹⁵² que trouxe muita diversão aos seus frequentadores. Essa prática foi trazida para a Colônia especialmente pelos gaúchos. O clube tornou-se ponto de referência por oferecer um local onde as famílias pudessem fazer suas compras e também passar momentos de lazer e descontração. Conta-se que haviam estabelecido uma regra para a utilização do espaço de lazer do Clube. Durante a semana, cada bairro tinha seu dia para jogar bocha, e aos domingos todos podiam participar coletivamente, jogando entre si.

O Sr. Alvino - um dos sócios - me contou qual foi o objetivo ao construir o Clube.

*Aquele tempo a Colônia estava ainda, tava fraco de gente, então a juventude ia uma vez na festa em Assis, em Maracaí, então falemos, vamos fazer o Clube pra segurar a juventude aqui, então os de fora pode vim aí.*¹⁵³

Aproximadamente em 1954, o Clube começou a funcionar promovendo regularmente os bailes. A frequência das famílias era permanente, visto que, ao longo dos anos, foram criando alguns espaços onde pudessem se divertir e se integrar socialmente. Como todos os membros da família iam ao baile, e as mães não tinham com quem deixar os filhos menores, as crianças se acostumaram a dormir embaixo da mesa em que a família se assentava, seja com os parentes seja com os amigos. Ou então, podiam dormir num cômodo, uma espécie de berçário, com várias camas que ficava dentro do salão de bailes. Certamente, esse espaço não comportava todos os filhos pequenos das famílias que frequentavam o Clube.

A primeira denominação do Clube que consta na Ata inaugural realizada em 1959 é de *Associação Recreativa, Esportiva, Artística e Beneficente – Colônia Riograndense*. Anos mais tarde passou a ser *Associação Esportiva, Recreativa, Cultural Riograndense S/C*. O nome *Clube da Curva* é um apelido dado por estar localizado numa curva.

¹⁵² A cancha de bocha funciona praticamente como a cancha de boliche. A primeira cancha de boliche do Clube foi construída pelo meu pai, Sr. Plínio Baumgarten.

¹⁵³ Entrevista feita com Alvino Mielke em 30/07/02.



Foto nº 39 - Vista aérea do Clube da Curva – década de 1970
(Álbum de fotografias de Regina Boech)

As fotos 39 e 40, ambas com uma vista privilegiada do Clube da Curva, permitem visualizar como as transformações foram acontecendo, gradativamente. A foto 42 apresenta um salão de madeira, porém reformado, com quadra de esportes, antiga cancha de bolão e outras construções. A estrada passava à esquerda da foto e, nessa época, ainda não havia asfalto. Mais tarde o asfalto passou pelo lado direito da foto, abaixo do Clube.



Foto nº 40 - Vista aérea do *Clube da Curva* - Dezembro de 1989 (Arquivo pessoal de Lídia B. Braun - Revista do Cinquentenário de fundação da Cooperativa Agrícola Mista da Colônia Riograndense)

Já na foto 40, o clube está reformado e ampliado. Porém, nesse momento, ainda não havia sido realizada a obra da cobertura da quadra de esportes e nem a construção do campo de futebol.

Naquela época, havia outro Clube localizado na Água da Barra Mansa, no núcleo mais central da Colônia, onde os alemães se fixaram. Era uma associação que organizou um coral só de homens - o *Männer Gesangverein Waldeslust* - e que foi uma iniciativa dos colonos alemães. Cantavam em vários eventos da região, em festas, nas apresentações de teatro que eram bastante usuais na época. Nesse período, o Clube ainda não tinha um salão apropriado, e os bailes promovidos eram realizados no barracão de alfafa da Família Pichol. O coral se apresentava em cultos, casamentos e festas em geral.

O barracão de alfafa serviu durante muitos anos para a realização dos eventos, especialmente os bailes, situação comum em outras experiências de comunidades rurais. Entretanto, com o passar dos anos, ele não era mais um espaço adequado para a realização dos bailes. Foi então que resolveram construir um salão de bailes para a associação que já existia.

Cleivaldo Donzelli, em seu trabalho sobre o processo migratório na cidade de Penápolis, ao se referir aos bailes realizados nos bairros rurais, afirma que, “foram lembrados na perspectiva de uma organização sob responsabilidade da família proprietária da casa que utilizava os terreiros que serviam para o preparo da comercialização dos produtos agrícolas e as tulhas que armazenavam para posterior venda e consumo próprio¹⁵⁴”.

A associação do Clube da Barra Mansa é mais antiga do que a do Clube da Curva, porém o salão oficial foi construído por volta de 1967, quando passou a denominar-se *Clube Recreativo Lírico da Barra Mansa – Colônia Riograndense*. As lembranças narradas em relação aos bailes evidenciam um profundo sentimento de nostalgia. As famílias vinham à pé ou em cima dos poucos caminhões que passavam pegando o pessoal, tanto para frequentar o Clube da Curva quanto o Clube da Barra Mansa.

Meus entrevistados contam que não poupavam esforços e sacrifícios para chegarem até o local dos bailes, seja à pé, à cavalo ou de caminhão. Inicialmente eram realizadas festas tradicionais como a da Imigração Alemã, comemorada desde longa data, tanto no Clube da Curva quanto no da Barra Mansa e também os bailes. Mais tarde, passaram a realizar outras festas, de proporções bem maiores, como já mencionei.

¹⁵⁴ DONZELLI, Cleivaldo A. Op. Cit. p. 136.

As festas tradicionais em comemoração ao Dia dos Pais, Dia das Mães, aniversários de fundação da Igreja Luterana e da própria Colônia Riograndense eram realizadas com base na tradição da Igreja Luterana, a partir, pois, da crença religiosa, e na qual a presença das pessoas era marcante, frequentadas por homens, mulheres, jovens e crianças, e se tornaram expressão de devoção e de fé, além de poder “externar o momento de satisfação de pertencerem a uma comunidade¹⁵⁵”.

Havia também as festas que eram promovidas nos clubes no dia 25 de julho em comemoração ao Dia da Imigração Alemã, e foram festejadas durante muitos anos, tanto no Clube da Barra Mansa quanto no Clube da Curva. Neste, festejava-se de maneira mais simples, sem muito investimento, voltando-se para os próprios moradores da Colônia que, além dos almoços comemorativos e bailes, também encenavam peças teatrais e cantos. A partir dos anos 1980, houve uma transformação, na qual os dirigentes da Cooperativa passaram a incrementar mais esse evento, evidenciando diferentes concepções de cultura e de tradição.

A partir da década de 1980, também foram criadas festas como a do Chopp e a Oktoberfest, que passaram a ter um significado simbólico da tradição alemã, utilizando a identidade germânica como forma de chamar a atenção da população da região, recebendo-os, numa dinâmica de integração e de trocas culturais.

O Clube Recreativo e Lírico da Barra Mansa foi oficialmente legalizado, com livros de atas e diretoria própria, e com a construção de um salão, em 1967, porém a associação já existia desde 1935. Até 1967, as festas, bailes e outros eventos eram realizados nas casas dos associados.

Nas atas das assembléias da associação, além de prestação de contas da tesouraria e das eleições realizadas para novos cargos da diretoria, consta também um relatório especificando as diversas atividades desenvolvidas pelo clube, como por exemplo: apresentação do coral, bailes com o conjunto do próprio clube, eventos importantes como a festa de comemoração da data de imigração, peças teatrais, a demissão e admissão de novos sócios, piqueniques, programação de filmes, comemoração em noites de Natal, festas particulares, brincadeiras dançantes e bailes carnavalescos, estes dois últimos a partir da década de 1980. Os membros da associação que deixassem de cumprir suas obrigações eram afastados.

¹⁵⁵ Idem. Ibidem. p.130.

De acordo com a análise da atas foi possível observar que, a partir da década de 1980, as transformações vão acontecendo de forma gradativa, modificando a maneira de realizar essas atividades, realizando outras festas e mudando também a maneira de pensar da comunidade, estabelecendo novas formas de relacionamento. Nesse período, já se tem a preocupação de chamar a polícia nos bailes, devido às brigas constantes, e isso se deve às transformações sociais e culturais vivenciadas pelas pessoas nessa época, e da integração e da convivência com a população brasileira.

Analisando as fontes, é possível apreender as diferenças culturais entre os alemães que vieram diretamente da Europa e de gaúchos de descendência alemã, já radicados no sul do Brasil. Como os gaúchos vieram de uma região pobre da Alemanha (Hunsrück), e já haviam incorporado os costumes brasileiros, é muito provável que as divergências eram de ordem cultural e pelas diferenças de classes sociais.

Além disso, hábitos como o de se vestir de maneira mais simples, andar de chinelo e também em relação à culinária, que era muito diferente da dos alemães, pois as primeiras gerações de imigrantes adequaram seus hábitos alimentares aos dos brasileiros, ao mesmo tempo em que compartilharam e recriaram muitos desses hábitos. Outro elemento muito importante foi a questão da língua, visto que os alemães falavam o alemão culto, e os gaúchos, o dialeto Hunsrückisch que, como vimos, é um dialeto que sofreu grande influência da língua portuguesa.

Os conflitos entre eles estenderam-se até em relação à construção dos clubes. Isso resultou na construção de dois clubes, um no bairro formado por alemães e o outro no bairro constituído por gaúchos. O Sr. Heins, morador da Água da Barra Mansa lembrou do momento em que ele mesmo sugeriu que fizessem um Clube para todos, num lugar mais neutro, próximo à Igreja, porém, ambas as partes não cederam, e acabaram ficando com os dois clubes, um no núcleo dos gaúchos e outro no dos alemães.

Houve atrito com os daqui com os de lá, né? Então fizeram aquele salão de madeira, numa ocasião, o Paulo Hermes era presidente, os daqui então pensaram em construir, porque o salão lá embaixo de alfafa, já não era mais próprio pra isso, porque lá em cima só tinha aquele salão de madeira, eu dei a sugestão, falei pro Hermes tudo bem, já existe o salão aí, aqui ainda não tem, tão querendo construir, vamos pegar o meio, o centro, vocês vêm pra cá e nós vamos um pouquinho pra lá. Pegamos o alto lá perto da Igreja, alguém deve fornecer uma área lá perto da Igreja. (.....) Mas vamos nos unir, fazer um só, faz um maior, já faz de tijolo, então construíram esse maior que é o Pichol. Tanto é que hoje não tem nada lá e nada cá. E tem mais um salão na

*Igreja que não precisaria daquela, bastaria um lá perto, era o suficiente pra Colônia.*¹⁵⁶

Para o Sr. Heins a possibilidade de fazer um único Clube para a Comunidade da Colônia Riograndense teria proporcionado o fortalecimento da união, por meio do relacionamento mais intenso. Como se o fato de haver apenas um salão de festas e bailes tivesse poupado “*que hoje não tem nada lá e nada cá*”. Entretanto, a questão me parece muito mais complexa, se considerarmos a diversidade cultural presente na Colônia, os valores que nela estão impregnados, a disputa por lugares sociais, e as novas relações de sociabilidade que foram se estabelecendo na Colônia.

Como havia dois Clubes funcionando em lugares diferentes, um mais próximo dos alemães e outro, dos gaúchos, temendo que houvesse conflitos e provocações em decorrência da realização dos bailes, que eram frequentes nos dois clubes, o Sr Alvino, um dos sócios que construiu o Clube da Curva, me contou que propôs um revezamento nos finais de semana, sendo que cada qual teria o seu dia, pois havia a necessidade de arrecadar fundos para a manutenção de ambos. Porém, não houve acordo, como conta Sr. Alvino,

*Quando nós fizemos o Clube, eu fui lá falar com a diretoria do Clube da Barra Mansa, vamos combinar certo, um mês nós faz a festa, outra vez vocês faz a festa, pra ninguém prejudicar o outro, não queremos, nós não queria prejudicar eles. Mais então começemos assim, três ou quatro vez assim, aí eles viu que toda a gente puxava pra cá, quando eles tinha festa, quase não tinha gente, aí eles começaram fazer o dia que nós fizemos. Fizemos placas falando o dia que ia ter baile. Aí eles fizeram no mesmo dia. Aí estragou tudo. Então o Clube da Barra Mansa quebrou. A gente puxou mais aqui, tinha muito mais gente de lá.*¹⁵⁷

Sr. Heins também relembra os momentos vividos e as relações estabelecidas entre os dois grupos que expressaram as diferenças culturais.

*Eles vieram muitas vezes aqui, e nós tocamos lá muitas vezes, mas sempre aquela coisa um puxa pra lá e outro pra cá.*¹⁵⁸

¹⁵⁶ Entrevista com Heinrich Foffmann em 19/07/02.

¹⁵⁷ Entrevista com Alvino Mielke em 30/07/02.

¹⁵⁸ Entrevista com Heinrich Hoffmann em 19/07/02.

Nessas recordações, tanto o Sr. Alvino quanto o Sr. Heins evidenciaram uma disputa por lugares sociais presente no interior da comunidade.

Certamente, as diferenças culturais de ambas as partes, impregnadas de costumes e de tradições, que se expressaram a partir das diferenças de classes sociais, foram motivos de conflitos entre eles nas instituições e na própria comunidade. É necessário atentar também para as redes de relações que se estabeleceram entre iguais e entre brasileiros, que simbolizaram lutas de representação do espaço social. As formas de sociabilidade e de convívio, as possibilidades criadas através da dinâmica de circulação, e a ocupação do espaço físico, forjaram as mais diferentes formas de inserção na comunidade.

Práticas culturais, como as festas, têm o caráter de “compartilhamento do símbolo que é comemorado e que, portanto, inscreve-se na memória coletiva como afeto coletivo, como junção dos afetos e expectativas individuais, como um ponto em comum que define a unidade dos participantes¹⁵⁹,”



Foto nº 41 – Famílias de imigrantes e descendentes assistindo filmes – Década de 1950 (Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

¹⁵⁹ DONZELLI, Cleivaldo A. Op. Cit. p. 129.



Foto nº 42 – Famílias de imigrantes e descendentes assistindo filmes – Década de 1950
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch)

Nas fotos 41 e 42, o fotógrafo registra uma sessão de cinema. Ele procura um ângulo que integre na foto uma boa parte da população presente no evento. Nas fotos, os fotografados não tomam nem conhecimento da presença do fotógrafo que procura registrar o momento, pois estão muito atentos, numa dinâmica de interação com o que estão assistindo. O local é o antigo barracão de alfafas da família Pichol, localizado na Água da Barra Mansa, e que passou a ser utilizado como salão para a realização de eventos culturais e de lazer, como bailes e festas, até que mais tarde, construíram o salão de alvenaria, o qual se tornou a sede do Clube da Barra Mansa.

É importante salientar que há um grande número de crianças nas primeiras fileiras, sinalizando que assistiam algo direcionado a elas. No entanto, é possível notar que a presença de adultos também é numerosa. Isso indica que todos os membros da família participavam das atividades culturais.



Foto nº 43 – Famílias de imigrantes e descendentes assistindo filmes – Década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

A foto 43 evidencia aspectos de uma intensa convivência, e dos momentos de integração proporcionados pelas práticas culturais e de lazer. Nela, o fotógrafo procurou focalizar como homens, mulheres e crianças interagem na comunidade, ao se sentarem próximos uns dos outros. Pode-se observar que as crianças sentavam-se nas primeiras fileiras, como vimos nas fotos 41 e 42. Para trás, se sentavam homens e mulheres, jovens e idosos, uns ao lado dos outros. Note-se que o salão de madeira era razoavelmente grande, no entanto estava completamente lotado. Muitas pessoas ficavam de pé, nos fundos do salão. Interagiam com o que elas assistiam. Geralmente, assistiam a filmes de comédia, como os episódios do *Gordo e o Magro* e a filmes sobre a cultura alemã. Neste caso, possivelmente assistiam algo engraçado. Algumas pessoas permaneciam atentas e sérias, e outras rindo.



Foto nº 44 – Comunidade assistindo ao teatro de fantoches – Década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Na foto 44, vemos em destaque o pastor Knoch e sua esposa, com alguns dos seus filhos, que assistem ao teatro de fantoches. Estão sentados em meio à comunidade, especialmente de crianças, que estão nas primeiras fileiras. Percebemos que, além das crianças, a presença de homens e mulheres também é muito grande. As pessoas estão atentas, umas sérias, outras rindo, mas interagindo com o espetáculo de teatro de fantoches que estão assistindo.

Nesse período, toda a família frequentava os mesmos lugares junta. Acompanhavam uns aos outros e se integravam com parentes e amigos. Não havia com quem deixar seus filhos, e as atividades culturais e de lazer não eram tão constantes. Além disso, o acesso aos lugares que as realizavam também era difícil, assim, toda a família participava e aproveitava das programações realizadas na comunidade.



Foto nº 45 – Comunidade assistindo ao teatro de fantoches - Vista das pessoas e do teatro Década de 1960 (Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Na foto 45, o fotógrafo procurou um ângulo que, ao mesmo tempo, situa as pessoas na foto e focaliza o palco onde acontece o espetáculo. O palco está enfeitado com cortina e galhos secos de pinheiro. Algumas pessoas estão de pé, como na foto 44. Isso nos revela que os momentos de integração, que se davam com a organização de eventos, como as sessões de filmes e de teatro contavam com a participação de grande parte da comunidade.

Uma das formas de cultivar a tradição alemã foi por meio do grupo de Coral de Trombones. Ele foi fundado com o apoio do Pastor Luterano Johannes Knoch, em 1958, aproximadamente. O costume de tocar trombones veio da Alemanha e havia também outros instrumentos de sopro. Esse Coral se apresentava nos cultos realizados na Colônia, nas apresentações de teatro feitas pelos próprios moradores, e em apresentações fora da Colônia. Tocava especialmente músicas folclóricas e hinos religiosos. Permaneceu em atividade até aproximadamente 1975. As canções que, geralmente falavam da Alemanha, eram cantadas em língua alemã.



Foto nº 46 – Coral de Trombones – década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).



Foto nº 47 – Coral de Trombones – década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

A foto 46 permite observar que o Coral de Trombones se apresentava em diversos lugares. Nela, os fotografados estão com roupas adequadas ao momento do dia e também pela apresentação ser ao ar livre. Pode-se observar na foto o trator e o caminhão – meios de transporte mais comuns da época - como aparece em quase todas as fotos. É importante salientar que as famílias que moravam próximas umas das outras compartilhavam os meios de transporte. Como muitas pessoas não tinham nenhum transporte motorizado, se juntavam para ir até os locais das festividades. Havia casos em que o dono do caminhão, que era conhecido por todos, passava no bairro recolhendo as pessoas, que se acomodavam em cima do mesmo

com o objetivo de se divertir e festejar. As famílias, geralmente numerosas, faziam qualquer esforço para aproveitar as poucas oportunidades de diversão.

Na foto 47, o Coral aparece em destaque, pois, a imagem nos permite visualizar todos os seus integrantes, exceto um, que passou despercebido ao olhar do fotógrafo e, portanto, não apareceu. Estão dentro da Igreja Luterana, na parte superior dela. Note-se que o pastor é quem aparece mais próximo ao ato fotográfico. Aqui quase todos os integrantes do Coral de Trombones vestem terno e gravata, diferentemente da foto anterior.

O primeiro senhor da esquerda para a direita é o Sr. Gustavo Reinecke, que sempre participou do Coral. O quarto, também da esquerda para a direita, é Weinrich Wrede, o sogro da Sra. Grete Wrede, que foi o primeiro Pastor luterano da comunidade. Os outros integrantes do grupo eram membros da Igreja Luterana.

Os Clubes, as festas tradicionais e os grupos de corais desenvolveram papel importante na integração das famílias dos alemães e seus descendentes com a sociedade brasileira. Sem esses momentos de lazer e sociabilidade, e os espaços físicos como os clubes, é provável que muitas famílias tivessem desanimado mais facilmente frente às dificuldades do dia-a-dia.

Sr. Heins lembrou da juventude saudável da sua época.

Com quatorze, quinze anos eu gostava de tocar, tinha um conjuntinho.....Então a gente gostava disso, tocava em quase todos os bailes que era convidado. E no tempo da juventude né? Na Igreja, era mais animado que hoje. Hoje os jovens não se ajuntam, não sei o que está acontecendo, a gente ia quase todo domingo.....Depois tinha o Coral de Trombone..... Tudo isso acabou. Tinha uma época tinha dois conjuntos, o que eu fazia parte e na Estiva também tinha....tinha dois Coral de Igreja. Mais tarde, esse Coral de Trombones tocava na Igreja e tinha o Gesangverein Waldeslust, era um Coral só de homens, eles cantavam quando tinha teatro e às vezes na comunidade e até em outros lugares.¹⁶⁰

O “conjuntinho” mencionado por Sr. Heins e denominado *Edelweis*, era uma banda musical fundada por volta de 1957, e que, tocava nos bailes realizados nos bairros da Colônia Riograndense. Os seus participantes eram moradores do bairro da Água da Barra Mansa, onde se fixaram os alemães. Animaram a região até aproximadamente 1975, especialmente no Clube da Barra Mansa, tocando músicas alemãs, sendo elas, em ritmo de marchinha, valsa e xote, numa espécie de “mini- Oktoberfest”. Eles tocavam na Colônia e também eram convidados a tocar fora dali, ao mesmo tempo em que recebiam outras bandas musicais em

¹⁶⁰ Entrevista com Heinrich Hoffmann em 19/07/02.

eventos comemorativos. Com o passar do tempo, foi diminuindo a sua participação nos eventos, até que o conjunto se desmembrou.

Havia também as encenações teatrais realizadas no Clube da Barra Mansa, bem como na própria Igreja Luterana, que retratavam um pouco dos costumes e dos hábitos do povo alemão. Posteriormente, passaram a encenar peças teatrais em língua portuguesa, e a receber grupos de teatro das cidades vizinhas, como o de Maracaí, para se apresentar nos eventos promovidos no clube.

Mais tarde, em 1982, como o Clube da Curva enfrentava dificuldades para a sua manutenção, foi sugerido e aprovado na Assembléia Geral que ele se tornasse propriedade da Cooperativa, passando ela mesma a mantê-lo e conservá-lo. Nessa época, passou a denominar-se *Associação Esportiva Recreativa Cultural Riograndense S/C*. Em 1989, os dirigentes da Cooperativa, em comemoração ao seu cinquentenário, passaram a promover a Oktoberfest, que se transformou em um dos maiores eventos da região, até o período em que veio a falir.

O Clube da Curva foi reformado e ampliado em 1984. Até 1982, o salão era de madeira, e de tamanho razoável. Na reconstrução, sua estrutura física tornou-se bem maior, feita de tijolos com cancha de boliche, bolão, quadra de esportes e atuação de um professor de educação física. Passou a ser palco de grandes festas, que atraíam um grande número de pessoas para a Colônia.

A liderança da Cooperativa Riograndense também apoiou e financiou a fundação do grupo folclórico *Goldener Sonnenschein*, em 1984, sendo que acolheu jovens, mulheres e crianças da própria Colônia e das proximidades. O grupo teve seu período mais significativo de 1984 até a falência da Cooperativa, em 1994. Em 1989, por ocasião do cinquentenário da Riograndense, foi fundado o *Centro de Tradições Gaúchas Querência Riograndense*, que apresentava as danças tradicionais gaúchas, mas que sobreviveu pouco tempo, se desmembrando juntamente com a Cooperativa.

Desse grupo faziam parte várias pessoas ligadas à diretoria da Cooperativa, e também os associados. Já o grupo folclórico alemão permaneceu em atividade até mais ou menos o ano de 2000, quando, aos poucos, se desmembrou. O grupo folclórico alemão, assim como o grupo de dança gaúcha, contaram com o apoio da Cooperativa Riograndense.



Foto nº 48 - Grupo Folclórico alemão *Goldener Sonnenschein* - Dezembro de 1989 (Arquivo pessoal de Lídia B. Braun - Revista do Cinquentenário de fundação da Cooperativa Agrícola Mista da Colônia Riograndense)

Nas fotos 48 e 49, ambas tiradas por iniciativa das lideranças da Cooperativa Riograndense, em comemoração ao seu cinquentenário, e no espaço físico do Clube da Curva, temos em destaque os grupos folclóricos, alemão e gaúcho. Na foto 48, se destaca a posição dos fotografados, o traje típico alemão - que foi doado pela Cooperativa - e as canecas colocadas no chão, em frente aos homens que estão agachados, fazendo referência a alguns elementos da cultura alemã. O primeiro à direita é Alfred Völk, um dos dirigentes do grupo e filho de D. Hilda Völk. A primeira da esquerda para direita é Cristina Ziegler, filha de Johanna Ziegler.

A revista elaborada em 1989, especialmente para as comemorações do cinquentenário da Cooperativa, ressalta a “preservação da cultura” através do apoio que a mesma prestou aos grupos folclóricos, destacando a participação do presidente da Cooperativa, Adêmio Fetter.

As tradições alemãs são cultuadas na Colônia Riograndense pelo grupo Folclórico *Goldener Sonnenschein*, dividido em três categorias principais: infantil, de senhoras e de jovens. Em julho de 84, o então presidente Adêmio Fetter, preocupado em fazer com que a Colônia não esquecesse as suas origens, preservando a sua cultura, o que é fundamental em qualquer povo, lançou o desafio de constituição do grupo. Em novembro do mesmo ano, o *Sonnenschein* era fundado.¹⁶¹

¹⁶¹ Revista do Cinquentenário de Fundação da Cooperativa Agrícola Mista da Colônia Riograndense - Dezembro de 1989. p 28.

A revista, organizada e subsidiada pela própria Cooperativa, reforça o apelo à memória do pioneirismo, ao se referir à fundação do grupo folclórico alemão.

Da mesma forma, a revista destaca a fundação do *CTG Querência Riograndense* em 1989, reforçando a idéia de que o CTG nasceu do objetivo de *preservar as tradições gaúchas* na Colônia.



Foto nº 49 - Grupo Folclórico gaúcho *Querência Riograndense* - Dezembro de 1989 (Arquivo pessoal de Lídia B. Braun - Revista do Cinquentenário de fundação da Cooperativa Agrícola Mista da Colônia Riograndense)

Na foto 49, o destaque também é para os trajés típicos da cultura gaúcha e para a posição dos fotografados. Um aspecto passou despercebido ao olhar do fotógrafo. É possível notar que houve a intenção de fotografar o grupo em frente a uma chaleira e a uma cuia de chimarrão, feitas de alumínio e de ferro, com tamanho aproximado de 2 metros de altura, uma espécie de monumento desses elementos da tradição gaúcha que havia no Clube. No entanto, o ângulo escolhido pelo fotógrafo não permitiu a visualização desses elementos da cultura gaúcha, aparecendo apenas uma ponta da cuia de chimarrão. Ambas as fotos (48 e 49) foram tiradas com o objetivo de reafirmar a memória do pioneirismo e da cultura alemã.

Outro aspecto relevante que deve ser mencionado nas fotos 48 e 49 é o fato de ambos os grupos serem constituídos de descendentes de alemães de segunda e terceira gerações. O último casal à direita é Alfred Völk e sua esposa Norma Fetter Völk. O quinto casal da direita para esquerda é meu esposo José Augusto e eu. Além destes, estão também Adêmio Kleber Fetter, filho de Adêmio Fetter e novamente Cristina Ziegler.

Nesse período, cujas tradições foram ressignificadas, é salutar destacar que muitos jovens descendentes de alemães casaram-se entre iguais. O fato de as pessoas estarem inseridas na sociedade brasileira e conviverem mais intensamente com os brasileiros indica que havia a possibilidade dos casamentos acontecerem mais entre os descendentes de alemães com os brasileiros. Entretanto, com a criação dos grupos - alemão e gaúcho - houve uma retomada dos casamentos entre iguais. Certamente, isso aconteceu pela convivência e a integração entre a população de descendentes alemães nesse período.

O quadro 2, apresentado mais adiante, no qual analisamos os casamentos ocorridos na Igreja Luterana, não pode ser usado de parâmetro para essas conclusões, apesar de observarmos uma constância nos casamentos entre iguais durante o decorrer dos anos, pois, neles não constam os casamentos entre luteranos e católicos de descendência alemã. Os casamentos entre ambas as crenças foram comuns nos anos iniciais da colonização. O mesmo aconteceu no período da década de 1980, quando se formaram os grupos. Muitos jovens luteranos se casaram com jovens católicos, ambos de origem alemã, passando a reelaborar a cultura herdada.

Em ambas as imagens fica evidente que havia interesse por parte da liderança da Cooperativa em reforçar a idéia de *resgate cultural* promovido por ela. Ou seja, analisando as fotos e a revista é possível observar a intenção de projeção social através da cultura alemã.

Como não podia ser diferente, a revista reforça a figura de Adêmio como idealizador.

No dia 19 de agosto de 1989, foi criado o CTG - Centro de Tradições Gaúchas da Colônia Riograndense, que já foi batizado de Centro de Tradições Gaúchas "Querência Riograndense". Mais uma vez o desafio foi do presidente licenciado da Cooperativa e prefeito de Maracaí, Ademio Fetter, que exerceu papel preponderante não só no crescimento da Cooperativa Riograndense, mas também na preservação da cultura da Colônia.¹⁶²

Mais uma vez, vemos o apelo à memória do pioneirismo, como justificativa à preservação da cultura e como uma forma de Adêmio ganhar mais visibilidade.

Para esclarecer qual teria sido a essência da fundação dos grupos folclóricos, procurei uma das dirigentes e fundadoras do grupo - Johanna Ziegler¹⁶³. Ela me revelou que a diretoria

¹⁶² Idem, p 29.

¹⁶³ Johanna Ziegler é formada em educação física e naquela época treinava um time de basquetebol feminino.

da Cooperativa liderada por Adêmio se propôs de imediato a dar apoio ao grupo, depois que ela e Alfred Völk¹⁶⁴ propuseram a formação do mesmo.

Foi durante a gestão de Adêmio na Cooperativa, que surgiram os grupos folclóricos e festas típicas alemãs e gaúchas. Segundo ele, era uma forma de manter a cultura alemã. Ele explica que,

Eu vi o que é tradição. (...) Eu vi o que une o povo, certo? (...) Naquela rodada de boliche, de bôtcha, no próprio grupo folclórico é que as famílias se unem, e de repente, você não conversa com fulano, vocês nunca se aproximaram. De repente, um filho seu entra na dança e vai dançar com fulano. (...) Isso é sociabilismo. (...) Essa era a idéia central. (...) Nós temos capacidade pra isso, nós temos um local, nós temos um Clube, nós temos gente. Se precisar buscar um professor de dança, vamos buscar ele. Então, é assim que se faz as coisas.¹⁶⁵

Se, de um lado, os grupos folclóricos foram apoiados pelas lideranças da Cooperativa Riograndense, mesmo que visando manter seus próprios interesses, ao mesmo tempo em que projetaram socialmente a Colônia, e a própria Cooperativa, ao utilizar a identidade alemã como *status* de comunidade próspera; por outro lado, houve momentos em que os membros dos grupos souberam tirar proveito da situação, fazendo uso de alguns elementos da cultura alemã para também ganhar maior visibilidade.

Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, observam que os grupos étnicos em certos momentos de suas trajetórias passaram a usar elementos de sua cultura como instrumentos para obter vantagens. Nesse sentido, “a questão fundamental é compreender as condições nas quais indivíduos que podem reclamar uma pertença étnica são levados a desenvolver uma solidariedade com outros indivíduos pertencentes à mesma categoria para conseguir vantagens políticas ou econômicas¹⁶⁶”

Quando Adêmio afirma que *nós temos capacidade pra isso*, nota-se alguns aspectos importantes. A Cooperativa, por meio do uso da identidade alemã, reforça a ideia de algo que deu certo, ou seja, a cultura “alemã/gaúcha” passou a ser uma representação simbólica das tradições e não uma prática cultural. O apoio dado aos grupos folclóricos e a preocupação em manter viva a tradição, ao apelar para a memória do pioneirismo e para a tradição alemã, tanto

¹⁶⁴ Alfred Völk participou da fundação do grupo. Trabalhava na Cooperativa e morava na própria Colônia Riograndense.

¹⁶⁵ Entrevista com Adêmio Fetter em 18/01/03.

¹⁶⁶ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Op. Cit. p.96.

no que se refere aos gaúchos, quanto aos alemães, foram formas de passar à população da região como foi se construindo uma imagem positiva da empresa.

Arnold Assmann revela o orgulho que tinha da Cooperativa.

A gente usava crachá (da Cooperativa) na cidade, não tirava do bolso porque queria mostrar pro povo que nós somos Colônia Riograndense.(.....) A Bandeirantes vivia aqui fazendo reportagens, a Riograndense saía na televisão. A Riograndense era uma senhora Cooperativa, só perdia pra Usina Maracaí.(.....) Eu trabalhava nessa época e funcionava sim, o associado mandava ver, ele tinha orgulho da Cooperativa dele. (.....) A gente tinha orgulho dela.¹⁶⁷

Arnold Assmann reforça o aspecto da visibilidade que os associados e funcionários da Cooperativa Riograndense obtiveram na região, fossem eles descendentes alemães de segunda e terceira geração ou de brasileiros. Sem dúvida, a representatividade da Cooperativa e de seus associados na região era bastante significativa. Outro aspecto relevante que Arnold relembra, é o fato de o associado ter orgulho da Cooperativa, um sentimento de pertencimento ao grupo e ao lugar social que eles ocuparam na sociedade, uma imagem positiva na região que ele mesmo soube aproveitar.

Tentando apreender a opinião das pessoas sobre essa manifestação cultural, o Sr. Gustavo Reinecke critica a dimensão gigantesca que ela teria tomado.

Eu não tem nada contra essas coisas folclóricas, eles têm que te apoio, porque esses jovens aquela época não tinha dinheiro, vamos dizer, às vezes um ou outro tinha, mas a maioria, você sabe muito bem não tinha esse dinheiro. Então lógico, tem que ser um lugar, se não é a Cooperativa, ela tinha um certo movimento, ela podia fazer isso aí. (.....) Mas não em faraonicamente, entendeu? Faraonicamente quer dizer ih! Tá... grandes coisas. Em pequenas coisas se dá certo, se perde está bom, se ganha está bem, mas faraonicamente. (....) Isso aí quebrou, viagem pra lá, viagem pra cá, educação pra lá e pra cá que não deu retorno. (....) E se a Cooperativa tinha feito nesses limites não tinha machucado nunca, mas quando começou esses coisas grandes, aí o dinheiro saiu mais do que entrou.¹⁶⁸

Apesar de expressar de maneira enfática que a Cooperativa deveria mesmo apoiar as tradições, por meio dos grupos folclóricos, pois ela tinha, não só condições financeiras para este fim, mas também o *status* e a visibilidade que, contribuiriam para que muitos associados

¹⁶⁷ Entrevista com Arnaldo Assmann em 25/01/03.

¹⁶⁸ Entrevista com Gustavo Reinecke em 29/04/03.

atingissem maior expressividade no cenário sócio-político da região. Fica evidente que essas *manifestações culturais* tomaram proporções gigantescas, e que havia a necessidade de um grande investimento financeiro.

Se por um lado, procurou-se investir na retomada das tradições alemãs, buscando obter maior visibilidade, por outro é possível evidenciar a *falência* de todo um modo de vida, pautado na cultura alemã que, aparentemente, não fazia mais sentido. Ao se inserir na sociedade brasileira, os imigrantes alemães e seus descendentes já não são mais um grupo coeso, unido pelas tradições culturais que procurou manter ao longo dos anos. Essa foi uma experiência que, tanto a Cooperativa quanto a própria Colônia Riograndense, tiveram de vivenciar ao se inserir, integrando-se à sua nova identidade.

As festas da Imigração Alemã foram crescendo e atraindo muitos visitantes àquela região. A organização de festas como a Oktoberfest e a Festa do Chope foi justificada pelas lideranças da Cooperativa como formas de *retomar e preservar* a tradição alemã. Essas festas eram divulgadas em toda a região. Quem se envolvia na divulgação eram os membros da diretoria da Cooperativa e as pessoas mais chegadas a eles, bem como os membros do grupo folclórico alemão, e ainda outras pessoas, que se envolviam exclusivamente para trabalhar nessas festas. Ao mesmo tempo em que se projetavam socialmente, também se integravam, recebendo adeptos da cultura alemã nos grandes eventos. Certamente, todos se beneficiavam socialmente.

Se a Oktoberfest foi criada na Colônia Riograndense com o objetivo de retomar as tradições, utilizando-a como forma de representação, em Blumenau, Estado de Santa Catarina, não foi muito diferente. Lá, a iniciativa da festa surgiu da necessidade de alavancar a economia regional, depois das fortes enchentes que destruíram parte da cidade. Maria Bernadete Flores e Cristina Wolff reforçam a idéia de representação simbólica.

A invenção dessas festas tem reafirmado identidades, remexido lugares de memória, criado cenários simbólicos, representado e reforçado valores e aspirações. Mas a problemática não se encerra na perspectiva do retorno das tradições para reforçar identidades étnicas, embora talvez este aspecto seja um vetor mobilizador. O Sr. José Geraldo Pfau, membro da Comissão Organizadora da Oktoberfest – 93, disse que o motivo imediato da criação da festa foi um esforço para reerguer a cidade depois das grandes cheias, para reerguer o ânimo da população, tão abatido pela destruição. No entanto, a motivação e o envolvimento verificados não se dariam, por exemplo, com um baile de carnaval e com desfile a fantasia, pois isso não teria nada a ver com a população blumenauense. Era preciso tocar aquela musiquinha alemã para o cara chorar, para o cara sentir no coração que é uma coisa dele que

está sendo valorizada. Foi isso que foi feito. Foi isso que deu certo. Essa festa, orientada pelo retorno das tradições trazidas pelos imigrantes alemães que colonizaram a região, é pois, plena de citações do passado, criando um complexo simbólico que entrelaça passado e presente. Assim, fixa um quadro ritual incorporado pelo lazer mecânico e moderno, conferindo à cultura do passado outros significados e outras funções¹⁶⁹.

Ao apelar para a identidade alemã, dois aspectos, aparentemente contraditórios, devem ser mencionados. Ao mesmo tempo em que o grupo se projetava socialmente, também se integravam na sociedade brasileira e recebiam simpatizantes da cultura alemã, por meio da participação da população local e regional nos grandes eventos que, de certa forma, também lhes permitia colocar-se em evidência.

Vestiam roupas típicas alemãs, levavam suas canecas de chope e saíam pela região afora, em cima de um caminhão, especialmente equipado para a divulgação da festa, com direito até da presença do “*vovô chopão*”¹⁷⁰. Iam com o carro da Cooperativa e de particulares até as cidades da região e, chegando lá, subiam no caminhão, começavam a dançar e pular, a beber muito chope, animados por muita música típica alemã, reforçando, assim, o aspecto da visibilidade.

Nas cidades em que passavam, paravam nas ruas, onde todos desciam e dançavam, parando até mesmo o trânsito. A divulgação da Oktoberfest chamava a atenção de todos, os quais mantinham os olhos atentos, imaginando como seria a animação da festa.

Esse evento atraiu um grande número de participantes, e nele havia muito chope, danças típicas, músicas e uma mistura de comidas entre as típicas alemãs e o churrasco gaúcho. A festa que começava geralmente na quinta-feira e ia até o domingo, incitava as pessoas a se exceder na bebedeira, na música e na diversão. Diante disso, a Colônia passou a ser conhecida e respeitada na região como um lugar de prosperidade. Dessa forma, as pessoas que moravam na Colônia Riograndense, independentemente de serem de origem alemã ou não, passaram a ganhar mais destaque, numa disputa de espaço de um lugar social de prestígio.

Campos, analisando a influência da comunidade alemã em relação às festas na região do Vale do Paranapanema, afirma que,

¹⁶⁹ FLORES, Maria Bernadete R. e WOLFF, Cristina S. Imagens que não se apagam: representações de gêneros na Oktoberfest. In: *Projeto História* n° 14, PUC-SP, 1997. p. 162 e 163.

¹⁷⁰ *Vovô Chopão* é uma figura típica da Oktoberfest. Ele representa um dos símbolos da cultura alemã – a cerveja e o chope.

Antes do início da Oktoberfest, os organizadores e membros da Cooperativa saíam pelas ruas de algumas cidades da Alta Sorocabana de Assis, fazendo a propaganda do evento. Esse tipo de acontecimento marcou significativamente a influência da colonização alemã no Vale do Paranapanema também no sentido cultural.¹⁷¹

O que foi possível observar é que, ao apoiar os grupos folclóricos e promover grandes festas, que repercutiram em toda a região, como estratégias para retomar as tradições, a diretoria, ao se apegar à identidade alemã e à memória do mito fundador, procurou projetar a Cooperativa e seus associados. As festas passaram a significar a preservação das tradições inseridas num cenário de representação e de simbologia. Sendo assim, a preservação da cultura representou a continuidade da identidade alemã. Nesse sentido, a tradição e a cultura¹⁷² foram vivenciadas e pensadas mais como algo simbólico, como representação que visou promover visibilidade por meio da preservação da tradição alemã e gaúcha, e criar laços de convívio a partir de elementos desta tradição.

Dagobert Rieger participou dos grandes eventos e de sua divulgação, e lembrou como eram as *manifestações culturais*. Partindo do presente, sua memória constrói uma explicação para o que conviveu no passado,

Pensando hoje, na época às vezes a opinião da gente era diferente. Agora olhando pra trás hoje, a impressão que dava é que a cultura alemã foi usada em benefício de alguns pra se promover com a cultura alemã e realmente foi o que aconteceu porque a pessoa fazendo isso aí ela conseguia, era um jeito de chamar atenção pra ela ser vista. Se analisar hoje era isso aí. Se contar de novo uns 20 anos atrás, a cultura parece que ela não tava tão avançada como ela de repente ela avançou nesse pouco tempo que tinha o grupo alemão, não foi tão conhecida a nossa região como foi conhecida naquela década, por exemplo. (...) A gente entrava, se divertia, mais estava ali pra trabalhar. E era gostoso, você trabalhava, mais ao mesmo tempo você se divertia, você ia pros lugar, você estava no meio. Só que se analisar hoje chega a conclusão que nós fomos usados pra algumas pessoas se promover e foram promovidos, foram reconhecido à nível, não vou dizer nacional, mas à nível estadual foi muito reconhecido. Eu acho que a cultura alemã, ela sempre andava antigamente sim, mais nunca nessa propaganda, nessa divulgação que teve aqueles, não sei se chego a ser, ah! Mas acredito que sim, uns 10 anos foi sim ou até mais, sendo que passando aquele auê da Cooperativa aqueles um que não ia resolver mais pra ser promovido,

¹⁷¹ CAMPOS JR., Luís de Castro. Op. Cit, p. 152.

¹⁷² Raymond Williams defende a idéia de que “novos significados, novas práticas, novas relações e tipos de relações são continuamente criadas”. Cf. WILLIAMS, R. Conceitos básicos. In: *Marxismo e literatura*. Op. Cit. p.126.

*acabaram não incentivando e nem patrocinando mais, aí ela acabou morrendo. Porque se fosse uma cultura estabilizada jamais isso ia afetar tanto assim, né?*¹⁷³

Alguns aspectos devem ser aqui mencionados. Em primeiro lugar, Dagobert enfatiza a forma com que a cultura alemã foi utilizada, ou seja, para promover visibilidade a algumas pessoas que, a partir desses eventos, converteram para si, para a Colônia e para a própria Cooperativa Riograndense, alguns benefícios. Outro aspecto é que, por meio das festas culturais, as pessoas aproveitavam a ocasião para se divertir, conhecer outras cidades, sendo este um meio de inserção e projeção social.

Por último, as contradições existentes nesse contexto. Se, por um lado, os grandes eventos culturais significaram investimentos simbólicos que proporcionaram maior visibilidade política e econômica, por outro a cultura é vista como base de sustentação da própria Cooperativa. Portanto ao falir, com ela se diluem todas as formas de representação cultural. As formas tradicionais de preservação das tradições e a resignificação de alguns traços da cultura continuaram fazendo parte do cotidiano das pessoas, mesmo que esporadicamente.

Johanna acredita que a tradição não se mantém apenas em torno de eventos e festas que procuram reafirmar a existência de uma cultura, como ela mesma diz, é necessário algo mais.

*Porque pra você manter uma cultura você tem que estudar um pouco. Se eu estou em cima de um carro alegórico, toda lá vestida, estou lá com o chope na mão, você está aprendendo alguma coisa? O que eu discordava na época, aliás, discordo hoje que foi feito, a tradição foi apagando, porque virou muita coisa grande, muita bebedeira, quanto maior, mais cerveja tomasse melhor era. Aí virou o que virou. Isso não tem nada mais a ver com cultura. Cultura pra mim é cantar, fazer teatros, porque todo mundo está de fogo. Você acha que alguém ainda vai assistir uma dança, vai ver o que nós dançamos? Eu pessoalmente na época aceitava tudo, mas analisando hoje, eu acho que isso não era legal não. Não concordo, nem aqui e nem em Pomerode, lá está igual, todo mundo de fogo, de cultura tem muito pouco. Porque quando uma coisa....eu, na minha opinião não pode virar quanto mais, quanto mais, quanto mais dias, quanto mais gente, não pode virar isso, tem que manter a cultura mesmo. Porque que eu vou querer todo mundo lá, toda a redondeza. Não tenho nada contra fazer uma festa, tudo bem, mas assim sempre, manter a tradição não é isso.*¹⁷⁴

¹⁷³ Entrevista com Dagobert Rieger em 02/05/03.

¹⁷⁴ Entrevista com Johanna Ziegler em 25/04/03.

Johanna, ao lembrar das práticas culturais e das festas, assume a mesma postura dos outros entrevistados. Ela critica a forma com que eles próprios utilizaram a cultura alemã, ou seja, como um grande espetáculo cultural, procurando ganhar lugar de destaque na região. Entretanto, o grupo folclórico de Johanna também ganhou visibilidade, em nível regional.

Cabe ressaltar que essa manifestação cultural, que envolve muita “badalação” e muita bebida, faz parte também do universo cultural de outras regiões do país, como a Oktoberfest de Blumenau e de Pomerode, ambas cidades do Estado de Santa Catarina, como já mencionamos. Isso já vem se transformando de alguns anos para cá, e parece haver uma ressignificação da cultura, que passou a utilizar exageradamente certos elementos da própria cultura alemã, como é o caso da cerveja e do chope. Em alguns momentos, as pessoas preservaram as tradições no cotidiano ou mesmo em manifestações coletivas dentro do próprio grupo que foram reelaboradas. Já em outros momentos, transformam a prática cultural em representação simbólica, na qual a cultura herdada tem outros significados.

Sr. Heins também expõe seu ponto de vista sobre essa questão trazendo à tona suas lembranças.

Na verdade não foi resgatado nada, porque nessa época já tava quase tudo perdido, né? A única coisa que ainda foi feito é umas dança que a Hanni fazia lá, mas no restante. (.....) Eu saí como funcionário em 85, mas até lá então já tinha perdido muita coisa. Se for pra manter a cultura alemã acho também que devia então falar, escrever, saber mais sobre a cultura alemã, não só dançar.¹⁷⁵

Aqui, ficam evidentes as diferentes concepções de cultura que as pessoas defendiam, e que estão inseridas num processo bastante complexo, pois nelas se expressaram valores, costumes, tradições e diferentes percepções dos modos de vida. Para uma parcela da população de descendentes de alemães, a cultura significou investimentos simbólicos e de representação, na tentativa de recolher os restos da tradição alemã que se enfraqueceu e então foi necessário apelar para a memória do pioneirismo e da identidade alemã, como uma forma de se projetar socialmente, ao mesmo tempo em que já haviam construído uma nova identidade. Para outros, significou saudosismo de algo que eles não têm mais, apenas quando se encontram com alguns amigos ou parentes com os quais compartilham traços da cultura alemã, reconstruindo o elo que havia no passado de pertencer ao mesmo grupo. Portanto, os

¹⁷⁵ Entrevista com Heinrich Hoffmann em 30/04/03.

sentimentos múltiplos que se entrecruzam na memória, evidenciam uma Colônia que perdeu sua identidade alemã ao se inserir na sociedade brasileira.

A Colônia Riograndense vivenciou um processo de transformação, que culminou em alterações no cotidiano das pessoas. As gerações mais velhas viveram experiências de solidariedade e de auxílio mútuo, mas também de conflitos e de tensões. Nessa experiência vivida e compartilhada, certos elementos da cultura vão se transformando e, conseqüentemente transformando também os modos de ser e de viver. As relações de amizade, por exemplo, que foram extremamente cultivadas entre as famílias no passado, foram também gradativamente sendo transformadas, cedendo espaço às novas formas de relacionamento e configurando-se em atitudes e comportamentos mais individualistas nos tempos atuais¹⁷⁶.

Contudo, a população em geral, tanto as gerações mais velhas de imigrantes e seus descendentes quanto as gerações mais jovens, expressam diferentes opiniões sobre suas escolhas, especialmente no que diz respeito ao modo de viver e de trabalhar. As novas gerações estão inseridas num novo contexto histórico, no qual parece não haver mais espaço para as experiências vividas no passado e, que, paulatinamente, foram sendo transformadas a partir da inserção na sociedade brasileira, construindo novas formas de relacionamento e diferentes modos de vida, recriando, pois, valores e significados.

Com o passar dos anos, o Clube da Barra Mansa e o Clube da Curva foram, aos poucos, sendo desativados. Esporadicamente, realizavam-se festas ou bailes organizados por particulares. Enquanto o Clube da Barra Mansa já havia enfraquecido, por volta da década de 1970, o Clube da Curva funcionou por mais tempo, como principal centro de lazer e de festas, especialmente a partir da década de 1980, quando foi ampliado.

¹⁷⁶ Sobre esse assunto ver WILLIAMS, R. *O campo e a cidade na História e na literatura*. Op. Cit.

4.2. Tradição e reinvenção: o passado e o presente em confronto

Ao longo de sua existência, a Colônia Riograndense passa de uma experiência de solidariedade e de auxílio mútuo para outra, de caráter mais individualista. Muitas pessoas, principalmente as mais velhas, lamentam a perda de relações de amizade e de solidariedade, quando, no passado, se sentiam mais próximos uns dos outros. Tudo isso se deu em virtude de grandes transformações nas esferas sociais, culturais e políticas.

Muitos lamentam a diminuição das reuniões em família ou com vizinhos, as rodas de chimarrão, as maneiras como cada um preparava suas refeições, a vivência da fé, as celebrações de momentos importantes como, por exemplo, o Natal e as trocas culturais vivenciadas no cotidiano, criando e recriando práticas culturais num processo mais amplo de inserção. Podemos observar, assim, como os elementos da cultura alemã foram se diluindo na convivência com os brasileiros; e no compartilhar das festas folclóricas, como a Oktoberfest, atribuindo à cultura herdada outros significados e representações.

Dagobert, que na sua época de juventude participava de apresentações de teatro, cantos, dentre outras práticas culturais, lembrou, como no passado, o sentimento de pertencimento ao mesmo grupo e a preservação da tradição alemã foi muito mais significativa do que em anos posteriores, quando já havia uma integração maior entre membros do mesmo grupo e com os de fora dele.

O que eu acho que perdeu muito, é uma coisa que não tem como negar é em relação à cultura alemã. Ali perdeu muito, porque hoje em dia não tem mais tradição, praticamente acabou, não tem quase mais nada, em relação ao passado, no caso referindo a época do meu pai, nessa época tinha muito mais opção.¹⁷⁷

Tais afirmações se fundamentam nas transformações ocorridas nos diferentes segmentos da sociedade, nas novas relações de sociabilidade que foram se estabelecendo na vida das pessoas. Ao se inserir na sociedade brasileira, os descendentes de origem alemã adquiriram uma nova identidade, a brasileira, embora os traços da cultura alemã ainda estejam presentes no seu cotidiano.

Ao analisar em detalhes e tentar apreender o verdadeiro sentido das propostas de retomar a tradição alemã, seja promovendo eventos como a comemoração da imigração alemã

¹⁷⁷ Entrevista com Dagobert Rieger em 02/05/03.

todos os anos, a realização da Oktoberfest, a festa do chope, seja numa tentativa de preservação da cultura por meio dos grupos folclóricos, foi possível evidenciar, na Colônia, uma manifestação cultural que visou construir e manter uma representação do lugar social que cada um ocupou por meio do apego à cultura alemã e gaúcha de descendência germânica.

É visível a preocupação em manter viva uma imagem de desenvolvimento alcançado pela população da Colônia Riograndense, um apelo à memória do pioneirismo, utilizando a cultura alemã para atrair visitantes à região e, assim, explorar economicamente a festa numa perspectiva de turismo, articulada às festas folclóricas, nas quais, a cultura é reinventada.

Ao refletir sobre as divergências que existiram entre gaúchos e alemães, foi possível apreender uma rede de relações de poder que permeou a inserção dessa população na sociedade brasileira. Os conflitos e as tensões estiveram sempre presentes entre eles, no convívio diário, incluindo-se os momentos de lazer e as festas, pois, ao mesmo tempo em que havia aspectos em comum, as diferenças sociais os distanciavam. Estas, expressavam-se nos diferentes costumes, nos hábitos, na língua, nos modos de viver e na cultura¹⁷⁸, e se manifestavam por meio da convivência socialmente compartilhada no interior da comunidade.

Deve-se levar em consideração que os gaúchos os quais se instalaram na Colônia, também tinham origem alemã, ou seja, faziam parte do mesmo grupo étnico. Integravam as mesmas instituições, porém havia uma suposta *superioridade cultural* entre aqueles que vinham diretamente da Alemanha e, mais amplamente, da Europa, “pois os grupos de status se definem menos por um ter do que por um ser, irredutível ao seu ter, menos pela posse pura e simples de bens do que por certa maneira de usar estes bens¹⁷⁹”. No caso específico da Colônia Riograndense, os bens podem ser tanto materiais quanto culturais.

Falando a mesma língua, participando comunitariamente da Igreja Luterana, se reunindo em associação através da Cooperativa Riograndense foram construindo laços comuns. Como membros de uma mesma comunidade, compartilharam experiências, mas de maneiras diferentes, disputando lugares e fazendo escolhas variadas, pois “traços culturais diferenciadores riscam a linha de demarcação entre os grupos étnicos, mas pouco lhe

¹⁷⁸ THOMPSON analisa a cultura como um todo e para ele não há separação entre os valores, os costumes, os hábitos e a moral, trazendo ao lado do termo *cultura* o termo *experiência social*. Os valores não são só pensados e sim vividos através do diferentes modos de vida. Cf. THOMPSON, E. P. O termo ausente: experiência. In: *A Miséria da Teoria*. Op. Cit.

¹⁷⁹ BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.15.

importando quais, uma vez que podem variar no decorrer do tempo e ao sabor das interações com outros grupos¹⁸⁰.

Os conflitos e as tensões existentes na Colônia, calcados na convivência entre alemães e gaúchos se expressaram pelas diferenças sociais e pelo poder aquisitivo, que proporcionavam a eles modos de viver distintos e uma cultura menos refinada, dependendo da sua posição social. As diferenças assumem o caráter de representação do lugar na sociedade que cada um deles ocupou.

A maioria das pessoas não trouxe consigo muitas economias, visto que já vinham fugindo de uma Alemanha e de uma Europa conturbada, porém aqueles imigrantes que vieram de regiões mais pobres da Alemanha tiveram mais dificuldades em relação às questões sociais. Certamente, não tomamos essa informação como algo generalizado, mas procurando compreender que esse processo é muito mais complexo do que apenas analisar individualmente algumas experiências de imigrantes e de seus descendentes.

O Sr. Alvino, integrante do núcleo dos gaúchos, se lembrou do relacionamento, às vezes tenso, entre alemães e gaúchos.

Tinha gente que tinha um pouco de rixa, nós não, mais tinha gente que tinha. Os alemão com os gaúcho não combinou. Os alemão chamava nós de “irmãos de chinelo”, essas coisa. Também eles tinha um pouco de direito, tinha alguns gaúcho que era muito briguento. Quando eles ia lá, então sempre saía briga. Então eles começaram a maltratar os gaúchos, então a Colônia foi separado.¹⁸¹

O mesmo relembra o Sr. Heinrich, morador da Água da Barra Mansa.

Houve uma época, remota, que eles não se davam muito bem não. Agora o porquê? Os gaúchos não se davam com os daqui. Porque eles, os gaúchos andavam de chinelo, então os daqui, nos bailes, assim né, chamavam de “irmãos de chinelo”, aí então começava e o pau quebrava.... Os gaúchos, já de 4ª, 5ª geração de alemães, não se consideravam alemães, diziam nós somos gaúchos.”¹⁸²

Analisando as lembranças do Sr. Alvino e do Sr. Heins, é possível enveredar pelos caminhos dos conflitos, em que as diferenças vão aparecendo, opondo “alemães” e “gaúchos”, e cujos desdobramentos foram as brigas nos bailes. Se, por um lado, O Sr. Alvino acredita que

¹⁸⁰ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Op. Cit. p.12.

¹⁸¹ Entrevista com Alvino Mielke em 30/07/02.

¹⁸² Entrevista com Heinrich Hoffmann em 19/07/02.

esses embates aconteciam em decorrência dos insultos em relação aos modos de se vestir mais simples; por outro, havia uma postura, segundo o Sr. Heins, dos gaúchos não se considerarem alemães. De todo modo, fica evidente que as tensões apareciam pela diversidade cultural existente ali, mas que emergiram efetivamente das diferentes condições de classes sociais.

Sem dúvida, ambas as partes tinha preconceito em relação a outra. Os alemães por se considerarem “tão alemães”, o suficiente para não enxergar as diferenças do gaúcho de origem alemã que já estava adaptado aos costumes dos brasileiros, especialmente das classes mais populares. Os gaúchos estavam numa situação um pouco contraditória. Não se consideravam nem alemães, nem brasileiros, mas sim gaúchos. Isso causava certo desconforto, pois, às vezes, se sentiam inferiorizados em relação aos alemães; já em outros momentos, pareciam totalmente imersos nos costumes do Brasil que não necessitavam retomar a identidade alemã.

Sobre as tensões que emergiram das diferenças sociais entre a população dos bairros rurais de Penápolis, Cledivaldo Donzelli afirma que,

(...) de fato essas pessoas representavam uma confluência de determinantes sociais caracterizadas num contexto social, político e cultural, cujas manifestações indelevelmente interferiam na maneira de enxergar o outro e a si próprio, num exercício de identidade que mesclava o parâmetro conceitual de classe, nacionalidade, etnia e raça¹⁸³.

Um aspecto no tocante à inserção, diz respeito ao costume de consumir bebida alcoólica nos bailes. Os gaúchos consumiam, além da cachaça, vários tipos de bebidas, como as “batidinhas” de menta e de côco, os conhaques, dentre outras bebidas. Esse hábito se tornou constante nos bailes, e havia um consumo bem elevado de bebidas, facilitado pelo baixo custo delas. Com isso, as brigas aumentaram, pois até mesmo na forma de se referir ao outro, os insultos quanto à forma de se vestir, ou então, os flertes com as mesmas moças. Enfim, tudo era motivo para iniciar as brigas.

Pelo que pude apreender, as brigas não eram tão violentas. O que mais acontecia eram os empurrões e as discussões. As brigas mais violentas aconteceram na época em que havia muitos migrantes nordestinos morando na cidade de São José das Laranjeiras, os quais vieram para trabalhar na produção de algodão, a partir de 1950. Eles também frequentavam os bailes e, geralmente arrumavam confusões, como as brigas por causa das moças que não queriam

¹⁸³ DONZELLI, Cledivaldo A. *Penápolis/SP no contexto migratório*: os seus registros e significados (1940-1970). Op. Cit. p.15.

dançar com eles ou porque já tinham o parceiro de dança. Enfim, como eram de uma classe menos favorecida, bebiam cachaça e bebidas mais populares - e também mais baratas - e, assim, acabavam se embriagando.

Daisy de Camargo detalha as qualidades e os efeitos produzidos em seus usuários e as representações sobre a cachaça na cidade de São Paulo, no final do século XIX e no início do século XX nos seguintes termos:

Devido a uma destilação que permitia ultrapassar em muito os limites naturais, a aguardente contém dez vezes o teor alcoólico do vinho e da cerveja, o que proporciona uma embriaguez mais rápida com uma quantidade menor de bebida. E comporta também uma modificação nas formas de consumo: a cerveja e o vinho são bebidos em sucessivos tragos e o processo de embriaguez é paulatino. A aguardente é ingerida em copos pequenos, num só trago, “*a palo seco*”, e a conseqüente embriaguez é fulgurante. A saber, a maximização do efeito, a aceleração, o arbatamento e o preço baixíssimo dessa bebida criou novas qualidades de embriaguez (...)¹⁸⁴.

Enfatiza ainda a autora que as suas “qualidades étlicas” projetam-se de forma negativa nos seus consumidores, os quais foram encarados sob forte preconceito pela sociedade.

Porém, o preconceito em relação aos nordestinos que vieram trabalhar na região, nesse período, manifestou-se na recusa de sua participação efetiva nas atividades de lazer e de convivibilidade. Nos bailes, as moças que não queriam dançar com eles, temiam que os pais tomassem conhecimento da fama de briguentos que eles tinham. Além disso, o acesso às bebidas mais baratas e com efeito de embriaguez mais eficiente e rápido, tornava o clima tenso. Certamente, isso não era uma regra geral. As moças que se atreviam a dançar com os mais comportados, enfrentavam o preconceito e incitavam as brigas. De qualquer forma, a presença dessa população causou desconforto e, muitas vezes, incômodos e brigas. Tal situação foi vivenciada também nos bairros rurais de Penápolis, no interior de São Paulo, analisados por Donzelli. Segundo ele,

(...) eram “coitados” e “pobrezinhos” que se agregavam como colonos e diaristas às comunidades já estabelecidas, portanto “estrangeiros”. Muito embora nos relatos dos descendentes de europeus apareçam discursos afirmativos quanto à integração de mineiros e nordestinos num processo

¹⁸⁴ CAMARGO, Daisy de. *Cachaça versus café*: a guerra das substâncias nos corpos e nas cidades (final do século XIX e começo do XX). Revista Eletrônica do CEDAP – Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs, v.5, n.1, out.2009. p.7.

natural e tranqüilo, deixam escapar inconscientemente algumas manifestações de desprezo à presença deles nos bairros¹⁸⁵.

É provável que a cultura considerada *mais elevada* dos alemães em relação à cultura dos gaúchos “irmãos de chinelo” tenha sido o ponto nodal dos conflitos entre os grupos. Aqueles que viveram na Europa talvez considerassem que sua cultura fosse mais elevada do que aqueles que vieram de algumas regiões do Brasil, como foi o caso dos descendentes de alemães do Sul do país.

Mesmo considerando que naquela época a Alemanha passou por graves problemas, o fato de terem sido criados num país europeu provavelmente influenciou as diferenças culturais entre alemães e gaúchos, numa disputa por um lugar social de destaque. Embora os gaúchos já tivessem se familiarizado com os costumes brasileiros, não podemos deixar de ressaltar o aspecto das diferenças sociais. Ademais, como muitos gaúchos viveram a experiência da imigração em momentos anteriores, é possível que suas economias já tivessem sido aplicadas na subsistência da família.

Consideremos ainda mais dois aspectos. O primeiro diz respeito ao fato de que muitos dos familiares dos gaúchos vieram de regiões pobres da Alemanha e, por isso, também encontraram dificuldades aqui no Brasil. O segundo se refere ao fato de que eles vieram com o sonho de melhorar de vida. Para muitos deles, as condições sociais só se agravaram e, ao migrar para a Colônia, as tensões sociais se sobressaíram. No entanto, vale salientar que nem todos que vieram do Sul do país para a Colônia tiveram os mesmos problemas, especialmente de ordem econômica, como foi o caso do pioneiro Michel Lamb, que construiu uma vida estável para ele e sua família.

Creio que as diferenças que existiram entre gaúchos e alemães foram cedendo espaço aos sentimentos que foram surgindo nos relacionamentos estabelecidos entre eles. As transformações históricas e culturais que ocorreram ao longo dos anos, configuraram-se em novas relações de sociabilidade, no que diz respeito ao trabalho, à família, ao lazer, aos costumes e às tradições que foram sendo reconstruídas e, que se inserem numa dinâmica mais complexa, que é a inserção efetiva dos imigrantes alemães e seus descendentes na sociedade brasileira.

¹⁸⁵ DONZELLI. Cleivaldo A. *Penápolis/SP no contexto migratório*: os seus registros e significados (1940-1970). Op. Cit. p.7.

Nesse processo, merece destaque o papel desempenhado pelas mulheres em diversas dimensões do cotidiano da Colônia, servindo de sustentáculo no plano da reprodução material, mas também no plano simbólico como será discutido a seguir.

4.3. Os casamentos e os suportes materiais da cultura: a cozinha alemã

As mulheres exerceram papel fundamental na construção da Colônia. Entretanto, em muitos momentos, elas não tiveram a valorização dos maridos e dos próprios pais, homens considerados os chefes da casa, nas relações estabelecidas ao longo dos anos por meio das práticas cotidianas. Muitas foram desprezadas e discriminadas pelo machismo que ainda permeava a mentalidade das pessoas. Outras já foram mais valorizadas pela sua condição de mãe, esposa, trabalhadora e pela segurança que elas ofereciam a toda família.

Houve preconceito em relação às mulheres gaúchas em relação a vários aspectos da vida cotidiana, especialmente no que se refere aos hábitos alimentares. De certa forma, mesmo que viessem em busca de melhores condições de vida, os imigrantes alemães se consideraram superiores culturalmente.

A Sra. Grete relembra dos conflitos como “briguinhas”.

Não. Que eu saiba não! Se foi, isso já é passado, acho que não é muita coisa, mais que o pessoal procurou se adaptar um ao outro. Assim eu acho. Bom uma briguinha aqui outra ali sempre tem, né? Quando vinha os gaúcho tudo de chinelo chamavam eles de Schlappen Brüder, eles andavam só de chinelo, aí então eles chamavam os alemão de marmelade Fresser¹⁸⁶. E assim era a coisa no meio dos bailes antigamente.¹⁸⁷

Ao rememorar suas vivências, a Sra Grete também se refere às divergências e aos insultos entre alemães e gaúchos, quanto à forma de se vestir, seus hábitos alimentares, seus diferentes modos de viver, aspectos que evidenciam as divergências sociais presentes no interior da comunidade.

Os meus entrevistados talvez tivessem mantido essa postura porque isso parece estar superado entre eles, pois houve uma integração entre as pessoas e, além disso, mudanças na

¹⁸⁶ *Schlappen brüder* quer dizer irmãos de chinelo e *marmelade fressen* quer dizer comedores de marmelada.

¹⁸⁷ Entrevista com Grete Wrede em 01/05/03.

maneira de pensar. Muitas pessoas se mudaram da Colônia, outras se integraram à comunidade. Enfim, houve intensas transformações em suas vidas ao longo dos anos.

No diálogo com minhas entrevistadas, foi possível apreender o que foi *ser mulher* na Colônia. A Sra. Grete lembrou como foi para ela ser, concomitantemente, mulher, mãe e esposa.

Sim. Sem elas os homens sozinhos não fariam nada. (risos) Porque as mulheres ajudavam muito, tinham que ajudar, não era como hoje. Hoje também nem tem serviço na roça mais pra uma mulher, mais naquele tempo sim. Eu por exemplo, fiz tudo quanto é serviço, eu falei: olha eu não vou quebrar milho, eu não posso com aquela palha, mas eu fui. A gente fazia de tudo, ajudava construir junto”. (.....) No serviço todo e também na vida familiar da comunidade, porque todas eram muito mais participativas como são agora. Pensa só na OASE¹⁸⁸, quando tinha OASE, quase todo mundo ia, né? Toda mulher ia, se tinha criança ou não tinha.(.....) Olha a primeira OASE aqui eu não fui. Levei uma lavada da minha mãe, na segunda eu fui.¹⁸⁹

Refletindo sobre as lembranças da Sra. Grete, é possível enveredar por vários elementos compositivos da memória das experiências reais que ela viveu. Em primeiro lugar, a Sra. Grete compara a realidade vivida por ela no passado com períodos mais recentes, enfatizando a dura realidade das mulheres, especialmente no que diz respeito ao trabalho com a terra. Ela enaltece o trabalho e a importância dela e das mulheres do passado como fundamental para a construção do seu lugar social na comunidade¹⁹⁰. Em segundo lugar, a Sra. Grete expressa que não havia opção em relação ao trabalho que se requeria da mulher, acima de tudo, muito empenho e dedicação, visto que, num contexto mais geral, o papel da mulher não se restringiu apenas ao espaço familiar.

Por último, a Sra. Grete crítica as mulheres modernas, quanto à sua participação ativa em vários segmentos da sociedade. É compreensível que a Sra. Grete valorize mais as mulheres de sua época, pois ela está levando em consideração a difícil realidade vivida por elas, principalmente pelo esforço físico e pelas responsabilidades delegadas a elas. A Sra.

¹⁸⁸ OASE – Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas, fundado no Brasil em 1899 em Rio Claro-SP. É um grupo formado de mulheres da Igreja Evangélica Luterana e tem por objetivo auxiliar a Igreja em todos os setores.

¹⁸⁹ Entrevista com Grete Wrede em 01/05/03.

¹⁹⁰ Segundo analisa Michelle Perrot, “existem, portanto, as representações, mas também as práticas, e não se pode de modo algum dissociá-las: é preciso fazer uma história dos discursos e das práticas que não os separe. No caso da história das mulheres, o historiador é absolutamente obrigado a fazer essas duas histórias interligadas”. PERROT, Michelle. A força da memória e da pesquisa histórica. Entrevista. In: **Projeto História**. PUC/SP, 1998. p. 356-357.

Grete tem dificuldade em observar na mulher moderna todo o dinamismo que desenvolve ao assumir, paulatinamente, diversas ocupações quais sejam: as de esposa, mãe, dona de casa e profissional, paralelamente a outras atividades dentro da comunidade, bem como nas relações que ela estabelece socialmente.

Analisando esse aspecto, sob a ótica da representação do lugar social, é possível observar que, para a Sra. Grete, a mulher moderna ocupa um papel diferente do seu, ou seja, há uma tensão no campo da disputa social, entre presente e passado que a memória dela estabeleceu.

Outro aspecto a ser analisado é a falta de valorização da mulher no período lembrado pela Sra. Herta. Suas lembranças evidenciam um período difícil vivido pela mãe, quando teve de *segurar as pontas* em todos os aspectos da vida familiar, mas não cabia a ela opinar nas decisões a serem tomadas. Isso nos dá a dimensão da importância e da devida valorização da presença da mulher na trajetória da Colônia, tão importante quanto à do homem, bem como os aspectos negativos que implicaram nas relações de alteridade entre homens e mulheres, que se configuraram em relações extremamente machistas e autoritárias.

Como antigamente era mulher, não era como hoje. Mulher era assim.....quem mandava era o homem. Então mulher tinha que acompanhar, mais não tinha. Na minha casa, minha mãe não apitou nada. A maioria era assim: trabalhava muito, não tinha conforto, não tinha.... não mandava em nada e trabalhava muito. Tinha que cuidar da casa, da família, dos animais e da roça também. (...) Ah! E muito, e muito. Só que ninguém dava valor. Meu pai, por exemplo, ele já foi criado assim. Isso já vem do berço deles. Não é que eles queriam assim, eles achavam certo assim. (.....) Meu marido não era assim, ele já era de criação bem diferente do meu pai. Eu não tive nada desse sofrimento que minha mãe sofreu, eu nunca tive isso.¹⁹¹

A desvalorização da mulher, o preconceito e o machismo permearam a vida cotidiana na Colônia, mas também houve momentos em que essas mulheres souberam fazer valer as suas vontades, expressando seus sentimentos e seus desejos, mesmo que de maneira discreta e sutil. A Sra. Herta faz uma referência negativa, baseando-se no presente. Ela tem consciência de que seu pai tinha uma postura autoritária e machista em relação à mulher, explicação atribuída a sua própria criação.

Esse vai e vem da memória evidencia sempre um sentimento de nostalgia, que valoriza muito as mulheres do passado no que diz respeito ao trabalho, mas vem sempre acompanhado

¹⁹¹ Entrevista com Herta Weissheimer em 24/04/03.

de um sentimento de frustração em relação ao que elas viveram como mulher, uma representação simbólica do papel que ela ocupou como mulher no passado. Nesse sentido, o presente passa a ter um sentido positivo para elas, pois não sofrem tanta discriminação quanto no passado.

A Sra. Grete, em suas recordações, reviveu os momentos da sua história de vida como uma mulher inserida na comunidade. No olhar que ela tem sobre essa questão, afirma que era comum as mulheres se manterem distante das decisões, especialmente aquelas tomadas coletivamente, como no caso da Cooperativa. Somente em casa, num circuito mais privado é que elas podiam dar suas opiniões e sugestões. Entretanto, nem todas podiam expressá-las, pois, muitas vezes, elas foram anuladas em suas iniciativas de se envolver nos *assuntos dos homens*. Em sua fala, ela esclarece aspectos da relação entre homem e mulher.

*Só os homens, a mulher trabalhava. Na hora de trabalhar era a mulher. Mas ninguém reclamou, todo mundo viveu. Agora em casa também a gente comentava e as mulheres falavam com os maridos também, né? Discutiam as coisas em casa também, né? Dava um palpitinho também. (...) Porque era feio a mulher abrir a boca pra falar. Não era costume das mulheres. Em casa comentava com os filhos, com o marido.*¹⁹²

Embora fique evidente que houve a discriminação, a Sra. Grete relembrou as diferentes formas que as mulheres utilizavam para se envolver nos assuntos que, de certa forma, eram discutidos exclusivamente pelos homens. Isso indica que, aos poucos, as mulheres foram se inserindo na comunidade, passando gradativamente a opinar sobre questões importantes e que diziam respeito também a elas, buscando por meio da memória, a representação do lugar social que ocuparam no grupo, pois “as mulheres participaram das mudanças políticas principais da civilização ocidental¹⁹³”.

¹⁹² Entrevista com Grete Wrede em 01/05/03.

¹⁹³ SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de gênero. São Paulo. *Revista Brasileira de História*. v.27, nº54. 2007. p.289.



Foto nº 50 – Divisão da comunidade luterana entre homens e mulheres – Década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

As evidências relativas às dificuldades que as mulheres enfrentaram na vida cotidiana em relação ao preconceito aparecem nos registros fotográficos de cenas cotidianas.

A foto 50 retrata o costume entre homens e mulheres de sentar em lados opostos da Igreja, o que permeou a vida comunitária durante muitos anos. Todos os homens, sendo eles crianças, jovens ou adultos, se sentavam ao lado direito da foto, ou seja, entrando na Igreja ficavam à esquerda. As mulheres se sentavam no lado inverso. Entrando na Igreja, seu lado era o direito. Isso indica que cada um deles tinha seu lugar na comunidade, no lar, no trabalho e na sociedade, ou seja, uma forma de demarcar o seu espaço.



Foto nº 51 – Mulher posando para foto dirigindo trator – Década de 1960
(Arquivo pessoal de Lídia B. Braun)

Na foto 51, o fotógrafo contribui para desvelar uma realidade que é muito mais uma representação simbólica almejada do que o real vivido. Os homens (um deles é o pastor

Knoch) ficaram ao lado do trator e as mulheres apoiadas em cima do mesmo, e uma delas como se estivesse dirigindo. É provável que ela não soubesse dirigir, apesar de que, na época, muitas mulheres tiveram de aprender a dirigir trator e caminhão para ajudar seus maridos na plantação. Porém, isso representa o papel que ela ocupou ou pelo menos gostaria de ocupar na sociedade.

Para a Sra. Herta, a memória reelabora o passado baseado no que viveu e com o que conviveu como mulher.

Mais o desprezo que num.....mulher era mulher..... segundo plano. Porque como que uma mulher não tem também um desejo de alguma coisa que pode mesmo falar, conversar, não tinha isso. A mulher era só pra ficar quieto.¹⁹⁴

A Sra. Herta relembra com certo ressentimento a posição que ela ocupou como esposa e mãe, num espaço de âmbito privado, e, mais amplamente, de mulher inserida na comunidade. Fica evidente que ela viveu uma realidade de discriminação e de preconceito durante sua vida. Ela expressa o sentimento de decepção em relação ao seu papel como mulher que, como ela mesma relembra, ficou em *segundo plano*. Esse sentimento se torna mais profundo quando ela relembra do desprezo que as mulheres sofreram ao longo dos anos e mais ainda, o desejo de se expressar e se manifestar em relação aos seus próprios sonhos.

O processo de inserção dos imigrantes e seus descendentes na comunidade, constituído pelas diferentes formas de sociabilidade e pelas diferentes formas de lazer, são “formas de ocupação de espaços sociais e de estabelecimentos de redes de relações que deram a eles o sentimento de pertencer a essa terra¹⁹⁵”, que não só viabilizaram essa inserção, mas também ampliaram as redes de relações as quais possibilitaram às pessoas o sentimento de identificação e de pertencimento ao espaço com seus habitantes; e a identificação com a identidade brasileira e com seus aspectos socioculturais.

No entanto, esse processo foi lento. Houve entre as famílias maior interesse nos casamentos entre iguais. Preservar com segurança e estabilidade os laços sociais e familiares, bem como a preservação da cultura e da identidade alemã através do casamento, ao longo dos tempos, era algo que a maioria das famílias almejava. Para tanto, casavam-se entre si com o intuito de perpetuar as raízes de descendência alemã, pois como afirma Francisca Vieira, “o

¹⁹⁴ Entrevista com Herta Weissheimer em 24/04/03.

¹⁹⁵TANNO, J. L. Formas de Sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade paulista. 1930 – 1970. HASHIMOTO, F; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. (Orgs.) *Cem anos da Imigração Japonesa*. História, Memória e Arte. Op. Cit. p.64.

desejo de manutenção do grupo étnico coeso e a endogamia aparecem, pois como a solução para a contradição entre uma superioridade cultural valorada e uma insegurança real superada através da solidariedade étnica¹⁹⁶”.

Mas, não era somente o interesse em preservar a cultura e a identidade alemã. O preconceito e a discriminação foram frequentes em muitos casos em que descendentes de alemães se relacionavam com moças e moços brasileiros.

Mesmo morando no Brasil, muitos pais proibiram que seus filhos e filhas se casassem com os brasileiros. Por um lado, ao se casarem entre iguais a preservação de elementos da cultura alemã era facilmente mantida, pois ambos compartilhavam certos elementos da mesma cultura, como por exemplo, a mesma língua, a crença religiosa e as festas, dentre outros. Por outro, casando-se com brasileiros, passaram a ganhar maior visibilidade por meio da convivência, não só dos casais, mas também de suas famílias, e assim criou-se “um espaço para intensas trocas culturais, configurando-se em um dos principais vetores de transformação da sociedade acolhedora¹⁹⁷”.

Ao se casarem com brasileiros, muitos imigrantes e seus descendentes tiveram de mudar seus projetos de vida. Quando os imigrantes partiram da Alemanha deixando os familiares, com o intuito de alavancar recursos para que pudessem voltar à terra natal com melhores condições de vida, esse sonho certamente mudava, pois com o casamento fixavam-se no Brasil, mais especificamente na Colônia Riograndense e, dessa forma, buscavam se adaptar aos costumes da sociedade brasileira, como foi o caso da culinária. Ao constituir família, a alternativa de muitos homens foi procurar ensinar a culinária às esposas brasileiras. Numa dinâmica de integração, foram gradativamente assimilando aspectos da culinária brasileira, ou então trocando informações que, foram também modificadas e ressignificadas no dia-a-dia.

Entretecendo as redes de sociabilidade constituídas por meio dos casamentos, foi uma constante a união entre os descendentes de alemães, originários do Sul com pessoas cujos pais vieram diretamente da Alemanha, ou então, de outros países da Europa. Casais cujos esposos ou as esposas tinham pais alemães, de um lado e gaúchos, de outro foram muito frequentes. De certa forma, isso contribuiu para que eles perpetuassem alguns dos costumes da cultura alemã, ao mesmo tempo em que também corroborou na adaptação aos costumes brasileiros.

¹⁹⁶ VIEIRA, Francisca I. S. *O japonês na frente de expansão paulista*: o processo de absorção do japonês em Marília. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1973. p.162

¹⁹⁷ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. Op. Cit. p. 99.

Oliveira analisou o processo de inserção de italianos na sociedade brasileira e sobre os casamentos interétnicos afirma que, “ao conduzirem os imigrantes italianos para o interior de famílias brasileiras, (...) levavam os cônjuges a exporem entre si, com maior visibilidade, seus valores e costumes, a saber, suas diferenças¹⁹⁸”.

Os casamentos mistos foram se tornando mais frequentes com o passar dos anos devido ao convívio e à integração gradativa dos descendentes de alemães. Mesmo porque a comunidade da Colônia Riograndense não permaneceu fechada em *guetos*. Pelo contrário, foi uma colonização espontânea, que recebeu imigrantes alemães, mas também migrantes já radicados em outras regiões do país, como já mencionamos. Além disso, as propriedades adquiridas na Colônia Riograndense situavam-se próximas umas das outras, no entanto, não havia uma colônia específica para morar. Essa dispersão da população colaborou para o entrosamento entre alemães e brasileiros e, conseqüentemente, dos casamentos mistos e das redes de relações forjadas no seio da comunidade.



Foto nº 52 - Igreja Luterana – Templo de madeira – década de 1950
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Na foto 52, temos em destaque um casamento, provavelmente entre iguais. É interessante ressaltar que o fotógrafo procurou um posicionamento em que foi possível apreender aspectos da realidade, procurando não perder nenhum detalhe do real. Vemos a população se integrando socialmente em frente ao antigo templo da Igreja Luterana, talvez antes do casamento ou então ao final dele.

¹⁹⁸ Idem. Ibidem. p. 99.

O quadro abaixo apresenta o total de casamentos realizados entre os anos de 1952 a 1990 na comunidade da Igreja Luterana. Não estão incluídos nesta tabela os casamentos realizados em outras instituições religiosas. Como podemos observar, no início da década de 1960, os casamentos mistos se tornaram mais frequentes, como já assinalai. Entende-se por casamentos entre iguais aqueles que pertencem a segunda e terceira geração de descendência alemã. Já os mistos, são pessoas que pertencem a segunda e terceira geração, casadas com os brasileiros. Por último, os casamentos entre brasileiros são, tanto de brasileiros que se casaram entre si, pois faziam parte da comunidade Luterana, ou então, aquelas pessoas cujos pais eram de segunda e terceira geração de alemães já haviam se casado com brasileiros.

Quadro 2 – Casamentos na Colônia Riograndense – 1952 - 1990

Ano	Casamentos entre iguais	Casamentos mistos	Casamentos “entre brasileiros”	Total
1952	04	-	-	04
1953	05	-	-	05
1954	06	-	-	06
1955	07	-	-	07
1956	08	-	-	08
1957	06	-	-	06
1958	02	-	-	02
1959	04	-	-	04
1960	07	-	-	07
1961	03	02	-	05
1962	05	01	-	06
1963	07	01	-	08
1964	05	01	-	06
1965	01	-	-	01
1966	06	02	-	08
1967	02	-	-	02
1968	09	01	-	11
1969	08	04	-	12
1970	04	02	-	06
1971	04	04	-	08
1972	01	01	-	02
1973	-	03	-	03
1974	05	05	-	10
1975	05	05	-	10
1976	-	03	-	03
1977	05	03	-	08
1978	02	05	01	08
1979	-	03	01	04
1980	04	04	03	11
1981	02	05	-	07

1982	02	05	01	08
1983	03	07	02	12
1984	01	05	-	06
1985	02	08	01	11
1986	05	10	05	20
1987	03	03	-	06
1988	01	06	03	10
1989	02	07	01	10
1990	01	04	-	05
Total	147	110	18	276

Fonte: Livro de Registro dos Casamentos da Comunidade da Igreja Luterana da Colônia Riograndense

Analisando o quadro, alguns aspectos devem ser ressaltados. Primeiramente, evidenciamos que os casamentos entre iguais se estenderam durante todo o período proposto. Entretanto, durante esses anos houve uma oscilação entre “mais” e “menos” até a década de 1960, quando os casamentos mistos aumentaram. Certamente, essa oscilação não se deve apenas ao fato de surgirem os casamentos mistos e sim, a partir de um contexto de migração/emigração, da diminuição das famílias numerosas e também do fato de muitos homens e mulheres se casarem com idades diferenciadas.

Já os casamentos mistos se tornaram mais frequentes, como vemos, a partir da década de 1960. Pode-se observar que com a convivência entre alemães e brasileiros eles se intensificaram. Observa-se também que os casamentos mistos ocorreram raramente com os brasileiros e as brasileiras de classes mais altas, mas sim, com pessoas de classe média e média baixa, salvo algumas exceções. Outro aspecto observado é que foram raros os casos de casamentos entre descendentes de alemães com negros, mulatos ou pardos.

O número de homens de origem alemã que se casaram com mulheres brasileiras foi bem maior que o contrário: mais ou menos 90% dos casos. Somente a partir de 1980 é que os casamentos de mulheres de origem alemã com brasileiros foram se tornando mais comuns. Nesse período, os casamentos entre descendentes de alemães e de italianos também aumentou, considerando a proximidade da localidade e a integração entre a Colônia Riograndense e a colônia italiana, situada na cidade de Pedrinhas Paulista.

Os casamentos entre os brasileiros foram mais raros. Havia a possibilidade de serem pessoas de descendência alemã, mas com parentesco muito distante, ou então, por serem apenas luteranos e não terem descendência alemã.

Janete Leiko Tanno, analisando o processo de inserção dos imigrantes japoneses, afirma que,

Se, por um lado, as formas de sociabilidade no interior do grupo étnico funcionavam como elementos de coesão grupal e impunham obstáculos às relações entre os japoneses e seus descendentes com o restante da sociedade brasileira, as atividades desenvolvidas fora do grupo impulsionavam maior entrosamento destes com os brasileiros.¹⁹⁹

As redes de relações, as formas de convivência e o processo de inserção dos imigrantes e de seus descendentes na região do Vale Paranapanema, passou a ter vários significados, dependendo dos interesses econômicos, políticos e sociais, e o lugar social que cada um ocupou nesse processo. Porém, esse processo foi permeado por inúmeras dificuldades e intensas trocas culturais.

4.3.1. Hábitos alimentares: ressignificando a cultura

Ao adotar o Brasil como pátria, o imigrante e seus descendentes tiveram de se adequar, entre tantos outros aspectos, também aos novos hábitos alimentares, o que dependia, principalmente, da disponibilidade de gêneros alimentícios e das condições sócio-econômicas que viabilizassem o consumo ou o plantio desses gêneros.

Como se sabe, alguns hábitos alimentares da cultura alemã influenciaram fortemente a culinária brasileira e, conseqüentemente, também proporcionaram a adoção desses hábitos alimentares ao paladar da população brasileira. Ao mesmo tempo, a cozinha alemã recebeu uma grande contribuição dos hábitos alimentares e dos ingredientes da culinária brasileira que, aos poucos, foram sendo introduzidos na sua alimentação, numa dinâmica que proporcionou intensas trocas em relação aos hábitos alimentares²⁰⁰.

Porém, na Alemanha não há um *prato tipicamente alemão*, sendo que isso varia conforme a região do país. A população consome principalmente pães; porcos que, podem ser

¹⁹⁹ TANNO, J. L. Formas de Sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade paulista. 1930 – 1970. HASHIMOTO, F; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. (Orgs.) *Cem anos da Imigração Japonesa*. Op. Cit. p. 65.

²⁰⁰ Sobre esse assunto, Oliveira trabalha aspectos da integração entre a cozinha brasileira e a italiana. “O conhecimento das duas cozinhas já significava uma intensa troca de hábitos alimentares entre brasileiros e italianos”. Cf. OLIVEIRA. Flávia A. M. Op. Cit. p. 208.

assados ou frito na gordura ou ainda defumado, especialmente as bistecas e o Joelho; salsichas; batatas; couve; tortas e bolos doces; vinhos e é claro, muita cerveja.

Alguns pratos da culinária alemã foram adotados de forma tão espontânea que nem percebemos que faz parte de outra cultura ou então, outros hábitos alimentares foram adequados e, associados a um novo ingrediente que, desde muito tempo faz parte do cotidiano alimentar do brasileiro. Vemos de forma mais acentuada o chucrute, feito com repolho ralado, sal e alguns condimentos, curtido por aproximadamente uma semana. Também integram a cozinha brasileira todos os defumados de porco – Joelho, bisteca, costela, bacon, toucinho e a lingüiça - tanto a pura, de carne de porco, quanto a mista, de carne de porco e de boi - o salsichão, a cerveja e o chope, e muita cebola.

Muitas comidas e diferentes hábitos alimentares que as famílias utilizavam na Colônia Riograndense foram trazidos do lugar de origem, porém readaptados aqui, conforme as possibilidades de acesso aos gêneros alimentícios e aos condimentos. Da mesma forma, é relevante mencionar como foram se adequando aos ingredientes e aos condimentos para preparar e cozinhar os alimentos. A cebola e o alho eram indispensáveis à culinária alemã.

Os alemães e os gaúchos usavam com muita frequência vários condimentos para preparar pratos típicos ou aqueles que aprenderam da cozinha brasileira, tais como a pimenta do reino, a canela, a baunilha, o cravo e o sal amoníaco. Estes quatro últimos, geralmente eram utilizados para fazer as tortas, as cucas e as bolachas. Alguns condimentos, quando faltavam aqui, encomendavam de alguém que fosse a São Paulo ou até mesmo a Alemanha. Raramente algum parente enviava da Alemanha algum condimento ou essência para confecção de bolachas, especialmente as natalinas.

O leite e seus derivados sempre foram amplamente utilizados pelas famílias, tanto alemãs quanto gaúchas. Com ele se fazia a ricota, utilizada diariamente nas refeições e em diversos pratos, especialmente para fazer o *bolo de ricota*; e para passar no pão usava-se tanto a ricota quanto a nata. As mulheres faziam também queijo comum e uma espécie de queijo podre (*verfaulte Käse*). Faziam também coalhada, requeijão e manteiga caseiros. Com a manteiga faziam bolachas, bolos e tortas. Aliás, as bolachas caseiras eram de todos os sabores: de nata, de amendoim, de mel, de fubá e como já mencionei, de manteiga.

As famílias gaúchas desconheciam algumas utilidades do leite. Geralmente faziam queijo, ricota, usavam a nata para passar no pão e para fazer bolachas. Com os alemães

aprenderam a fazer outros tipos de queijo, de tortas e bolachas. Ou seja, passaram a aprimorar a culinária com a integração com os alemães.

O pão caseiro, assado em forno à lenha era feito, geralmente entre uma ou duas vezes por semana. Os pães eram grandes e sempre feitos em grande quantidade, visto que, muitas famílias tinham o hábito de jantar comendo pão com geléia ou algum tipo de frios e tomando café com leite, ao invés de comer o que havia sobrado do almoço. Também os bolos, as conhecidas *cucas*, eram comuns na mesa das famílias. O costume de comer pão à noite foi introduzido na Colônia pelas famílias de alemães, e foi repassado para os gaúchos. Muitas dessas famílias mantêm essa prática até os dias de hoje.

Para o café da manhã, os gaúchos geralmente cozinhavam ovos, pão com ovo empanado e frito, e faziam também uma espécie de ovos mexidos, acrescentando água e farinha de trigo, além das geléias e do café com leite. Os alemães já preferiam os derivados do leite, também *blutwurst* (lingüiça de sangue) e *leberwurst* (lingüiça de fígado). Também não podiam faltar as geléias e o café com leite. Certamente, isso não prevaleceu em todas as famílias, fossem elas alemãs ou gaúchas. O que se sabe é que comiam e aproveitavam tudo o que tinham em casa, tanto o que plantavam quanto o que podiam comprar. Os hábitos alimentares diluíram-se rapidamente entre alemães e gaúchos. As famílias de classe mais baixa tinham uma alimentação mais simples e uma culinária menos refinada.

O macarrão era feito em casa pelas mulheres, com farinha de trigo, desenrolando a massa com rolo de macarrão e cortando as fatias conforme o tamanho que desejavam.

As geléias e doces para passar no pão e, também para comer como sobremesa, eram feitas com todas as frutas que havia no sítio. As mais comuns eram abóbora, goiaba, mamão, groselha, laranja, pêssigo, mexerica, dentre outras.

Em relação à criação de porcos, é importante mencionar que tudo deles se aproveitava, e a quantidade de pratos e alimentos feitos com a carne suína era imensa. Os alemães já utilizavam a carne de porco e suas miudezas na Alemanha, e os gaúchos também foram adquirindo esse hábito, visto que também já conheciam a carne de porco. A partir daí, aproveitavam todas as partes do porco. A lingüiça era feita não só de carne suína, mas também, de carne bovina. Fazia-se também todos os tipos de defumados como, o bacon, a costelinha e o joelho defumado. Dos pés, orelha, cabeça, fígado, língua, enfim das miudezas do porco, se fazia um prato conhecido entre as famílias como *cudiguin*. Faziam também uma lingüiça de sangue (*blutwurst*) e uma lingüiça de fígado (*leberwurst*), como já mencionei.

Geralmente os defumados ficavam pendurados em cima do fogão à lenha. Isso garantia a defumação permanente dos alimentos e evitava o contato com as moscas e vários tipos de insetos. Esses costumes eles adquiriram com os brasileiros.

A carne do porco era frita em grandes tachos de ferro e depois de fria se colocava toda a carne em latas de alumínio, coberta pela gordura do próprio animal. Para uma boa conservação, era importante manter a carne toda submersa na gordura, visto que as famílias foram adquirindo as geladeiras e os congeladores para conservar a carne e outros alimentos, conforme a melhoria das condições de vida, processo que aconteceu gradativamente e de forma desigual, inserindo-se na dinâmica das transformações capitalistas. Esse processo ocorreu também com a população brasileira.

As verduras e as árvores frutíferas²⁰¹ foram sendo plantadas conforme os imigrantes alemães e seus descendentes tomavam contato com elas. A mandioca, por sua vez, foi adaptada ao cardápio das famílias desde o início da colonização e seu plantio e consumo ainda tem forte influência nos seus hábitos alimentares até os dias de hoje, sendo um costume que os gaúchos introduziram na Colônia.

Até que a terra estivesse pronta para o plantio, as famílias tratavam de providenciar logo as galinhas, para que botassem os ovos e depois se pudesse consumir sua carne; uma vaca para tirar leite e, mais tarde, consumir a carne, uns porcos - que, geralmente engordavam com milho que plantavam e com os restos da comida, o que chamamos de *lavagem*.

O arroz e o feijão também foram introduzidos rapidamente na alimentação das famílias. Houve resistência por parte de algumas famílias em consumir o feijão, como foi o caso da Sra. Olga. Talvez, o modo como preparavam o feijão na hospedaria do imigrante, onde a família e ela permaneceram durante alguns dias, não tornava o alimento muito apetitoso ao consumo, pois era preparado em grandes quantidades. Além disso, o feijão era um alimento muito diferente do que estavam acostumados, mas como ela mesma revela foram, aos poucos, se adaptando aos novos hábitos alimentares. De acordo com Oliveira,

Hábitos alimentares nada mais são do que uma expressão da cultura, nos encontros de cozinhas étnicas, os sabores e odores, ao mexerem com as sensibilidades, provocam em um primeiro momento um estranhamento, porém logo passam a conquistar os paladares. Todavia, sabores e odores,

²⁰¹ Oliveira destaca a influência dos imigrantes italianos no hábito de consumir frutas e verduras. “*Pouco tratamento é dado à importância que o imigrante italiano teve na divulgação do consumo, na sociedade paulista, de frutas e hortaliças, bases de muitos pratos de cozinhas regionais italianas*”. Cf. OLIVEIRA. Op. Cit. p. 203.

além de constituírem manifestação de formas culturais, consubstanciam estímulos sensoriais que agem como fatores de evocação da memória, estimulando a imaginação e desencadeando sentimentos profundos que se materializam em importantes elos entre o passado e o presente²⁰².

A maioria das famílias plantava o arroz e o feijão. Assim que preparassem uma pequena parte da terra tratavam de plantar os alimentos básicos para a sua sobrevivência. Isso tornava o custo de vida dessa população bem menor, visto que, podiam plantar frutas, tais como banana, laranja, tangerina, limão, mamão, abacate, goiaba, dentre outras; hortaliças como alface, cenoura, tomate, rabanete, beterraba, couve, salsinha, cebolinha e tantos outros gêneros alimentícios; e criar os animais para o abate, o consumo de leite, de ovos, enfim para a sobrevivência da família. O milho também foi um dos produtos plantados, sendo usado para fazer o pão e as broas.

À medida que se instalavam na Colônia e tomavam contato com cada uma dessas plantações, alemães e gaúchos passavam a cultivá-las e, mais tarde, a comprar todos os gêneros alimentícios de que necessitavam, conforme as condições econômicas de cada família.

Com o passar do tempo, se tornou possível a aquisição desses alimentos nos armazéns que foram sendo construídos por meio da iniciativa de alguns moradores, que viram no comércio uma possibilidade de aumentar a renda e, ao mesmo tempo, permitir o acesso à população dos produtos mais necessários à vida cotidiana.

No período estudado, alguns armazéns de secos e molhados foram instalados nos bairros mais significativos da Colônia Riograndense, como o armazém do Sr. Alvino na Água do Macaco, como já vimos anteriormente. Na Água da Estiva, outro armazém foi instalado, e havia também um moinho de farinha de trigo. Para o moinho, os agricultores levavam o trigo que haviam colhido para moer, transformando-o em farinha de trigo. Na Água da Barra Mansa e em São José das Laranjeiras também foram instalados armazéns que vendiam produtos básicos e de maior necessidade para as famílias.

Dentre os produtos básicos e de primeira necessidade destaco os mantimentos como arroz, feijão, farinha, açúcar, sal, dentre outros. No armazém, também se adquiriam tecidos, enxadas, foices, facão, enxadão, machado, arame, pregos, além de panelas de ferro, chaleiras, pratos, xícaras e outros tantos produtos. Além de poder encontrar os alimentos e produtos que necessitavam, ir até os armazéns significou muito mais, pois nesse espaço as pessoas que

²⁰² OLIVEIRA. Flávia A. M. Op. Cit. p. 181.

transitavam foram entretecendo as redes de sociabilidade, através da conversa informal com amigos e conhecidos, ou então no momento que aproveitavam para tomar uma dose de pinga, de conhaque ou qualquer outra bebida.

Tradições como tomar chimarrão, jogar bocha e boliche, fazer churrasco, bem como animados bailes com músicas e danças gaúchas, eram costumes dos descendentes de alemães, oriundos do Rio Grande do Sul que moravam na Colônia Riograndense. Alguns desses costumes foram preservados ao longo dos anos, tais como tomar chimarrão e fazer churrasco. Tomar chimarrão, além de ser uma tradição da cultura gaúcha, estimulava a socialização entre os familiares, parentes e amigos. Outros hábitos foram substituídos por novas práticas culturais.

Isso aconteceu gradativamente, pois as pessoas passaram por mudanças significativas em relação ao tempo, que é cada vez menor para as reuniões em família e com os amigos, principalmente por causa do trabalho, do “corre-corre” diário e das responsabilidades assumidas no dia-a-dia, mudanças nos hábitos, na culinária, no lazer, nas relações estabelecidas com pessoas muito diferentes entre si e também com visões de mundo muito diversificadas.

Um aspecto importante a ser mencionado é que alguns hábitos alimentares característicos da culinária alemã foram sendo reforçados na organização de festas típicas, nas quais preparavam vários pratos típicos alemães, tais como o *joelho de porco* e o *salsichão com purê de batata e chucrute*, com direito a muita comilança e extravagância no consumo de cerveja e de chope. Essas festas tiveram grande contribuição, não só no que diz respeito às questões sócio-econômicas - pois vários segmentos da sociedade lucravam com elas -, mas também influenciando a própria cultura regional.

O processo de inserção ocorreu de forma diferenciada entre imigrantes alemães e migrantes gaúchos de origem alemã, como já mencionei. Isso aconteceu também em relação aos hábitos alimentares que sofreram um processo de readaptação e de modificações muito desigual.

Entre as inúmeras divergências que ocorreram entre alemães e gaúchos, as mais expressivas foram àquelas relacionadas ao suposto conceito de superioridade cultural. Apesar das mulheres gaúchas também serem descendentes de alemães, é muito provável que as tensões se acentuassem por elas não conhecerem pratos mais sofisticados e diversificados da culinária alemã. Como as mulheres gaúchas estavam mais habituadas a uma vida mais

simples, especialmente nas questões da culinária e nos cuidados com a casa, em decorrência das condições sócio-econômicas, foram vítimas de intrigas e de discriminações.

A Sra. Herta constrói uma explicação para as divergências entre gaúchos e alemães, que, segundo ela, está imbricada na própria cultura deles. Como ela mesma diz:

Esses que vieram do Rio Grande do Sul, lógico, como eu falei: mulher não sabia muita coisa, só sabia cozinhar feijão e arroz e pronto e essas alemã vieram de lá sabendo fazer torta recheada e isso maior conflito foi isso. Eles não sabem de nada! Às vezes falava coisas que não.....que rebaixava mesmo. Eu lembro que na minha casa, lógico, quando minha irmã cresceu, já tava...era mocinha já, arrumava cortina, uma coisa ou outra, mas antes com minha mãe, minha mãe não tinha tempo pra essas coisas, não tinha. Então isso já era uma coisa que ah!.... A casa dela é relaxada, uma coisa assim. Não era, mais quem não tem tempo não fazia. Essas alemã não sei como fazia, mas tinha. Era diferente, de criação já.²⁰³

A Sra. Herta tem razão quando suas lembranças evidenciam as divergências culturais entre alemães e gaúchos. Certamente, as mulheres gaúchas eram vistas de forma diferente em relação às mulheres alemãs. Mas o fato de que as mulheres gaúchas faziam apenas o básico na casa, como cozinhar arroz e feijão e, segundo a Sra. Herta elas não tinham tempo para enfeitar e organizar a casa como faziam as mulheres alemãs, está profundamente ligado ao processo de inserção das mulheres gaúchas na sociedade brasileira, que aconteceu primeiramente, e às diferenças de classes sociais.

Os pais, já acostumados e adaptados aos costumes brasileiros, ensinavam seus filhos e filhas os mesmos costumes. Em meio à convivência diária, as tensões foram aparecendo. Mulheres gaúchas e alemãs, pertencentes ao mesmo grupo étnico, embora muito próximos, mas diferentes no modo de viver e nos seus costumes, foram gradativamente superando as divergências, num processo que as inseriu na sociedade brasileira, apenas de forma e momentos diferentes.

²⁰³ Entrevista com Herta Weissheimer em 24/04/03.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de apreender experiências dos sujeitos através do *contar a sua história* nos desafiou a lidar com perspectivas variadas que se refazem pelo trabalho da memória. Nesse *fazer histórico* no qual as pessoas vão se constituindo a si mesmas, e dando contornos à vida na Colônia, se desvendou um cenário no qual as experiências se constituíram de tensões e conflitos, mas acima de tudo, revelam atores sociais construindo espaços de convivência, numa dinâmica que, por vezes demarca seu território, evidenciando, pois, a existência de relações de poder entre eles. Já em outros momentos, ultrapassam os limites estabelecidos, nas interações vivenciadas nesse processo.

Os sentimentos múltiplos que emergiram no âmago das relações que foram sendo construídas na integração entre os imigrantes alemães e seus descendentes com a sociedade brasileira, possibilitaram apreender aspectos de uma comunidade em transformação nos âmbitos individual e coletivo, tanto no setor econômico e de trabalho, quanto ao que diz respeito às práticas culturais.

Aspectos da vida cotidiana e da atuação de algumas instituições expressas no trabalho, na língua, nas festas, nos hábitos alimentares, na religiosidade, por meio da Igreja Luterana, na Cooperativa Riograndense, nos clubes, nas escolas, nos casamentos, nos grupos folclóricos e de coral, enfim, em todos os elementos da cultura e do lazer, bem como as relações de sociabilidade estabelecidas entre as pessoas ao longo dos anos, proporcionaram a elas sua integração. Esse processo culminou na inserção dos imigrantes e seus descendentes aos costumes brasileiros.

A Igreja Luterana serviu como sustentáculo espiritual para imigrantes alemães e migrantes - especialmente de gaúchos de origem alemã e seus descendentes -, promovendo a integração entre eles e com os brasileiros, por meio de atividades desenvolvidas no interior da comunidade.

A Cooperativa Riograndense passou a estabelecer novas relações de sociabilidade e de produção, calcadas nas transformações políticas e econômicas ocorridas, a partir da década de 1980, com a implantação de um sistema modernizado no campo, transformando-a numa grande empresa capitalista. Um aspecto importante a ser salientado é que, nesse período, a Cooperativa passou a promover eventos culturais. Nesse sentido, foi possível evidenciar o uso atribuído às tradições culturais alemãs. Ao apelar para a memória do pioneirismo e para a identidade alemã, seus dirigentes procuraram se projetar socialmente e, dessa forma, a

Cooperativa Riograndense e seus associados se destacaram na região do Vale do Paranapanema e em todo Estado de São Paulo, ganhando, portanto maior visibilidade.

Os hábitos alimentares dos imigrantes alemães e seus descendentes sofreram forte influência da sociedade brasileira. Do mesmo modo, seus hábitos influenciaram a culinária brasileira. Sendo assim, cabe ressaltar que, além da influência que ambas as cozinhas receberam, as intensas trocas culturais, as constantes modificações e adaptações aos hábitos alimentares foram fundamentais no processo de inserção do imigrante alemão.

As famílias mais tradicionais procuraram casar seus filhos com membros do mesmo grupo étnico, com o intuito de preservar as tradições alemãs. Contudo, ao se integrarem à sociedade brasileira, os casamentos mistos se tornaram mais frequentes e, ao mesmo tempo, ampliaram as redes de sociabilidade e intensificaram a dinâmica das trocas culturais.

Outro aspecto importante a mencionar é a apreensão das divergências culturais, mais acentuadas entre gaúchos de descendência alemã e alemães vindos diretamente da Alemanha. Esses conflitos se deram por haver diferenças culturais entre eles, especialmente no modo de se vestir, nos seus hábitos alimentares, nas formas como as mulheres organizavam o trabalho doméstico, enfim, diferenças nos modos de vida que se manifestaram na convivência diária, em decorrência das divergências sociais existentes entre eles.

Ao relembra-rem, os entrevistados se referiam às tensões que foram aparecendo como forma de preconceito e de inferioridade, especialmente em relação aos gaúchos. Entretanto, foi possível, evidenciar um processo de assimilação não-linear e desigual de inserção dessa população, aparentemente homogênea, pois pertenciam ao mesmo grupo étnico, mas que se diferenciava no aspecto social, e que se inseriu à sociedade brasileira, adequando-se aos costumes daqui em momentos diferentes.

Outra questão que perpassa as reflexões da presente pesquisa é o sentimento de “germanidade”, ou seja, os aspectos que possibilitaram se identificar com o mesmo grupo, pois pertenciam à mesma comunidade religiosa, falavam a mesma língua, compartilhavam os mesmos grupos sociais, as mesmas festas e ainda se associaram à mesma Cooperativa. Ou ainda, por compartilharem uma mesma experiência de imigração ou migração.

Dito isso, é necessário observar que o processo de inserção dos imigrantes alemães na região do Vale do Paranapanema, ao mesmo tempo em que fez emergirem elementos de coesão e sentimentos de pertencimento ao mesmo grupo entre os indivíduos do próprio grupo étnico, entreteceram também as redes de relações estabelecidas com os brasileiros que moravam na região, configurando-se uma dinâmica de inclusão dessa população.

Foi possível apreender a construção da memória coletiva, por meio das instituições que permearam o aspecto social, e uma construção da memória individual, a partir das formas de relacionamento entre as famílias e da maneira como cada um se projetou dentro da comunidade. Cada pessoa se inseriu e vivenciou esse processo de forma diferenciada, considerando os aspectos referentes à sua cultura e individualidade.

Os alemães e seus descendentes que se enraizaram na Colônia Riograndense, dando-lhe uma nova feição, assistiram a profundas transformações que foram se impondo na Colônia no decorrer dos anos. Nesse sentido, a busca por melhores condições de vida foi sendo construída em meio a tensões e conflitos. Nessa perspectiva, os diferentes modos de vida dos sujeitos que fizeram parte desse processo, e a cultura herdada dos antepassados foram sendo constantemente reconstruídos e reelaborados.

Ao escolherem a Colônia Riograndense como nova morada, os imigrantes alemães procuraram refazer suas vidas e adequar-se a uma nova identidade que permitiu a eles preservar certos traços culturais do seu lugar de origem e adquirir outros ao se inserir na sociedade brasileira, estabelecendo desta forma, pontos de apoio, na convivência entre si e com os brasileiros. Muitas vezes, ao procurar integrar-se a esse novo universo cultural, se depararam com intensos obstáculos que procuraram enfrentar da forma menos dolorosa possível para ambas as partes. Esse processo de integração forçou-os a conviver numa dinâmica de intensas trocas culturais que carregam os traços dessas diferentes tradições.

FONTES

FONTES E DOCUMENTOS PESSOAIS

Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizadas as fontes e instituições de pesquisa, a seleção de moradores da Colônia Riograndense, alemães e seus descendentes – homens e mulheres entre 48 e 98 anos, bem como as diferentes fontes de pesquisa que menciono a seguir.

Documentação em poder de particulares - Documentação textual bastante heterogênea inclui, desde documentos privados e pessoais até material de imprensa e outros. Guia de Fontes Históricas: História e Memória da Imigração Alemã na Colônia Riograndense (1922-1950). Projeto de Iniciação Científica elaborado por Úrsula Goetsche. UNESP – Assis, 1998.

Documentação fotográfica - O conjunto de fotografias é bastante amplo e retrata o cotidiano na Colônia Riograndense, bem como as transformações com o passar dos anos. Destaco ainda o trabalho, o lazer, os grupos folclóricos, a vista aérea das Instituições pesquisadas e mapas sobre a localização da região.

ACERVOS CONSULTADOS

Cooperativa Riograndense (atas, balanços, livros de matrículas, relatórios, estatutos sociais, etc.); Arquivo do Comitê Educativo da Cooperativa Agrícola da Cooperativa Agrícola; Cedap – Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa de Assis (periódicos locais); Arquivo da Associação Recreativa e Lírica da Barra Mansa e do Clube da Curva; Paróquia da Igreja Evangélica Luterana da Colônia Riograndense.

SELEÇÃO DE DEPOENTES

Nome	Data e Local de Nascimento	Residência Atual
Adêmio Fetter	26/05/1951 Colônia Riograndense	Maracaí
Alvino H. Mielke	29/12/1911 São Sebastião do Caí/RS	(In memoriam)
Arnold Assmann	12/01/1959 Colônia Riograndense	Colônia Riograndense
Dagobert G. Rieger	06/09/1961 Colônia Riograndense	Colônia Riograndense
Emmi B. Marth	09/03/1925 Alemanha	E. U. A
Grete Wrede	29/04/1919 Alemanha	Colônia Riograndense
Gustavo Reinecke	10/09/1938 Colônia Riograndense	Colônia Riograndense
Heinrich Hoffmann	13/12/1934 Colônia Riograndense	Colônia Riograndense
Herta Weisheimer	14/12/1924 Colônia Riograndense	(In memoriam)
Hilda Völk	21/05/1921 Alemanha	(In memoriam)
Johanna Ziegler	16/11/1939 Colônia Riograndense	Assis
Olga Henschel	24/06/1920 Alemanha	(In memoriam)
Wilhelmina M. E. Knoch	25/10/1932 Alemanha	Colônia Riograndense

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Ruth G. O. *Sementes na Terra Roxa: A Colônia Riograndense* - Um caso de imigração alemã no Vale do Paranapanema. Presidente Prudente. Dissertação de Mestrado em Geografia, Unesp, 1991.

BACZKO, B. Imaginação social. *Enciclopédia Einaudi. Anthropos-Homem*. Vol.5. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: Observações sobre a obra de Nikolai Leskow*. Rio de Janeiro: Antares, 1986.

_____. Sobre o conceito de História In: *Obras Escolhidas*, vol. 1, SP: Brasiliense, 7ª edição, 1994.

BIBE, Sonia Maria L. *Comunicação e Aculturação: a colonização holandesa no Paraná*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

BOSI, Ecléa. Memória do Trabalho. In: *Memória e Sociedade - Lembranças dos Velhos*. SP: Edusp, 1987.

BOURDIER. P. *A economia das trocas simbólicas*. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

_____. *Razões Práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas-SP: Papyrus, 1996.

BRAUN, Lúcia Baumgarten. Colônia Riograndense – *Território de lutas na construção de um sonho: cultura, trabalho e memória (1922-2003)*. PUC-SP. Dissertação de Mestrado em História, 2003.

BRITO, Maria Helena de Oliveira. *Entre o Sonho e a Realidade: O Cotidiano de Imigrantes Alemães em Goiás (1924-1954)*. Assis-SP, Tese de Doutorado em História, Unesp, 1999.

CAMARGO, Daisy de. *Cachaça versus café: a guerra das substâncias nos corpos e nas cidades (final do século XIX e começo do XX)*. Revista Eletrônica do CEDAP – Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs, v.5, n.1, out.2009.

CAMPOS Jr., Luís de Castro. *O Cooperativismo no Vale do Paranapanema* – Estudo das Cooperativas: Riograndense, Agropecuária de Pedrinhas Paulista e Coopermota. Assis, Tese de Doutorado em História. Unesp, 1997.

CANCLINE, Nestor G. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARNEIRO, José F. D. *Imigração e Colonização no Brasil*. RJ: Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, 1950.

_____. Conferência na Sessão de Instalação. In: *Colóquio de Estudos Teuto Brasileiros*. Porto Alegre: UFRGS, 1963.

CERTEAU, Michel de. *Artes de fazer*. A invenção do cotidiano. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

_____. A Operação historiográfica. In: *A escrita da História*. 2ªed. São Paulo: Forense, 2000.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*. vol.7, n.13. Rio de Janeiro, 1994.

_____. (Org). *Práticas da leitura*. 2º ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CORREA, Ana Cláudia Pinto. *Holambra Além das Flores: Uma Experiência de Imigração Holandesa no Interior de São Paulo*. (1949-1999). Dissertação de Mestrado em História. PUC – São Paulo, 2001.

Cultura e Representação. *Projeto História*, nº 14, São Paulo: PUC – SP, 1997.

Cultura e Trabalho. *Projeto História*, nº16, São Paulo: PUC-SP, 1998.

DEL PRIORE, M. Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino. In: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

DONZELLI, Cledivaldo Aparecido. *Bairros rurais de Penápolis – SP no contexto do processo migratório - 1940-1970*. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2006.

_____. Penápolis/SP no contexto migratório: os seus registros e significados (1940-1970). Revista Eletrônica do CEDAP. *Patrimônio e Memória*. UNESP – FCLAs. v.5, n.1, out. 2009.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: SP: Papirus, 1994.

ELIAS. Norbert. *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ENNES, Marcelo Alario. *A Construção de uma Identidade Inacabada: Nipo-Brasileiros no interior de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

Espaço e Cultura. *Projeto História*, nº 18, São Paulo: PUC – SP, 1999.

Ética e História Oral. *Projeto História*, nº15, São Paulo: PUC-SP, 1997.

FAUSTO, Boris. *Historiografia da Imigração para São Paulo*. São Paulo: Fapesp, 1991.

FÉLIX, José Luís. *Colônia Riograndense: Problemas de Aculturação e de Língua*. Assis/SP, Dissertação de Mestrado em Letras, Unesp, 1990.

FENELON, Déa Ribeiro. O Historiador e a Cultura Popular: História de Classe ou História do Povo? In: *História & Perspectiva*. Revista do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia: nº6, jan/jun de 1992.

FENNER, Any Lamb. *Línguas em Contato – Alemão e Português numa comunidade urbana – Cascavel – Paraná*. Dissertação de Mestrado em Letras, Cascavel, Unioeste, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Entrevistas: Abordagens e usos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

_____. História Oral, comemorações e ética. In: *Revista Projeto História*, nº15. São Paulo: Educ, 1997.

_____.(Org.) *Usos e Abusos da História Oral*. RJ: Ed. Ed. FGV, 1996.

_____.A História Oral: questões metodológicas. In: *Anais do Encontro de História e Documentação Oral*. Brasília: UNB/FA/CID, 1994.

FLORES, Maria B. R. e WOLFF, Cristina S. *Imagens que não se apagam: representações de gêneros na Oktoberfest*. In: *Projeto História* n° 14, São Paulo: PUC-SP, 1997.

FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*. São Paulo/São Leopoldo: Instituto Hans Staden/Federação dos Centros Culturais, 1974.

FREYRE, Gilberto. Discurso Inaugural. In: *Colóquio de Estudos Teuto Brasileiros*. Porto Alegre: UFRGS, 1963.

GOMES, Ângela de Castro. Introdução. In: *Escritas de si, escritas da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GRANET-ABISSET, Anne Marie. *O Historiador e a Fotografia*. Trad. Yara Aun Khoury. In: *Projeto História* n° 24, São Paulo: PUC-SP, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HASHIMOTO, F; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. (orgs.) *Cem anos da Imigração Japonesa*. História, Memória e Arte. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 2° ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
História e Oralidade. *Projeto História*, n° 22, São Paulo: PUC – SP, 2001.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

JOUTARD, Philippe. Desafios da história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta,; FERNANDES, Tânia Maria e ALBERTI, Verena. (Orgs) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas Oraís na Investigação da História Social. In: *Revista Projeto História*, n°10, São Paulo: Educ, 1993.

LEITE, Miriam M. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Edusp, 1993.

- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. In: *Tempo*. Vol. 1. Nº2. Dossiê Teoria e Metodologia, Departamento de História, UFF, RJ: Relume Dumará, 1996.
- NEEDEL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- NOBRE, Sonia AP. dos Santos. *Associação dos professores teuto-brasileiros do Estado de São Paulo: uma reconstrução histórica da trajetória de um órgão associativo voltado à educação étnica no período de 1916 a 1938*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- NORA, Pierre. *Entre Memória e História*. A problemática dos lugares. Tradução. Yara Aun Khoury. São Paulo: Projeto História - PUC/SP, vol.10, 1993.
- OBERACKER, Carlos H. Júnior. *A Contribuição Teuto à Formação da Nação Brasileira*. Rio de Janeiro: Presença Edições, 4o.ed, 1985.
- OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. *Impasses no Novo Mundo*. Imigrantes italianos na conquista de um espaço social na cidade de Jaú (1870-1914). São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- PERROT, Michelle. A força da memória e da pesquisa histórica. Entrevista. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, 1998.
- PIMPÃO, Altair Carlos. *Vieram em busca da liberdade: os 150 anos da emigração alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1974.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 2, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, Educ,1997.
- _____. *O Narrador: Observações sobre a obra de Nikolai Leskow*. Rio de Janeiro: Antares, 1986.
- _____. A Filosofia e os Fatos. In: *Tempo*, nº1. Rio de Janeiro: UFF/ Relumé Dumará, 1996.

_____. Forma e Significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*. São Paulo, PUC-SP: Educ, nº14, 1997.

_____. História Oral como gênero. *Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, Educ, nº22, 2001.

_____. Tentando Aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, Educ, nº15, 1997.

_____. Sonhos Ucrônicos, Memória e Possíveis Mundos dos Trabalhadores. In: *Projeto História*, nº 10, São Paulo: Educ, 1993.

POUTIGNAT, P. STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

RIOUX, Jean-Pierre. A memória coletiva. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-Françoise. *Por uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

ROCHE, Jean. *A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.

ROSSI, Ednéia Regina. “*Insuladas Tribos*” - A escola primária e a forma de socialização escolar. São Paulo (1912 – 1920). Dissertação (Doutorado em História) Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2003.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Ed. da UnB, 1990.

SILVA, Zélia Lopes. Imigração e cidadania: Os impasses e disputas nos caminhos da brasilidade. In: HASHIMOTO, F; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (Orgs) *Cem anos da imigração japonesa*. História, memória e arte. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta. & AMADO, Janaina. (Orgs) *Usos e abusos da história oral*. 2ªed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SOARES, Bruno P. *Germanismo e nazismo na colônia alemã de Presidente Venceslau (1923 – 1945)*. Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP, 2009.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de gênero. São Paulo. *Revista Brasileira de História*. v.27, nº54. 2007.

SOMMER, Friedrich. *Die Deutschen in São Paulo. (Os alemães em São Paulo.)*. São Paulo, 1945. (Manuscrito arquivado no Instituto Hans Staden).

TANNO, J. L. *Dimensões da sociabilidade e da cultura: espaços urbanos, formas de convívio e lazer na cidade de Assis – 1920/1945*. Assis-SP, Tese de Doutorado em História, Unesp, 2003.

TANNO, Janete Leiko. Formas de Sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade paulista. 1930 – 1970. In: HASHIMOTO, F; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. (Orgs.) *Cem anos de Imigração Japonesa. História Memória e Arte*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

Textos escolhidos. *Benjamin, Habermas, Horkheimer, Adorno. (Os pensadores)*. Trad. José Lino Grünnewald...[et al.]. 2ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria*, RJ: Zahar, 1981.

_____. *A Formação da classe operária inglesa*. RJ: Paz e Terra, 1987.

_____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

_____. *Costumes em Comum*. Estudos sobre a Cultura tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, PUC-SP: Educ, 1997.

VIEIRA, Francisca I. S. *O japonês na frente de expansão paulista: o processo de absorção do japonês em Marília*. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1973.

WILLEMS, Emílio. *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*. Estudos Sociológicos dos imigrantes germânicos e seus descendentes. Rio de Janeiro: Cia Ed. Nacional, 1940. (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5ª Brasileira, vol. 186).

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. RJ: Zahar, 1979.

_____. *O campo e a cidade na História e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.